

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO -
PPGEC
MESTRADO PROFISSIONAL EM ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO

Ilha Grande-RJ: Refúgio Natural, Beleza Cênica e Ameaças do Turismo Predatório

ÍTALO DE PAULA CASEMIRO

RIO DE JANEIRO
2022

ÍTALO DE PAULA CASEMIRO

Ilha Grande-RJ: Refúgio Natural, Beleza Cênica e Ameaças do Turismo Predatório

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadores: Prof. Dr. Bruno Francisco Teixeira Simões e Prof^a. Dr^a. Camila Maria dos Santos Moraes

RIO DE JANEIRO
2022

ÍTALO DE PAULA CASEMIRO

Ilha Grande-RJ: Refúgio Natural, Beleza Cênica e Ameaças do Turismo Predatório

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovado(a) em: 24 de Fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Bruno Francisco Teixeira Simões, Dr.
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Membro Interno

Prof^a. Camila Maria dos Santos Moraes, Dr^a.
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Membro Interno

Prof. Carlos Augusto Assumpção de Figueiredo, Dr.
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Membro Interno

Prof^a. Rosane Manhães Prado, Dr^a.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Membro Externo

Prof. Leandro Martins Fontoura, Dr.
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ
Membro Externo

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

C337 Casemiro, Ítalo de Paula
Ilha Grande-RJ: Refúgio Natural, Beleza Cênica e
Ameaças do Turismo Predatório / Ítalo de Paula
Casemiro. -- Rio de Janeiro, 2022.
222

Orientador: Bruno Francisco Teixeira Simões .
Coorientadora: Camila Maria dos Santos Moraes.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Ecoturismo e Conservação, 2022.

1. Áreas Protegidas. 2. Parque Estadual da Ilha
Grande. 3. Análise SWOT. 4. Representações Sociais.
5. TripAdvisor. I. Simões , Bruno Francisco
Teixeira, orient. II. Moraes, Camila Maria dos
Santos, coorient. III. Título.

Dedico este trabalho In Memoriam a Neusa Aparecida dos Santos, que apesar do pouco acesso que teve ao ensino me apoiou na empreitada rumo ao conhecimento e ainda dedicou parte da sua vida para que eu tivesse a minha. Obrigado Neusa.

AGRADECIMENTOS

***Ao meu orientador Bruno Francisco Teixeira Simões,**
Por toda a atenção e dedicação entregue durante a elaboração desta dissertação.*

***À minha orientadora Camila Maria dos Santos Moraes,**
Pela dedicação, atenção e auxílios prestados no decorrer do desenvolvimento desta
dissertação.*

***À minha companheira Sandra Maria Gonçalves Brites,**
Pela dedicação, atenção, carinho e apoio durante o período em que estive dedicado a este
trabalho de pesquisa.*

***À minha filha Maria de Paula Brites,**
Um presente que me foi dado ao final da trajetória no mestrado.*

***À minha mãe, Francdileusa de Paula Casemiro,** por ter me dado condições para eu ser
alguém.*

***Aos meus colegas de turma,**
Caio Nagib Salles, Francisco Fernando Livino de Carvalho, Grazielle Noronha dos Santos,
Igor Basilio Silva, Leonardo Ramos Cruz, Natália de Oliveira Maboni, Stella de Castro Silva
Rego, Hanna Cruz, Tamires Chagas Matschuck, Bernardo de La Vega Vinolo, Sara Sumie
Muranaka de Miranda, Carlos Vinícius de Laia, Ana Cristina da Silva Moura, Camila Reis
Tomaz, Annika Kauder Camara e Rafael de Almeida Paula pelas conversas, ajudas e
companheirismo ao longo das atividades desenvolvidas no percurso do curso.*

***Aos meus professores,**
André Scarambone Zaú, Carlos Augusto Assumpção de Figueiredo, Daniel Fonseca de
Andrade, Loreine Hermida da Silva e Silva, Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano,
Maria Amalia Silva Alves de Oliveira, Michelle Cristina Sampaio, Natascha Krepsky,
Rodrigo Machado Vilani, Alba Simon e Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues pela
dedicação e competência, pelos conhecimentos compartilhados pelas suas contribuições para
a minha formação.*

***Aos funcionários terceirizados e técnicos-administrativos,**
Que direta ou indiretamente contribuíram para a construção deste trabalho.*

*A todos que de alguma forma colaboraram para a realização e a finalização
desta pesquisa.*

“Earth provides enough to satisfy every man’s needs, but not every man’s greed.” (A Terra fornece o suficiente para satisfazer as necessidades de cada homem, mas não a ganância de cada homem).

Mahatma Gandhi

CASEMIRO, Ítalo de Paula. **Ilha Grande-RJ**: Refúgio Natural, Beleza Cênica e Ameaças do Turismo Predatório. 2022. 222 f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

RESUMO

Nos últimos anos a vertente do ecoturismo tem ganhado notoriedade no campo do turismo, por conta da demanda por atividades econômicas sustentáveis e, por seu caráter não só econômico como educativo, no sentido de propiciar lazer e educação ambiental em sua proposta. As áreas protegidas (AP) são um dos principais territórios onde as atividades do ecoturismo se manifestam no país, contudo, a sociedade ainda se mantém distante desses espaços, visto o baixo número de visitantes destas. Tendo em vista a emergência de práticas econômicas sustentáveis, onde o turismo enquadra-se e, por onde o ecoturismo se materializa, na perspectiva da sustentabilidade e, tendo em vista a falta de estudos sobre destinos turísticos em áreas protegidas, especialmente sob o ponto de vista do turista e visitante no Brasil, assim como, a análise dos principais pontos fortes, fracos, oportunidades e fraquezas de atrativos turísticos, este estudo se propõe, por meio da análise do caso da região da Ilha Grande, localizada no Estado do Rio de Janeiro, identificar os principais problemas e oportunidades em torno dos atrativos da região da Ilha Grande-RJ na perspectiva do ecoturismo. Para tal fim, foram desenvolvidos cinco estudos. O primeiro destinado a mapear a produção científica sobre a Ilha Grande, buscando-se compreender melhor o *status* atual, bem como as tendências a partir das pesquisas publicadas. O segundo estudo mapeou as evidências científicas sobre o uso da Matriz SWOT no processo de gestão e planejamento no ecoturismo, no intuito de fornecer uma visão abrangente sobre a Matriz SWOT. A partir do estudo anterior, foi desenvolvido o terceiro estudo, onde se propôs uma Matriz SWOT acerca do turismo praticado na Ilha Grande. Por fim, os últimos dois estudos foram desenvolvidos por meio de resenhas obtidas sobre atrativos da Ilha Grande no site TripAdvisor, onde o primeiro identificou as percepções dos visitantes sobre os principais atrativos da Ilha Grande, enquanto que no último foi investigado as causas de insatisfação nestes atrativos por meio das experiências dos visitantes.

Palavras-chave: Áreas Protegidas. Análise SWOT. Parque Estadual da Ilha Grande. Representações Sociais. TripAdvisor.

CASEMIRO, Ítalo de Paula. **Ilha Grande-RJ**: Natural Refuge, Scenic Beauty and Threats of Predatory Tourism. 2022. 222 f. Dissertation (Masters in Ecotourism and Conservation) – Center for Biological and Health Sciences, Federal University of the State of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

ABSTRACT

In recent years, ecotourism has gained notoriety in the field of tourism, due to the demand for sustainable economic activities and, for its not only economic but also educational character, in the sense of providing leisure and environmental education in its proposal. Protected areas (PA) are one of the main territories where ecotourism activities are manifested in the country, however, society still keeps away from these spaces, given the low number of visitors. Considering the emergence of sustainable economic practices, where tourism fits and, where ecotourism materializes, from the perspective of sustainability and, in view of the lack of studies on tourist destinations in protected areas, especially from the point of view of tourist and visitor in Brazil, as well as the analysis of the main strengths, weaknesses, opportunities and threats of tourist attractions, this study proposes, through the analysis of the case of the Ilha Grande region, located in the State of Rio de Janeiro. Janeiro, to identify the main problems and opportunities around the attractions of the Ilha Grande-RJ region from the perspective of ecotourism. To this end, five studies were developed. The first aimed at mapping the scientific production on Ilha Grande, seeking to better understand the current status, as well as trends based on published research. The second study mapped the scientific evidence on the use of the SWOT Matrix in the management and planning process in ecotourism, in order to provide a comprehensive view of the SWOT Matrix. Based on the previous study, the third study was developed, where a SWOT Matrix about the tourism practiced in Ilha Grande was proposed. Finally, the last two studies were developed through reviews obtained about the attractions of Ilha Grande on the TripAdvisor website, where the first identified the perceptions of visitors about the main attractions of Ilha Grande, while in the last one the causes of dissatisfaction in these areas were investigated. attractions through visitor experiences.

Keywords: Protected Areas. SWOT analysis. Ilha Grande State Park. Social Representations. TripAdvisor.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
	<i>1.1 Contextualização do Local de Estudo: A Região da Ilha Grande - RJ</i>	22
2	REVISÃO DA LITERATURA	24
	<i>2.1 Desenvolvimento Local e a Atividade Turística</i>	24
	<i>2.2 Ecoturismo: Um Modelo de Desenvolvimento do Turismo Sustentável</i>	28
	<i>2.3 Afinal, quem é o Ecoturista?</i>	32
	<i>2.4 Áreas Protegidas – Meio Ambiente, Comunidades, Gestão e Ciência</i>	34
3	JUSTIFICATIVA	43
4	PROBLEMA DE PESQUISA	45
5	OBJETIVOS	45
	<i>5.1 Objetivo Geral</i>	45
	<i>5.2 Objetivos Específicos</i>	46
6	DESENHO DE ESTUDO	46
7	PRODUTO TÉCNICO	48
	ARTIGO 1 – Ilha Grande (Rio de Janeiro): Estudos e interesses de pesquisa sobre um refúgio da Natureza	50
	ARTIGO 2 – Análise da Aplicabilidade da Matriz SWOT na Gestão e Planejamento em Ecoturismo – Uma Revisão da Literatura	72
	ARTIGO 3 – Revisitando o Ecoturismo na Ilha Grande-RJ: Potencialidades e Limitações	94
	ARTIGO 4 – Percepções sobre Um Paraíso – Uma Análise a partir do Olhar do Visitante do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) e de seus Atrativos	109
	ARTIGO 5 – Fatores Geradores de Insatisfação nos Atrativos do Parque Estadual da Ilha Grande-RJ: Um Olhar na Perspectiva do Visitante	136
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
	REFERÊNCIAS DA INTRODUÇÃO E DO REFERENCIAL TEÓRICO	162
	<i>Referências do Artigo 1</i>	175
	<i>Referências do Artigo 2</i>	182
	<i>Referências do Artigo 3</i>	189

<i>Referências do Artigo 4</i>	196
<i>Referências do Artigo 5</i>	205
ANEXOS	216
<i>Anexo 1 - Formulário de Avaliação de Manual acerca do uso da Matriz SWOT para a Gestão e Planejamento em Conservação e Ecoturismo</i>	216
APÊNDICE	218

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Introdução e Referencial Teórico

Figura 1 - Localização da Ilha Grande em Angra dos Reis.....	23
Figura 2 - Ecoturismo, Proteção do Meio Ambiente, Desenvolvimento Socioeconômico e Sustentabilidade.....	30
Figura 3 - Serviços Ecossistêmicos e Bens Relacionados de Áreas Protegidas.....	35
Figura 4 - Diferentes impactos Gerados por Áreas Protegidas	39
Figura 5 - Ecossistemas, Soluções Baseadas na Natureza e o Desenvolvimento do Turismo em Áreas Protegidas	41
Figura 6 - Esquema Geral dos Estudos	47

Artigo 1

Figura 1 - Mapa de localização do município de Angra dos Reis e da Ilha Grande	51
Figura 2 - Sistematização da Busca por Estudos	56
Figura 3 - Evolução da Produção Científica.....	57
Figura 4 - Periódicos mais Relevantes	58
Figura 5 - Lei de Bradford.....	58
Figura 6 - Lei de Lotka.....	59
Figura 7 - Autores Mais Relevantes	60
Figura 8 - Distribuição da Produção por Autor ao Longo do Tempo	61
Figura 9 - Rede de Co-citação entre Autores	61
Figura 10 - Distribuição dos Estudos Mais Citados	62
Figura 11 - Rede de Colaboração Institucional	64
Figura 12 - Mapa de Colaboração entre Países	64
Figura 13 - Relação entre a Instituição, Pesquisadores e Países de Origem	65
Figura 14 - Principais Palavras-Chave	66
Figura 15 - Mapeamento Temático (Palavras-chave)	67
Figura 16 - Mapeamento Temático (<i>keywords plus</i>).....	68

Artigo 2

Figura 1 - Sistematização do Procedimento de Coleta de Estudos	79
Figura 2 - Distribuição dos Estudos Utilizando a Matriz <i>SWOT</i> por país/continente	80

Artigo 3

Figura 1 - Mapa de Localização da Ilha Grande e suas Áreas Protegidas	98
Figura 2 - Amostra dos Atrativos Naturais da Ilha Grande.....	100
Figura 3 - Amostra dos Recursos Culturais da Ilha Grande.....	101

Artigo 4

Figura 1 - Exemplo de Corpus do Estudo	119
Figura 2 - CHD do Atrativo Praia Preta	121
Figura 3 - CHD do Atrativo Praia de Parnaioca.....	122
Figura 4 - CHD do Atrativo Praia de Lopes Mendes	123
Figura 5 - CHD do Atrativo Praia de Dois Rios.....	124
Figura 6 - CHD do Atrativo Praia do Caxadaço.....	126
Figura 7 - CHD do Atrativo Praia do Aventureiro	127
Figura 8 - Coqueiro na Praia do Aventureiro - Ilha Grande-RJ	128
Figura 9 - CHD do Atrativo Pico do Papagaio.....	129
Figura 10 - CHD do Atrativo Cachoeira da Feiticeira	130
Figura 11 - Análise de Similitude do PEIG.....	131

Artigo 5

Figura 1 - Análise de Co-ocorrência Entre as Categorias	152
--	------------

LISTA DE GRÁFICOS

Artigo 2

Gráfico 1 - Demonstração da Distribuição Anual dos Estudos **81**

Artigo 5

Gráfico 1 - Número de Avaliações Negativas dentre os Atrativos do PEIG..... **150**

LISTA DE QUADROS

Introdução e Referencial Teórico

Quadro 1 - Principais Impactos Causados pela Atividade do Turismo	26
Quadro 2 - Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (2030) Relativos ao Turismo	27
Artigo 1	
Quadro 1 - Detalhamento dos Cinco Estudos Mais Citados	62
Artigo 2	
Quadro 1 - Variáveis Utilizadas no Planejamento Turístico Sustentável	75
Quadro 2 - Critérios de Inclusão e Exclusão.....	78
Quadro 3 - Estudos Utilizando Recursos Quantitativos na Matriz <i>SWOT</i>	87
Quadro 4 - Escala de Importância Relativa.....	89
Quadro 5 - Matriz <i>TOWS</i> para o Desenvolvimento de Alternativas Estratégicas.....	91
Artigo 3	
Quadro 1 - Recursos Naturais de Valor para o Ecoturismo na Ilha Grande	99
Quadro 2 - Matriz <i>SWOT</i> do Ecoturismo na Ilha Grande	102
Artigo 4	
Quadro 1 - Resenhas sobre os Principais Atrativos do PEIG	117
Artigo 5	
Quadro 1 - Características Gerais dos Atrativos Analisados	144
Quadro 2 - Definições das Categorias e Codificação que Emergiram das Resenhas Analisadas.....	149

LISTA DE TABELAS

Artigo 1

Tabela 1 - Periódicos com Mais Produção sobre a Região da Ilha Grande.....	57
Tabela 2 - Conteúdo Geral dos Documentos	59
Tabela 3 - Produtividade por Instituição	63

Artigo 5

Tabela 1 - Caracterização das Avaliações Coletadas dos Atrativos da Região da Ilha Grande-RJ (2015-2020).....	148
Tabela 2 - Época do Ano dentre as Experiências Analisadas.....	150
Tabela 3 - Causas da Insatisfação do Visitante dos Atrativos do PEIG	151

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHP – *Analytic Hierarchy Process*
ANP – *Analytic Network Process*
APA Tamoios – Área de Proteção Ambiental Tamoios
AP – Área Protegida
BIG – Baía de Ilha Grande
CEADS – Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável
CGU – Conteúdo Gerado pelo Usuário
CHD – Classificação Hierárquica Descendente
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ESEC – Tamoios - Estação Ecológica de Tamoios
FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INEA – Instituto Estadual do Ambiente
IRaMuTeQ – *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*
Mtur – Ministério do Turismo
ODS – Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável
OMT – Organização Mundial do Turismo
PEIG – Parque Estadual da Ilha Grande
PRISMA – *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*
QSPM - *Quantitative Strategic Planning Matrix*
RBEPs - Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul
RDS – Aventureiro -Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro
ROVUC – Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação
SbN - Soluções Baseadas na Natureza
SJR – *SCImago Journal Rank*
SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
ST – Segmentos de Texto
SWOT – “*Strengths*”, “*Weaknesses*”, “*Opportunities*” e “*Threats*”
TBC – Turismo de Base Comunitária
TRS – Teoria das Representações Sociais
UC – Unidade de Conservação
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UTF-8 – *Unicode Transformation Format 8 bit codeunits*

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação surgiu em função de algo inerente à pesquisa científica: a observação. A primeira observação, foi realizada através do uso de mídias sociais e de sites especializados por turistas, onde nota-se que estes deixam muitos “vestígios” de suas experiências, sejam fotos, comentários, experiências, isto é, uma gama de recursos que podem ser de grande utilidade para gestores, outros turistas e pesquisadores. Segundo, o objeto desta pesquisa é a Ilha Grande, região com um incrível apelo turístico no Estado do Rio de Janeiro e que apresenta a diversidade em suas diferentes formas: flora, fauna, pessoas, formações, etc. Assim, tendo em vista o potencial e o uso desta região para o turismo, sua relevância ambiental e a emergência de novas formas de interação entre os visitantes, o presente estudo foi proposto.

Neste estudo adotaremos o termo “áreas protegidas” (APs) e não unidades de conservação, por entender que este último termo é muito característico do Brasil, sendo que o primeiro é mais amplamente difundido na literatura internacional como apontam Maretti et al. (2012). As APs podem ser definidas como áreas que precisam de leis e instrumentos para conduzir sua gestão, de forma a preservar suas características naturais e culturais, assim como sua diversidade biológica (INTERNATIONAL UNION FOR THE CONSERVATION OF NATURE, 1994), além claro, de garantir seu uso recreativo.

O setor do turismo, nos últimos anos, vem apresentando papel importante para o crescimento do setor de serviços no Brasil (ALMEIDA; PELISSARI, 2019). A participação do turismo na economia brasileira tem apresentado crescimento e já representa mais de 8% da economia nacional (WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL, 2021). Uma de suas principais características é possibilitar o desenvolvimento, não só de grandes cidades que possuem riquezas financeiras, bem como de pequenas cidades, que possuem importantes riquezas naturais, contribuindo assim, para o crescimento mais homogêneo do setor de serviços por diversas partes do país (PEROBELLI; CARDOSO; VALE; SOUZA, 2016). Devido à sensibilidade dos ecossistemas e espécies em APs, o turismo feito de forma indiscriminada e descontrolado pode gerar efeitos negativos nessas áreas (VALDIVIESO *et al.*, 2015).

O turismo de massa tem gerado grandes impactos em espaços que recebem um grande número de turistas, resultados em graves problemas ambientais, especialmente quando a presença do Estado é baixa (URRY, 2002). Neste sentido, o turismo sustentável, pode ser visto como algo paradoxo, pois ao mesmo tempo que prega a sustentabilidade, é uma

atividade que gera impactos, sendo necessário termos um perfil de turista socialmente responsável (CHAN; WONG, 2006; MIHALIC, 2016).

Por outro lado, tem se notado uma queda do turismo de massa nos últimos anos, que deve-se em parte ao crescimento de uma demanda turística mais diversificada, exigente e que busca por elementos culturais e espaços em harmonia com a natureza (ZAOUAL, 2008).

A preocupação com os impactos gerados pelo turismo nos ecossistemas, passaram a ser observados mais a fundo, com a preocupação em torno da garantia dos objetivos do desenvolvimento sustentável. O turismo e sua relação com a sustentabilidade, ganhou um novo cenário com a criação da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável (ONU, 2015), uma vez que o turismo é um dos setores contemplados na agenda, especialmente nos objetivos 8, 12 e 14, onde almeja-se a adoção de padrões de consumo e produção mais sustentáveis e o desenvolvimento de um turismo costeiro, que permita a conservação e preservação de ecossistemas marinhos, por exemplo. A busca por um turismo mais sustentável pode ser uma oportunidade para o Brasil torna-se um protagonista no setor (ARRUDA; LOBO, 2016). No entanto, o que tem se notado, é que o país tem caminhado numa direção oposta aos ODS (SEIXAS *et al.*, 2020).

A conservação da biodiversidade e dos ecossistemas naturais, além dos aspectos econômicos de APs tornam-se mais proeminentes com o tempo, por conta das inúmeras oportunidades de desenvolvimento do turismo e outras atividades nestes espaços (STEVEN *et al.*, 2013). Contudo, o desenvolvimento de atividades como o turismo em APs, que são ecologicamente vulneráveis, necessita de estratégias bem delimitadas para prevenir os efeitos negativos sobre o ambiente local (KRÜGER, 2005; SILVA; REYES, 2010).

O Brasil tem um potencial turístico de fato inexplorado. No último relatório sobre a atividade do turismo, publicado Fórum Econômico Mundial em 2019 mostrou que, em uma lista de 140 países, o Brasil aparece na 32ª posição e muito bem colocado em relação ao potencial dos recursos naturais (2º) e culturais (9º) para atração de visitantes (CALDERWOOD; SOSHKIN, 2019). Porém, esta riqueza é pouco utilizada para atrair visitantes.

As APs são um dos principais territórios onde as atividades sob a perspectiva do ecoturismo se manifestam no país, contudo, ainda sabemos pouco sobre as representações destas para a sociedade, aliás, a própria sociedade ainda se mantém distante desses espaços, visto o baixo número de visitantes destas. Também existe uma grande carência de estudos e de gestão desse instrumento de conservação da natureza, visto a falta de investimentos, entre outros problemas (RANGEL; SINAY, 2019). A atividade do ecoturismo é relevante, pois

busca promover a sustentabilidade e a conservação da natureza e; boa parte APs brasileiras têm potencial para desenvolver as atividades ecoturísticas, contudo, as políticas públicas e a atenção dada pelas políticas governamentais ainda é centrada no turismo de massa (RANGEL; SINAY, 2019). E, vale lembrar que, o potencial de mercado do ecoturismo no Brasil é enorme e promissor, mas, ainda carecemos de formas de aproveitar este instrumento de proteção do patrimônio ambiental e cultural (VILANI, 2018).

Ainda no contexto do ecoturismo, os atrativos turísticos são os principais recursos para a atração de turistas/visitantes às APs. Cachoeiras, praias, trilhas, mergulho, entre tantos outros espaços e atividades fazem parte da gama de opções presentes nestas áreas. Mas, cada um desses tipos de atrativos requer uma série de cuidados na sua gestão.

As APs no Brasil possuem a função de proteger e preservar amostras representativas dos ecossistemas e paisagens naturais, assim como os recursos culturais inclusos nesses e, também se prestam a finalidades de alcance econômico e social (PIRES; RUGINE, 2018). Mas, faltam incentivos do poder público para a atividade turística de baixo impacto, o que seria de grande valor para a conservação da natureza e para as populações tradicionais (RANGEL; SINAY, 2019).

Como apontam Rangel e Sinay (2019), as áreas de conservação do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, apresentam graves problemas de gestão, uma vez que, “elas não possuem efetividade ecológica, pois, como a criação dessas áreas não foi pensada sistemicamente acabaram sendo ilhas de natureza em meio a malha rodoviária, áreas urbanas, agrícolas e industriais, sem possibilidade de troca genética” (RANGEL; SINAY, 2018, p. 02). Não podemos deixar de observar a insuficiência de recursos financeiros, questões políticas e conflitos territoriais (VALLEJO, 2005) que também influenciam limitam a atuação da gestão das APs do estado do Rio de Janeiro.

Por outro lado, a demanda social por visitação em áreas naturais está crescendo no Brasil, juntamente com o aumento da expectativa dos visitantes pela qualidade do atendimento e satisfação da sua experiência (PIRES; RUGINE, 2018). Pires e Rugine, (2018, p. 61) analisaram o uso público de parques estaduais em todo o Brasil, com ênfase na visitação turística e identificaram que “o atendimento ao visitante ainda é incipiente, pois vários parques estaduais atuam sem as mínimas condições básicas para o uso público, e até mesmo sem a implantação de um plano de manejo [...], além de muitos não contarem com recursos humanos voltados para o atendimento deste público”. É preciso lançar um novo olhar sobre as unidades de conservação, reconhecendo a importância econômica da visitação e da biodiversidade (VILANI, 2018). É notória a carência do país em termos de políticas para o

turismo voltadas às suas APs, o que deixa o tema da sustentabilidade numa posição periférica na estratégia turística do país ou como algo utilizado apenas de forma intencional, por conta dos atributos associados ao termo.

Tendo em vista a emergência de práticas econômicas sustentáveis, onde o turismo enquadra-se e, por onde o ecoturismo se materializa, na perspectiva da sustentabilidade e, tendo em vista a falta de estudos sobre as percepções dos visitantes sobre áreas de conservação no Brasil, assim como, análise dos principais pontos fortes, fracos, oportunidades e fraquezas de atrativos turísticos, este estudo se propõe, por meio da análise do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG), localizado no Estado do Rio de Janeiro, identificar o perfil das pesquisas feitas sobre esta região, mapear os principais aspectos em torno da atividade turística nesta região sob a perspectiva do ecoturismo e investigar as percepções sobre o parque e seus atrativos, além de analisar os principais aspectos relacionados aos problemas identificados pelos visitantes dos atrativos deste destino turístico.

Para viabilizar a presente pesquisa, foram desenvolvidos cinco estudos. Inicialmente partimos de um estudo exploratório das pesquisas desenvolvidas sobre a região da Ilha Grande. Logo em seguida, para desenvolvermos uma análise SWOT do turismo que vem sendo praticado nesta região, primeiramente foi elaborado um estudo exploratório do uso da Matriz SWOT no auxílio à gestão e planejamento em ecoturismo e, posteriormente fizemos um estudo utilizando esta técnica para analisar do contexto do turismo na Ilha Grande. Por fim, foram feitos dois estudos usando métodos mistos de abordagem quantitativa e qualitativa para explorar o conteúdo gerado pelo usuário na plataforma *TripAdvisor*, no intuito de caracterizar os atrativos da região na perspectiva do visitante, assim como os principais problemas notados nestes.

Vale ressaltar que, nos últimos anos, os turistas têm cada vez mais procurado, não só informações sobre destinos turísticos na Internet, como oferecido informações sobre experiências vivenciadas em diferentes destinos por este canal. Sites como *TripAdvisor*, além de divulgarem destinos turísticos, colaboram na construção sociais sobre diferentes aspectos relacionados a um destino. Em decorrência desta realidade, um dos principais objetivos das pesquisas na área de turismo nos últimos anos, tem sido identificar os atributos do serviço que mais contribuem para a satisfação do consumidor. Nesse contexto tem-se destacado as pesquisas que utilizam avaliações postadas em redes sociais para compartilhamento de experiências com viagens e hospedagens (STRINGAM, GERDES; VANLEEUVEN, 2010; LIMBERGER; ANJOS; MEIRA; ANJOS, 2014a; LIMBERGER; BOARIA; ANJOS, 2014b; RHEE; YANG, 2014; BANERJEE; CHUA, 2016).

Com o advento das mídias sociais e com a geração de conteúdos e a disponibilização destes, a jornada de busca por informações entre os viajantes foi alterada, sendo que tais mídias, tornaram fonte de informação eficaz para esse público (HO *et al*, 2016). Por meio de histórias, comentários, opiniões, dicas e recomendações disponíveis em mídias sociais, o processo de tomada de decisão sobre um determinado destino, tem desempenhado papel fundamental como fonte de informações (MUNAR; JACOBSEN, 2014).

O interesse da presente pesquisa, volta-se para a rede de compartilhamento de experiências conhecida como *TripAdvisor*. O *TripAdvisor* é um dos maiores sites de viagem do mundo. O site objetiva disponibilizar informações aos turistas e auxiliá-los no processo de tomada de decisão acerca da escolha de um destino turístico, entre outros elementos que compõem o trade do turismo, como hotéis, restaurantes, etc. (SANTOS; MACHADO; MAYER, 2018). Cabe destacar as informações disseminadas por turistas acabam por influenciar escolhas de serviços e a imagem dos destinos turísticos (BAKA, 2016). Tal aspecto demonstram que as avaliações do *TripAdvisor* podem representar um instrumento útil para tomadores de gestão, por exemplo, identificado aspectos negativos e soluções para estes (CORBAU *et al.*, 2019). Neste sentido, os estudos de caracterização dos visitantes e do tipo de uso público que estes realizam, além dos impactos que cada um desses usos provoca na área visitada de acordo com Takahashi (2004 *apud* PIRES; MUNIZ, 2010, p.352), “podem auxiliar na busca da conciliação entre a conservação da biodiversidade e as atividades típicas da visitação que são a recreação em contato com a natureza, a educação e a interpretação ambiental”.

1.1 Contextualização do Local de Estudo: A Região da Ilha Grande - RJ¹

A Ilha Grande reúne diversos atrativos naturais e culturais, que conjuntamente, apresentam grande potencial turístico². Trata-se de um local com uma elevada cadeia de montanhas, recoberta de densa floresta atlântica, riachos de água cristalina; um dos maiores índices de biodiversidade do Estado do Rio de Janeiro; sítios arqueológicos e diversas praias, separadas entre si por costões rochosos, que atraem um número crescente de visitantes a cada ano e que a tornam um dos destinos turísticos mais importantes de todo o Rio de Janeiro (INEA, 2013).

¹ No seguinte link, é possível acessar o mapa da região para explorá-la: <https://earth.google.com/earth/d/10zLhkSLiqatt7kvimZasZXeIKgFLmtRW?usp=sharing>. Acesso em: 12 ago. 2021.

² No seguinte link (folder), são apresentados alguns atrativos turísticos da região: <http://200.20.53.15/inea/downloads/Mapa%20PEIG.pdf>. Acesso em: 13 de out. 2019.

A Ilha Grande foi inicialmente habitada pelos paleoíndios (povo do Sambaqui e da pedra polida), há cerca de 3.000 anos, e depois pelos índios Tupinambás, que eram apaixonados pela música e pela dança (INEA, 2013). Esta região apresenta uma área de natureza preservada, que conta com uma grande variedade de vida marinha na costa com vegetação marítima e área de grandes pântanos. O isolamento da região diminuiu, principalmente durante a década de 1970, com a construção da rodovia Rio-Santos, com o fechamento da penitenciária que existia no local, no ano de 1994 e a criação da Reserva Biológica em 1981 (COSTA, 2009).

O Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG)³, é a principal área protegida local e que abrange cerca de 62% da ilha. Criado pelo Decreto Estadual nº 15.273, de 26 de junho de 1971, o PEIG é considerado um bem público destinado ao uso comum do povo, de acordo com o artigo 99, inciso I da Lei Federal nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil). O Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) situa-se na Ilha Grande (23°5' e 23°14'), na costa sudoeste do estado do Rio de Janeiro, na baía de mesmo nome, município de Angra dos Reis (INEA, 2013), conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Localização da Ilha Grande em Angra dos Reis



Fonte: DIMAM/GEOPEA.

Além do PEIG, na Ilha Grande se encontram outras unidades de conservação (UCs) geridas pelo Instituto Estadual do Ambiente (INEA), como a Área de Proteção Ambiental de

³ Mais informações sobre o Parque podem ser obtidas em: <http://200.20.53.15/inea/peig.php>. Acesso em: 16 out. 2019.

Tamoios, a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual do Aventureiro, formando um refúgio natural para espécies da fauna e flora da Mata Atlântica, além de rica diversidade cultural.

O PEIG constitui-se em uma área geográfica insular, dotada de atributos naturais excepcionais, inserida no bioma mata atlântica e possuindo em seus limites, ecossistemas naturais diversificados e bastante significativos. Destinam-se a essas áreas fins científicos, culturais, educativos, espirituais, recreativos e, criados e administrados pelo governo estadual, constituem-se bens de uso comum do povo, auxiliando no desenvolvimento regional, cabendo ao Estado, motivadas pelas razões de sua criação, preservá-los e mantê-los protegidos. Seu objetivo principal é o da preservação dos ecossistemas naturais contra quaisquer alterações que os desvirtuem (INEA, 2013).

É importante ressaltar que, na região da Ilha Grande há muitas praias, que são um importante recurso de atração em destinos costeiros. Praias são espaços com valor considerável dentro da indústria do turismo, sendo um dos principais motivos para empreender uma viagem (ZADEL; GRAČAN; MILOJICA, 2018) e, sua proteção é um elemento essencial (ALEXANDRAKIS; MANASAKIS; KAMPANIS, 2015). Em escala mundial, as praias são consideradas um grande atrativo para mais da metade dos turistas interessados em destinos de sol, mar e areia, e uma praia limpa é uma das cinco principais preferências/prioridades, segundo Zielinski *et al.* (2019). De modo geral, os fatores importantes para a gestão da praia são limpeza, segurança, proteção, gestão e instalações e serviços (CHEN; BAU, 2016). Tal atrativo será explorado em diferentes momentos no presente estudo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Desenvolvimento Local e a Atividade Turística

A preocupação com o desenvolvimento sustentável emergiu a partir da década de 1970 em várias partes do mundo, caracterizado por diferentes correntes de pensamento em prol da preservação do meio ambiente (COSTA; GOMES, 2014). Foi durante a década de 1970 que fenômenos como a contaminação, desmatamento entre outros impulsionaram o movimento ambientalista, visto que, o sistema econômico ignorava os custos de suas atividades para o meio ambiente (DURAND, 2014).

Para Hanai (2012), a temática da sustentabilidade é por muitas vezes popularizada e banalizada de forma simultânea, principalmente por empresas, no intuito de utiliza-se deste conceito numa perspectiva mercadológica. Diversos autores questionam o conceito como uma

utopia ou construção teórica (BUARQUE, 2004; CANDIOTTO; CORRÊA, 2004). Sustentabilidade trata-se de um conceito que abarca elementos diversos, como a conservação dos recursos naturais, históricos, culturais e, satisfaz a demanda de distribuição de benefícios para toda a sociedade, e não apenas para determinados grupos (HANAI, 2012).

Neste contexto, o turismo é uma atividade promotora do desenvolvimento local, visto sua capacidade de proporcionar a interação entre a sociedade e o ambiente, promovendo o desenvolvimento de variadas atividades econômicas, estimulando o desenvolvimento da infraestrutura das regiões e como forte indutor da geração de emprego e renda. Este colabora com o desenvolvimento local à medida que proporciona a interação mútua entre a sociedade e ambiente, promove o desenvolvimento de várias atividades econômicas, estimula o desenvolvimento da infraestrutura das regiões, depende da sustentabilidade cultural e ambiental e tem forte indutor na geração de renda e emprego local (CUNHA; CUNHA, 2005).

A proposta da prática do turismo sustentável supõe a satisfação das necessidades dos visitantes e as necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, além da manutenção dos aspectos culturais, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são mantidas para o futuro (BRASIL, 2009). Partindo-se deste pressuposto, a atividade turística demanda ações que busquem o desenvolvimento sustentável, no sentido de equilibrar as demandas econômicas e ambientais numa perspectiva de desenvolvimento local, o que envolve diretamente o estabelecimento de parcerias entre entes públicos e privados, com o fim de atender as demandas de ambos, que em muitos pontos são conflitantes.

O turismo sustentável surge de cinco princípios básicos: (i) os recursos naturais e culturais são conservados para uso futuro; (ii) o desenvolvimento do turismo é planejado e administrado com aspectos ambientais e socioculturais de responsabilidade; (iii) é garantido o nível de satisfação dos visitantes considerados de grande relevância, e o destino preserva seu prestígio e potencial comercial; e, (iv) os benefícios do turismo são amplamente compartilhados pela sociedade (LIBURD; BECKEN, 2017; HALL, 2019).

Há uma relação muito particular entre a atividade turística e o ambiente natural, pois este último é um recurso primário e fator de atração para o visitante. O turismo apropria-se não apenas do espaço, mas das comunidades locais interferindo no desenvolvimento local, tanto de forma positiva como negativa (ARAÚJO *et al.*, 2017). Desta forma...

“O turismo sustentável tem sido defendido como um segmento que busca exatamente o equilíbrio dos ecossistemas naturais atrelados à sustentabilidade local, onde o visitante, aberto para novas experiências, capta a identidade do lugar

visitado, respeitando seus costumes, valores e suas crenças” (ARAÚJO *et al.*, 2017, p.09).

No documento sobre Turismo e Sustentabilidade do Ministério do Turismo (Mtur), pode-se observar que para a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2002),

[...] o desenvolvimento sustentável do turismo é um processo contínuo que requer monitoramento constante dos impactos que a atividade pode causar, de modo que, com ações de manejo, seja possível minimizar os impactos negativos e maximizar os benefícios potenciais, introduzindo medidas preventivas ou de correção de rumos (*apud* BRASIL, 2007, p. 18).

O desenvolvimento sustentável do turismo tem encontrado barreiras em função da dificuldade de aplicar o seu conceito. Nesse sentido, o objetivo do turismo sustentável “[...] deve buscar o equilíbrio entre a conservação dos recursos naturais e culturais existentes, a viabilidade econômica do turismo e a equidade social numa perspectiva ética e direcionada para as comunidades” (HANAI, 2012, p. 223). Há uma evidência cada vez maior de um turista responsável, que exige produtos e serviços turísticos mais pensados para a proteção do meio ambiente e que, proporcione benefícios para as comunidades locais (OMT/OEA, 2018).

Entre os impactos nas diferentes vertentes (sociocultural, ambiental, econômico e institucional) que o turismo pode gerar, listamos algumas, que estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Principais Impactos Causados pela Atividade do Turismo

Tipos de Impacto	Descrição
Impactos ambientais positivos	Aumento no investimento para conservação e manutenção do ambiente visitado, melhoria das condições ambientais do destino, geração de emprego e renda, escolha e uso eficiente de tecnologias ambientalmente saudáveis, conservação, preservação, proteção e recuperação dos ambientes naturais, sensibilização dos turistas para as questões ambientais.
Impactos ambientais negativos	Ampliação da demanda pelos recursos naturais disponíveis, poluição em todas as suas formas (ar, água, sonora, entre outras), uso excessivo dos recursos, uso inadequado do solo, ancoragem e posterior pisoteamento e quebra de corais, mudança de comportamento da fauna silvestre, degradação e ocultação da paisagem, desenvolvimento além do esperado, vandalismo, que pode causar a degradação das estruturas e dos equipamentos turísticos.
Impactos econômicos positivos	Geração de novas ocupações permanentes e/ou temporárias, ampliação na arrecadação de tributos locais, geração e aumento da renda local, implantação de infra-estrutura turística, geração e aumento das compras locais, melhoria dos padrões de conservação.
Impactos econômicos negativos	Aumento exagerado do fluxo de turistas, elevação do custo de vida local, mão-de-obra importada e remessa de lucros.
Impactos político institucionais positivos	Novo relacionamento entre setor público e privado, fomento à participação social, transparência na gestão pública e privada, continuidade das políticas públicas.
Impactos político institucionais negativos	Insegurança institucional, cultura de desagregação, falta de participação do setor privado, falta de participação da sociedade civil.

Impactos socioculturais positivos	A preservação e a reabilitação de monumentos, edifícios e lugares históricos; a revitalização dos costumes locais: artesanato, folclore, festivais, gastronomia etc.
Impactos socioculturais negativos	Excesso de habitantes temporários (turistas) num determinado lugar, aceleração do processo de modificação de culturas locais – portadoras de outros hábitos e crenças – transformando as relações tradicionais, negligência aos princípios da sustentabilidade, as trocas aceleram a relação econômica (mercantilista) entre consumidores e prestadores de serviços, sobrecarrega a infra-estrutura de água, luz, telefonia, esgoto e transporte de toda a coletividade de cidadãos de um destino turístico, cuja qualidade de vida pode ser impactada pela poluição ambiental, sonora e visual que a atividade turística pode produzir, degradação do patrimônio cultural local e a tentativa em adaptar-se às expectativas dos visitantes, geralmente deformam especificidades e tornam homogêneas as peculiaridades locais.

Fonte: Brasil (2007).

A questão do desenvolvimento sustentável no contexto do turismo, é considerado um grande desafio por conta das características da própria atividade do turismo. Na visão de Hanai (2012) o turismo sustentável deve ser abordado numa perspectiva operacional voltada ao planejamento futuro, com esforços sistêmicos visando melhores condições na qualidade de vida das comunidades locais, na atividade econômica e na conservação do meio ambiente. É emergente a necessidade de planejamento turístico integrado ao desenvolvimento regional, com a participação da população local em todas as suas etapas, da definição dos objetivos à gestão local (HANAI, 2012).

Também devemos nos lembrar que o turismo está incluso entre os 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) para o ano de 2030 (PNUD, 2015), três em especial, dialogam diretamente com o turismo: os objetivos número 8, 12 e 14, conforme descritos no Quadro 2.

Quadro 2 – Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (2030) Relativos ao Turismo

ODS	Objetivo	Descrição
ODS 8	Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos.	O turismo, como intercâmbio de serviços, é um dos principais motores de ingressos em exportações a nível mundial e atualmente gera um de cada dez postos de trabalho no mundo. Com oportunidades de trabalho decente no setor turístico, sobretudo para mulheres e jovens, assim como políticas que favoreçam mais diversificação nas cadeias de valor do setor, pode-se melhorar os benefícios socioeconômicos do turismo.
ODS 12	Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis	O setor turístico necessita adotar padrões de consumo e produção mais sustentáveis, impulsionando a mudança sustentável. Contar com ferramentas para o turismo que segue o impacto no término do projeto de suporte, incluindo energia, recursos hídricos, resíduos, diversidade biológica e criação de emprego, resultará nos melhores resultados econômicos, sociais e ambientais
ODS 14	Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável	O turismo costeiro e marítimo depende da saúde dos ecossistemas marinhos. O projeto turístico tem de formar parte de uma gestão integrada das zonas costeiras, que permite a conservação e preservação de ecossistemas marinhos, além de servir como veículo para promover uma economia azul e contribuir para o uso sustentável dos recursos marinhos.

Fonte: OMT/OEA (2018).

2.2 Ecoturismo: Um Modelo de Desenvolvimento do Turismo Sustentável

Ao tratar do ecoturismo, é importante pontuarmos que na literatura há uma certa confusão sobre o que este é e, qual a diferença, por exemplo, em relação a outros segmentos como o turismo na natureza. No entanto, apesar de existirem pontos em comum entre estes dois conceitos, o ecoturismo se diferencia por um enfoque da sustentabilidade, por meio da "conservação, interpretação e vivência com a natureza como fator de atratividade" (BRASIL, 2008, p. 19). Assim, ao mesmo tempo que busca-se a interação com a natureza, no ecoturismo almeja-se minimizar impactos ambientais, promover a educação e interpretação ambiental, desenvolver comunidades locais, entre outros (MARTINS; SILVA, 2018).

O turismo de natureza diz respeito ao turismo realizado em ambientes naturais, que por sua vez pode contemplar diferentes tipos de turismo, como o turismo de aventura, esportivo e o ecoturismo; este último caracterizado por incorporar compromissos sociais e ambientais (OLIVEIRA, 2008). Como afirma Oliveira (2008), o ecoturismo é mais abrangente, dependendo diretamente da manutenção da qualidade do meio natural, adequando seu uso às condições de sustentabilidade economia, social e ambiental.

Fennell (2001), apresenta mais de 85 definições para ecoturismo, sendo que muitos estudos apontam para o conceito pioneiro de ecoturismo formulado por Hector Ceballos-Lascuráin (1987) e posteriormente aprimorado por diversos pesquisadores. Para além das muitas definições, Martins e Silva (2018) defendem e, concordamos, que a confusão gerada em torno do conceito deriva da forma indiscriminada que o termo ecoturismo tem sido utilizado. A falta de entendimento do que vem a ser o ecoturismo, acaba tornando-se uma barreira que surge para ambos os lados, tanto por parte dos visitantes, como para os operadores, como já identificado por estudos como o de Pedrini *et al.* (2015).

Primeiramente, é importante pontuarmos as origens do ecoturismo. A busca por um turismo mais sustentável emergiu a partir dos debates na década de 70 sobre o desenvolvimento econômico, degradação do meio ambiente e questões sociais que alcançaram a atividade do turismo. Especificamente, a introdução do ecoturismo no Brasil ocorreu na década de 80 por meio de algumas ações do Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (BRASIL, 2008). Alguns autores argumentam que, o surgimento do ecoturismo, veio a cargo das demandas por um turismo mais sustentável (FENNELL, 2007 *apud* MGONJA; SIRIMA; MKUMBO, 2015).

No meio acadêmico, o ecoturismo também é defendido como uma forma de se promover o desenvolvimento local de forma sustentável e preservando a natureza (KC; RIJAL; SAPKOTA, 2015; SAIDMAMATOV *et al.*, 2020). Para o TIES (2015), o ecoturismo

trata de uma viagem responsável para áreas naturais que preservam o meio ambiente, sustenta o bem-estar da população local e envolve interpretação e educação. Neste conceito, podemos notar claramente a relação entre os elementos que formam o tripé da sustentabilidade: ambiental, econômico e social.

O ecoturismo, do ponto de vista do mercado, também pode ser entendido como um segmento de mercado tal como o é o turismo cultural ou o turismo de aventura, mas no caso do ecoturismo busca-se atender um determinado público, que entre outras necessidades, buscam por um destino turístico que utilize os recursos naturais de forma sustentável. E, neste segmento há vários nichos, como a observação de aves, mergulho, etc. (BRASIL, 1994). Aos olhos do *trade* do turismo, o ecoturismo é mais um tipo de atividade que pode ser explorada. Sobre este aspecto, algo que precisamos esclarecer é que, nem todo o tipo de turismo baseado na natureza, é ecoturismo. Existe uma certa distorção no senso comum, sobre o entendimento do "eco", remeter a natureza e por isso, o entendimento do ecoturismo como algo feito na natureza apenas. Na verdade, atividades das mais variadas, feitas na natureza, podem ou não ser ecoturismo, desde que sigam seus princípios, assim, ao tratar do turismo de observação de aves, por exemplo, não podemos *a priori* afirmar que trata-se de ecoturismo. Para Ross e Wall (1999), um grande problema, é que não existe uma distinção clara entre o ecoturismo e outras formas de turismo.

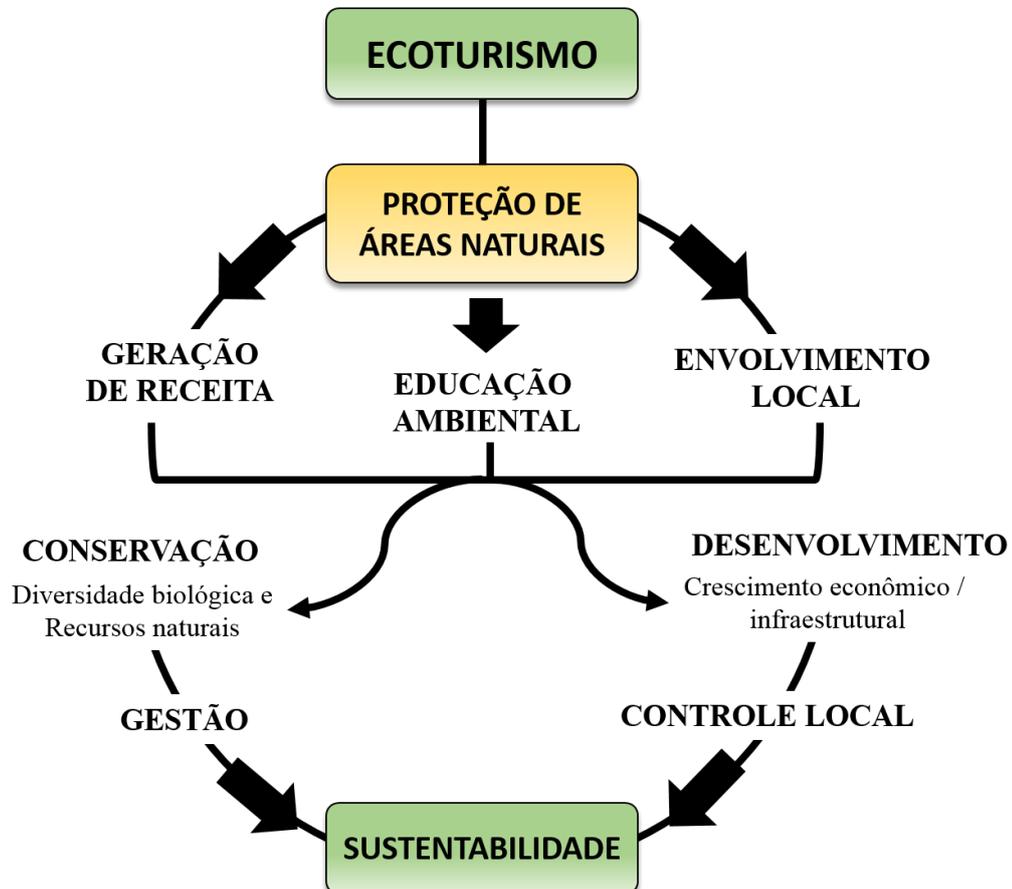
Os recursos para atividades de ecoturismo são divididos em dois tipos: naturais e culturais. Recursos naturais podem ser subdivididos da seguinte forma; topografia (montanhas, cânions, praias, cavernas, vulcões, áreas fósseis), clima (temperatura, precipitação, luz solar), hidrologia (lagos, rios, cachoeiras, fontes termais), fauna (mamíferos, pássaros, insetos), vegetação (florestas, pastagens) e localização (centralidade, distância). Os recursos culturais incluem localização (ruínas pré-históricas, sítios históricos), eventos (exposições, feiras, folclore cerimônias), artesanato ou gastronomia (bordados, rendas, joias, alimentos, bebidas) e muito mais (WEAVER, OPPERMANN, 2000 *apud* OKAN *et al.*, 2016, p.3). O ecoturismo também contempla diversas atividades desenvolvidas na natureza, assim, montanhismo, geoturismo, turismo de aventura, trilhas, entre tantas outras atividades e vertentes do turismo, podem contemplar os ideais do ecoturismo (CELIK, 2018), inclusive o turismo cultural (ROSAZMAN *et al.*, 2015).

No documento intitulado “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo”, o ecoturismo é compreendido como:

[...] um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (BRASIL, 1994, p. 19).

Para Azeredo e Zaú (2017) são três as características do ecoturismo: a sustentabilidade em todas as suas vertentes (ambiental, social, cultural e econômica); aspectos educacionais e o compromisso com a comunidade local. As características identitárias do ecoturismo, como a proteção e conservação dos recursos naturais, a educação e interpretação ambiental, a paisagem, escala e atividades praticadas devem ser observadas como interdependentes (BRASIL, 2008). Desta forma, almeja-se com o ecoturismo uma integração, que necessariamente deve existir e coexistir com os diversos aspectos que caracterizam o ecoturismo, assim como a participação das partes interessadas e a gestão dos recursos naturais. Na Figura 2, desenvolvida por Ross e Wall (1999), podemos notar os diferentes aspectos envolvidos na perspectiva do ecoturismo, assim como sua restrita relação com a sustentabilidade, conservação da natureza e desenvolvimento.

Figura 2 - Ecoturismo, Proteção do Meio Ambiente, Desenvolvimento Socioeconômico e Sustentabilidade



Fonte: Ross e Wall (1999, p. 124).

Para Ross e Wall (1999), o ecoturismo é estratégico para a preservação e desenvolvimento sustentável de APs, no entanto, para estes autores, apesar de a teoria criada em torno do ecoturismo ser bem desenvolvida, há sérios obstáculos para implementá-lo adequadamente.

Este é um tipo de turismo que possibilita a conservação de áreas naturais e a promoção do meio ambiente para os visitantes e comunidades locais (ARDOIN *et al.*, 2015; APPS; DIMMOCK; HUVENEERS, 2018). Além disso, trata-se de um meio de geração de riqueza para as economias locais (MILLER, 1993). O ecoturismo tem como princípios gerais:

“...minimizar o impacto, usar a educação ambiental para conscientizar, construir respeito ambiental e cultural, usar operações e gerenciamento sustentáveis, fomentar experiências positivas tanto para visitantes como para anfitriões, possibilitar apoio direto e benefícios financeiros para a conservação da natureza e propiciar benefícios econômicos e capacitação para a população local” (RANGEL; SINAY, 2019, p. 565).

Aliás, a educação ambiental merece destaque quando tratamos do ecoturismo, pois como demonstrado por alguns estudos (PEDRINI *et al.*, 2010; COSTA *et al.*, 2019; SAFITRI *et al.*, 2019), a inserção da Educação Ambiental (EA) em atividades turísticas é uma oportunidade única de sensibilizar os visitantes de APs sobre os impactos do homem no meio ambiente e a necessidade de se conservar a natureza. Devemos lembrar que, diversos visitantes de APs, procuram estes lugares para entrar em contato com a natureza, muitas vezes, por serem pessoas oriundas de regiões muito urbanizadas.

Para Safitri *et al.* (2019), há uma associação positiva entre a EA e os princípios do ecoturismo, tais como a conservação, conscientização e sustentabilidade, além disso, a EA fortalece os valores pró-conservação do visitante. Como a EA é um dos pilares do ecoturismo, Azeredo e Zaú (2017), defendem que em APs, a gestão local deve procurar desenvolver espaços e ações que possam colaborar para este fim. Isso porque espaços como os proporcionados por parques, são ótimos para o desenvolvimento da educação e divulgação científica (AZEREDO; ZAÚ, 2017) até mesmo por ser um espaço não formal, isto é, “qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem”, que permite uma maior flexibilidade no tempo e espaço (MARANDINO, 2017, p. 812). A oferta da EA aos visitantes de APs exigem criatividade nas ações, além disso, é muito importante o

desenvolvimento de ações de EA em diferentes momentos dos visitantes dentro destas áreas, não apenas em determinado momento e de forma isolada.

E, por fim, quando nos referimos à EA inserida no ecoturismo, estamos nos referindo a todos os atores envolvidos com a atividade turística em determinado destino. Isso porque, a responsabilidade por ações de sustentabilidade e educação ambiental, por exemplo, não pode ficar a cargo de apenas alguns atores, pois esse fato limita a efetividade das ações. Para ilustrar este aspecto, Santos *et al.* (2018) realizaram um estudo com condutores de embarcações turísticas para a observação de botos-cinza na Reserva de Fauna Costeira de Tibau do Sul - REFAUTS, no Rio Grande do Norte, onde notaram por meio da observação da interação entre os condutores e os visitantes, que os primeiros não possuíam informações sobre a reserva e, especialmente sobre a biologia e ecologia de botos-cinza. Esse entendimento e participação de todas as partes interessadas, sobre as questões ambientais e sobre as práticas de EA, são de suma importância para manter o visitante sempre bem informado e demonstrar em diferentes momentos que a conservação é um bem de grande valor para todos.

2.3 Afinal, quem é o Ecoturista?

Dentre os diferentes segmentos de turismo, há também diferentes nichos e públicos. Identificar o perfil do visitante é uma importante ação no sentido de identificar suas necessidades, além de obter informações que possam subsidiar programas e ações ambientais diversas em APs e auxiliar no planejamento da oferta de atividades turísticas (JÚNIOR; HANAI; RIBAS, 2020). O ICMBio (2011) inclusive, indica o estudo do perfil dos visitantes como uma atividade necessária para a formulação de indicadores de qualidade da experiência do visitante, assim como uma forma de identificar o perfil e características desse público.

Estudos sobre o perfil dos visitantes são essenciais para compreender suas necessidades, auxiliar no manejo de APs e no processo de tomada de decisão (LADEIRA *et al.*, 2007; LOBO; YASUNAKA, 2010; CAMPOS; FILETTO, 2011; CAMPOS; VASCONCELOS; FÉLIX, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2015; MOREIRA *et al.*, 2019; ALVAREZ *et al.*, 2019).

A motivação do turista trata do conjunto de necessidades que influenciam uma pessoa a participar de uma atividade turística (MENG; TEPANON; UYSAL, 2008), sendo o fator central no processo de tomada de decisão (YOLAL *et al.*, 2015). No contexto das AP, a motivação intrínseca de todo visitante é o contato com a natureza. Como notado no estudo de Moreira *et al.* (2019), com visitantes de Fernando de Noronha-PE a principal motivação dos visitantes era o contato com a natureza (71% dos participantes). Resultado semelhante foi

obtido por Rocha *et al.* (2019), ao estudar o perfil dos visitantes do Parque Nacional da Tijuca (RJ) e Alvarez *et al.* (2019), num estudo no Parque Nacional de São Joaquim (SC), onde 66% dos participantes se disseram motivados a realizar a visita no parque, por conta do contato com a natureza.

De modo geral, existe na literatura, diversos estudos que pontuam algumas características do perfil do ecoturista, tais como elevada escolaridade, público jovem, elevado poder aquisitivo, busca por um destino que tenha contado com a natureza, preocupação com a conservação do meio ambiente, entre outros (NIEFER, 2004; KADOTA; HADDAD; RABAHY, 2004; LOBO; ARAÚJO, 2006; BRASIL, 2008; BRASIL, 2010; BRASIL, 2010a; CNTUR; SEBRAE, 2010; LOBO; YASUNAKA, 2010; CAMPOS; VASCONCELOS; FÉLIX, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2015). Ao pensarmos no perfil do ecoturista, devemos considerar que este perfil pode diferir em vários aspectos, desde demográficos, até a importância da natureza no motivo da viagem.

Lindberg (1991 *apud* TAO; EAGLES; SMITH, 2004), fornece uma tipologia dos tipos possíveis de ecoturistas, sendo eles: *Hard-core* – pesquisadores científicos ou membros de viagens especificamente projetadas para educação, restauração ambiental ou propósitos semelhantes; Dedicado – pessoas que fazem viagens especificamente para ver APs e querem entender a história natural e cultural local; Convencional – pessoas que visitam um determinado destino de natureza, principalmente para fazer uma viagem incomum e; por fim o Casual – pessoas que participam da natureza acidentalmente, como em uma viagem de um dia durante férias mais amplas.

Outros autores que nos fornecem classificação para os ecoturistas são Carvache-Franco, Segarra-Oña e Carrascosa-López (2019). Para esses autores, os ecoturistas podem ser classificados quanto à motivação em três categorias: os que possuem vários motivos, tais como uma "fuga" da rotina, entrar em contato com a natureza, construir novas relações; os que querem contato com a natureza e; os que buscam recompensa / fuga, ou seja, que além do contato com a natureza, buscam diversão, explorar o desconhecido e fugir da rotina. Esse entendimento sobre as motivações do ecoturista é relevante para o desenho de produtos e serviços que atendam essas necessidades.

Algo que parece ser irrelevante, mas que possui repercussões sobre a experiência do visitante, é a clara percepção de que se está visitando uma AP. Como notado no estudo de Alvarez *et al.* (2019), 34% dos visitantes do Parque Nacional de São Joaquim (SC), não sabiam que estavam em uma área protegida. Este aspecto chama a atenção, pois para o visitante e especialmente para a gestão da AP, a ciência de que está numa área destinada a

proteção da biodiversidade, influencia o comportamento e atitudes dos visitantes, uma vez que, estar numa AP por exemplo, implica a obrigação de seguir determinadas regras.

Como visto, no caso dos visitantes de APs, há um perfil geral, que caracteriza-se por pessoas com maior conscientização sobre os impactos do homem sobre a natureza, contudo, a nosso ver, é preciso incentivar outros perfis de visitantes, no intuito de utilizar a visita em APs, como meio para sensibilizar a população.

2.4 Áreas Protegidas – Meio Ambiente, Comunidades, Gestão e Ciência

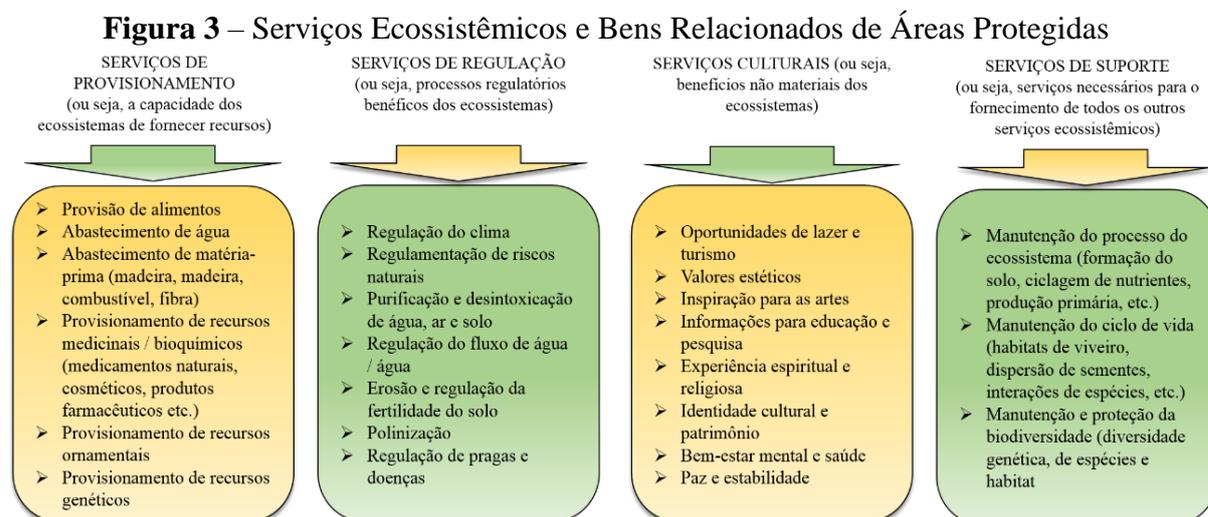
A biodiversidade na Terra, com as muitas espécies, ecossistemas e processos ecológicos que constituem o ambiente natural, é de valor incalculável para a humanidade (BIRBEN, 2019). Não por acaso, é importante preservar altos níveis de diversidade por muitos motivos, sobretudo por conta dos diversos benefícios dos bens naturais para a vida humana (FISCHER *et al.*, 2018 *apud* BIRBEN, 2019).

Tratando-se de riquezas naturais, o Brasil é um país reconhecido mundialmente por sua biodiversidade (LEWINSOHN; PRADO, 2006; SINAY *et al.*, 2019). Para manter tal biodiversidade, uma das estratégias utilizadas mundialmente e no contexto nacional, trata da delimitação de APs, isto é, determinados territórios, onde o uso da terra e dos recursos naturais é limitado (GANEM, 2010), sendo esta uma das principais estratégias e soluções para a conservação da biodiversidade (RODRIGUES *et al.*, 2004; VITORINO *et al.*, 2016; HOFFMANN *et al.*, 2018). Não por acaso, o país é um dos líderes mundiais na delimitação de APs, que protegem, em tese, uma área equivalente a três vezes o tamanho da França (SEMEIA INSTITUTE, 2014).

Uma AP é um espaço geográfico claramente definido, reconhecido, dedicado e administrado, por meios legais ou outros meios eficazes, para alcançar a conservação de longo prazo da natureza, com os serviços ecossistêmicos e valores culturais associados (IUCN, 2008). Seu papel em ajudar a mitigar e se adaptar às mudanças climáticas também é cada vez mais reconhecido, pois estima-se que a rede global de APs armazena pelo menos 15% do carbono terrestre (IUCN, 2008), além de ajudar as sociedades a responder e lidar com as mudanças climáticas e outros desafios ambientais (LOPOUKHINE *et al.*, 2012), assim como a preservação de *habitats* de espécies ameaçadas de extinção (GRAY *et al.*, 2016). APs, quando integradas em planos de uso do solo, como parte de áreas maiores e conectadas a redes de conservação, oferecem soluções práticas e tangíveis para os problemas de perda de espécies e adaptação às mudanças climáticas (LOPOUKHINE *et al.*, 2012).

Num mundo assolado por desafios ambientais, APs são vistas como a pedra angular dos esforços para sustentar a biodiversidade e processos ecossistêmicos naturais da Terra (LAURANCE, 2013). Há fortes evidências de que APs são uma das ferramentas mais eficazes para retardar a taxa de perda de biodiversidade e muitas espécies continuam a sobreviver apenas por causa da proteção fornecida por parques nacionais, reservas naturais, entre outras modalidades de APs (STOLTON *et al.*, 2015).

Ao proteger ecossistemas funcionais, APs fornecem serviços aos ecossistemas circundantes, tanto através do transbordamento direto de solos, nutrientes e interceptando energia solar e pelo potencial de uso de áreas protegidas como linhas de base de informações e matérias-primas para restauração dentro do restante da paisagem (STOLTON *et al.*, 2015). Como apresentado na Figura 3, são diversos os serviços ecossistêmicos prestados pelas APs.



Fonte: Stolton *et al.* (2015, p. 147) *apud* Kettunen e Ten Brink (2013); adaptado de Alcamo (2003); De Groot *et al.* (2010); e UK National Ecosystem Assessment (2011).

No Brasil, um grande avanço no sentido de proteção de áreas naturais, foi dado com a implantação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), por meio da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000 (BRASIL, 2000). O SNUC divide as duas principais categorias de unidades de conservação, são elas: proteção integral e uso sustentável, que por sua vez subdividiram-se em doze subgrupos, cada qual com especificidades em relação aos objetivos de proteção, ao domínio da terra, ao uso de recursos naturais, assim como sobre a abordagem de gestão e do uso para fins de turismo (SINAY *et al.*, 2019). O objetivo das áreas de proteção integral é preservar a natureza para que apenas uso indireto, que não envolve consumo, coleta ou destruição, seja permitida (BRASIL, 2000). O grupo de uso sustentável visa conciliar

conservação da natureza e uso direto, permitindo para a coleta e uso comercial de recursos naturais (BRASIL, 2000).

As APs têm objetivos cada vez mais complexos, para além de fornecer *habitat* para espécies ameaçadas e conservação de paisagens icônicas, também se espera que contribuam para os objetivos sociais (WATSON *et al.*, 2014). No entanto, apesar dessas boas intenções, gerenciar APs para que os objetivos da biodiversidade sejam alcançados sem prejudicar as comunidades locais é um desafio (BROCKINGTON; WILKIE, 2015).

O gerenciamento de recursos naturais, especialmente aqueles localizados em APs, ao mesmo tempo em que apresentam oportunidades, também apresentam muitos desafios (ARAVENA *et al.*, 2018). Isso ocorre, pois cada projeto de desenvolvimento econômico de territórios envolve uma tensão inevitável entre a preservação e uso de recursos naturais, seja de forma direta, como no caso de projetos extrativistas ou indiretamente, como no caso de projetos de turismo (ARAVENA *et al.*, 2018). Além disso, os desafios de coordenação entre diferentes níveis de gestão de uma mesma área, é algo que aumenta a complexidade dos processos de tomada de decisão (GOSNEL *et al.*, 2017), o que pode ser um grande obstáculo para o atingimento de metas de conservação em APs (CASTRO-PARDO *et al.*, 2019).

A criação e gestão de territórios dedicados à conservação de recursos naturais é um fenômeno complexo, pois além dos recursos naturais, há também aspectos socioculturais, políticos e econômicos envolvidos (SANCHO, 2017). As APs são espaços onde há conflitos constantes, envolvendo diferentes atores e seus interesses (povos tradicionais, poder público, organizações privadas, entre outras), que projetam seus interesses sociais pelo território, tendo em vista que é neste território que existem os meios de produção material e imaterial da vida e interesses que permeiam ideais de conservação e interesses de mercado (SILVA, 2019).

Nessa interface, entre rica biodiversidade e uma variedade de atores e interesses sobre o território, a gestão de APs não depende apenas do conhecimento básico e treinamento da equipe de gestão, mas também depende em grande parte de estudos que avaliam situações caso a caso e principalmente, estudos que encontram soluções inovadoras para o sistema de APs como um todo (VITORINO *et al.*, 2016). Como afirmam Stolton *et al.* (2015), os gestores de APs, que são cientes de toda a gama de benefícios destas áreas e da gama de partes interessadas afetadas, têm uma chance muito melhor de gerenciar com sucesso.

É evidente que não só no Brasil, como em países desenvolvidos, são variados os desafios e problemas enfrentados na gestão de APs, demandando soluções criativas para superar as dificuldades causadas por exemplo, pela falta de financiamento para a proteção e

conservação ambiental (SEMEIA INSTITUTE, 2014), que muitas vezes pode ser superada, com a exploração de atividades como o turismo nestas áreas.

De acordo com Geldmann *et al.*, (2019) e Dudley *et al.*, (2016), a gestão eficaz de APs, passa necessariamente pelo uso de metodologias de monitoramento ecológico e pela pesquisa científica. Muitas APs ainda possuem lacunas no conhecimento sobre a sua biodiversidade, sendo estes espaços importantes para a pesquisa científica (COLLI-SILVA; IVANAUSKAS; SOUZA, 2019; CABRAL *et al.*, 2019).

A pesquisa científica em APs, podem ser feitas com diferentes propósitos, tais como compreender a ecologia da AP; analisar os efeitos dos visitantes humanos no território e sua interação com a natureza, ou ainda, compreender as expectativas e demandas dos visitantes, para um melhor planejamento (STAB *et al.*, 2009), entre tantos outros fins.

Como citam Stab *et al.* (2009), a pesquisa, gestão e monitoramento, assim como a aplicação da lei, são campos importantes para APs. Tais tarefas, de modo geral, são feitas por diferentes atores (universidades, entes governamentais, por exemplo). Apesar da importância de todos esses campos, é muito difícil encontrar uma relação plena entre estes em APs, sendo que todas elas desempenham papéis complementares na conservação destas áreas (STAB *et al.*, 2009). Para estes autores, a pesquisa tem o papel de resolver problemas relativos à eficácia da conservação de APs, “e responder às novas questões que surgem no decurso da gestão dessas” (p. 02).

Para Stab *et al.* (2009), as pesquisas em áreas de conservação podem ser de dois tipos: aquelas destinadas a apoiar a gestão e resolver problemas voltados à conservação e; o segundo grupo, são aquelas pesquisas que visam apenas compreender processos naturais ou mediados pelo homem, sem uma aplicação direta sobre ações de conservação. Inclusive, é fundamental as pesquisas feitas no entorno destas áreas, pois atuam de forma complementar e podem ser muito importantes para a gestão destas áreas (STAB *et al.*, 2009).

Como afirma Laurance (2013), se as APs se beneficiam de um efeito de proteção da ciência, um benefício auxiliar e às vezes oculto da pesquisa pode ser a promoção da conservação da natureza. Os cientistas também estão promovendo a conservação, ajudando a capacitar os residentes locais em um complexo e rápido conjunto de mudanças, além de contribuírem para divulgar parques e sua biodiversidade (LAURANCE, 2013).

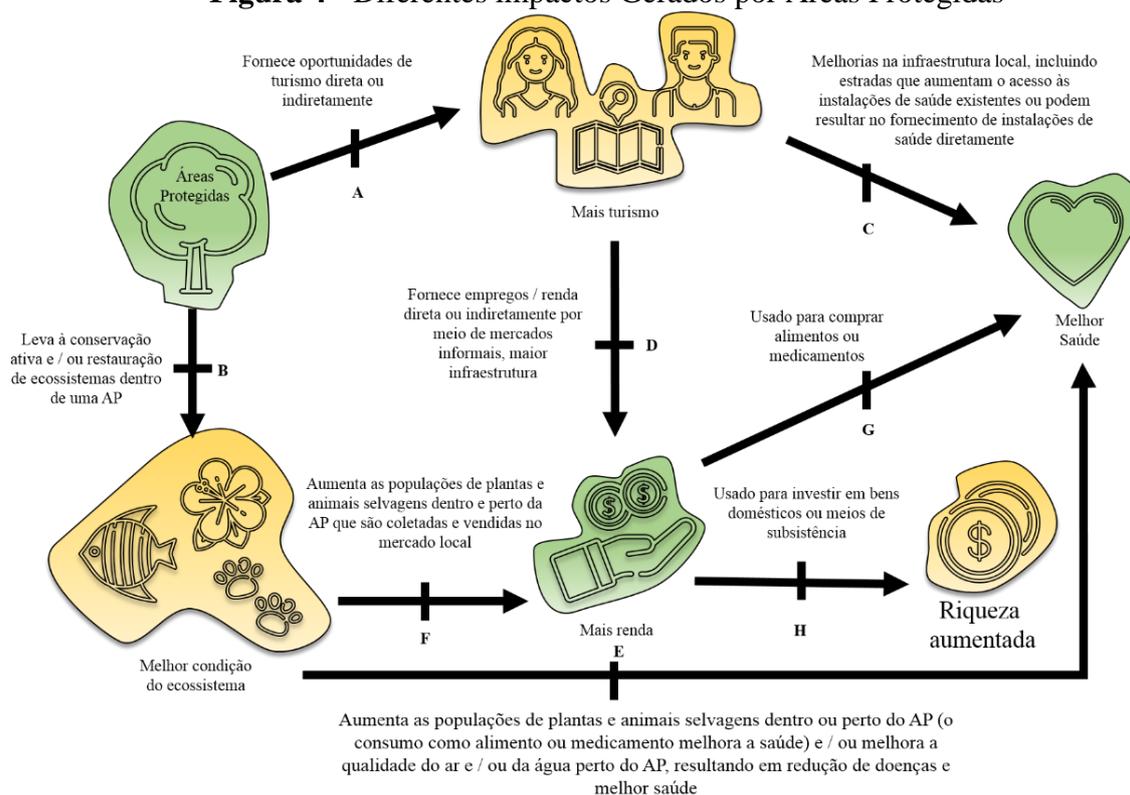
A realização de atividades recreativas em ambientes como o de parques, podem proporcionar elevados níveis de satisfação entre os visitantes que praticam o ecoturismo. Carvache-Franco *et al.* (2020) avaliaram a satisfação de 386 visitantes do Parque Nacional Machalilla (Equador), identificando elevada satisfação em decorrência de fatores como

tranquilidade, conservação do patrimônio natural e cultural e tratamento recebido. Essa satisfação com as atividades desenvolvidas em uma AP, também foram notadas por Olmos-Martínez; Ibarra-Michel; Velarde-Valdez (2020) no Parque Nacional Bahía de Loreto (México). Contudo, atividades recreativas ainda são pouco exploradas nos parques do Brasil. Como notado por Bellinassi, Pavão e Cardoso-Leite (2011), boa parte dos parques focam o uso público apenas em trilhas, aspecto este que subutiliza o potencial de atrativos para a visitação. Para estes autores, a diversificação de atividades é uma forma, não apenas de contribuir com a conservação, mas atrair um público maior para os parques.

Neste contexto, não podemos deixar de pontar os diversos desafios que a gestão de APs no Brasil apresentam, tais como a regularização da situação fundiária, conflitos entre comunidades, falta de plano de manejo, escassez de recursos humanos e financeiros, instabilidade política; falta de sinergia entre diferentes políticas públicas, entre outros (UNEP-WCMC, 2011; MORAES, 2015; NASCIMENTO; COSTA, 2017; RANGEL; SINAY, 2017, 2018, 2019; FERREIRA; NÓBREGA, 2018; PIRES; RUGINE, 2018; MEDEIROS; PEREIRA, 2011; SCHIAVETTI *et al.*, 2012; PENA; 2018). É preciso entender que, apenas a criação de uma AP, por si só, não é o suficiente para se garantir a proteção dos seus recursos naturais, sendo necessária uma boa gestão e governança, com a participação dos mais diversos atores (BELLINASSI; PAVÃO; CARDOSO-LEITE, 2011; FERREIRA; NÓBREGA, 2018).

As APs são espaços que oferecem diferentes tipos de serviços ecossistêmicos, tais como a conservação de recursos naturais, o oferecimento de lazer (UNEP-WCMC, 2011), sendo que, sua importância se manifesta nos diferentes benefícios que são possíveis de se obter com elas, tais como demonstrado na Figura 4.

Figura 4 - Diferentes impactos Gerados por Áreas Protegidas



Fonte: Adaptado de Naidoo *et al.* (2019, p. 3).

Na Figura 4, caminhos individuais podem ser combinados para conceituar um mecanismo de impacto; por exemplo, o caminho ADG sugere como as APs podem levar a melhores resultados de saúde por meio de ganhos de renda do emprego turístico relacionado à AP que são então gastos na melhoria da saúde das crianças (NAIDOO *et al.*, 2019).

Para espaços voltados à conservação, o ecoturismo é visto como um instrumento de proteção de recursos naturais, assim como meio de desenvolvimento de forma sustentável (MGONJA; SIRIMA; MKUMBO, 2015). Segundo Dologlou e Katsoni (2016), o ecoturismo não só é indicado como a melhor forma de se fazer turismo em APs, como também uma forma de fazer um “turismo integrado”, incluindo o meio ambiente, a comunidades, a economia e aspectos legais.

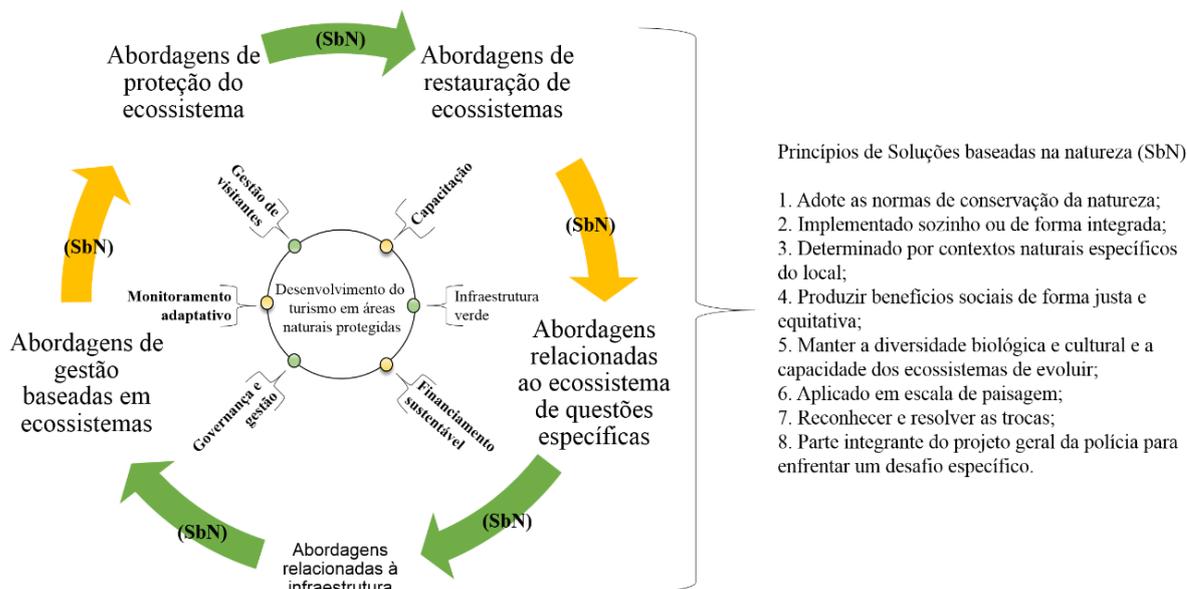
O ecoturismo deveria fazer parte da estratégia de conservação da natureza, especialmente em APs no Brasil, contudo, o que se nota é uma baixa importância dada ao desenvolvimento do ecoturismo, especialmente pelo poder público (RANGEL; SINAY, 2019). O Brasil ainda possui um uso público de APs muito limitado, tendo em vista o potencial que estas áreas possuem para atividades como a visita (MATHEUS; RAIMUNDO, 2017).

O potencial e a janela de oportunidade para o ecoturismo, pode ser notado nos dados do ICMBio (2017) acerca da visitação em APs federais, que tem crescido ao longo dos anos, apesar do pouco investimento que essas tem recebido. Para a (UNEP-WCMC, 2011), há um descompasso entre os recursos que são investidos nas APs e os benefícios que estas áreas podem gerar. Segundo Souza e Simões (2018), os visitantes de APs gastaram cerca de 2 bilhões nos municípios de acesso às APs no ano de 2017, demonstrando a relevância da visitação em APs para a economia local. O ecoturismo carrega consigo, a ideia de uma viagem responsável por áreas naturais, que ao mesmo tempo em que conservam a natureza, promovem o sustento da população local (CHARNLEY, 2005).

Ao não investir no ecoturismo em APs, o país, os estados e municípios estão perdendo um custo de oportunidade, ou seja, renunciando uma oportunidade de geração de recurso, por conta da falta de tomada de decisão. Como demonstrado por Souza *et al.* (2019), para cada dólar que o Brasil investe em APs, é possível se obter sete dólares de benefícios. Além disso, poderia haver um bom montante de valor adicionado ao Produto Interno Bruto (PIB), assim como a geração de emprego e renda para empresas e comunidades locais.

Como demonstrado na Figura 5, o turismo pode ser desenvolvido nestas áreas por meio da abordagem de gestão baseada em ecossistemas, envolvendo o que soluções baseadas na natureza (SbN), que por sua vez, contemplam uma série de princípios, todos eles direcionados para a adequada gestão do turismo em APs.

Figura 5 – Ecossistemas, Soluções Baseadas na Natureza⁴ e o Desenvolvimento do Turismo em Áreas Protegidas



Fonte: Mandić (2019, p. 251).

No Brasil, especialmente em APs, o uso do ecoturismo como meio para o desenvolvimento destas áreas ainda é muito restrito a algumas localidades. E, apesar de existirem casos que remetem ao ecoturismo como Bonito-MS, Fernando de Noronha-PE, o que se observa nestes e em outros casos é uma espécie de “ecoturismo de prateleira”, isto é, determinados espaços, com uma série de restrições de acesso, direcionados para um público com um bom poder aquisitivo. Assim, experiências malsucedidas por conta do não atendimento dos princípios do ecoturismo, têm contribuído para o questionamento da validade do conceito (BEYENE, 2016).

De modo geral, o turismo é uma atividade que costuma ser responsável por degradação ambiental e perda do patrimônio local, por conta da invasão de muitos turistas, assim, o modelo geral de turismo é inadequado para APs (DOLOGLOU; KATSONI, 2016). Claro que, como qualquer atividade onde se explore o turismo, há impactos. Os impactos gerados pelo ecoturismo incluem: erosão e compactação do sol; perturbação da vida selvagem, pisoteio da vegetação, remoção de vegetação, utilização de fogo, lixo e vandalismo, entre outras. Como vários estudos tem retratado, o turismo em APs, tem gerado alguns desses impactos como a geração de lixo, esgoto entre outros (PEDRINI *et al.*, 2010; MESTANZA *et al.*, 2019; CHUEIRI; FORTUNATO, 2020).

⁴ Soluções baseadas na natureza (SBn) tratam-se de um conjunto de ações para proteger, gerenciar e restaurar de forma sustentável, natural ou modificada ecossistema para enfrentar desafios socioambientais, tais como as mudanças climáticas (IUCN, 2016).

Não devemos considerar o ecoturismo um trampolim para um turismo de massa. Uma grande preocupação em destinos que se propõem a desenvolver o ecoturismo, é a massificação deste processo, ou seja, torná-lo um turismo de massa, o que implica em grandes prejuízos para o meio ambiente e conseqüentemente, para a proposta do ecoturismo. O turismo de massa privilegia o lucro imediato e a grande escala das suas atividades, contribuindo para a destruição da qualidade dos destinos turísticos (ZOUAL, 2008). Assim, é preciso refletir no contexto do ecoturismo sobre o seu *status*.

O turismo em APs deve ser feito de forma planejada, caso contrário, corre-se o risco de repetir os mesmos problemas observados no turismo de massa. Um caso exemplar dos impactos da falta de controle sobre a atividade turística em APs, foi visto recentemente no Parque Estadual do Ibitipoca (PEIb), localizado em Minas Gerais, onde devido ao elevado número de visitantes⁵, houve sérios impactos para a região do Parque. No estudo de Sancho-Pivoto, Alves e Dias (2020), no PEIb ficou evidente que, apesar de ser um destino com potencial para o ecoturismo, a centralidade do viés econômico não tem compatibilidade com a perspectiva de um turismo sustentável, muito menos com o ecoturismo. Como observado pelos autores, as partes interessadas do PEIb não se mostram preocupados com o comprometimento das características locais por conta do turismo. Resultado semelhante ao estudo de Lobo e Moretti (2008) em Bonito-MS, onde estes autores notaram o turismo praticado neste destino, apresenta uma certa “maquiagem” de destino eco turístico, mas fica distante dos ideais do ecoturismo, isto é, distante da conservação, da democratização dos benefícios gerados e da promoção da sensibilização ambiental dos envolvidos.

É muito comum encontrarmos na literatura, estudos apontando falhas na implementação do ecoturismo em diferentes destinos. Tais falhas, são geralmente decorrentes de falta de capacitação e empoderamento da comunidade, falta de uma estratégia para o desenvolvimento do ecoturismo, falta de divulgação e promoção do destino, deficiência nas instalações e infraestruturas básicas, falta de recursos humanos e financeiros, entre outros (SISWATO *et al.*, 2015). Para que emergja de fato o ecoturismo, é necessário que todas as partes interessadas possam trabalhar em conjunto para a elaboração de políticas, estratégias e planos de ação para o ecoturismo. Por fim, o planejamento é fundamental para preservar o meio ambiente e cultura dos destinos ecoturísticos (SHASHA *et al.*, 2020).

⁵ O PEIb teve problemas por conta do aumento de turista, sendo que sua capacidade recomendada atualmente é 700 visitantes diariamente, mas entre 2015 e 2018 o parque chegava a receber 1200 visitantes diariamente. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/regiao/02-03-2019/pesquisa-da-ufjf-sugere-capacidade-de-700-visitacoes-diarias-em-parque-de-ibitipoca.html>. Acesso em: 14 jan. 2021.

3 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa justifica-se por alguns motivos. Primeiramente, justifica-se o mapeamento dos estudos sobre a região da Ilha Grande-RJ, no intuito de identificar as contribuições do meio acadêmico, os interesses e temas de pesquisa sobre esta região de rica biodiversidade e com elevado potencial para o turismo sustentável. Segundo, a partir do que a literatura já revela sobre o contexto da região, é preciso que se problematize e discuta o quadro atual sobre a prática do turismo na região, tendo em vista não só os impactos desta atividade na região, como também os aspectos necessários a serem pensados sobre a prática atual e caminhos futuros para o desenvolvimento do turismo. Neste sentido, pensar a gestão em suas diferentes dimensões é primordial para trilhar o caminho do turismo sustentável.

Outro ponto relevante, trata-se da necessidade de identificar o perfil das pesquisas que vem sendo desenvolvidas na região da Ilha Grande, de modo a caracterizar a participação da comunidade científica na região, apresentando o estado da arte da pesquisa e analisando as contribuições desta comunidade. Sabe-se que a pesquisa científica é um importante instrumento para a gestão de AP, assim, uma das formas de identificar as diferentes contribuições da ciência para a conservação da natureza é por meio do mapeamento das diferentes contribuições feitas pela pesquisa científica.

Mecanismos, ferramentas e práticas de gestão em áreas protegidas destinadas ao turismo são de grande importância para a gestão e planejamento desta atividade. Apesar de ser muito utilizada, a Matriz *SWOT* é um instrumento de gestão que não possui diretrizes muito bem definidas para sua elaboração. Esse instrumento tem sido aplicado como auxiliar no processo de gestão e de tomada de decisão em diferentes áreas, inclusive no ecoturismo. Tendo em vista sua popularidade e a falta de uma orientação sobre o seu uso, este trabalho apresenta uma sistematização sobre o tema no ecoturismo, indicando usos, métodos e aplicabilidades, que podem ser de grande relevância para gestores.

A realização do presente estudo justifica-se pela necessidade de se refletir, problematizar e analisar o planejamento do turismo na região Ilha Grande, na perspectiva do ecoturismo, tendo em vista o potencial deste destino, ao mesmo tempo em que se faz necessário pensar a forma como o turismo vem sendo desenvolvido na região, ainda mais num momento pós-pandêmico, como foram os anos de 2020 e 2021, onde a pandemia de Covid-19 gerou um grande impacto sobre a indústria do turismo, revelando inclusive, a necessidade de se pensar em meios para desenvolver um turismo que seja mais sustentável.

A partir da identificação do limitado número de estudos sobre as percepções dos turistas e visitantes acerca de áreas de protegidas destinadas à prática do turismo no Brasil⁶, se propõe, para além do mapeamento da literatura, as percepções dos turistas e visitantes sobre o turismo que vem sendo praticado na região da Ilha Grande. Apesar de haverem estudos utilizando-se de dados obtidos diretamente dos turistas e visitantes, oriundos do site *TripAdvisor* (SILVA; FREITAS; REBOUÇAS, 2021; VOGEL *et al.*, 2021; SCHUSTER; DIAS, 2020; SILVA *et al.*, 2020), nenhum deles trata do olhar dos turistas e visitantes sobre áreas protegidas e seus atrativos. Assim, além da contribuição acadêmica no sentido de oferecer um novo caminho para se tratar das percepções de turistas e visitantes sobre áreas protegidas, o presente estudo poderá oferecer, do ponto de vista prático, diferentes subsídios para a gestão para gestores e outras partes interessadas.

Também vale ressaltar que, os estudos sobre perfil e percepções de turistas e visitantes de APs, muitas das vezes carecem de dois elementos: tamanho da amostra e espontaneidade. Isto é, os estudos apresentam um número muito limitado de turistas e visitantes interrogados e, de modo geral, com dados obtidos por meio de questionários ou entrevistas padronizados. Utilizando-se de dados gerados por turistas/visitantes disponibilizados na plataforma *TripAdvisor*, além de acessarmos avaliações, comentários e percepções espontâneas geradas por estes atores a partir de suas experiências, podemos obter um volume na casa dos milhares, de dados amostrais. Para Costa, Oliveira e Gomes (2010), os estudos sobre perfis de visitantes são de suma importância, visto que servem como ferramenta para elaboração de planos de gestão de atividades direcionadas aos visitantes. Na literatura é possível encontrar estudos sobre o perfil dos visitantes de APs, mas com as limitações pontuadas anteriormente (ver: COSTA; GOMES, 2014; FONSECA FILHO; RIBEIRO, 2016).

Dentre os diferentes segmentos de turismo, há também diferentes nichos e públicos. Identificar o perfil do visitante é uma importante ação no sentido de mapear suas necessidades, além de obter informações que possam subsidiar programas e ações ambientais diversas em APs e auxiliar no planejamento da oferta de atividades turísticas (LOPES JÚNIOR; HANAI; RIBAS, 2020). Estudos sobre o perfil dos visitantes são essenciais para compreender suas necessidades, auxiliar no manejo de APs e no processo de tomada de decisão (OLIVEIRA *et al.*, 2015; MOREIRA *et al.*, 2019; ALVAREZ *et al.*, 2019).

⁶ Numa busca na base Scielo em 25 de novembro de 2019, não foi possível encontrar nenhum estudo sobre as representações sociais de visitantes de parques e/ou unidades de conservação no Brasil. Além disso, numa busca na base de Teses de Dissertações da CAPES, pelos termos "representações sociais" AND "unidade de conservação", foram encontradas 14 pesquisas, entretanto, nenhuma delas tratando das representações sociais em unidades de conservação sob a perspectiva do visitante.

A pesquisa pretende colaborar para o esclarecimento sobre a contribuição de atributos do serviço e do atrativo turístico para a satisfação do turista, ou seja, nossa análise será centrada na perspectiva do turista/visitante, destacando elementos em relação ao conteúdo e estrutura, enfatizados do ponto de vista do usuário, sendo que, esta perspectiva é pouco explorada nos estudos nacionais. A pesquisa apresenta uma proposta relevante para a identificação dos pontos positivos e negativos, na visão do turista, sobre elementos que caracterizam determinados atrativos turísticos apoiada no que o destino representa para o turista, ou seja, identificar e relacionar os aspectos positivos e negativos dos atrativos, com o que o atrativo representa na percepção do turista/visitante. Além disso, o estudo visa identificar oportunidades e ameaças presentes em diferentes atrativos turísticos, o que pode colaborar para ações e programas de melhoria da oferta turística do PEIG e da região da Ilha Grande-RJ como um todo.

4 PROBLEMA DE PESQUISA

Uma pesquisa não se inicia pela mera observação ou qualquer tipo de mensuração e medida; ao contrário, surge da perplexidade do pesquisador ao perceber uma demanda a ser respondida. Para Severino (2017) a indagação científica tem princípio na percepção de uma situação-problema que envolve um objeto ou fator de estudo.

A questão que norteia esta pesquisa é: A partir do cenário do turismo praticado na região da Ilha Grande-RJ, tanto do ponto de vista da literatura, como do turista/visitante, que aspectos se sobressaem destes “olhares”?

A partir da questão anterior, outras questões emergem, tais como: O que vem sendo notado na literatura sobre o turismo praticado nos últimos anos da Ilha Grande-RJ? Quais são os atributos considerados relevantes pelos turistas/visitantes que frequentam os pontos turísticos de Ilha Grande-RJ? Quais as oportunidades e ameaças que estes atrativos possuem? Como o PEIG é percebido entre seus visitantes? Que elementos emergem da percepção dos turistas sobre os principais atrativos da região da Ilha Grande?

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

Identificar os principais problemas e oportunidades em torno dos atrativos da região da Ilha Grande-RJ na perspectiva do ecoturismo.

5.2 Objetivos Específicos

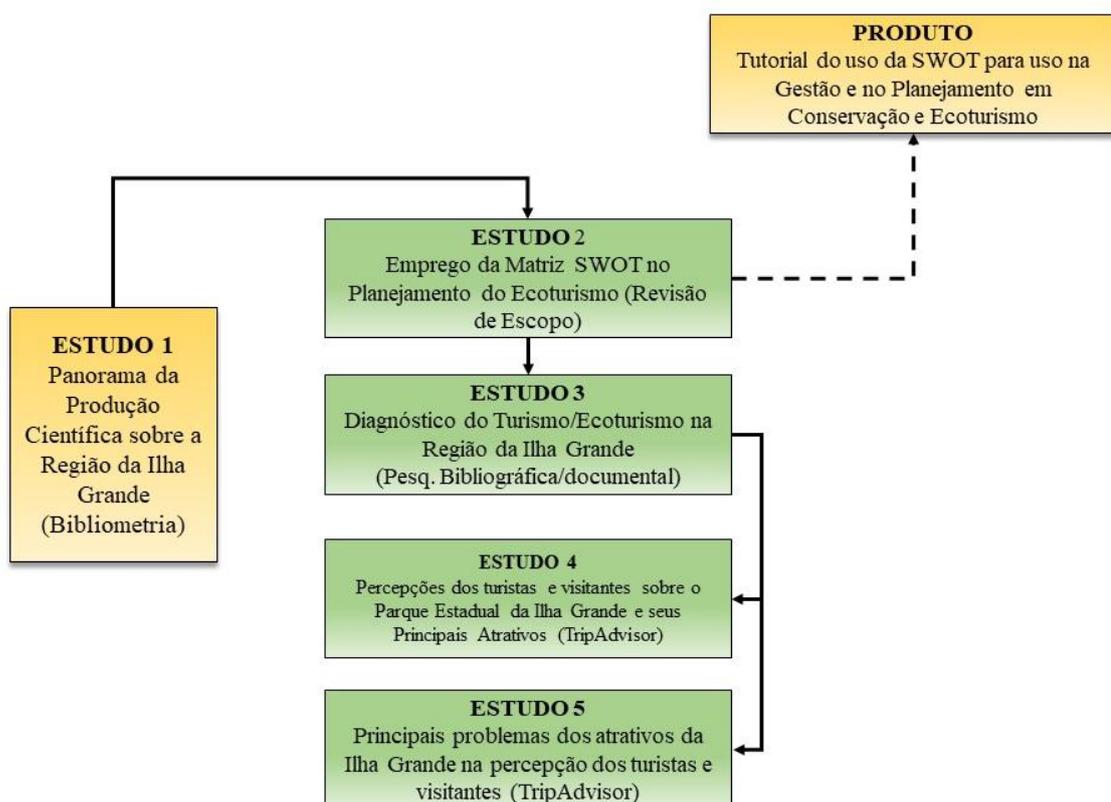
- Mapear a produção científica sobre a Ilha Grande, buscando-se compreender melhor o *status* atual, bem como as tendências a partir das pesquisas publicadas em revistas periódicos científicos, além de identificar lacunas na literatura de pesquisa e; fornecer dados básicos para direcionar pesquisas futuras nesta região, utilizando-se para isso de uma abordagem quantitativa, com o emprego da técnica da bibliometria.
- Mapear as evidências científicas sobre o uso da Matriz *SWOT* no processo de gestão e planejamento no ecoturismo, no intuito de fornecer uma visão abrangente sobre a Matriz *SWOT* e seus usos no planejamento do ecoturismo, assim como descrever os principais equívocos do no uso deste instrumento e; apresentar os principais aspectos para a construção de uma Matriz *SWOT*. Para este objetivo, foi adotado uma abordagem qualitativa e descritiva;
- Apresentar algumas reflexões sobre o desenvolvimento do ecoturismo na região da Ilha Grande, no Estado do Rio de Janeiro, território reconhecido por sua grande biodiversidade e por possuir diversas APs, delineando as atrações turísticas locais, identificando as oportunidades para o desenvolvimento do ecoturismo e, apontando os desafios para o desenvolvimento do ecoturismo na região. Este objetivo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica e pela proposição de uma Matriz *SWOT* para diagnosticar o turismo praticado na Ilha Grande;
- Identificar com base na teoria das representações sociais, as percepções de visitantes sobre o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) e seus principais atrativos, a partir das resenhas disponibilizadas no site TripAdvisor, no intuito de revelar os principais aspectos que caracterizam os atrativos sob o ponto de vista do visitante por meio de uma abordagem mista e;
- Por fim, objetiva-se investigar as principais causas de insatisfação dos visitantes dos principais atrativos do Parque Estadual da Ilha Grande-RJ (PEIG), a partir dos dados obtidos em resenhas no site TripAdvisor e uma investigação qualitativa.

6 DESENHO DE ESTUDO

Para alcançar os objetivos propostos na presente pesquisa, foram desenhados cinco estudos. O primeiro estudo, foi realizado por meio de uma análise quantitativa da literatura científica publicada até o ano de 2020, deste modo, optou-se pelo uso de técnicas bibliométricas para tal fim. Este estudo, teve por princípio, identificar as linhas de pesquisa que norteiam os estudos sobre a região da Ilha Grande e, especialmente realizar um

levantamento inicial destas pesquisas para nortear os estudos posteriores. O segundo estudo, tendo em vista mapear e descrever o uso da Matriz *SWOT* no processo de gestão e planejamento do ecoturismo, foi realizado por meio de uma abordagem qualitativa e descritiva, que envolveu uma revisão de escopo da literatura científica sobre o tema, publicada até o ano de 2020. O terceiro estudo, realizado por meio de uma abordagem qualitativa, que se utilizou da pesquisa bibliográfica e documental, para tratar do turismo praticado na região da Ilha Grande-RJ, onde para a sistematização dos achados, foi utilizada a Matriz *SWOT*, com base nos achados do segundo estudo. O quarto estudo, foi desenvolvido por meio de uma abordagem mista, envolvendo análises qualitativas e quantitativas sobre os atrativos da região da Ilha Grande-RJ obtidos por meio de avaliações *on-line* disponibilizadas no site *TripAdvisor*. Por fim, como forma de explorar os principais problemas relatados pelo olhar do visitante, foi desenvolvido um estudo qualitativo utilizando-se de avaliações negativas geradas, também obtidas no site *TripAdvisor*, mas neste caso, apenas dos atrativos que se encontram nos limites do PEIG. Na Figura 6, é apresentada o desenho esquemático dos estudos.

Figura 6 – Esquema Geral dos Estudos



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

7 PRODUTO TÉCNICO

Por fim, e como pode ser notado na Figura 7 apresentada anteriormente, também foi desenvolvido durante os estudos, um produto técnico, caracterizado como um manual de uso da Matriz *SWOT* para a gestão e planejamento do ecoturismo e conservação. O referido manual foi idealizado com base nas leituras sobre o uso da Matriz *SWOT* no contexto do ecoturismo e da conservação e, na identificação da falta de materiais e recursos que pudessem instruir gestores para o uso de tal ferramenta no suporte à gestão. Segundo o Relatório do Grupo de Trabalho sobre Produção Técnica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (2019, p. 54), um manual pode ser entendido como “um guia de instruções que serve para o uso de um dispositivo, para correção de problemas ou para o estabelecimento de procedimentos de trabalho”.

O manual desenvolvido buscou tanto apresentar o conteúdo, explicando de forma objetiva como se utilizar a Matriz *SWOT*, como também fornecer meios para que os gestores possam utilizar esta ferramenta. Desta forma, o manual além de apresentar conteúdos teóricos, também contou com exemplos e *templates* para que os gestores pudessem aplicar a ferramenta, caso desejassem. O manual pode ser acessado no seguinte link <https://doi.org/10.7910/DVN/6AGRXH>.

No intuito de avaliar a aplicabilidade do manual, foi elaborado um instrumento de avaliação do mesmo. O instrumento foi composto de algumas questões, abertas e fechadas, versando sobre o uso do manual e do seu conteúdo, assim como a avaliação da qualidade do mesmo. Para a construção do instrumento de avaliação (Anexo 1⁷), foram seguidas as diretrizes propostas por Leite (2018) e Rizzatti *et al.* (2020). Na construção do instrumento, foram considerados cinco componentes de perguntas como apresentados por Leite (2018), a saber: a atração (o quanto o material chama a atenção, o que poderia melhorar), a compreensão (isto é, o entendimento do conteúdo pelo público-alvo), o envolvimento (como o destinatário reconhece o material como algo destinado a ele), a aceitação (confirmação da aceitação da linguagem e do conteúdo) e a mudança de ação (como o material estimula uma mudança de olhar). Por outro lado, também foram utilizados os apontamentos propostos por Rizzatti *et al.* (2020) sobre a análise de produtos educacionais, incluindo aspectos como a complexidade, o impacto, a aplicabilidade, aderência e inovação devem ser considerados.

Cabe destacar que, por conta de seu caráter estritamente opinativo, a coleta de dados com o referido instrumento fica dispensado de apreciação por parte do Comitê de Ética em

⁷ O referido instrumento, nos moldes de aplicação, pode ser acessado em: <https://forms.gle/D2skiWgHrqHP2qor7>.

Pesquisa, visto que, não há uso de dados pessoais. Vale lembrar que, de acordo com o Art. 1º, parágrafo único da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016), não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP as pesquisas como de opinião pública com participantes não identificados, como foi o caso da avaliação do presente manual.

Para realizar a avaliação do manual, o instrumento de avaliação e o manual foram encaminhados para 410 *e-mails* de diversos gestores de unidades de conservação tanto federais, quanto estaduais de todos os estados do Brasil, obtidos em sites institucionais de cada Estado e no site do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. As respostas ao instrumento aplicado podem ser acessadas no seguinte link: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/11TmLspAPPYcBskC3bhcS3MpiU9H3Swiqy8bBOgPe80E/edit?usp=sharing>. Cabe destacar que, pelos resultados, o manual apresentou grande aceitação pelo público-alvo e possibilidades de expansão, como notado no interesse manifesto entre os respondentes de realizar um curso sobre os temas tratados no manual, demonstrando a possibilidade de expandir este para outros tipos de produtos.

ARTIGO 1 – Ilha Grande (Rio de Janeiro): Estudos e interesses de pesquisa sobre um refúgio da Natureza

Resumo

O presente artigo tem por objetivo, mapear a produção científica sobre a Ilha Grande, região localizada no litoral do Estado do Rio de Janeiro e caracterizada pela rica biodiversidade. Nosso intuito é sistematizar os estudos desenvolvidos numa área de especial interesse para a preservação da natureza e realização de atividades turísticas. Para tal propósito, foi desenvolvida uma análise bibliométrica da produção científica sobre esta região disponível na base científica *Web of Science*. Os estudos foram analisados com o suporte do software R utilizando a ferramenta *bibliometrix R-tool*. Ao todo, fizeram parte da amostra 129 estudos. Os resultados revelam um número crescente de estudos desde o ano de 1992, sendo especialmente crescente os estudos em anos recentes (2018 e 2020). A Universidade do Estado do Rio de Janeiro destaca-se, assim como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, como as instituições expoentes na pesquisa na região. Os temas tratados concentram-se nas temáticas sobre a mata atlântica, invasores biológicos, biomarcadores, entre outros. Notavelmente, a maior parte dos estudos concentram-se nas áreas de ciências ambientais, sendo poucos os estudos vinculados a outras áreas, o que demonstra algumas lacunas disciplinares. Apesar de o número de estudos conduzidos por pesquisadores nacionais ser muito superior aos estrangeiros, observa-se a participação de pesquisadores de países como os Estados Unidos. O desenvolvimento de estudos na Ilha Grande, são de especial importância para garantir a preservação da natureza nesta região, inclusive possibilitando o desenvolvimento de atividades como o turismo de forma sustentável, apesar deste tema ainda ser minimamente explorado nas pesquisas.

Palavras-Chaves: Área Protegida, Bibliometria, Biodiversidade, Parque Estadual da Ilha Grande, Rio de Janeiro.

1 Introdução

As áreas protegidas (APs), são importantes espaços para a preservação da natureza e para o desenvolvimento de pesquisas e atividades recreativas (BENSUSAN, 2006; FARIA; CASTRO; 2015; LEUNG *et al.*, 2019). O Brasil foi um dos primeiros países da América Latina a demarcar áreas de conservação, sendo seu primeiro parque, o Parque Nacional do Itatiaia criado em 1937 (ICMBio, 2013). Apesar de no Brasil, o processo de criação de APs ocorrer muito depois das primeiras iniciativas internacionais, como o Parque Nacional de Yellowstone, criado no Estados Unidos em 1872 e considerado o primeiro parque nacional do planeta, o Brasil teve uma ampla expansão deste modelo de conservação da natureza nas últimas décadas (DRUMMOND; FRANCO; OLIVEIRA, 2010; SEMEIA INSTITUTE, 2014).

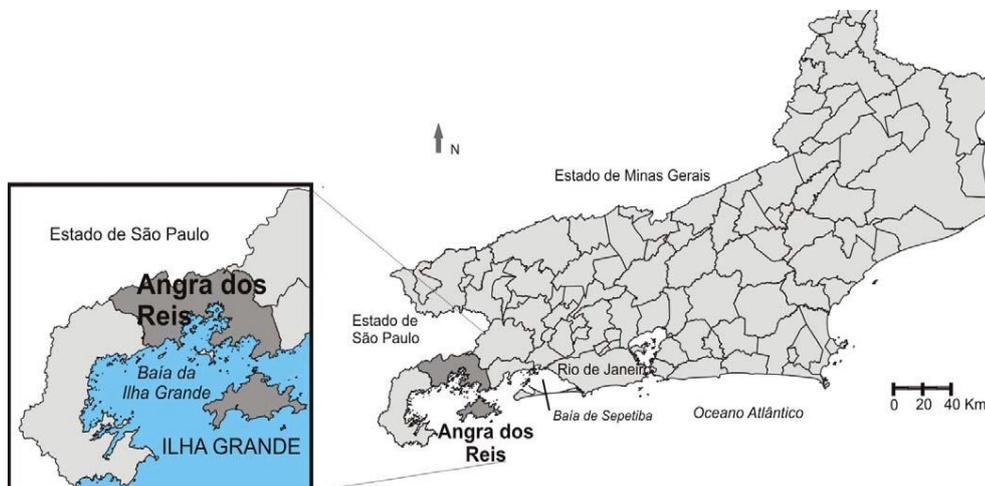
Atualmente existem diversas categorias de unidades de conservação (UCs) no Brasil, regidas pela Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC (BRASIL, 2000). No país existem ao todo 1004 UCs federais segundo dados do Ministério do Meio Ambiente

(2021), além das APs existentes em nível estadual e municipal. À nível estadual e municipal, encontramos diferentes cenários entre os Estados do Brasil referentes à presença de APs. Neste estudo, nos debruçaremos sobre o contexto das APs do Estado do Rio de Janeiro, mais especificamente, àquelas localizadas na região da Baía da Ilha Grande (BIG).

Com relação às áreas legalmente protegidas, o estado do Rio de Janeiro possuía aproximadamente 477.339 ha até o ano de 2018, que correspondem a 18 unidades de conservação federais e 39 estaduais (INEA, 2020a). No contexto nacional, o Estado do Rio de Janeiro é um exemplo da alta biodiversidade. Inserido no Bioma Mata Atlântica, o Estado representa uma área com alta diversidade de paisagens vegetais, com rica flora e fauna (COELHO *et al.*, 2017; INEA, 2020b). São várias as unidades geomorfológicas que compõem o Estado, que acompanhado de bacias hidrográficas, topografia, clima, solo e hidrografia, lhe proporcionam uma grande variedade de paisagens e, conseqüentemente, uma grande diversidade de paisagens vegetacionais e riqueza de espécies (COELHO *et al.*, 2017). Atualmente, estão catalogadas para a flora fluminense um grande número de espécies, subespécies e variedades, sendo 1.119 de Briófitas, 573 de Samambaias e Licófitas, duas de Gimnospermas e 7.181 de Angiospermas (BAUMGRATZ *et al.*, 2014).

A BIG, foco do presente estudo, está localizada no sul do Estado do Rio de Janeiro, na divisa deste com o Estado de São Paulo, entre duas cidades: Paraty e Angra dos Reis, e corresponde a uma área de cerca de 65,258 ha (Figura 1). A região possui grande beleza cênica, além de rica biodiversidade, o que a converte em um hot-spot de natureza (MITTERMEIER *et al.*, 2011; FERREIRA, 2013). A grande diversidade de fauna e flora são resultantes da distinta geomorfologia da região, que abriga uma variedade de habitats terrestres, de água doce e marinhos (BASTOS; CALLADO, 2009).

Figura 1 – Mapa de localização do município de Angra dos Reis e da Ilha Grande



Fonte: Xavier (2009, p. 12).

O clima local é tropical úmido, com média anual de temperatura superior a 19 °C (DIAS; BONECKER, 2008), 19-20 °C durante o inverno e 25-26 °C durante o verão (FIGUEIREDO *et al.*, 2016), com vegetação característica do bioma Mata Atlântica (LORENZON *et al.*, 2006). A região é caracterizada por enseadas, pequenas baías e numerosas ilhas, tendo uma boa vocação para o turismo e atividades de recreação, por conta disso, há uma série de empreendimentos e ocupações ao longo das encostas, ilhas e litoral, caracterizado pelo desenvolvimento desordenado (FERREIRA, 2013).

Por causa de sua privilegiada localização, a região está sujeita a diferentes impactos antropogênicos, que ameaçam sua diversidade, tais como a pesca intensiva, a ampla e desordenada ocupação de áreas costeiras, a geração de resíduos de diferentes origens, prática do turismo de forma não regulamentada, ampla circulação de navios etc. (ALHO *et al.*, 2002; CREED; OLIVEIRA, 2007; BASTOS; CALLADO, 2009).

Na região da BIG há um território de destaque, que compreende a Ilha Grande, que possui uma área de 193 km² e está localizada no município de Angra dos Reis (MANGELLI; CREED, 2012), sendo a terceira maior ilha da costa brasileira (ROCHA *et al.*, 2018). A ilha é coberta por vestígios de Mata Atlântica (CALLADO *et al.*, 2009), mas próximo à costa, os habitats foram modificados, especialmente pela intervenção humana (SANTOS *et al.*, 2007). A ilha pode ser dividida em dois lados, sendo um voltado para o continente (lado norte), parte mais habitada e; outra parte voltada para o oceano aberto (lado sul), de difícil acesso (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

O território da Ilha Grande tem fama mundial, por conta de suas paisagens e diversidade de ecossistemas naturais, que inclui florestas, praias, restingas, manguezais, além de riachos entre outros (OLIVEIRA *et al.*, 2018). No ano de 1992 este território foi reconhecido pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura como Reserva da Biosfera (INEA, 2010). Já no ano de 2007 o (Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) foi eleito como uma das sete maravilhas do Estado do Rio de Janeiro (BRAUN; AMORIM, 2015).

Por abrigar os principais remanescentes florestais da Mata Atlântica no Estado do Rio de Janeiro, a criação de APs tornou-se uma iniciativa estratégica para a conservação da biodiversidade que ainda existe nesta região (OLIVEIRA *et al.*, 2018). As APs contempladas na região da BIG são: Estação Ecológica de Tamoios (ESEC Tamoios) (Brasil, 1990); Área de Proteção Ambiental Tamoios (APA Tamoios); Reserva de Desenvolvimento Sustentável

do Aventureiro (RDS Aventureiro); Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul (RBEPS) e o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) (INEA, 2008).

Entre as APs da BIG, o PEIG é a mais representativa, especialmente em termos de tamanho e presença humana. O PEIG foi criado no ano de 1971 por meio do decreto nº 15.273 de 26 de junho daquele ano (Rio de Janeiro, 1971). Atualmente ocupa uma área de 12.052 ha e cobre 62,5% da área de terra na BIG (INEA, 2013). Recentemente, por conta de diversas mudanças na política ambiental brasileira, APs têm sofrido sérias ameaças (BERNINI, 2019; SILVA; SILVA; BORGES, 2019), inclusive a região da Ilha Grande e seu entorno, com propostas como a “Cancún Brasileira” (FIGUEIREDO, 2019) entre outras, que ameaçam a conservação desta região, além do desenvolvimento de diversas atividades antrópicas, que ano a ano têm impactado esse ecossistema.

Tendo em vista esse cenário, a pesquisa científica, torna-se um importante instrumento para a gestão de APs e, estas áreas são geralmente objeto de estudo de diversas pesquisas, para os mais variados fins. Atualmente, não há nenhum estudo que apresente uma visão geral das pesquisas desenvolvidas na área da Ilha Grande numa perspectiva bibliométrica, lacuna que a presente pesquisa procura preencher. O uso da análise bibliométrica, é um recurso que auxilia na determinação da estrutura de pesquisa e base de conhecimento sobre determinado tema (TAN; FU; HO, 2014; ZYOD; FUCHS-HANUSCH, 2017), identificando instituições, pesquisadores, periódicos, entre outros elementos, que auxiliem na caracterização de determinado tema/objeto (HALL, 2011; NUNKOO *et al.*, 2017).

A análise bibliométrica, é um método eficaz para sintetizar a produção científica e identificar a agenda de pesquisa de um determinado campo (PRITCHARD *et al.*, 1969; ALENCAR *et al.*, 2017), sendo comumente aplicada nas mais diversas áreas, inclusive na área ambiental, para os mais diversos assuntos, conforme pode ser notado nos estudos de Wu *et al.* (2018), Vélez, García e Tenório (2018), Xie *et al.* (2020), Shahriary, Gill e Langford (2020), Borges *et al.*, (2020), entre outros pesquisadores.

O presente estudo justifica-se pela necessidade de identificar o perfil das pesquisas que vem sendo desenvolvidas na região da Ilha Grande, de modo a caracterizar a participação da comunidade científica na região, apresentando o estado da arte da pesquisa e analisando as contribuições desta comunidade. Sabe-se que a pesquisa científica é um importante instrumento para a gestão de AP, assim, uma das formas de identificar as diferentes contribuições da ciência para a conservação da natureza é por meio do mapeamento das diferentes contribuições obtidas por meio de estudos científicos.

Desta forma, a presente pesquisa se propõe a investigar os estudos desenvolvidos na região da Ilha Grande, localizada no Estado do Rio de Janeiro. Especificamente, busca-se 1) caracterizar o status atual da pesquisa sobre a Ilha Grande, bem como as tendências a partir dos estudos publicados em periódicos científicos; 2) identificar lacunas de pesquisa e; 3) fornecer dados básicos para direcionar pesquisas futuras nesta região. Assim, nos propomos a responder a seguinte questão: como a pesquisa científica sobre a região da Ilha Grande, no Estado do Rio de Janeiro, tem evoluído ao longo dos anos em termos de temáticas e descobertas?

2 Metodologia

Para esta pesquisa, adotamos uma abordagem quantitativa (CRESWELL, 2010) por meio de técnicas bibliométricas. Como o objetivo central deste estudo é investigar a produção científica sobre a região da Ilha Grande, a metodologia da bibliometria, baseada numa abordagem quantitativa foi utilizada para analisar e caracterizar as pesquisas empreendidas na região, no intuito de apresentar um mapeamento científico (ARAUJO, 2006; COBO *et al.*, 2011).

Conceitualmente, podemos entender a bibliometria, como uma coleta, tratamento e análise de dados bibliográficos por meio de uma abordagem quantitativa sobre publicações científicas (VERBEEK *et al.*, 2002). De modo geral, a análise bibliométrica se propõe a identificar uma conexão sistemática entre publicações, que atribuem desenvolvimento ao campo de pesquisa em análise (DI STEFANO *et al.*, 2010). Existem duas vantagens principais associadas ao uso de método bibliométrico, a saber: “(1) análise objetiva de pesquisas anteriores e (2) replicabilidade - uma trilha de auditoria facilita a reprodução das descobertas emergentes da revisão bibliométrica” (OSHODI *et al.*, 2020, p. 02).

As análises bibliométricas utilizam técnicas avançadas para encontrar o impacto e a contribuição de publicações científicas e autores (BALL, 2017 *apud* SHAHRIARY; GILL; LANGFORD, 2020). Está técnica é adequada para identificar a evolução dos tópicos (temas) e conhecimento em uma área particular. Esta informação é útil para identificar lacunas no atual conhecimento e sugerir caminhos para novas pesquisas (OSHODI *et al.*, 2020). O fluxo de trabalho padrão sugerido nesses estudos por Aria e Cuccurullo (2017) e, adotado para o presente estudo é composto de cinco etapas: conceituação de pesquisa, coleta de dados bibliométricos, análise dos dados coletados, visualização e interpretação.

2.1 Coleta e Análise dos Dados

Os dados foram obtidos na base de dados *Web of Science*, no dia 21 de janeiro de 2021. Esse banco de dados é uma fonte abrangente de artigos publicados em periódicos acadêmicos (VISSER *et al.*, 2020). Além disso, a base de dados da *Web of Science* é uma base multidisciplinar, de qualidade comprovada e possui fontes valiosas de dados sobre citações entre outros dados bibliográficos (VAN RAAN, 2014; MOTKE, RAVANELLO; RODRIGUES, 2016). Destaca-se que, essa base disponibiliza diferentes tipos de produções científicas, tais como editoriais, resumos, trabalhos publicados em eventos, entre outros. No entanto, para esta pesquisa foram considerados apenas estudos do tipo artigo.

Não foi estabelecido um ano inicial para as buscas por estudos, mas foi delimitado o ano de 2020, com ano limite. Os termos utilizados para recuperar os estudos foram, juntamente com o operador booleano AND, os seguintes: "Ilha Grande" AND "Rio de Janeiro". Não se optou por utilizar os termos de busca em outros idiomas, tendo em vistas que são nomes próprios. A coleta de estudos na base *Web of Science*, utilizou-se a busca pelo filtro tópico, que inclui a busca no resumo, título, palavras-chave e *keywords plus*, sendo esta última um indicador da própria base. Não houve restrição de idioma na busca, assim estudos publicados em qualquer idioma foram considerados.

A busca inicial resultou em 137 documentos na base *Web of Science*, e posteriormente passaram a 134, tendo em vista que só foram considerados artigos para o presente estudo. Da mesma forma, os estudos foram analisados, no intuito de identificar aqueles que não se tratava da área de interesse do estudo (Ilha Grande-RJ), sendo estes excluídos (n=5). É importante observar que, no Brasil há outras áreas com a mesma denominação, localizadas nos Estados do Piauí e São Paulo, além do Parque Nacional de Ilha Grande, este situado no Estado do Mato Grosso do Sul. Ao todo, fizeram parte da amostra final 129 estudos. A partir desta amostra, foi criado um banco de dados (disponível em: <https://dataverse.harvard.edu/dataset.xhtml?persistentId=doi:10.7910/DVN/XBCUOK>), exportando o registro dos estudos para uma ferramenta de suporte à análise bibliométrica.

Para auxiliar na análise dos dados, os estudos identificados foram exportados para o *bibliometrix R-tool* (disponível em: <http://www.bibliometrix.org/>), um pacote R desenvolvido por Aria & Cuccurullo (2017), onde é possível por meio de um conjunto de ferramentas realizar pesquisas bibliométricas. O R é um ambiente de *software* estatístico que é integrado a um conjunto de aplicativos de *software* para a manipulação, tratamento e exibição de dados (CRAWLEY, 2007 *apud* RODRÍGUEZ-SOLER, URIBE-TORIL; VALENCIANO, 2020).

Neste estudo, os dados foram exportados no formato BibTex, que é um formato aceito para importação em Biblioshiny, um pacote para ferramentas *bibliometrix R-tool*, onde é possível filtrar e apresentar dados oriundos do *Web of Science* (ARIA; CUCCURULLO, 2017) e, posteriormente o documento foi convertido para formato Excel no próprio *bibliometrix R-tool* para a edição. As análises foram feitas seguidos alguns passos propostos por Baldam (2020). Na Figura 2, é apresentado o fluxo de trabalho de coleta e filtragem dos estudos.

Figura 2 – Sistematização da Busca por Estudos



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

As análises focaram em aspectos descritivos, sendo que, os resultados foram apresentados por meio de tabelas, gráficos, entre outras técnicas de visualização.

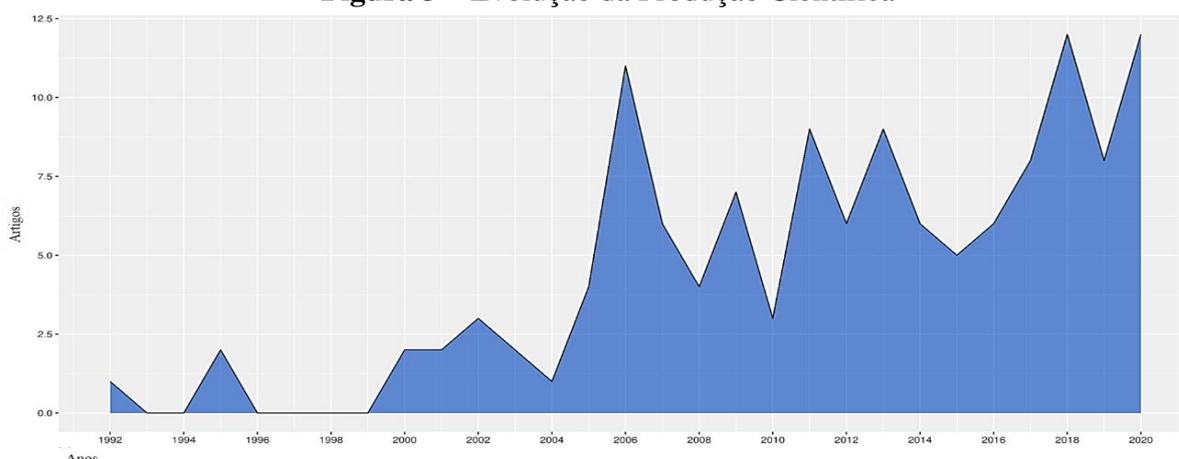
O presente estudo apresenta algumas limitações metodológicas, que não podemos desconsiderar. Primeiramente, a pesquisa se limitou a utilizar apenas uma base de dados (*Web of Science*), sendo assim, estudos não indexados nesta base ficaram de fora da amostra. Outra limitação, foi na estratégia de busca. Ao deixar de utilizar termos variados para a recuperação de estudos, provavelmente alguns estudos acabaram não sendo capturados pela estratégia adotada.

3 Resultados

Evolução da Produção Científica

Foram identificados 129 artigos, publicados entre os anos de 1992 e 2020. Mesmo havendo flutuação das publicações ao longo dos anos, é notório o crescimento dos estudos, com uma taxa de crescimento anual da ordem de 11,96% (calculada pelo pacote R, uma taxa de progressão geométrica com uma taxa de produção científica constante ao longo de um período). Na Figura 3, podemos notar a evolução da produção científica e a tendência de crescimento.

Figura 3 – Evolução da Produção Científica



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

De acordo com Price (1986), a produção cresce exponencialmente, sendo que em um período de 10 a 15 anos essa pode duplicar. Isso é observado no presente estudo, uma vez que, antes do ano de 2007 haviam 34 documentos, enquanto que, entre 2008 e 2020, foram publicados 95 estudos, sendo que os picos de produção foram observados em anos recentes: 2018 e 2020 com 12 estudos cada.

Produção por Periódico

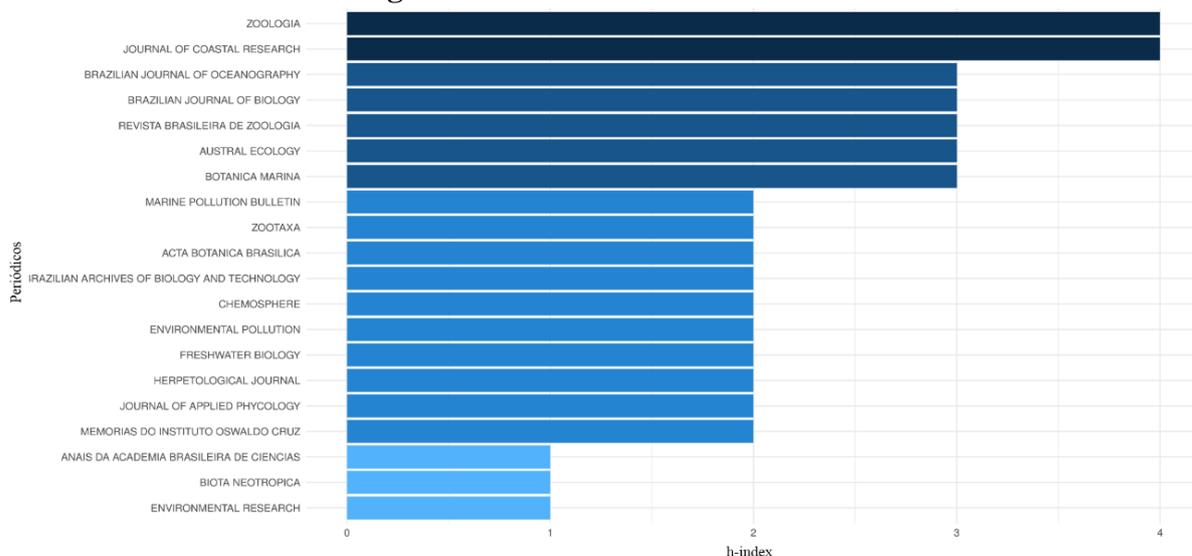
No que se refere ao número de fontes que publicaram estudos desenvolvidas na região da Ilha Grande, foi possível identificar 85 diferentes periódicos, sendo os mais produtivos descritos na Tabela 1 e os mais relevantes na Figura 4.

Tabela 1 – Periódicos com Mais Produção sobre a Região da Ilha Grande

Título do Periódico	Número de Estudos Identificados	País	h-index – SJR	Qualis CAPES
<i>Zoologia</i>	8	Brasil	29	B1
<i>Journal of Coastal Research</i>	6	Estados Unidos	84	B1
<i>Brazilian Journal of Oceanography</i>	5	Brasil	23	A4
<i>Brazilian Journal of Biology</i>	4	Brasil	49	A4
<i>Revista Brasileira de Zoologia</i>	4	Brasil	Obs.: Descontinuada em 2008	C
<i>Anais da Academia Brasileira de Ciências, Austral Ecology, Biota Neotropica, Botanica Marina, Marine Pollution Bulletin e Zootaxa</i>	3 (cada periódico)	Brasil, Reino Unido, Brasil, Alemanha, Reino Unido e Nova Zelândia	54, 84, 32, 54, 162 e 80	A2, A3, B1, A4, A1 e A4

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

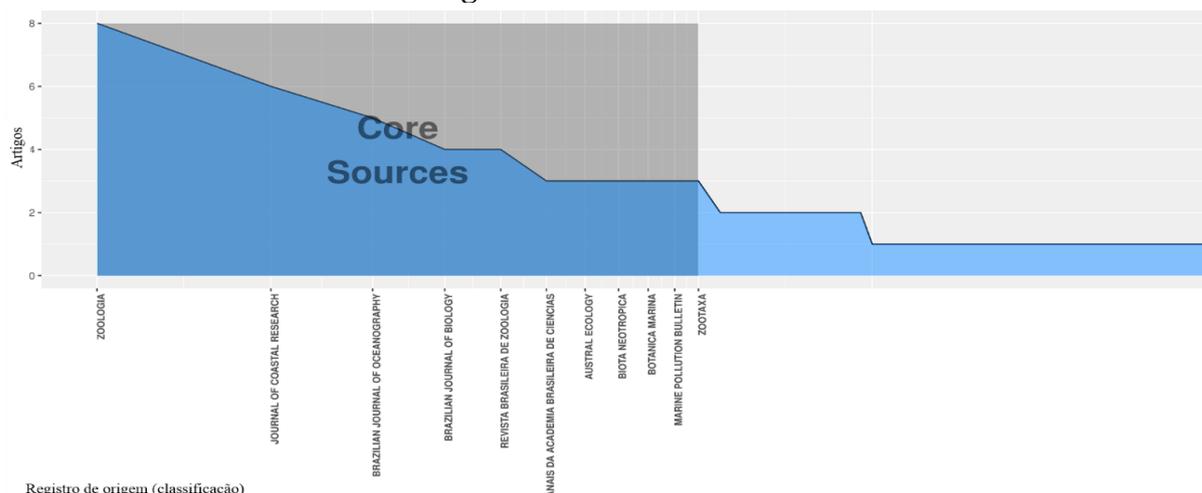
Figura 4 – Periódicos mais Relevantes



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

O periódico brasileiro *Zoologia*, destaca-se como o que apresenta o maior número de estudos ($n=8$). Na Tabela 1 também é possível notar o SJR: *SCImago Journal Rank*. O índice H ou índice de *Hirsch* “é calculado classificando as publicações pelo número de citações recebidas em ordem decrescente e listando-as para determinar o ponto em que o número do pedido corresponde ao número de citações recebidas” (DELLA CORTE *et al.*, 2019, p. 7).

Figura 5 – Lei de Bradford



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

distribuição de artigos por periódicos, conforme apresentado na Figura 5, não confirma totalmente a Lei de Bradford (BRADFORD, 1934). Esta lei afirma que, a distribuição científica relacionada a um determinado assunto é altamente desigual, com um pequeno número de fontes concentrando um grande número de publicações (ARAUJO, 2006), fato este não observado nos resultados. Como citado anteriormente, a produção científica

sobre a Ilha Grande, encontra-se disseminada por diversos periódicos, o que sugere que a pesquisa sobre a Ilha Grande tem tido uma natureza multidisciplinar.

Produtividade dos Autores

Atendendo a alguns indicadores sobre as características dos autores, observa-se que, quanto ao número de autores com publicações relacionadas à área de estudo da Ilha Grande, a Tabela 2 demonstra que apenas sete autores participaram de documentos como único autor (5,42% do total de estudos), sendo que a maioria participou em autoria múltipla com média de três (3,05) autores por documento. Isto indica que as pesquisas foram conduzidas no geral, por agrupamentos de pesquisadores.

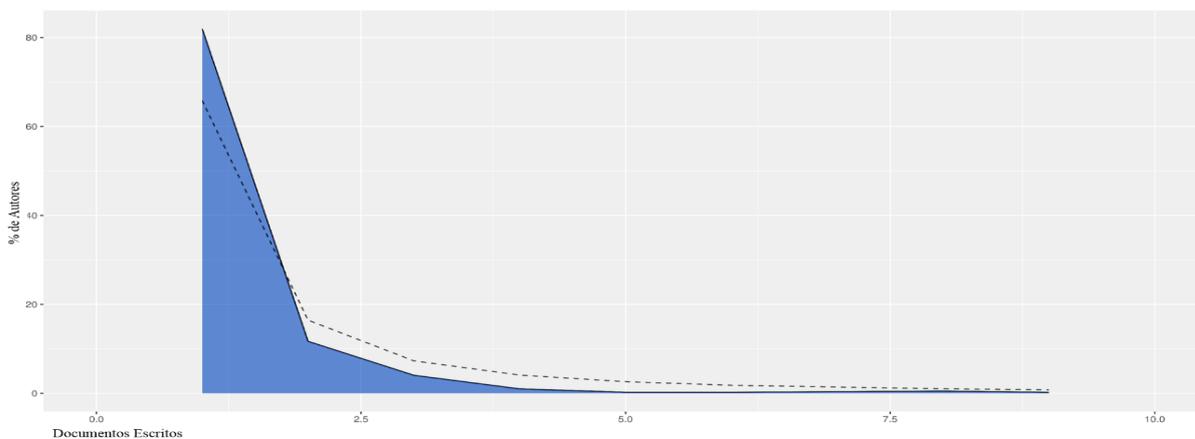
Tabela 2 – Conteúdo Geral dos Documentos

Aspecto	Quantidade
Autores	393
Autores de documentos de autoria única	7
Autores de documentos de autoria múltipla	386
Autores por Documento	3,05
Co-autores por documentos	3,98
Índice de Colaboração	3,19

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Analisando-se a participação dos autores, por meio da Lei de Lotka (Lotka, 1926), segundo a qual, um número baixo de autores faz uma maior contribuição para a pesquisa, enquanto um número maior de pesquisadores publica um único artigo (Araújo, 2006), foi possível notar que esta lei se confirma na presente pesquisa. Os resultados demonstram 81,9 % dos autores contribuíram com apenas um estudo. Na Figura 6, observa-se que muitos poucos autores contribuíram para um maior número de estudos.

Figura 6 – Lei de Lotka



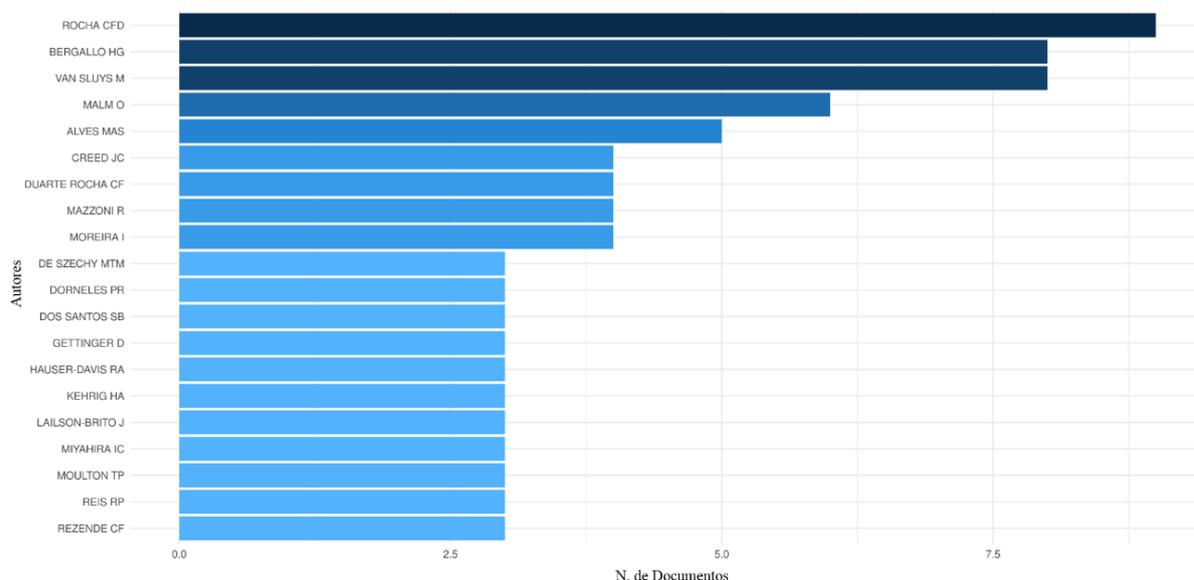
Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Dentre os autores, destacam-se Carlos Frederico Duarte da Rocha, com nove estudos publicados, Helena de Godoy Bergallo e Monique Van Sluys com oito estudos cada (Figura

7). A partir de dados obtidos no Currículo Lattes (disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br>) foi possível caracterizar estes autores. Rocha é graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutor em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), também é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e docente na UERJ desde 1988 dedicando-se a temáticas como ecologia de ecossistemas, conservação das espécies animais e ecologia aplicada.

Assim como Rocha, a segunda autora mais produtiva, Helena de Godoy Bergallo, também atua na UERJ desde 1996 e é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Bergallo é doutora e mestre em ecologia (UNICAMP) e graduada em Ciência Biológicas pela UERJ. Por fim, a terceira autora mais produtiva é Monique Van Sluys, que assim como os autores anteriores é doutora e mestre em ecologia pela UNICAMP e graduada em ciências biológicas pela UERJ. Apesar de também ter sido docente e pesquisadora na UERJ, Van Sluys atuou na instituição até o ano de 2013, quando passou a atuar pela Taronga Conservation Society Australia. Importante observar que, no caso destes três pesquisadores, todos oriundos da UNICAMP, demonstra a importância desta instituição na formação de pesquisadores na área de ecologia.

Figura 7 – Autores Mais Relevantes

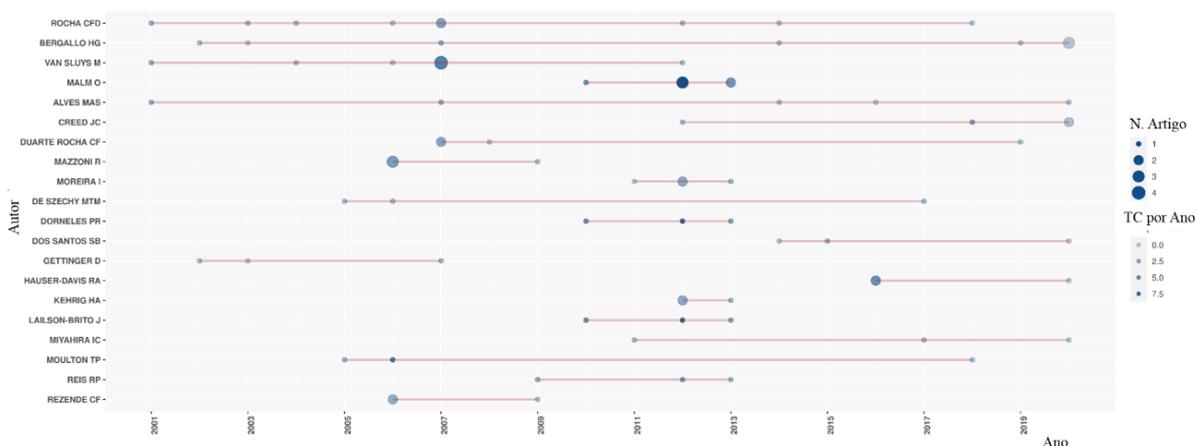


Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Na Figura 8, pode-se observar a distribuição da produção dos autores ao longo do tempo. A análise de citações bibliométricas é uma ferramenta útil para avaliar a produtividade e o desempenho dos autores (MUMU; TAHMID; AZAD, 2021). A distribuição apresentada na Figura 8 nos demonstra a trajetória e dedicação dos pesquisadores sobre os estudos na região da Ilha Grande. O tamanho das bolhas é proporcional ao número de documentos

produzidos por um autor por ano; a intensidade da cor da bolha é proporcional ao número total de citações por ano; a primeira bolha da linha indica quando o autor começou a publicar na área; quanto maior a bolha, maior o número de artigos publicados por autor por ano.

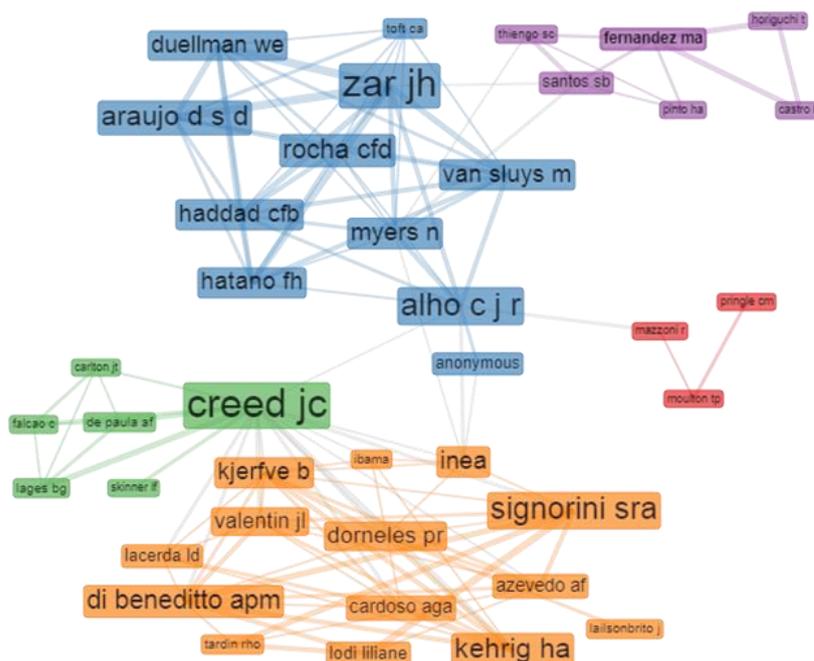
Figura 8 – Distribuição da Produção por Autor ao Longo do Tempo



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Além de relevar os pioneiros, a Figura 8 permite observar pesquisadores emergentes no contexto da Ilha Grande. Como pode ser notado, autores como Carlos Frederico Duarte da Rocha e Helena de Godoy Bergallo publicam estudos desde o início dos anos 2000, até o tempo presente momento, enquanto autores como Joel Christopher Creed e Igor Christo Miyahira têm desenvolvidos estudos na região destes os anos de 2010 até os dias atuais. Na Figura 9 é apresentada a rede de colaboração entre autores. Cada cor representa um grupo de autores colaboradores, onde podemos notar cinco grupos de colaboração.

Figura 9 – Rede de Co-citação entre Autores



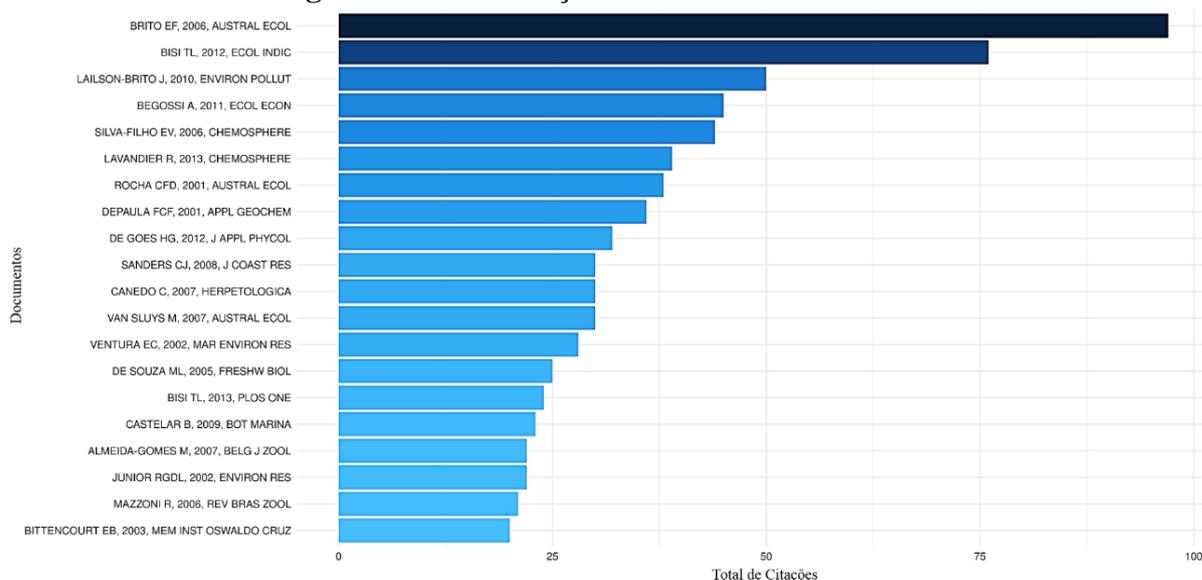
Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Na Figura 9 podemos notar três cluster em destaque: o verde, onde o autor Joel Creed, pesquisador vinculado à UERJ e que possui diversas pesquisas sobre a Ilha Grande possui o maior número de citações; o cluster laranja, com destaque para Sérgio Romano Signorini, que desenvolveu um estudo (SIGNORINI, 1980) sobre a maré, vento e circulação na Baía de Ilha Grande, estudo este que é utilizado em diversas pesquisas e; o cluster azul, onde temos o autor mais produtivo como destacado anteriormente (Rocha), mas com o destaque de Jerrold H. Zar, autor da obra *Biostatistical Analysis*, muito utilizada nos aspectos metodológicos das pesquisas que fizeram parte da amostra.

Documentos mais citados

Ao analisar os documentos de maior impacto, isto é, aqueles com maior número de citações, podemos observar os resultados na Figura 10, que destaca os vinte estudos mais citados e no Quadro 1 são descritos os cinco estudos mais citados. A média de citações por documentos é 10,08 enquanto, a média de citações por ano e por documento é de 0,89.

Figura 10 – Distribuição dos Estudos Mais Citados



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Quadro 1 – Detalhamento dos Cinco Estudos Mais Citados

Título do Documento	Ano	Autores	Periódico	Núm. de Citações	Descrição do Estudo
<i>Stable isotope analysis indicates microalgae as the predominant food source of fauna in a coastal forest stream, south-east Brazil</i>	2006	Brito et al.	<i>Austral Ecology</i>	97	Investigou a presença de isótopos estáveis de teias alimentares em riachos sombreados na Ilha Grande, através de amostras de insetos aquáticos, camarões e peixes.
<i>Trophic relationships and mercury biomagnification in</i>	2012	Bisi et al.	<i>Ecological Indicators</i>	76	Analisou as relações tróficas e o fluxo de mercúrio (um metal micropolvente, que aumenta de

<i>Brazilian tropical coastal food webs</i>					acordo com o nível trófico) através de teias alimentares do ecossistema costeiro da Ilha Grande.
<i>High organochlorine accumulation in blubber of Guiana dolphin, Sotalia guianensis, from Brazilian coast and its use to establish geographical differences among populations</i>	2010	<i>Lailson-Brito et al.</i>	<i>Environmental Pollution</i>	50	Analisou amostras de gordura de golfinhos da Guiana (<i>Sotalia guianensis</i>) na região da Baía de Ilha Grande no intuito de identificar a presença de organoclorados compostos (DDTs, PCBs e HCB) nestes animais.
<i>Compensation for environmental services from artisanal fisheries in SE Brazil: Policy and technical strategies</i>	2011	<i>Begossi et al.</i>	<i>Ecological Economics</i>	45	Tendo em vista a importância da pesca artesanal para o Brasil, o estudo propõe alguns mecanismos para a co-gestão da pesca, envolvendo tanto os atores locais como o poder público.
<i>Mercury deposition through litterfall in an Atlantic Forest at Ilha Grande, southeast Brazil</i>	2006	<i>Silva-Filho et al.</i>	<i>Chemosphere</i>	44	Investigou a transferência atmosférica de Hg (mercúrio) para o solo da floresta por meio da queda da serapilheira, onde identificaram que a transferência atmosférica de Hg por meio da serapilheira pode explicar uma fração maior da entrada total de Hg para solos florestais no Sudeste do Brasil.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Produção Institucional e Redes de Colaboração Institucionais

Na Tabela 3 são apresentadas as instituições mais ativas na produção de conhecimento sobre a região da Ilha Grande. A UERJ e a UFRJ são as principais delas, com 103 e 67 autores afiliados a essas instituições, respectivamente.

Tabela 3 – Produtividade por Instituição

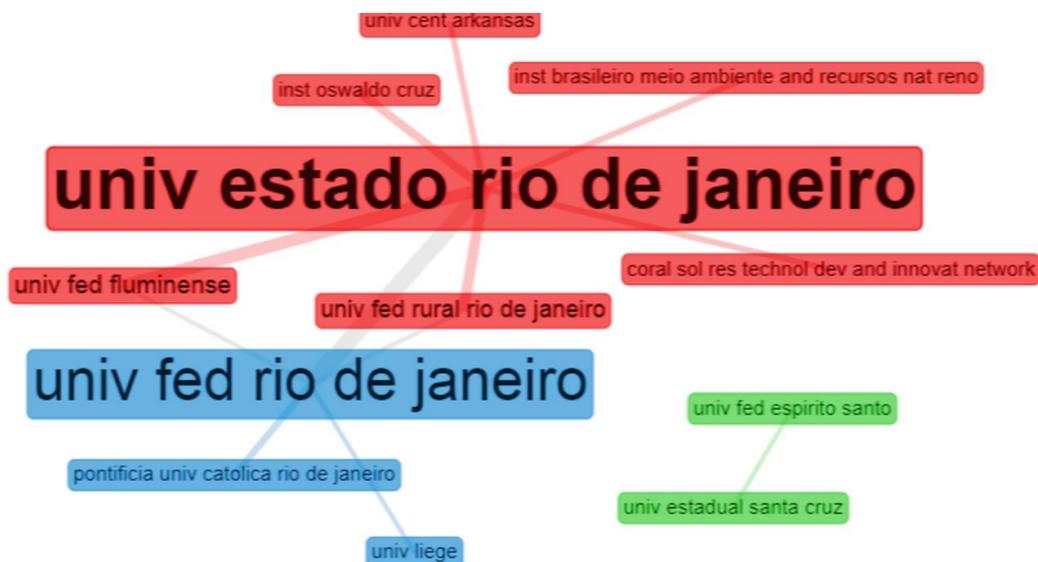
Instituição	Número de Afiliações	País
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	103	Brasil
Universidade Federal Rio de Janeiro	67	Brasil
Universidade Federal Fluminense	39	Brasil
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	25	Brasil
Instituto Oswaldo Cruz	12	Brasil
Universidade de São Paulo	12	Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	10	Brasil
Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro	5 (cada)	Brasil

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

As redes de colaboração em pesquisa, são um importante recurso para otimizar recursos diversos em prol da pesquisa. Na Figura 11, são apresentadas as redes de colaboração. Nela podemos notar a colaboração constante entre as instituições UERJ e a UFRJ, sendo poucas as colaborações com instituições nacionais e internacionais. Importante

destacar a centralidade da UERJ como a instituição com maior número de interações com outras.

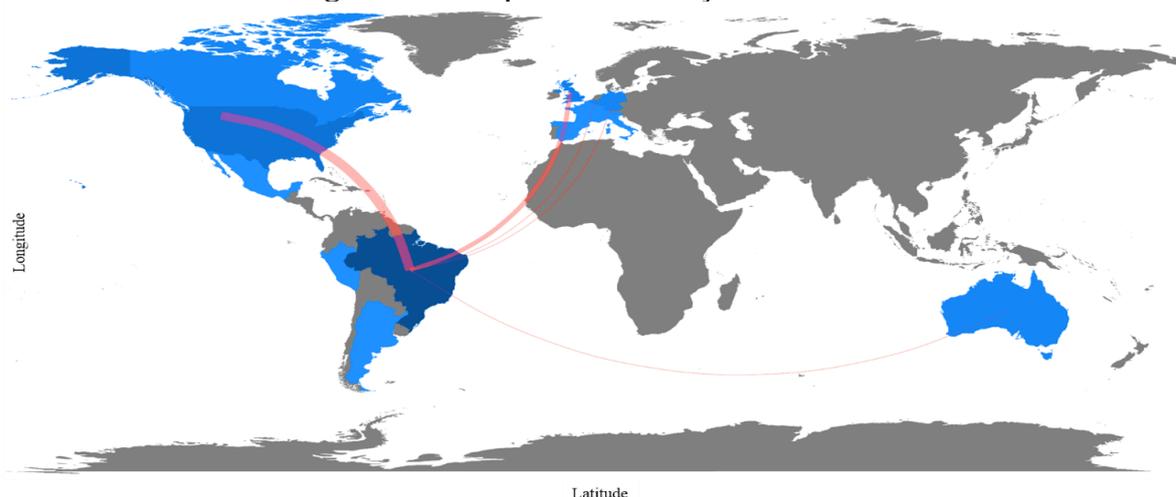
Figura 11 – Rede de Colaboração Institucional



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Como nota-se nos resultados, a grande maioria dos estudos são desenvolvidos apenas por autores brasileiros, mas há colaborações com pesquisadores de outros países, como Reino Unido, Austrália e especialmente os Estados Unidos (sete estudos). Na Figura 12 é possível observar o fluxo de colaboração entre países.

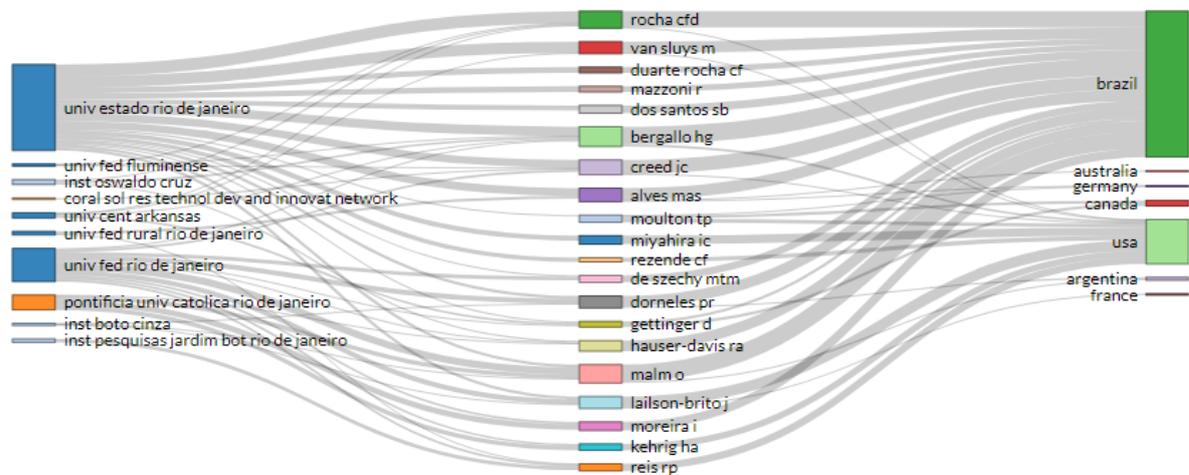
Figura 12 – Mapa de Colaboração entre Países



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Continuando a análise institucional, na Figura 13, apresenta-se a relação entre instituição, autores e países. Nela podemos observar a grande participação de instituições nacionais, especialmente a UERJ e a UFRJ, assim como os pesquisadores vinculadores às instituições.

Figura 13 – Relação entre a Instituição, Pesquisadores e Países de Origem



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Na Figura 13 acima, a ênfase é colocada na altura de cada caixa e na espessura das linhas de conexão; quanto mais alta a caixa, mais significativo; e quanto mais espessa a correlação das linhas, mais informação ou volume de trabalho foi produzido. Assim, podemos notar a participação das instituições, seus principais autores e o país de origem. A apresentação de três campos é uma ferramenta científica dinâmica e de mapeamento gráfico que ajuda a resumir todo o estudo bibliométrico em uma figura e mostrar a proporcionalidade entre os conteúdos (MUMU; TAHMID; AZAD, 2021).

A Figura 13 sintetiza o fluxo de produção institucional, demonstrando a participação da UERJ e de diversos pesquisadores vinculados a esta instituição, ao mesmo tempo que confirma a concentração de pesquisadores brasileiros atuando na pesquisa sobre a Ilha Grande-RJ.

Principais Temáticas

Inicialmente foram analisadas as palavras-chave mais frequentemente utilizadas nos estudos, tendo em vista que, as palavras-chave remetem aos temas tratados nas pesquisas. Na Figura 14 estão descritas as frequências e percentuais das 30 palavras-chave mais utilizadas.

Figura 14 – Principais Palavras-Chave



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Nota: *brazil* (brasil), *atlantic rainforest* (mata atlântica), *rio de janeiro*, *ilha grande*, *ilha grande bay* (baía de ilha grande), *atlantic forest* (floresta atlântica), *biological invasion* (invasão biológica), *abundance* (abundância), *guiana dolphin* (golfinho da guiana), *anura*, *diet* (dieta), *fish* (peixe), *invasive species* (espécies invasoras), *monitoring* (monitoramento), *atlantic* (Atlântico), *neotropical*, *south atlantic ocean* (oceano atlântico sul), *species* (espécie), *anura dos reis*, *biomarkers* (biomarcadores), *parasitism* (parasitismo), *anurans*, *biomonitoring* (biomonitoramento), *calling activity* (atividade de vocalização), *seasonality* (sazonalidade), *bioaccumulation* (bioacumulação), *community* (comunidade), *contamination* (contaminação), *cutaneous* (cutâneo) e *cutlassfish*.

A Figura 14 nos clarifica as principais temáticas tratadas pelos autores em suas pesquisas sobre a região da Ilha Grande. Nota-se que 51% dos temas utilizados remetem aos termos Brasil, Rio de Janeiro, Ilha Grande, Baía de Ilha Grande e Floresta/Mata Atlântica. É claro que, tais termos não nos apresentam a diversidade de temas, mas sim os termos menos frequentes, tais como monitoramento, golfinho da guiana, espécies invasoras, etc. A Figura 14 nos revela, que uma diversidade de temas não vem sendo explorados nos estudos sobre a Baía de Ilha Grande, revelando uma concentração de estudos apenas na vertente ambiental. O grande volume de estudos desenvolvidos na região da Ilha Grande contempla pesquisas significativas sobre a flora, fauna, biodiversidade, distribuição ecológica e biológica. No entanto, é baixo o volume de estudos sobre a gestão da Ilha Grande, e de temas como o turismo, dentre outros.

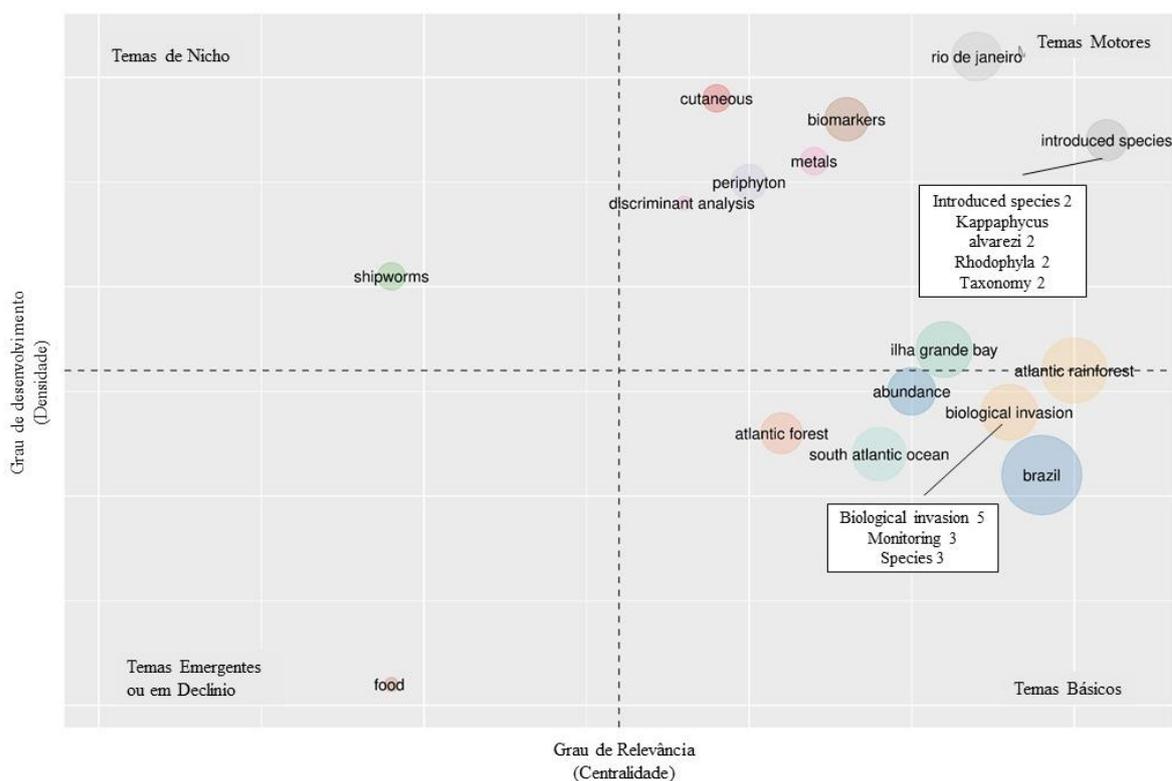
Nas Figuras 15 e 16 são apresentados quatro quadrantes temáticos (temas motores, temas de nicho, temas básicos e temas emergentes/declínio) com *clusters* de co-ocorrência de palavras-chave (ARIA *et al.*, 2020) representados por meio de duas medidas: centralidade e densidade. A centralidade diz respeito ao grau de interação de um *cluster* com outros *cluster*, enquanto a densidade refere-se à coesão interna de um *cluster* (COBO *et al.*, 2011). O eixo X representa a centralidade (ou seja, o grau de interação de um *cluster* de rede em comparação com outros *clusters*) e dá informações sobre a importância de um tema. O eixo Y simboliza a

densidade (ou seja, mede a força interna de uma rede de *cluster*, e pode ser assumido como uma medida do desenvolvimento do tema) (ARIA *et al.*, 2020).

Os temas motores são aqueles que apresentam elevada centralidade e densidade, sendo provavelmente temas tratados de forma regular e prolongada por pesquisadores. Os temas de nicho sinalizam as temáticas que estão emergindo e poderão tornar-se temas motores futuramente. Os temas básicos são aqueles que já são desenvolvidos a bastante tempo, mas encontram-se marginalizados. Por último, os temas emergentes ou em declínio são temas que necessitam de uma análise dinâmica para determinar sua contribuição para o campo de pesquisa (COBO *et al.*, 2011). Segundo Cobo *et al.* (2011) uma temática trata-se de um grupo de temas que evoluem em diferentes subperíodos.

O tamanho de cada cluster é proporcional às palavras que ele contém, sendo que o rótulo dado ao cluster, diz respeito à palavra usada com maior frequência no *cluster*.

Figura 15 – Mapeamento Temático (Palavras-chave)



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

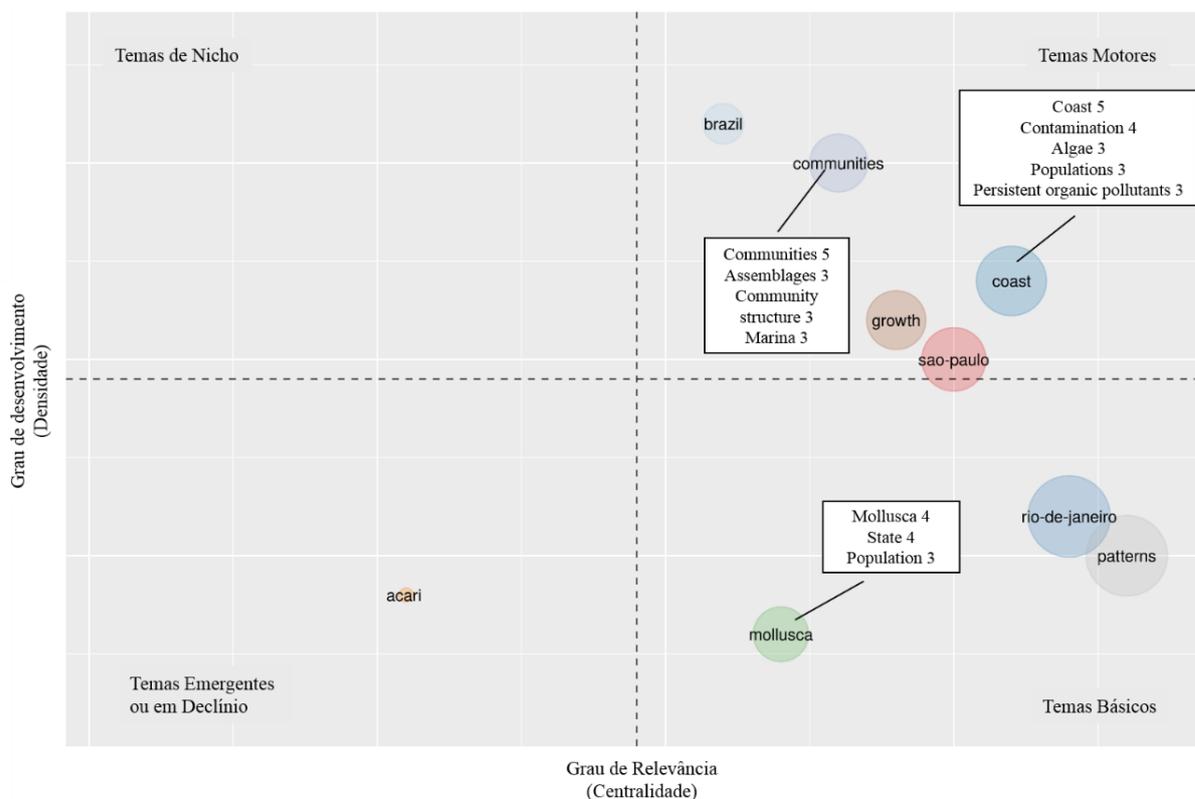
Nota: *Shipworms* (vermes marinhos), *food* (alimentos), *cutaneous* (cutâneos), rio de janeiro (Rio de Janeiro), *biomarkers* (biomarcadores), *metals* (metais), *discriminant analysis* (análise discriminante), *periphyton* (perifíton), *introduced species* (espécies introduzidas) *kappaphycus alvarezii*, *rhodophyta*, *taxonomy* (taxonomia), *ilha grande bay* (baía de Ilha Grande), *abundance* (abundância), *atlantic rainforest* (floresta atlântica), *biological invasion* (invasão biológica), *monitoring* (monitoramento), *species* (espécie), *atlantic forest* (mata atlântica), *south atlantic ocean* (oceano atlântico sul), *brazil* (Brasil).

Na Figura 15, podemos notar que, entre os temas motores destacam-se aqueles sobre a introdução de espécies, como é o caso da *Kappaphycus alvarezii*, um tipo de alga endêmica da

região Indo-Pacífico e, que foi introduzida na baía de Ilha Grande (BARROS-BARRETO *et al.*, 2013). Nesta mesma figura, podemos observar no quadrante de temas básicos, que invasão de espécies e a mata atlântica, tem sido temas mais frequentes nas pesquisas.

Na Figura 16, a análise foi desenvolvida com base nas *keywords plus*, que são palavras-chave geradas na base *Web of Science* a partir dos títulos de artigos citados, enquanto a Figura 15 anterior, foi desenvolvida a partir das palavras-chave dos estudos, indicadas pelos autores.

Figura 16 – Mapeamento Temático (*keywords plus*)



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Nota: Acari, *brazil* (Brasil), *communities* (comunidades), *assemblages* (coleção), *community structure* (estrutura comunitária), *marina* (marinho), *growth* (crescimento), são paulo (São Paulo), *coast* (litoral), *contamination* (contaminação), *algae* (algas), *populations* (populações), *persistent organic pollutants* (poluentes orgânicos persistentes), *mollusca* (molusca), *state* (estado), *population* (população), rio de janeiro (Rio de Janeiro), *patterns* (padrões).

Na Figura 16, podemos notar que as temáticas motoras, são aquelas relacionadas à contaminação e os estudos de comunidades. Enquanto as temáticas básicas, têm-se o destaque para o gênero *Mollusca*, tendo em vista que muitos estudos além de estudar moluscos, também estudam Gastropodas, que é uma grande classe taxonômica do filo *Mollusca*. Tanto na Figura 15, como na Figura 16, a falta de temas de nicho, pode sinalizar que as temáticas sobre a Ilha Grande não têm sofrido grandes alterações recentes, isto é, novas temáticas não têm surgido. Como hipóteses, podemos justificar tal aspecto pela falta de novas linhas de

pesquisa, tendo em vista que, os pesquisadores tendem a manter objetos e temas inalterados ao longo dos anos.

4 Discussões

O presente estudo, se propôs a examinar estudos desenvolvidos no contexto da região da Baía da Ilha Grande, no Estado do Rio de Janeiro. Especificamente, foi feita a análise da produção científica de autores, instituições, periódicos e temáticas. A primeira pesquisa publicada sobre a região foi o estudo de Falcão *et al.* (1992) sobre a flora marinha costeira na Ilha Grande e, desde então, a pesquisa na Ilha Grande vem apresentando uma produção crescente até o presente momento (2020). Este aspecto, deve-se a diversos fatores, entre os quais, destacamos o início das pesquisas na região, que só foram intensificadas a partir da década de XX, especial após a desativação de um presídio que existia na Ilha Grande (PRADO, 2006; ARAÚJO, 2010). Além disso, com a criação de APs como a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro e o Parque Estadual da Ilha Grande, a atenção para a pesquisa neste espaço foi aumentada. Outro aspecto relevante, trata-se do amplo crescimento do número de pesquisadores e investimentos em pesquisa na região nos últimos anos, pois nota-se que grande parte das pesquisas tiveram o financiamento de órgãos como o CNPq, FAPERJ entre outras agências de fomento, vitais para a viabilização de pesquisas na região.

A grande parte das pesquisas foi conduzida pela UERJ. Isso se justifica, pelo investimento em pesquisa e presença desta instituição no território da Ilha Grande, inclusive com instalações. Desde 1996 a UERJ possui sua estação de pesquisa na Ilha Grande (Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável – CEADS) destinado a dar suporte a diferentes pesquisas (ROCHA *et al.*, 2018). As colaborações, entre instituições, não são muito comuns. Como observado, as universidades UERJ e UFRJ, são as que produzem maior número de estudos em colaboração, sendo poucos os estudos em colaboração com outras instituições nacionais ou estrangeiras.

Quanto às temáticas tratadas, observa-se e, era de se esperar, que a temática ambiental se sobressaísse no montante de estudos coletados. É importante lembrar que, à nível mundial, o Brasil é um país que tem se destacado na pesquisa na área ambiental (CROSS; THOMSON; SIBCLAIR, 2018). Para Coelho *et al.* (2017), ainda há um grande desafio no avanço do conhecimento, por exemplo, da flora fluminense com a necessidade de se pesquisar áreas ainda pouco exploradas e realizar estudos taxonômicos sobre vários grupos botânicos e conhecer a riqueza florística de diferentes fragmentos remanescentes que integram o hotspot Mata Atlântica fluminense. Nota-se que, os resultados são condizentes com a divisão proposta

por Stab *et al.* (2009), ou seja, as pesquisas encontradas versam tanto sobre problemas voltados à conservação, quanto à compreensão de processos naturais ou mediados pelo homem, sem necessariamente ter uma aplicação direta sobre a conservação.

Para além do estudo da biodiversidade, há uma série de campos de estudo ainda pouco explorados na região. Cabe salientar que, como observado no estudo de Rafidimanantsoa *et al.* (2018), apesar de existir um bom volume de pesquisas sobre áreas de conservação, muitas vezes estas não estão sendo aplicadas para melhorar a prática de conservação, nos locais onde foram realizadas. Ao questionar gestores de APs em Madagascar, país localizado na parte oriental do continente africano, os autores observaram que, muitos gerentes não usam resultados de pesquisa regularmente para informar suas ações no local. É preciso entender que o objetivo da pesquisa de conservação é fornecer conhecimento para melhorar gestão ou políticas para enfrentar a crise de biodiversidade em curso; fazendo da tradução do conhecimento em ação um dos objetivos mais urgentes (FULLER *et al.*, 2014). Além disso, aumentar a comunicação entre pesquisadores e os gestores de APs podem aumentar a relevância aplicada de pesquisas conduzidas nas APs (RAFIDIMANANTSOA *et al.*, 2018).

Este estudo oferece a oportunidade para futuros pesquisadores, analisarem outros bancos de dados, como a base *Scopus* ou *Scielo*, por exemplo, obtendo um volume maior de artigos, inclusive podendo utilizar outros *softwares* adicionais como o *Vosviewer*. Por fim, as técnicas bibliométricas permitem uma série de análises, mas nesta pesquisa utilizamos apenas algumas delas. Outros estudos poderão realizar outras análises, utilizando-se de técnicas tais como a informetria, webometria ou a cienciometria.

5 Conclusão

A partir do presente estudo, foi possível identificar os principais temas de pesquisa sobre a região da Ilha Grande, assim como algumas características dos estudos desenvolvidos até o ano de 2020. O levantamento realizado, indicou que os estudos aumentaram nos últimos anos.

A análise dos periódicos revelou que o principal periódico utilizado para vincular estudos sobre a Ilha Grande foi o *Zoologia*, um periódico nacional. No entanto, a produção científica sobre esta região encontra-se pulverizada em 85 diferentes periódicos.

O presente trabalho demonstrou que a pesquisa sobre a região da Ilha Grande tem apresentado grande interesse por parte da comunidade científica. Instituições locais como a UERJ e a UFRJ, apresentam grande importância para a pesquisa na região, sendo assim, as expoentes. A colaboração científica internacional não é muito significativa na região, sendo mais comum entre pesquisadores locais, especialmente, aqueles vinculados às instituições

citadas anteriormente e presentes no Estado do Rio de Janeiro. Observa-se que há uma grande colaboração entre pesquisadores dentro da mesma localidade geográfica, assim evidencia-se a ausência de compartilhamento de conhecimento sobre o tema entre pesquisadores de outras comunidades.

Atualmente, os pesquisadores estão se dedicando às temáticas ligadas à ecologia, contaminantes e sobre a floresta/mata atlântica, ou seja, as pesquisas de modo geral, versão sobre a conservação do meio ambiente da região da Ilha Grande, tanto de seu território terrestre, como da área circundante como a BIG.

Além disso, os resultados do presente estudo destacam a necessidade de estudos multidisciplinares e que tratem de outros campos, como aqueles ligados às ciências humanas e sociais aplicadas. A população local, por exemplo, tem sido estudada de forma ainda tímida, tendo principalmente em vista, seu papel na conservação dos recursos naturais e culturais. Como a pesquisa local está focada em aspectos da biodiversidade, nota-se que temas sociais, pouco foram explorados nas pesquisas. E, sabendo-se do uso desta região para o turismo, fica nítido que a pesquisa sobre esse tema ainda é escassa.

Para futuros estudos, algo de grande valor, seria identificar as repercussões destes estudos para a região, seja para o desenvolvimento local ou para a gestão e ações de conservação.

ARTIGO 2 – Análise da Aplicabilidade da Matriz *SWOT* na Gestão e Planejamento em Ecoturismo – Uma Revisão da Literatura

Resumo

O presente artigo explora a ferramenta conhecida como Matriz *SWOT*, muito utilizada para diversos fins no processo de tomada de decisão, sendo empregada em diferentes contextos e áreas. Apesar de ser uma ferramenta muito comum na área de gestão de empresas, sua difusão fez com que adentrasse em diversos campos, tais como o turismo, que vem utilizando este recurso em diferentes processos de gestão e planejamento. Tendo em vista o uso da Matriz *SWOT* como ferramenta auxiliar no processo de gestão, o presente estudo por meio de uma revisão de escopo objetivou examinar como a Matriz *SWOT* tem sido utilizada na gestão e planejamento no ecoturismo, com a finalidade de sistematizar seus usos e aplicações, assim como as diferentes formas utilizadas para a sua elaboração. Os resultados indicam que, a referida ferramenta vem sendo utilizada com êxito para a gestão e planejamento de diferentes atividades turísticas com foco no ecoturismo, sendo que, seu uso atrelado a métodos quantitativos potencializa o resultado obtido. Além de fornecer recomendações sobre aspectos metodológicos e abordagens, a pesquisa apresenta os equívocos mais cometidos na utilização deste instrumento estratégico e suas diferentes possibilidades de uso, servindo como referência para gestores, planejadores e tomadores de decisão, no contexto do turismo sustentável, especialmente o ecoturismo.

Palavras-chave: Análise Estratégica; Gestão Ambiental; Turismo Sustentável.

1 Introdução

No presente estudo, nos debruçamos sobre uma das ferramentas mais utilizadas no processo de gestão estratégica, a Matriz *SWOT*. Para Chermack e Kasshanna (2007), a Matriz *SWOT* (“*strengths*”, “*weaknesses*”, “*opportunities*” e “*threats*” ou numa tradução livre: pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças) ajuda a identificar os problemas enfrentados em torno de uma determinada estratégia, seja para revisá-la ou para implementá-la. A *SWOT* é uma poderosa ferramenta, que pode ser aplicada a indivíduos, grupos, equipes, organizações ou planos/projetos (DAVID, 1997 *apud* CHERMACK; KASSHANNA, 2007). Diversos pesquisadores conhecidos na área da gestão estratégica, tais como Porter (1991) e Mintzberg (2009) defendem a Matriz *SWOT* como uma forma de realizar o alinhamento entre objetivos organizacionais, por meio da identificação de aspectos que interferem interna ou externamente sobre a organização. Desta forma e, pensando sobre o processo de tomada de decisão, o uso de ferramentas auxiliares com a Matriz *SWOT*, auxilia gestores a desenvolverem estratégias e ações mais fundamentadas.

Ao propor um olhar mais abrangente sobre a Matriz *SWOT*, nos desafiamos a apresentar o seu uso no contexto da gestão e planejamento no contexto do ecoturismo, abordando-a por meio de pesquisas que a utilizam, será possível melhorar a compreensão de

como fazer uso desta ferramenta de forma eficaz. De modo geral, a presente pesquisa oferece aos profissionais e interessados no ecoturismo, aspectos introdutórios sobre o desenvolvimento da Matriz *SWOT*. Vale lembrar que, no contexto do turismo sustentável, especialmente o ecoturismo, os gestores são confrontados com diferentes desafios (MARANHÃO; AZEVEDO, 2019), neste sentido, o conhecimento sobre as ferramentas disponíveis para auxiliar no processo de gestão, podem ser fundamentais.

Apesar de ser muito utilizada, a Matriz *SWOT* é um instrumento de gestão que não possui diretrizes muito bem definidas para sua elaboração. Esse instrumento tem sido aplicado como auxiliar no processo de gestão e de tomada de decisão em diferentes áreas, inclusive no ecoturismo. Tendo em vista sua popularidade e a falta de uma orientação sobre o seu uso, este trabalho apresenta uma sistematização sobre o tema no ecoturismo, indicando usos, métodos e aplicabilidades.

A Matriz *SWOT* também conhecida nacionalmente como Matriz FOFA pode ser aplicada para diferentes fins de gestão e planejamento. Neste contexto, o presente estudo visa examinar como a *SWOT* tem sido utilizada na gestão e planejamento no âmbito do ecoturismo através de um mapeamento das evidências científicas existentes na literatura, respondendo a seguinte questão: Como a Matriz *SWOT* tem sido utilizada para auxiliar na gestão e planejamento no contexto do ecoturismo? Especificamente, pretende-se: 1) fornecer uma visão abrangente sobre a Matriz *SWOT* e seus usos na gestão e planejamento do ecoturismo; 2) descrever os principais equívocos no uso deste instrumento e; 3) apresentar os principais aspectos para a construção de uma Matriz *SWOT*, além claro, de apresentar o panorama dos estudos científicos que empregaram a Matriz. Os objetivos aqui propostos, permitem discutir como o uso deste instrumento tem sido feito na prática da gestão no ecoturismo, de modo a indicar diretrizes, oportunidades de pesquisa e sistematizar o seu uso.

2 Referencial Teórico

2.1 Planejamento em Ecoturismo

O ecoturismo representa um conceito ambiental e econômico do turismo, e viabilizado por atividades turísticas de baixo impacto, participação local no processo de planejamento e ações de preservação e proteção das diversidades locais, sejam elas naturais, culturais ou históricas (DEMIR; ATANUR, 2019). Tal vertente do turismo é vista como um tipo de turismo alternativo ao turismo de massa, isto é, a um turismo globalizado, que atrai

grandes contingentes de turistas (URRY, 1996) e que tem por base a sustentabilidade (IBRET; AYDINOZU; BASTEMUR, 2013; IYE 2018).

Como o paradigma da sustentabilidade tornou-se uma máxima a ser alcançada em qualquer atividade, este também se tornou uma estrutura importante no turismo, sendo que o ecoturismo é visto com um elemento-chave na busca por um turismo sustentável (ZORLU; YILMAZ, 2020). E, dentre as vertentes do turismo, o ecoturismo é aquele que melhor dialoga com objetivos sustentáveis, como a conservação da biodiversidade, proteção ambiental, valorização das culturas tradicionais locais e melhoria econômica (COSTA; GOMES, 2014; ANUP, 2016 *apud* ASADPOURIAN; RAHIMIAN; GHOLAMREZAI, 2020) e, isso se reflete no seu crescimento ao longo dos últimos anos (AKBULAK; CENGIZ, 2014). O ecoturismo tem como princípios gerais:

“...minimizar o impacto, usar a educação ambiental para conscientizar, construir respeito ambiental e cultural, usar operações e gerenciamento sustentáveis, fomentar experiências positivas tanto para visitantes como para anfitriões, possibilitar apoio direto e benefícios financeiros para a conservação da natureza e propiciar benefícios econômicos e capacitação para a população local” (RANGEL; SINAY, 2019, p. 565).

De modo geral, o ecoturismo está orientado para gerar visitas em espaços naturais e de forma responsável, fomentando a conservação e a melhoria das condições de vida da população local (LÓPEZ SANTILLÁN; GUARDADO, 2012; VARGAS DEL RÍO; BRENNER, 2013). Desta forma, alguns fatores são importantes para o desenvolvimento deste tipo de turismo, tais como: a inserção produtiva de comunidades locais; educação ambiental; conservação de recursos naturais e menor degradação ambiental; conservação de espécies e do patrimônio cultural envolvidos (ASADPOURIAN; RAHIMIAN; GHOLAMREZAI, 2020).

As áreas protegidas são áreas potenciais para o desenvolvimento do ecoturismo, por conta de sua biodiversidade, características paisagísticas excepcionais, recursos naturais e patrimônio cultural das comunidades locais (AÇIKSÖZ *et al.*, 2016). Contudo, para explorar tais riquezas, a atividade do ecoturismo deve levar em consideração um planejamento adequado para o local, que contribuirá para a diminuição dos impactos ambientais causados especialmente na fauna e flora (SPAOLONSE; MARTINS, 2016).

São diversos os recursos naturais que podem ser explorados pelo ecoturismo, tais como montanhas, cavernas, praias, florestas, ruínas, entre tantos outros recursos naturais, além dos recursos culturais como artesanato, alimentos, eventos, entre outros. Embora nem

todos os recursos citados anteriormente estejam presentes em determinadas áreas onde o ecoturismo é desenvolvido, é fundamental determinar os recursos presentes e desenvolver sua gestão de forma sustentável (OKAN *et al.*, 2016).

Assim para viabilizar a atividade turística de forma sustentável, uma série de variáveis podem subsidiar o planejamento, gestão, monitoramento e avaliação dos impactos desta atividade no desenvolvimento das regiões turísticas (BRASIL, 2007). Como notam Cohen e Silva (2010), muitas vezes, os atores envolvidos no processo de planejamento do ecoturismo, carecem de uma visão estratégica, no sentido de considerar o ecoturismo como uma poderosa forma de incentivar o desenvolvimento local sustentável. No Quadro 1 são apresentadas algumas das variáveis mais comuns no planejamento do turismo sustentável e suas definições.

Quadro 1 – Variáveis Utilizadas no Planejamento Turístico Sustentável

Variável	Descrição
Sustentabilidade ambiental	A maneira de assegurar a compatibilidade do desenvolvimento com a manutenção dos processos ecológicos essenciais, bem como da diversidade dos recursos. (p.28).
Sustentabilidade econômica	É entendida como a garantia de um crescimento turístico eficiente: a conciliação entre a criação de postos de trabalho, com níveis satisfatórios de renda, e o controle sobre os custos e benefícios dos recursos, que garante a continuidade para as gerações futuras”. (p.32).
Sustentabilidade sociocultural	É um processo que visa à melhoria da qualidade de vida e redução dos níveis de exclusão social, por meio de uma distribuição mais justa da renda e dos bens. (p.35).
Sustentabilidade “político-institucional”	Refere-se à solidez e continuidade das parcerias e dos compromissos estabelecidos entre os diversos agentes e agências governamentais dos três níveis de governo e nas três esferas de poder, além daqueles atores situados no âmbito da sociedade civil. (p.41).

Fonte: Brasil (2007).

Como notado no Quadro 1, por mais que estas variáveis da sustentabilidade no turismo estejam separadas, não há como se pensar em sustentabilidade sem que exista uma integração entre todas estas. Estas funcionam como diretrizes gerais, que são basilares para o desenvolvimento de um planejamento do turismo numa perspectiva sustentável, tendo em vista, tanto os impactos negativos, quanto positivos decorrentes da prática do turismo. Neste sentido, a próxima seção se dedica a apresentar os usos da Matriz *SWOT* nos estudos do turismo.

2.2 A Matriz *SWOT* para Análise do Turismo

A Matriz *SWOT* apresenta um papel relevante na formulação de estratégias de desenvolvimento turístico de destinos, uma vez que, ajuda a estabelecer um diagnóstico confiável do potencial demonstrado por um destino turístico e seu ambiente (GORANCZEWSKI; PUCIATO, 2010).

O turismo tem ganhado grande importância econômica, principalmente em economias regionais de vários destinos, o que justifica uma política de turismo bem gerida

como prioridade. Estratégias regionais para o desenvolvimento do turismo, devem basear-se em análises confiáveis dos potenciais internos e externos do ambiente, e a Matriz *SWOT* possibilita isto (GORANCZEWSKI; PUCIATO, 2010).

No contexto do turismo, a *SWOT* é amplamente utilizada, o que é perceptível pelo número de investigações que utilizam esta ferramenta tanto no contexto nacional como no contexto internacional para os mais diversos fins de planejamento e gestão de atrativos, destinos turísticos etc. (ver: MORALES-FERNÁNDEZ; LANQUAR, 2014; AVILA *et al.*, 2015; GARCÍA REINOSO; CHILAN; YAMIL, 2017; ARÉVALO *et al.*, 2018; GARCÍA; QUINTERO, 2018; PFEIFF *et al.*, 2018). Cabe destacar o uso da ferramenta, tanto em nível micro quanto macro, como pode ser notado por diversos estudos.

Vladi (2014) desenvolveu uma análise do estágio do turismo na Albânia por meio do uso da Matriz *SWOT*, onde identificou diversos aspectos que limitam a atratividade turística deste país (por exemplo, a falta de estratégias para que os turistas possam ser promotores de uma imagem positiva da Albânia), assim como outros que poderiam ser explorados para aumentar o turismo na região (tais como a variedade de produtos turísticos presentes no território).

Como forma de auxiliar no processo de planejamento estratégico direcionado a um modelo de desenvolvimento de turismo sustentável, Sulistyad, Eddyono e Hasibuan (2017) também utilizaram a Matriz *SWOT* para estudar o caso de *Thousand Islands*, área turística de Jacarta na Indonésia, onde conseguiram desenvolver uma série de estratégias, que envolveram desde o reforço do compromisso entre as partes interessadas, o protagonismo das comunidades locais e o reforço dos princípios do turismo sustentável. Outro estudo que utilizou a Matriz *SWOT* para diagnosticar a sustentabilidade turística, foi o de Mondal (2017) que identificou que as atividades atuais de turismo em Bangladesh não estão adequadas a uma perspectiva sustentável do turismo.

Num estudo sobre a Lalibela, um patrimônio cultural da Etiópia, Nega (2018) aplicou a Matriz *SWOT* obtendo dados através de entrevistas, documentos e observações, identificando que, o referido patrimônio possui como principais fraquezas, a falta de profissionais, problemas orçamentários e falta de preocupação por parte da UNESCO; enquanto que, entre os pontos fortes estão: festivais únicos, estabelecimentos de qualidade, cultura indígena, 11 igrejas talhadas em rocha e topografia espetacular. Como destaca o autor, a partir dos achados, as partes interessadas do destino de Lalibela devem tentar identificar e minimizar as fraquezas e usar os pontos fortes e as oportunidades para garantir o desenvolvimento sustentável do turismo neste destino.

Mustika e Aditya (2018), investigaram a situação da uma vila turística, apresentando estratégias e diretrizes para desenvolver o turismo em Kampung Tajur, Pesanggrahan Village e Purwakarta (Indonésia) usando a Matriz *SWOT* e identificaram que, nas áreas pesquisadas observa-se que o limiar de vulnerabilidade para as áreas rurais pode ser extremamente alta devido à abertura aos turistas, tal situação requer revisão e apresentação de políticas apropriadas para aumentar pontos fortes, minimizar os pontos fracos e ameaças, assim como explorar as oportunidades locais.

Analisando pesquisas que aplicam a Matriz *SWOT* em destinos turísticos, é notória a importância da ferramenta para auxiliar a gestão em diferentes escalas (país, cidade, atrativo, etc.), assim como envolver as partes interessadas no desenvolvimento de planejamentos estratégicos com vistas a promover a atividade turística e de forma sustentável, por meio da identificação dos pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças à prática da atividade turística, além claro, de subsidiar o desenvolvimento de estratégias.

O desenvolvimento do turismo de forma sustentável apresenta muitos desafios e, enfrentar tais desafios é tarefa importante para os formuladores de políticas e para as comunidades envolvidas com a atividade turística, sendo que, a Matriz *SWOT* se apresenta como um instrumento com grande potencial para auxiliar no processo de gestão, planejamento e tomada de decisão.

3 Metodologia

A presente pesquisa foi elaborada com o objetivo de examinar o status do uso da Matriz *SWOT* na área do ecoturismo. Para isso, foi adotada uma revisão do tipo escopo seguindo a estrutura proposta por Arksey e O'Malley's (2005) descrita a seguir: (1) identificar a questão de pesquisa, (2) identificar estudos relevantes, (3) seleção de estudos, (4) mapear os dados e (5) agrupar, resumir e relatar os resultados.

Para os fins desta investigação, a revisão de escopo é tida como um tipo de revisão da literatura, onde almeja-se mapear a literatura sobre um tópico específico, buscando oferecer a oportunidade de se identificar conceitos, lacunas de pesquisa e fontes de evidências (DAUDT *et al.*, 2013). Deste modo, a análise é efetuada por meio de uma abordagem qualitativa e descritiva (LEVAC; COLQUHOUN; O'BRIEN, 2010).

3.1 Coleta de Dados

A coleta de artigos foi realizada no dia 24 de setembro de 2020 em dois repositórios de estudos científicos, a saber: *Web of Science* e *Scopus*. Estas bases foram selecionadas por serem amplamente conhecidas, por sua abrangência e diversidade de pesquisas, por conta da

qualidade dos estudos, tendo em vista que os melhores periódicos de diferentes campos científicos encontram indexados nestas e por abrangerem uma gama variada de disciplinas.

Para a coleta de estudos, não foram limitadas questões relacionadas a data, ou seja, não foi definida uma faixa temporal, mas foram coletados estudos publicados até o ano de 2020 e também foram aceitos estudos em quaisquer idiomas. A consulta consistiu em termos considerados pelos autores como descritores para recuperar estudos sobre a temática da Matriz *SWOT* no contexto do ecoturismo. Assim, uma busca generalista foi feita utilizando a seguinte estratégia de busca em ambas as bases, juntamente com os operadores booleanos AND e OR: (*SWOT* OR "*SWOT Analysis*") AND *Ecotourism*. Esta proposta de busca teve como diretriz restringir a busca por estudos que relacionavam o uso da Matriz *SWOT* com o ecoturismo. A consulta foi adaptada aos requisitos de cada banco de dados, assim, na base Scopus foram pesquisados os filtros título, resumo e palavras-chave, enquanto, na base Web of Science foi utilizado o filtro “tópico”. É importante destacar que, há uma vasta literatura sobre o uso da Matriz *SWOT* na perspectiva do turismo sustentável, que não foi considerada para este estudo.

Para a seleção de estudos, foi desenvolvida a leitura dos títulos e resumos dos artigos científicos, assim como a verificação do atendimento aos critérios de exclusão e inclusão estabelecidos, conforme apresentado no Quadro 2.

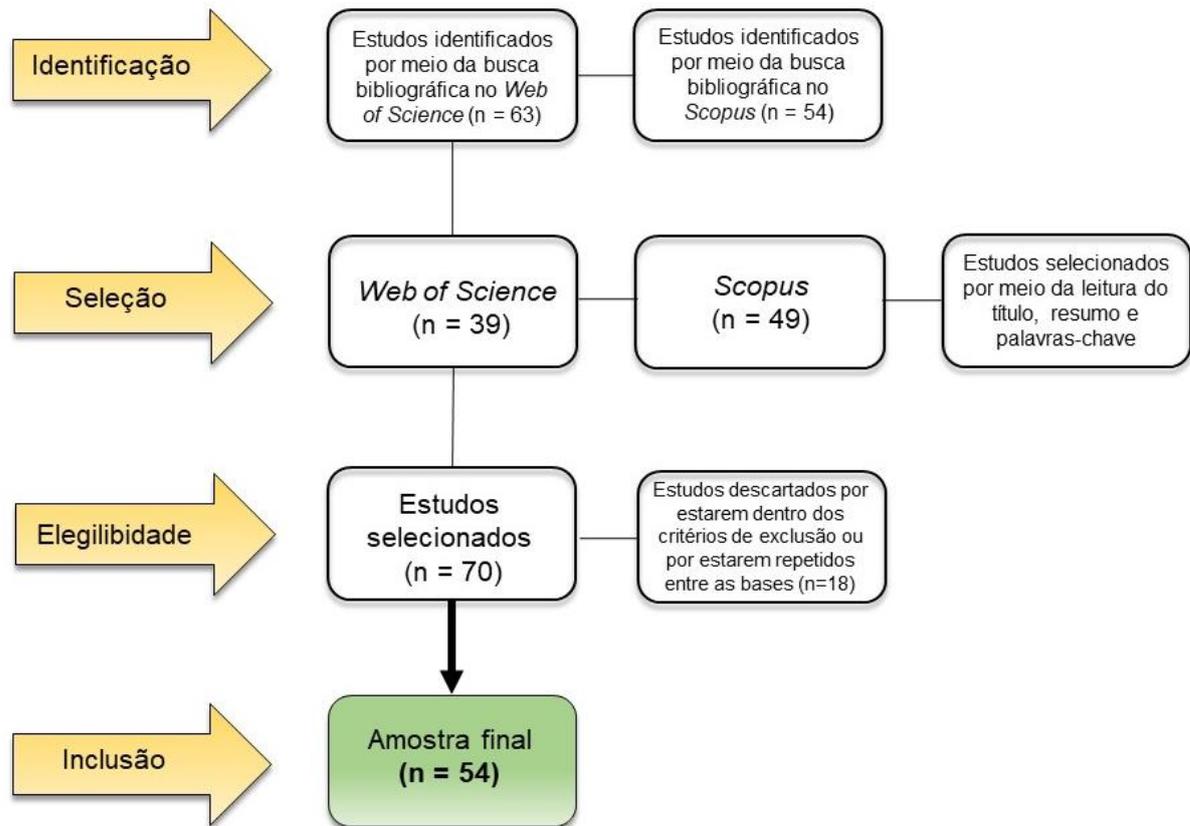
Quadro 2 – Critérios de Inclusão e Exclusão

Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
Artigos revisados por pares; Artigos empíricos, isto é, artigos onde a Matriz <i>SWOT</i> foi desenvolvida; Estudos publicados em inglês, português ou espanhol; Estudos que tratavam de objetos relacionados com o ecoturismo.	Publicações diferente de artigos, tais como resumos, editoriais, teses, dissertações, relatórios, resenhas, comentários, entre outros; Artigos que apenas referenciam a Matriz <i>SWOT</i> ou artigos apenas teóricos, sem descrever o processo de elaboração da ferramenta.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Depois de comparar os resultados dessas buscas, foram retirados os estudos duplicados, restando 54 artigos que atenderam ao objetivo da pesquisa. Como forma de aumentar o rigor metodológico, assim como a transparência, seguimos o modelo *PRISMA* para o *check-list* dos passos utilizados na pesquisa (TRICCO *et al.*, 2018). Na Figura 1 é apresentada a sistematização do processo de coleta dos artigos selecionados.

Figura 1 – Sistematização do Procedimento de Coleta de Estudos



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

3.2 Análise dos Dados

Os dados foram extraídos por meio de um formulário específico desenvolvido pelos autores no *software Microsoft Excel* (2013), seguindo as recomendações de Peters *et al.* (2015), no intuito de caracterizar informações como ano da publicação, periódico, país onde foi desenvolvido o estudo, objeto de estudo, fonte de dados, instrumentos de coleta e meios utilizados para desenvolver a Matriz *SWOT*, entre outras informações, como os principais achados dos estudos. Análises por meio de estatísticas descritivas foram feitas para resumir os dados.

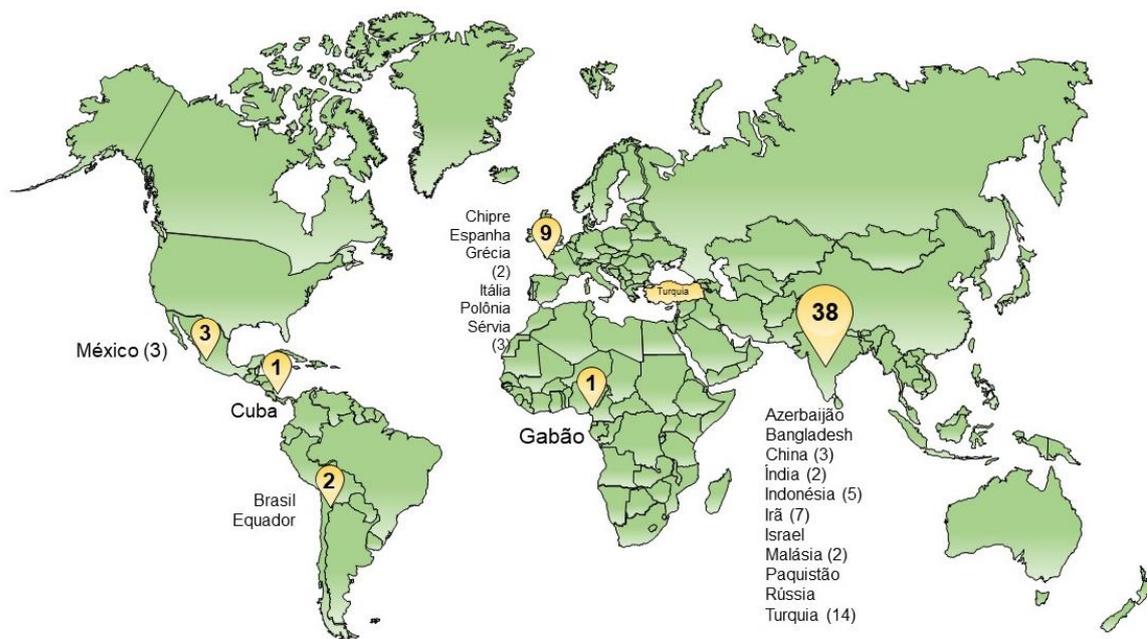
4 Resultados e Discussões

4.1 Matriz *SWOT* – Uma Ferramenta Qualitativa e Multifuncional

A Matriz *SWOT* tem sido utilizada em diferentes países para a gestão do ecoturismo, mas analisando a distribuição por continente, pode-se notar uma grande disparidade no uso, com destaque para o continente asiático, onde esta ferramenta, aparentemente, tem sido utilizada com maior frequência para o planejamento em ecoturismo. Neste ponto, chama a atenção o número de estudos que foram desenvolvidos na Turquia (n = 14). Cabe ressaltar que, a Turquia é um país que se divide entre dois continentes (Europa e Ásia), sendo que neste

estudo optamos por enquadrá-la na Ásia, por ser um país que não faz parte da União Europeia, além de ter a maior parte de seu território no continente asiático. O mesmo critério foi utilizado para a Rússia, sendo esta considerada pertencente à Ásia. Na Figura 2, é possível observar a distribuição dos estudos por continente.

Figura 2 – Distribuição dos Estudos Utilizando a Matriz *SWOT* por país/continente.

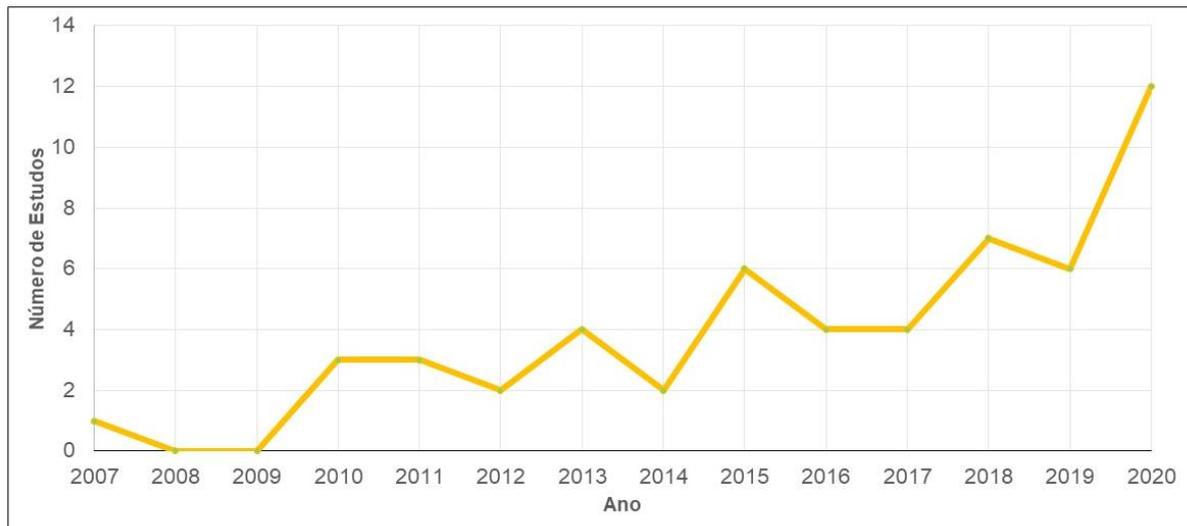


Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Nota-se pela Figura 2, que não há estudos desenvolvidos em países da Oceania e, existe apenas um estudo utilizando a *SWOT* no continente africano sendo poucos os trabalhos desenvolvidos em países das Américas ($n = 06$). Mas, deve-se considerar que o presente estudo se limitou a analisar duas bases de dados científicos, desta forma, não é possível generalizar os achados da pesquisa, pois podem haver estudos que estejam acessíveis apenas em outras bases.

Algo que também se destaca entre os resultados é o uso ainda novo da ferramenta, sendo que a maior parte dos estudos são posteriores ao ano de 2010 ($n = 53$), o que demonstra um uso recente na área, apesar de a ferramenta datar dos anos 70. Como pode ser notado no Gráfico 1, tem havido um crescimento do uso da ferramenta a partir de 2010.

Gráfico 1 – Demonstração da Distribuição Anual dos Estudos



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Quanto aos periódicos onde os estudos foram publicados, é possível notar uma grande variedade ($n = 43$), mas com destaque para o *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, com sete estudos utilizando a Matriz SWOT dentro da amostra final.

Os estudos revelam uma diversidade de usos da Matriz SWOT dentro do contexto do ecoturismo com objetos distintos, seja para o planejamento de atividades como a observação de pássaros (KRONENBERG, 2016), observação de tubarões (MEZA-ARCE *et al.*, 2020) avaliação e planejamento da prática do ecoturismo em áreas protegidas (APs) (RANDLE; HOYE, 2016; LY; XIAO, 2016; KANGAS *et al.*, 2016, ARSIĆ *et al.*, 2018). Também é possível notar o uso em diferentes escalas, tanto a nível local, como estudos aplicados a cidades (PIRSELIMOĞLU; DEMIREL, 2012; LESTARI *et al.*, 2019) e chegando a análises mais amplas, envolvendo países (MOSTAFAVI; JOZ, 2015). O uso da Matriz na gestão do ecoturismo, conforme observado pelos resultados é predominantemente utilizada para a gestão e planejamento de atividades de observação da natureza, planejamento do ecoturismo em biomas/territórios e, comumente para áreas de conservação da natureza, tais como parques.

Um estudo que utilizou a Matriz SWOT para avaliar o potencial para o desenvolvimento do ecoturismo, foi o estudo de Ching *et al.* (2020). Nele, os autores identificaram que o Planalto de Cameron na Malásia possui muitas oportunidades para desenvolver um turismo sustentável por meio do ecoturismo, tendo potencial para se tornar um grande ponto de ecoturismo na região, mas na análise empreendida pelos autores, foi possível notar que, atualmente as atividades não estão adequadas ao emprego do ecoturismo e

suas práticas. Como afirma Mugo *et al.* (2017) ao desenvolver uma Matriz *SWOT* é possível ter uma compreensão holística de diferentes fatores que podem afetar positiva ou negativamente a tomada de decisão e o planejamento estratégico.

A Matriz *SWOT* também pode ser utilizada para analisar atividades específicas, tais como a observação de pássaros. Kronenberg (2016), utilizou a ferramenta para analisar o potencial e o desenvolvimento da observação de pássaros na Polônia, onde identificaram uma abundância de espécies de pássaros e ecossistemas naturais intactos (pontos fortes) e infraestrutura turística subdesenvolvida e insuficiente informações sobre espaços poloneses de observação de pássaros (pontos fracos). A observação de pássaros, inclusive, é um dos segmentos do ecoturismo que teve maior crescimento nos últimos anos (CREST, 2015 *apud* KRONENBERG, 2016), sendo justificado o uso da Matriz *SWOT* para o seu planejamento estratégico, tendo em vista a exploração do potencial desta atividade.

Outro uso da Matriz *SWOT* no contexto do ecoturismo, é na formulação de indicadores para avaliação do desenvolvimento do turismo sustentável. Como proposto por alguns estudos (VAGIONA *et al.*, 2017; ASADPOURIAN; RAHIMIAN; GHOLAMREZAI, 2020), a Matriz pode ser um meio para se estabelecer indicadores, que refletem os pilares do desenvolvimento sustentável. Além disso, como alguns estudos demonstram (AKBULAK; CENGIZ, 2014; ANGGORO *et al.*, 2019; ZORLU; YILMAZ; 2020), a Matriz *SWOT* pode ser utilizada, inclusive, para determinar a viabilidade de implantação do ecoturismo em determinados destinos, na perspectiva da gestão sustentável da atividade turística.

Reihanian *et al.* (2012) analisando a estratégia para o desenvolvimento do turismo sustentável por meio da Matriz *SWOT* no Parque Nacional Boujagh, no Irã, notaram que as atividades existentes neste parque não atendiam os requisitos da sustentabilidade. Não por acaso, o instrumento é uma ótima forma de determinar, por exemplo, que atividades ecoturísticas são mais adequadas para cada área protegida, como feito no estudo de Celik (2018), no Parque Natural Balamba - Turquia, onde os autores, por meio de uma Matriz *SWOT* identificaram o turismo botânico, *trekking*, safáris fotográficos, safáris de bicicleta e observação de pássaros/borboletas como atividades mais adequadas a este parque, ou seja, a Matriz é de extrema utilidade para se determinar prioridades dentro de um processo de planejamento e gestão de atividades recreativas em parques. A Matriz *SWOT*, para além do seu uso no planejamento, também é uma forma de desenvolver um diagnóstico sobre determinada realidade, apreendendo os fatores que lhe afetam internamente e externamente.

Analisando por meio de uma Matriz *SWOT* o Parque Nacional de Caguanes em Cuba, Navarro-Martínez *et al.* (2020) identificaram entre os pontos fortes do parque a

diversidade de ecossistemas marinhos e terrestre e a diversidade de espécies importantes para a conservação; já entre os pontos fracos, foi notado a insuficiência no manejo de espécies invasoras, as falhas no sistema de trilhas (extensão, acessibilidade...), a deficiência na infraestrutura do parque e falta de especialistas e pessoal de apoio. Cabe destacar que, a *SWOT* também tem sido um instrumento importante para determinar a eficácia das estratégias de conservação em áreas protegidas (SCOLOZZI *et al.*, 2014).

A Matriz possibilita identificar fatores internos a determinado objeto, tais como recursos, capacidades etc. e classificá-los em pontos fortes ou fracos. Paralelamente, permite analisar e classificar fatores externos, tais como localização geográfica, disponibilidade de mercado e classificá-los como oportunidades ou ameaças (MEZA-ARCE *et al.*, 2020). Tal fim, permite o uso desta ferramenta para explorar estratégias possíveis de modo a desenvolver e consolidar forças ou superar fraquezas, ou seja, é um instrumento importante para enfrentar a mudança de ambiente dentro de uma perspectiva de planejamento estratégico e processos de tomada de decisão. Como defendido no estudo de Meza-Arce *et al.* (2020), o uso da Matriz *SWOT* permite que os atores envolvidos tenham uma visão geral sobre os aspectos fortes e fracos a serem considerados para melhorar sua gestão.

Como o planejamento e a ação em relação ao desenvolvimento do ecoturismo, pensando numa perspectiva sustentável, deve contemplar aspectos ambientais, sociais e econômicos, é necessário identificar e avaliar as áreas prioritárias para o desenvolvimento sustentável do ecoturismo, sendo assim, os estudos demonstram que a Matriz *SWOT* pode ser uma excelente ferramenta neste sentido. Algo relevante de ser pensado dentro do processo de planejamento estratégico de um determinado atrativo turístico utilizando a Matriz *SWOT* é a declaração da visão específica deste, isto é, o que se almeja com o planejamento, por exemplo, tornar determinada região um polo de ecoturismo etc. Ou seja, estabelecer o que se pretende com o uso da ferramenta, deve ser um objetivo inicial fundamental para justificar o uso da ferramenta.

Num segundo momento, como destacado em alguns estudos (MESTANZA-RAMÓN *et al.*, 2020; MALLICK; RUDRA; SAMANTA, 2020), o estabelecimento de questões norteadoras para a identificação dos elementos que vão compor a Matriz, também pode ser algo que contribua no processo. Isto é particularmente relevante, pois delimitar de forma clara, as questões que vão nortear a definição dos aspectos a serem desenvolvidos, é um passo inicial importante para o desenvolvimento da ferramenta. Ter a clara dimensão de que as questões captam aspectos internos e externos, ajudam a direcionar a identificação dos aspectos de forma mais precisa. No estudo de Mallick, Rudra e Samanta (2020, p.188), por

exemplo, os autores usaram questões tais como “O que leva os turistas a escolher este tipo de local?” e “Quais são os serviços disponíveis especialmente para os turistas?” para determinar os pontos fortes de Rameswaram no estado indiano de Tamil Nadu na perspectiva do desenvolvimento turística da região.

Ao desenvolver a Matriz *SWOT*, é importante estabelecer os limites da análise e, a identificação adequada dos aspectos que são inerentes ao ambiente interno e externo. Elencar questões é uma etapa preliminar do desenvolvimento da Matriz *SWOT* para a determinação dos elementos que vão compor cada quadrante para realizar uma Matriz *SWOT*, perguntas devem ser feitas para direcionar a identificação dos elementos que irão compô-la (COLLINS-KREINER; WALL, 2007). Além disso, ao analisar os aspectos que compõem a Matriz *SWOT* é relevante ponderar sobre o conteúdo de cada quadrante, isto é importante, pois por mais que se reconheça um aspecto como ponto forte, eles podem conter uma ameaça oculta, por exemplo (CHERMACK; KASSHANNA, 2007).

Após a definição dos objetivos e questões iniciais, cabe estabelecer as fontes de obtenção de dados e os instrumentos utilizados para a coleta destes. De modo geral, os estudos se utilizam de diversas fontes de informação para construir a Matriz *SWOT*, a saber: bibliografia (artigos, documentos oficiais, relatórios, leis, brochuras turísticas, estudos, entre outros); *experts* (neste grupo, há uma variedade de públicos, tais como acadêmicos, profissionais com anos de experiência na área), autoridades públicas, guias turísticos, habitantes locais, turistas, gestores envolvidos com o turismo, alunos de pós-graduação, representantes de organizações não governamentais, representantes de organizações estatais, empresários e ativistas.

A figura dos *experts* é muito presente no processo de construção da Matriz *SWOT*. Isso se justifica, por conta da necessidade desta ferramenta ser desenvolvida com base num determinado contexto e por pessoas, que além de compreendê-lo possam contribuir pensando sobre os diferentes temas e aspectos que estão inseridos no ambiente analisado. Por isso, justifica-se a inclusão de pesquisadores e gestores, como representantes da categoria *experts*. Como a Matriz *SWOT* é conduzida por meio de uma base qualitativa, seu uso depende do conhecimento e habilidades de competência no processo de planejamento (KAJANUS *et al.*, 2012).

A participação de equipes multidisciplinares, de diferentes áreas científicas e instituições na elaboração de ferramentas como a matriz *SWOT* fortalece o processo ao considerar diferentes aspectos do conhecimento científico, tradicional e da gestão ambiental (NAVARRO-MARTÍNEZ *et al.*, 2020). Ao selecionar os tomadores de decisão, o

conhecimento destes a experiência e o comprometimento com o local, são elementos mais importantes que o tamanho da amostra, segundo Saaty e Özdemir (2015).

Algo que colabora no desenvolvimento da Matriz *SWOT* é a participação de diferentes partes interessadas (stakeholders) no processo de identificação dos elementos que irão compô-la. Essa participação é importante, pois com a participação de diversos agentes, é possível não só obter uma visão mais holística sobre o objeto analisado, com também envolver todos os interessados de forma participativa no processo de gestão.

Metodologicamente, muitos estudos dentro da amostra analisada (n = 54) não deixam claro os métodos de coleta e tratamento de dados, além da fonte dos dados, o que inclusive limitou parte das análises destes estudos. Vejamos o exemplo do uso de grupos focais. Alguns estudos citam o método (por exemplo: AÇIKSÖZ *et al.*, 2016; ANGGORO *et al.*, 2019), mas não descrevem o número de participantes, o roteiro que conduziu a dinâmica do grupo, entre outros aspectos que deixam dúvidas sobre os modos como a técnica foi conduzida. O mesmo fato é observado em estudos (por exemplo: PIRSELIMOĞLU; DEMIREL, 2012; ARINTOKO *et al.*, 2020) que utilizam a técnica da entrevista, pois muitos deles, não especificam o tipo de entrevista e como foram feitas. Esses são alguns aspectos que fragilizam os estudos identificados nesta pesquisa.

Dentre os principais recursos utilizados para o desenvolvimento da Matriz *SWOT*, destacam-se: entrevistas, questionários, observações de campo, grupos focais, *workshop*, pesquisa documental (fotos, vídeos, gravações, sites, documentos oficiais). Destacam-se neste universo o uso de entrevistas (n = 20) e questionários (n = 20). Contudo, nota-se que, o *workshop* parece ser um instrumento mais adequado ao desenvolvimento de uma Matriz *SWOT* no que se refere ao nível de participação dos atores envolvidos, tendo em vista que por meio deste instrumento, a ferramenta pode ser desenvolvida de uma forma mais interativa e colaborativa, podendo envolver um conjunto diverso de atividades e um engajamento maior entre os participantes, como demonstrado no estudo de Kurttila *et al.* (2020). É claro que, muitos estudos utilizam estes e outros instrumentos de forma combinada, o que é uma forma de obter diferentes informações, oriundas de diferentes fontes.

Algo que se nota em diversos estudos da amostra, é a indicação da obtenção de dados por meio de documentos, tais como relatórios, documentos institucionais, entre outros. Contudo, alguns estudos não deixam claro que documentos foram utilizados. Isso também ocorre, quando os autores indicam a pesquisa bibliográfica como fonte dos dados. Ao indicar a busca bibliográfica ou revisão da literatura, o direcionamento fica muito abrangente, não sendo possível identificar quais tipos de bibliografias foram utilizadas.

Não há na literatura a indicação sobre a quantidade de fatores que devem ser apontados nos quadrantes da Matriz *SWOT*. Mas, de um modo geral, o que se nota nos estudos é uma variação no número de aspectos elencados em cada quadrante. É importante notar que, o estabelecimento de muitos fatores dentro da Matriz *SWOT* pode tornar a execução de planos mais complexa ou até inviabilizar estes, tendo em vista a variedade de estratégias e ações que poderão surgir a partir da Matriz. De modo geral, observa-se entre 10 e 20 itens indicados por quadrante.

A Matriz *SWOT* pode ser representada de diferentes formas. Dentro do escopo dos estudos analisados, observa o uso recorrente do formato de Tabela/Quadro (n = 46), como meio para apresentar os aspectos que compõem a Matriz. Também foi possível notar o uso de Gráficos (n = 2) e a apresentação dos aspectos de forma descritiva no corpo do texto do artigo (n = 6).

De modo geral, há na literatura estudos utilizando a Matriz *SWOT* de forma isolada para o desenvolvimento de estratégias, enquanto há outro eixo de estudos utilizando esta ferramenta, associada a outros recursos, como a matriz *TOWS*, lógica *fuzzy*, métodos quantitativos para priorização dos fatores obtidos na Matriz *SWOT*. Cabe ressaltar que, apesar de existir um modelo tradicional de uso da Matriz, por meio de quadrantes, já existem modelos híbridos, onde adiciona-se outros recursos a ferramenta, especialmente recursos quantitativos para aprimorar a ferramenta e análise de estratégias, onde se identifica as relações entre esses fatores e seleciona as estratégias com base no relacionamento entre estes. Inclusive, uma das desvantagens na elaboração da Matriz *SWOT* é a subjetividade envolvida em opiniões como satisfação, sentimentos e preferências individuais (DATTA 2018), por conta disso, ao longo dos anos, aperfeiçoamentos e outros recursos, especialmente quantitativos foram agregados nesta.

4.2 Agregando Números na Matriz *SWOT*

Uma das limitações da Matriz *SWOT* é sua incapacidade de determinar quantitativamente o peso e importância dos fatores identificados (MASOZERA et al. 2006; YÜKSEL; DAĞDEVIREN 2007; AKBULAK; CENGİZ, 2014), desta forma, o uso de ferramentas complementares, métodos multicritérios como o *AHP* (*Analytic Hierarchy Process*) ou o *QSPM* (*Quantitative Strategic Planning Matrix*) são algumas das formas de agregar uma análise quantitativa à Matriz e que vem sendo empregados nos estudos científicos. Por mais que a Matriz *SWOT* represente um instrumento qualitativo, esta pode ser quantificada por meio de métodos analíticos multicritério (DEMİR; ESBAH; AKGÜN. 2016) agregando confiabilidade e maior precisão ao método. Para Zorlu e Yilmaz, (2020), o uso de

métodos multicritérios juntamente com o estabelecimento da Matriz *SWOT* é uma forma aumentar a precisão da tomada de decisão dentro de processos de planejamento estratégico em ecoturismo, especialmente elencando pesos para os aspectos identificados.

Como destacam Ghorbani *et al.* (2015) e Arsić, Nikolić e Živković (2017), o uso de análises quantitativas no desenvolvimento da Matriz *SWOT*, colabora para a determinação das prioridades e dos fatores que possuem maior peso dentre aqueles elencados na matriz, proporcionando maior objetividade dentro do processo de formação de estratégias, tendo em vista que, muitas das vezes a Matriz é produzida apenas para elencar aspectos, sem estabelecer critérios claros para a ação, o que pode converter a Matriz numa ferramenta inerte.

O uso de coeficientes, atribuição de pesos e uma escala de pontuação, por exemplo, são algumas das formas de se atribuir valores aos aspectos identificados pela Matriz *SWOT*, de modo a estabelecer elementos prioritários para planos e ações. A priorização auxilia no estabelecimento de um *ranking* de prioridades dentro do processo de planejamento, o que é muito positivo para a etapa de desenvolvimento de estratégias. Dentre os estudos analisados, 22 deles adotaram algum recurso quantitativo para mensurar e priorizar os aspectos apontados na Matriz (Quadro 3).

Quadro 3 – Estudos Utilizando Recursos Quantitativos na Matriz *SWOT*

Autor (es)	País	Objeto de Estudo	Recurso Utilizado
Akbulak e Cengiz (2014)	Turquia	Parque Natural Histórico de Troia	Método <i>AHP</i>
Anggoro <i>et al.</i> (2019)	Indonésia	Águas marinhas de Bontang	<i>QSPM</i> , EFE e IFE
Arintoko <i>et al.</i> (2015)	Indonésia	Área de turismo Borobudur	<i>Survey</i>
Arsić <i>et al.</i> (2018)	Sérvia	Parque Nacional Djerdap	<i>Analytical Network Process (ANP)</i> ;
Arsić, Nikolić e Živković (2017)	Sérvia	Parque Nacional Djerdap	<i>Analytical Network Process (ANP)</i> ; <i>Fuzzy Analytical Network Process (FANP)</i>
Asadpourian, Rahimian e Gholamrezai (2020)	Irã	Província de Lorestan	Método <i>AHP</i>
Celik (2018)	Turquia	Parque Natural de Balamga	Método <i>AHP</i>
Ching <i>et al.</i> (2020)	Malásia	Planalto de Cameron	IFE e IFE
Datta (2020)	Índia	Mama Bhagne Pahar	Método <i>AHP</i>
Demir e Atanur (2019)	Turquia	Cidade de Iznik	Método <i>AHP</i>
Demir, Esbah e Akgün (2013)	Turquia	Cidade de Igneada	Método <i>AHP</i>
Ghorbani <i>et al.</i> (2015)	Irã	Pantanal Kaji Namakzar na Província de South Khorasan	<i>QSPM</i> , EFE e IFE
Kiş (2019)	Turquia	Cidade de Zonguldak	Método <i>AHP</i>
Lestari <i>et al.</i> (2019)	Indonésia	Vila de Pinge – Província de Bali	<i>QSPM</i> , EFE e IFE
Mallick, Rudra e Samanta (2020)	Índia	Rameswaram, Tamil Nadu	<i>QSPM</i> , EFE e IFE
Mostafavi e Jozi (2015)	Irã	Território iraniano	<i>QSPM</i> , EFE, IFE e Método <i>AHP</i>
Navarro-Martínez <i>et al.</i> (2020)	Cuba	Parque Nacional Caguanes	Escala de importância e eficácia (1 a 5 pontos)

Nouri, Arjmandi e Moshiri (2012)	Irã	Região de Darabad	<i>QSPM</i> , EFE e IFE
Öztürk (2015)	Turquia	Área de Proteção Natural de Sarikum	Análise de <i>Ranking</i>
Öztürk <i>et al.</i> (2013)	Turquia	Bacia Hidrográfica	Análise de <i>Ranking</i>
Ristić, Vukoičić e Milinčić (2019)	Sérvia	Parque Nacional Kopaonik	<i>Sustainable Rural Development Index (SRDI)</i>
Zorlu e Yilmaz (2020)	Turquia	Zona de Proteção Ambiental de Aksaray	Método <i>AHP</i>

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

O método *QSPM* é um método complementar para avaliar com precisão as melhores estratégias dentre as alternativas identificadas, aplicando informações de entrada, tanto externos quanto internos identificados na Matriz (DAVID, 1986). O *QSPM* é um método que permite decidir entre alternativas dentro do processo de formulação da estratégia (NOURI; ARJMANDI; MOSHIRI, 2012). Utilizar matrizes quantitativas como a *QSPM*, no desenvolvimento da Matriz *SWOT* fornece um método analítico para comparar ações entre alternativas viáveis (MALLICK; RUDRA; SAMANTA, 2020).

Um outro recurso utilizado em alguns estudos (ANGGORO *et al.*, 2019; HARIANTO *et al.*, 2020) e associado ao *QSPM* para estimar valores entre os aspectos indicados na Matriz *SWOT* é a tabulação dos fatores na Matriz *IFE* (*Internal Factor Evaluation*) ou matriz de estimativa de fator interno e na Matriz *EFE* (*External Factor Evaluation*) ou matriz de estimativa de fator externo. Os fatores são avaliados por meio de um painel, onde as partes interessadas atribuem uma pontuação (ANGGORO *et al.*, 2019). Neste processo os fatores recebem pontuações, pesos e são interpretados de acordo com os critérios estabelecidos (GHORBANI *et al.*, 2015).

O método *AHP* é um outro método de tomada de decisão multicritério utilizado para a Matriz *SWOT* (DEMIR; ESBAH; AKGÜN, 2016; DEMIR; ATANUR, 2019). Este método permite avaliar quantitativamente critérios qualitativos com certa simplicidade, elasticidade e eficiência na avaliação dos resultados (CORREIA *et al.*, 2011). Por meio deste método, é possível tomar decisões com base no estabelecimento de prioridades, o que é fundamental para o alcance de objetivos dentro do processo de planejamento (HALL *et al.*, 2014). O *AHP* permite que os tomadores de decisão atribuam prioridades para cada fator por meio da comparação de pares e auxilia no desenvolvimento de uma Matriz mais analítica (SHRESTHA; ALAVALAPATI; KALMBACHER, 2004; LESKINEN *et al.*, 2006).

O Método *AHP* pode ser utilizado na Matriz *SWOT* para classificar os componentes e os critérios, analisando assim estes de acordo com sua importância e, portanto, permitindo a quantificação e a leitura de critérios de forma específica (AKGÜN *et al.*, 2012). Deste modo,

o *AHP* permite converter dados verbais e subjetivos em algo numérico e dados para avaliação quantitativa (DEMIR; ESBAH; AKGÜN, 2016).

Segundo Saaty (1987) o método *AHP* permite a avaliação de variáveis qualitativas e quantitativas em conjunto. O uso do *AHP* é baseado no estabelecimento de uma hierarquia, que permite analisar múltiplos critérios (SAATY, 1980). Após a formulação da Matriz *SWOT*, é importante estabelecer critérios para determinar a decisão ideal, o que justifica o uso de outras ferramentas, como *AHP*, um método de comparação de pares que prioriza fatores usando escala de importância de nove pontos (Quadro 4), como sugerido inicialmente por Saaty (1980).

Quadro 4 – Escala de Importância Relativa

Intensidade de Importância	Definição	Explicação
1	Importância igual	Dois fatores contribuem igualmente para o objetivo.
3	Pouca importância de um sobre o outro	A experiência e o julgamento favorecem ligeiramente um ao outro.
5	Importância essencial ou forte	A experiência e o julgamento favorecem fortemente um em relação ao outro.
7	Importância muito forte ou demonstrada	Experiência e julgamento favorecem fortemente um sobre o outro.
9	Importância absoluta	A evidência que favorece um em relação ao outro é a mais alta possível validade.
2,4,6,8	Valores intermediários	Quando o compromisso é necessário.

Fonte: Saaty (1980).

O desenvolvimento da Matriz *SWOT* em conjunto com *AHP*, permite que a Matriz atinja uma visão mais analítica, pois os fatores *SWOT* qualitativos são quantificados, baseado em sua significância (KAJANUS *et al.*, 2004). O método *A'WOT* (abreviação de *AHP* + *SWOT*), apresenta uma perspectiva integrada e ajuda na concepção de um processo de planejamento estratégico, fortalecendo o lado quantitativo deste (KIŞI, 2019). Dentro do método híbrido da *A'WOT*, os passos básicos são: desenvolver a Matriz *SWOT*; comparar pares entre fatores *SWOT* usando o *AHP*; comparar pares entre os quatro quadrantes da *SWOT* usando *AHP* e, por fim, formular estratégias e processos avaliativos (KURTTILA *et al.*, 2000).

Posterior ao método *AHP* foi desenvolvido o método *ANP* (*Analytic Network Process*) que representa uma forma mais generalizada do método *AHP* e foi também desenvolvido por Saaty em 1996 (ARSIC *et al.*, 2018). De forma geral, o método consiste em duas partes: na primeira há uma hierarquia controlada ou rede de critérios e subcritérios e na segunda parte é estabelecida a influência entre os elementos e agrupamentos (ARSIC *et al.*, 2018).

Como forma de melhorar a qualidade da aplicação da Matriz *SWOT*, a quantificação dos fatores formadores de uma Matriz tem se expandido, como uma maneira de tomada de decisão em condições de incerteza (KHEIRKHAH *et al.*, 2014). Por conta da falta de termos de mediação e avaliação, a Matriz, embora permita o diagnóstico dos fatores que determinam o estado atual de um objeto em avaliação, acaba perdendo eficácia, por isso a necessidade de se agregar análises quantitativas em conjunto com a Matriz *SWOT*.

4.3 A Matriz *TOWS* para o Desenvolvimento da Estratégia

A Matriz *SWOT* não deve ser vista apenas como um agrupamento de pontos fortes e fracos, ameaças e oportunidades, por isso, são necessários desdobramentos posteriores a construção da Matriz (HELMS; NIXON, 2010). Como tratado anteriormente, o desenvolvimento da Matriz envolve uma série de etapas, instrumentos e abordagens, que podem ser apenas qualitativas, mas que ganham maior relevância quando associadas a métodos quantitativos.

Como pontua Koch (2000 *apud* CHERMACK; KASSHANNA, 2007), há muitos equívocos e conceitos errôneos sobre a Matriz *SWOT*, tais como acreditar que a *SWOT* tem uma capacidade analítica própria, sendo que na verdade esta é apenas uma estrutura analítica. A Matriz deve ser direcionada para a formulação de estratégia buscando minimizar ameaças e fraquezas e maximizar pontos fortes e oportunidades, para ser considerada uma boa estratégia (RAUCH, 2007).

Para além da identificação dos fatores que compõem a Matriz *SWOT*, alguns estudos também apontam para as estratégias que podem ser adotadas, a partir dos fatores identificados (TEHRANCHI; SHAFIEI; SHAGHAGHI, 2013; ÖZTÜRK, 2015; SUGITO *et al.*, 2019; ANGGORO *et al.*, 2019; HARIANTO *et al.*, 2020; ZORLU; YILMAZ, 2020). É salutar a relevância de se estabelecer as estratégias, logo após a determinação da Matriz para que esta não se torne ineficaz, tendo em vista que, isoladamente a ferramenta apenas apresenta um diagnóstico, sendo apenas um passo inicial para a posterior formulação de ações, planos, estratégias, etc.

A Matriz *TOWS* constitui outra importante contribuição para a Matriz *SWOT* dada por Weihrich (1982). Este autor propôs a Matriz (Quadro 5), como uma etapa posterior ao desenvolvimento da Matriz *SWOT*. A *TOWS* ajuda a descobrir os relacionamentos sistemáticos que existem entre forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, oferecendo desta forma uma estrutura para gerar estratégias com base nestas relações (WEIHRICH, 1982). De acordo com Weihrich (1982), a Matriz *TOWS* geralmente é empregada para auxiliar a análise

de informações no processo de sistematização de escolhas estratégicas, isto é, aquelas que serão priorizadas.

Quadro 5 – Matriz *TOWS* para o Desenvolvimento de Alternativas Estratégicas

	Forças internas (S)	Fraquezas internas (W)
Oportunidades externas (O)	<i>SO</i> : Estratégias “Maxi-Maxi” - Estratégias que usam como pontos fortes para maximizar oportunidades.	<i>WO</i> : Estratégias “Mini-Maxi” - Estratégias que minimizam as fraquezas aproveitando as oportunidades.
Ameaças externas (T)	<i>ST</i> : Estratégias “Maxi-Mini” - Estratégias que usam pontos fortes para minimizar ameaças.	<i>WT</i> : Estratégias “Mini-Mini” - Estratégias que minimizam a fraqueza e evitar ameaças.

Fonte: Weihrich (1982).

Na Matriz *TOWS* os elementos da Matriz *SWOT* são combinados (Quadro 5), assim tem-se as seguintes combinações: *SO* (forças-oportunidades) é a estratégia onde os pontos fortes são usados para maximizar oportunidades, isso implica que as condições são favoráveis; *WO* (fraquezas-oportunidades), onde fraquezas são minimizadas para tirar vantagens de oportunidades; *ST* (forças-ameaças) em que forças são usadas para minimizar ameaças e; *WT* (fraquezas-ameaças), uma forte relação entre fraquezas e ameaças indicam uma condição alarmante e uma necessidade de defesa estratégias (CHING *et al.*, 2020; DATTA, 2020).

A *TOWS* colabora com a *SWOT* no sentido de desenvolver estratégias maximizando os pontos fortes e oportunidades, minimizando as fraquezas identificadas (ASADPOURIAN; RAHIMIAN; GHOLAMREZAI, 2020) sendo que esta vem sendo utilizada por diversos estudos no contexto do planejamento de atividades, ações e projetos de ecoturismo, tais como nos estudos de Arsíc *et al.* (2017), Ching *et al.* (2020), Datta (2020), entre outros.

De maneira geral, analisando o processo posterior ao desenvolvimento da Matriz *SWOT*, a formulação de estratégias e ações dão continuidade aos aspectos identificados na Matriz, assim, alguns passos interessantes para o desenvolvimento de matrizes para fins de planejamento de atividades envolvendo o ecoturismo, seriam: 1) Identificação das direções (formulação de uma visão e estabelecimento de objetivos em projetos de ecoturismo); 2) Análise estratégica (análise do ambiente - neste ponto, a Matriz *SWOT* pode ser uma protagonista para se analisar atividades recreativas); 3) Análise das opções estratégicas (avaliação das alternativas, determinação de critérios de seleção, etc.) Neste ponto, a Matriz *TOWS* e a adoção de métodos quantitativos para determinar as prioridades, pode ser úteis; 4) Seleção da estratégia e; 5) Implementação da estratégia, desenvolvimento de planos de ação, determinação de sistemas de avaliação e monitoramento de indicadores.

5 Considerações Finais

A partir da análise empreendida, conclui-se que a Matriz *SWOT* é utilizada para diferentes objetos e em diferentes escalas dentro do ecoturismo. Assim, é possível utilizar a ferramenta, desde o planejamento de uma atividade vinculada ao ecoturismo, como a observação de pássaros, até o planejamento de diversas atividades a serem desenvolvidas em um espaço de conservação, como um parque.

A Matriz se propõe a auxiliar no processo de desenvolvimento da estratégia, sendo seu uso aplicado para a formulação de estratégias e ações. Neste sentido, deve ser entendida como um apoio ao processo de gestão, no sentido de compreender o cenário onde o objeto se encontra e como atuar neste. Utilizando a Matriz *SWOT* os planejadores têm em mãos uma ferramenta eficaz para analisar o seu ambiente.

Há na gestão e no planejamento em ecoturismo um bom espaço para a utilização da Matriz *SWOT* como um instrumento de suporte ao processo de tomada de decisão. Seja apenas por meio do desenvolvimento de uma Matriz de forma qualitativa ou agregando análises quantitativas a esta, a ferramenta se mostra propensa a auxiliar os tomadores de decisões a determinar os principais elementos a serem focados dentro de uma estratégia.

O presente estudo forneceu uma descrição da ferramenta e de seu uso aplicado ao ecoturismo. Para isso, foram analisados alguns estudos que utilizaram a Matriz *SWOT* em diferentes contextos. Neste sentido, observamos que, a Matriz é uma ferramenta que tem sido incorporada no contexto do ecoturismo nos últimos anos, especialmente em países asiáticos.

Foi notado que, a Matriz *SWOT* vem sendo utilizada com bons resultados, mas com uma série de limitações do ponto de vista da sua elaboração. Como visto, muitos estudos não deixam claro o seu processo de produção, seja não indicando as fontes de dados ou utilizando fontes de dados restritas e ainda, utilizando instrumentos que limitam o desenvolvimento da ferramenta. Apesar das restrições qualitativas da Matriz, foi observado que esta limitação pode ser superada pelo uso paralelo de outros métodos auxiliares ao desenvolvimento da Matriz *SWOT*, especialmente métodos quantitativos, que buscam estabelecer prioridades dentro dos fatores apontados pela *SWOT*.

Ao desenvolver a análise dos artigos que se utilizam da Matriz *SWOT*, foi notado que faltam pesquisas destinadas aos benefícios e ganhos identificados pelo uso da ferramenta. Outro tipo de estudo que seria de grande relevância, são aqueles destinados a avaliar se os aspectos apontados na Matriz *SWOT* foram realmente relevantes dentro do processo desenvolvido, visto que os artigos não apresentam se de fato, os aspectos apontados nas

Matrizes foram desenvolvidos posteriormente. Não há também estudos identificando as barreiras e obstáculos que possam interferir no processo de elaboração da Matriz *SWOT*.

As pesquisas destinadas a identificar os resultados na melhoria da gestão/planejamento por meio do uso da *SWOT* e como que os participantes percebem os benefícios do uso da *SWOT* dentro do processo de tomada de decisão, seriam de grande valia para o desenvolvimento desta ferramenta no contexto do ecoturismo.

ARTIGO 3 – Revisitando o Ecoturismo na Ilha Grande-RJ: Potencialidades e Limitações

Resumo

O ecoturismo tem sido promovido como uma forma de desenvolver a atividade turística incorporando princípios sustentáveis e a educação ambiental, de forma a promover uma experiência turística para além do simples deleite dos atrativos turísticos e considerando-se a conservação do meio ambiente. Apesar do seu amplo potencial, no Brasil, o ecoturismo ainda não se desenvolveu de forma plena. Parques municipais, estaduais ou federais enfrentam barreiras para a promoção do ecoturismo, seja por problemas de acessibilidade, infraestrutura ou difusão de atividades desenvolvidas nestes, entre outras questões. O presente estudo, por meio de uma pesquisa bibliográfica, analisa o caso do território da Ilha Grande, no Estado do Rio de Janeiro, no que concerne ao planejamento da atividade do ecoturismo. De forma a auxiliar nossas análises, foi proposta uma Matriz *SWOT* acerca das ameaças, pontos fracos, oportunidades e pontos fortes existentes na região, no intuito de analisar o seu potencial para o desenvolvimento do ecoturismo. A partir das análises desenvolvidas, observa-se a necessidade de articulação clara entre os atores envolvidos na gestão das políticas em torno da Ilha Grande, para que se estabeleçam estratégias para se implementar atividades de ecoturismo neste espaço. Além disso, o atual cenário, distancia o turismo que vem sendo praticado na Ilha Grande dos ideais do ecoturismo.

Palavras-chave: Ilha Grande; Rio de Janeiro; Turismo Sustentável.

1 Introdução

A Ilha Grande é uma ilha localizada na baía que leva o mesmo nome no Estado do Rio de Janeiro, mas precisamente situada no município de Angra dos Reis. Este território possui diferentes localidades, especialmente vilas, tais como a Vila de Dois Rios, Vila do Aventureiro, Vila de Provetá e a Vila do Abraão, sendo esta última a entrada principal para seu território. O acesso à região se dá por embarcações que saem, geralmente do porto do município de Angra dos Reis e de Mangaratiba (INEA, 2013).

Permeada por uma rica história, marcada por diferentes eventos, a Ilha Grande inicialmente foi habitada pelos paleoíndios e próximo a 3.000 anos depois pelos índios Tupinambás. A ilha já foi refúgio de piratas, já possuiu plantações de cana de açúcar e café, uma estação de quarentena para imigrantes (o lazareto), já teve dois presídios, além de fábricas de processamento de pescado (sardinha) (INEA, 2013).

Hoje, por conta de seu potencial natural, a Ilha Grande tem sido um grande destino turístico de natureza no Estado do Rio de Janeiro. Segundo Urry (2002) a indústria do

turismo, produz e comercializa imagens, sendo que nos últimos anos, espaços naturais tem sido um eixo explorado por essa indústria. E, boa parte do crescimento do turismo em espaços naturais, tem ocorrido na contemporaneidade por conta de uma maior consciência ambiental. Mas, antes de aprofundarmos no caso desta região, precisamos apreender alguns aspectos em torno do ecoturismo no país.

O Estado do Rio de Janeiro possui uma grande riqueza da sua sociobiodiversidade, concentrada em suas unidades de conservação (UCs), sendo que estas poderiam ser uma alternativa à especialização econômica no Estado, especialmente com o desenvolvimento do ecoturismo (VILANI, 2018). Neste sentido, cabe apontar algumas características deste tipo de turismo, a saber: a sustentabilidade em todas as suas vertentes (ambiental, social, cultural e econômica); aspectos educacionais e o compromisso com a comunidade local (AZEREDO; ZAÚ, 2017). Desta forma, almeja-se com o ecoturismo uma integração, que necessariamente deve existir e coexistir com os diversos aspectos que caracterizam o ecoturismo, assim como a participação das partes interessadas e a gestão dos recursos naturais, além de minimizar impactos ambientais, promover a educação e interpretação ambiental e desenvolver comunidades locais de forma interdependente (BRASIL, 2008; MARTINS; SILVA, 2018).

Como já notado em outros destinos de natureza (BUTARBUTAR; SOEMARNO, 2013; MGONJA; SIRIMA; MKUMBO, 2015; BEYENE, 2016), no Brasil e no Rio de Janeiro, nota-se a concentração de atividades em territórios onde a atividade turística já está estabelecida, deixando de lado outros espaços com elevado potencial para tal fim, tais como áreas protegidas (APs), por exemplo, os parques. A visitação em APs é algo que vem sendo observado em anos recentes no Brasil, no entanto, a distribuição da visitação ainda é desigual, tendo em vista que parques como o Parque Nacional da Tijuca e Parque Nacional do Iguazu recebem um número elevado de visitantes anualmente (SOUZA; SIMÕES, 2018), concentrando boa parte dos visitantes em APs no país.

As APs, além de sua função primeira de conservar o meio ambiente e proteger a biodiversidade (UNEP-WCMC, 2011), possuem outras finalidades de alcance econômico e social (FONSECA; LAMAS; KASECKER, 2010; PIRES; RUGINE, 2018). Especialmente quando tratamos da categoria parque, o desenvolvimento de atividades recreativas, de turismo e de interpretação/educação ambiental, são finalidades primárias destes espaços (PIRES; RUGINE, 2018), mas que ainda são exploradas de forma incipiente, em muitos casos.

Para espaços voltados à conservação como as APs, o ecoturismo é visto como um instrumento de proteção de recursos naturais, assim como meio de desenvolvimento de forma sustentável (MGONJA; SIRIMA; MKUMBO, 2015). Segundo Dologlou e Katsoni (2016), o

ecoturismo não só é indicado como a melhor forma de se fazer turismo em APs, como também uma forma de fazer um turismo integrando o meio ambiente, as comunidades, a economia e aspectos legais. Segundo Rangel e Sinay (2019), tratando do caso brasileiro, o ecoturismo deveria fazer parte da estratégia de conservação da natureza, especialmente em APs, contudo, o que se nota é uma baixa importância dada ao desenvolvimento do ecoturismo, especialmente pelo poder público.

Cabe também pontuar que, ao mesmo tempo em que há casos de sucesso de iniciativas de ecoturismo como o caso da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá no Estado do Amazonas (QUEIROZ, 2005), existem diversos casos de tentativas de se desenvolver o ecoturismo, mas que não foram bem sucedidas por uma série de fatores como a participação/capacitação dos atores sociais envolvidos no processo; falta de estruturação da atividade turística, falta de divulgação e promoção do destino, deficiência nas instalações e infraestruturas básicas, falta de recursos humanos, etc. (NASCIMENTO; SIMONIAN, 2014; Santos *et al.*, 2015; SISWATO *et al.*, 2015). Assim, experiências malsucedidas por conta do não atendimento dos princípios do ecoturismo, têm contribuído para o questionamento da efetividade deste segmento de turismo (DAS; CHATTERJEE, 2015; BEYENE, 2016).

A partir destes elementos, neste estudo apresenta-se algumas reflexões sobre o desenvolvimento do ecoturismo na região da Ilha Grande, no Estado do Rio de Janeiro, território reconhecido por sua grande biodiversidade e por possuir diversas APs. Especificamente, pretendemos delinear as atrações turísticas locais; identificar as oportunidades para o desenvolvimento do ecoturismo e, apontar os desafios para o ecoturismo na região. A fim de revelar a situação atual da região, que é rica em valores e recursos para o desenvolvimento do ecoturismo, uma análise *SWOT*, foi realizada por meio de estudos e documentos tratando de problemáticas relacionadas ao turismo na Ilha Grande. Assim, o presente estudo trata-se de um estudo prospectivo, a partir da sistematização de diferentes documentos, estudos e levantamentos realizados sobre a atividade turística nesta região.

A realização do presente estudo justifica-se pela necessidade de se refletir, problematizar e analisar o planejamento do turismo na região Ilha Grande, na perspectiva do ecoturismo, tendo em vista o potencial deste destino, ao mesmo tempo em que se faz necessário pensar a forma como o turismo vem sendo desenvolvido na região, ainda mais num momento pós-pandêmico, como foram os anos de 2020 e 2021, onde a pandemia de Covid-19 gerou um grande impacto sobre a indústria do turismo, revelando inclusive, a necessidade de se pensar em meios para desenvolver um turismo que seja mais sustentável.

2 Materiais e Métodos

A presente pesquisa, foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa com base em Flick (2009), exploratória e descritiva segundo as diretrizes de Creswell (2010) visando descrever e problematizar diferentes aspectos em torno do desenvolvimento do ecoturismo na região da Ilha Grande-RJ.

Para o desenvolvimento da pesquisa, esta foi conduzida por meio de um levantamento bibliográfico (GIL, 2007), que contemplou diferentes tipos de materiais (teses, dissertações, artigos, relatórios, entre outros documentos), que serviram de base para subsidiar as discussões em torno das temáticas do ecoturismo em APs e o caso específico da Ilha Grande-RJ, foco do presente estudo. Os materiais foram obtidos em diferentes bases de dados, tais como as plataformas *Web of Science*, *Scopus*, *Scielo*, Sites de Revistas Especializadas no tema do ecoturismo, Banco de Teses e Dissertações da CAPES e sites institucionais de órgãos como o Instituto Estadual do Ambiente - INEA e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, sempre realizando buscar por documentos versando sobre a Ilha Grande e a atividade turística nesta região.

Como proposta complementar às análises empreendidas, foi elaborada uma Matriz *SWOT*, como meio de sistematizar diferentes aspectos internos e externos que interferem no desenvolvimento do ecoturismo na Ilha Grande-RJ. A ferramenta *SWOT* (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats* ou pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças, respectivamente) é uma matriz que auxilia no diagnóstico de fatores internos e externos (econômicos, sociais, culturais, ambientais, políticos e tecnológicos) de determinado objeto (PIERCY; GILES, 1989). Além disso, a Matriz auxilia na elaboração de estratégias possíveis para desenvolver e consolidar forças e superar fraquezas, assim como reconhecer os recursos e capacidades necessárias para enfrentar a mudança de ambientes, auxiliando o processo de tomada de decisão (SCOLOZZI *et al.*, 2014). Este recurso vem sendo empregado para diferentes fins em estudos versando sobre a temática da conservação e ecoturismo (SCOLOZZI *et al.*, 2014; ARSIĆ *et al.*, 2018; RISTIĆ; VUKOIČIĆ; MILINČIĆ, 2019; MEZA-ARCE *et al.*, 2020; LIU; LI, 2020; SANTOS, 2021).

Para a elaboração da *SWOT* há uma infinidade de formas de se obter informações, tais como *workshops*, questionários, entrevistas, grupos focais, documentos, entre outros, mas para este estudo, vamos nos restringir a utilizar alguns documentos e estudos para o desenvolvimento da matriz proposta. Desta forma além da pesquisa bibliográfica empreendida, também foram utilizados os princípios da pesquisa documental (SÁ-SILVA,

ALMEIDA; GUINDANI, 2009). No caso da análise de documentos, estes são utilizados como fonte de informação para elucidar determinadas questões (FIGUEIREDO, 2007), que no caso do presente estudo, trata-se de identificar fatores que interferem no desenvolvimento do ecoturismo na Ilha Grande-RJ.

Todos os documentos utilizados para a elaboração da Matriz *SWOT*, assim como os passos seguidos para sistematizar estes, podem ser acessados no seguinte link: <https://dataverse.harvard.edu/dataset.xhtml?persistentId=doi:10.7910/DVN/BYRKU8#>.

3 Resultados e Discussões

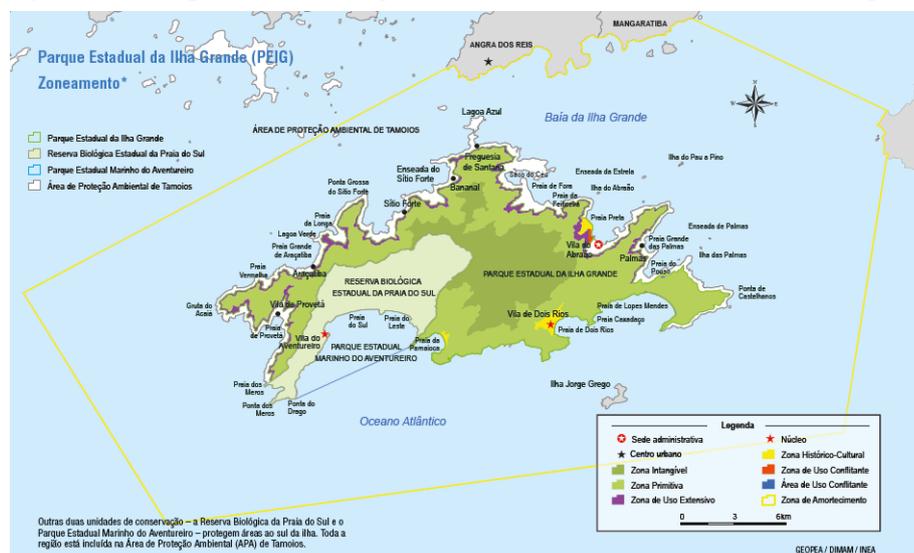
3.1 Ilha Grande – Um Paraíso para o Ecoturismo

A Ilha Grande é uma região conhecida no Estado do Rio de Janeiro, sendo um grande atrativo para o turismo regional.

Como observado nos estudos de Mendonça e Moraes (2011) e Lopes Júnior, Hanai e Ribas (2020), o turista que frequenta a Ilha Grande é composto por um público diverso, que busca especialmente o contato com a natureza. Sobre a visitação na Ilha Grande, destaca-se que, apenas no ano de 2016, o Parque Estadual da Ilha Grande - PEIG recebeu em torno de 402.046 visitantes, segundo dados do INEA (2016), o que demonstra a atratividade deste destino e a participação do turismo na economia local.

Por conta da grande biodiversidade existente na Ilha Grande, em seu território é possível encontrar algumas APs, a saber: Área de Proteção Ambiental dos Tamoios, a Reserva Biológica da Praia do Sul (REBIO da Praia do Sul), o Parque Estadual Marinho do Aventureiro (PEMA) e o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG), este último compreendendo 62% do território da Ilha Grande (INEA, 2013), conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Mapa de Localização da Ilha Grande e suas Áreas Protegidas.



Fonte: INEA (2013).

A história de ocupação da Ilha Grande é bem diversa e longa, não cabendo espaço neste estudo para descrevê-la em detalhes. Mas, fatos marcantes nessa trajetória, especialmente para a atividade turística, foram a instalação de empreendimentos e infraestrutura tais como estradas (Rodovia BR-101, por exemplo) próximas à ilha, que viabilizaram o acesso a esta, além da desativação do Instituto Penal Cândido Mendes, no ano de 1994 (CADEI, 2004; SOUZA, 2017). Essas duas ações foram marcos importantes para o início da ocupação da Ilha Grande e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da atividade turística.

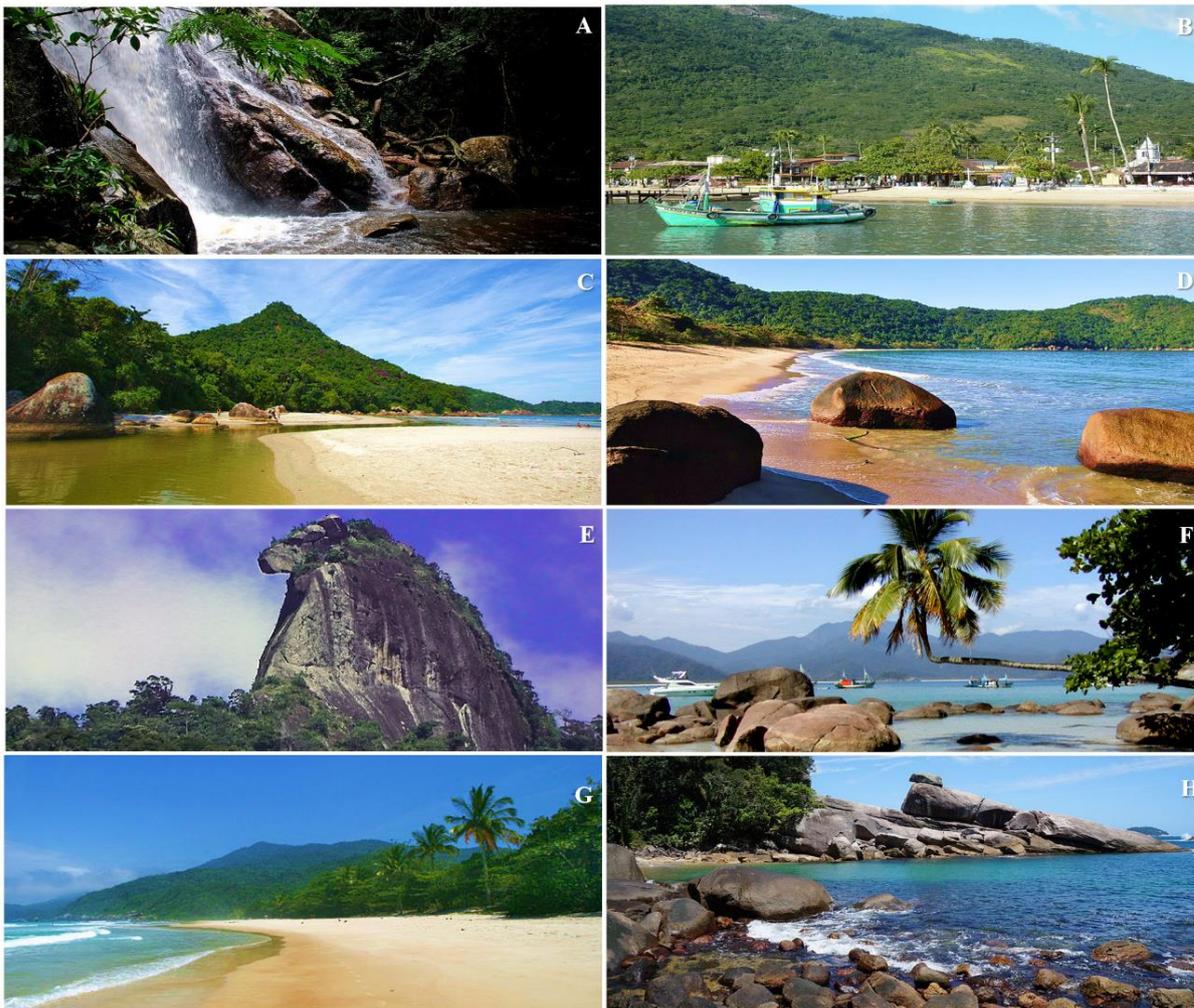
Na região da Baía da Ilha Grande há um conjunto de atrativos naturais (Figura 2), com amplo potencial para o ecoturismo, alguns destes descritos no Quadro 1.

Quadro 1 – Recursos Naturais de Valor para o Ecoturismo na Ilha Grande

Recurso	Descrição
Flora	A flora insular (terrestre e aquática) é composta, em sua maioria, por milhares de espécies nativas da floresta atlântica, dos ecossistemas associados e do mar local, acrescida de dezenas de espécies exóticas vivendo no interior da vegetação nativa e nas ruas, quintais e terrenos das vilas e povoados. As florestas densas e secundárias em estágio médio e avançado ocupam cerca de 80% da Ilha Grande, vindo a seguir as florestas em estágio inicial de sucessão, restingas, vegetação de afloramento rochoso e manguezais. A sistematização de informações em publicações técnicas e 3.650 registros em herbários revelam até o momento 1.153 espécies de plantas.
Fauna	A região hospeda diversas espécies de invertebrados, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos, com ocorrência de espécies endêmicas (que existem somente no local), como a rã-de-fred (<i>Hylodes fredei</i>). Há cerca de 12 espécies de baleias e golfinhos vivem permanentemente nas águas oceânicas da baía de Ilha Grande, enquanto outras passam temporadas. Há duas espécies de primatas nativos (bugio e macaco-prego). Existem 19 espécies de roedores, sendo 3 exóticas. Existem 213 espécies de aves terrestres e marinhas pertencentes a 47 famílias e 18 ordens.
Áreas Protegidas	Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul; Parque Estadual Marinho do Aventureiro; Área de Proteção Ambiental de Tamoios e Parque Estadual da Ilha Grande.
Rios, cachoeiras, córregos e praias	Há diversas cachoeiras como a Cachoeira da Feiticeira, Cachoeira Poço do Soldado, Cachoeira dos Escravos; riachos e córregos. As praias são das mais diversas, como Lopes Mendes, Pescaria, Parnaioça, entre tantas outras.
Pontos panorâmicos	Observação da Ilha Grande e da baía de Ilha Grande podem ser vistas de pontos como o Pico do Papagaio, além de outros diversos picos e mirantes, como o Mirante da Lagoa Azul, Mirante da Sundara, entre outros.
Formações geológicas de interesse	Há formações geológicas como a Pedra Rachada, no Circuito Abraão, Gruta do Acaiá, praias como Lopes Mendes cercada por pedras, entre outros.

Fonte: INEA (2013), Farias, Gama e Chirol (2017) e Ilha Grande (2020).

Figura 2 – Amostra dos Atrativos Naturais da Ilha Grande



Legenda/Fonte: Cachoeira da Feiticeira - David Tubau (A); Circuito Abraao - Dave Lonsdale (B); Dois Rios - Nathan Chor (C); Parnaioca - TMBux (D); Pico do Papagaio - José Carlos B Fialho (E); Praia do Aventureiro - Nelio Ricardo Aguiar (F); Praia de Lopes Mendes - Nathan Chor (G); Praia do Caxadaço - Rafael Rabello de Barros (H). Imagens com Licença *Creative Commons*.

Não podemos deixar de ressaltar os aspectos culturais e históricos da Ilha Grande. Há a presença de povos tradicionais como os caiçaras e suas tradições, tais como a elaboração do dashicô, caracterizado como um peixe defumado utilizado para caldos e sopas (OUTROS CAMINHOS, 2018), e edificações históricas como o aqueduto e as ruínas da colônia penal e lazareto (INEA, 2013) (Figura 3). Além disso, existe o desenvolvimento de artesanato típico feito com conchas, caramujos, ostras, cipós, bambu, barro, madeira pelos habitantes locais.

Figura 3 – Amostra dos Recursos Culturais da Ilha Grande



Legenda/Fonte: Aqueduto – Hirohito Trotte (I); Lazareto - Marcelo César Augusto Romeo (J). Imagens com Licença *Creative Commons*.

De acordo com o Diagnóstico de Uso Público dos Parques Estaduais do Rio de Janeiro – 2016 (INEA, 2016), no PEIG a maior área protegida na Ilha Grande, são praticadas atividades como observação da natureza, banho em cachoeira, *camping*, montanhismo, caminhada/trilhas, entre outras. Há também de se destacar as diversas trilhas existentes na região. Muitas microrregiões e atividades praticadas na Ilha Grande têm potencial para tornarem-se atrativos com foco no ecoturismo.

Áreas preservadas como as contidas na Ilha Grande, apresentam enorme potencial para o desenvolvimento do ecoturismo, principalmente devido à presença de recursos naturais e culturais, como os citados anteriormente. Como pontuam Drumm *et al.* (2004), atividades de ecoturismo em torno de áreas naturais, fornecem oportunidades para os visitantes terem experiências poderosas com a natureza e com a cultura, e paralelamente a isso, entenderem a importância de conservar a biodiversidade e a cultura locais.

3.2 Desafios e Oportunidades para o Ecoturismo na Ilha Grande

Antes de adentrarmos nas discussões sobre a atividade turística na Ilha Grande, é importante ressaltar que, o desenvolvimento da atividade turística em áreas naturais no Brasil, vem sendo caracterizada pela privatização e exploração do capital a todo custo, desvalorizando aspectos locais, como usos do território, práticas tradicionais entre outros aspectos, que se perdem em meio aos interesses do capital (VILANI; MEDEIROS, 2017).

Como defendem Vilani e Medeiros (2017), o Estado do Rio de Janeiro possui um histórico desfavorável de empreendimentos turísticos, como os *resorts*, que não respeitam os princípios da sustentabilidade no turismo, sendo comum a privatização da natureza nos espaços onde são instalados e com a conseqüente expulsão das comunidades locais. Neste sentido, Vilani (2018), entende o ecoturismo como uma alternativa ao padrão de desenvolvimento baseado em grandes projetos, como temos visto nos últimos anos no Rio de Janeiro. Vale lembrar que, o Estado tem sido recentemente um grande laboratório de grandes

projetos, que tem deixado diferentes “cicatrices” econômicas e sociais. Lembremos o exemplo dos Jogos Olímpicos, e seus impactos negativos, como a exclusão social, endividamento do Estado, entre outros (BOELL, 2015).

No Brasil, especialmente em APs, o uso do ecoturismo como meio para o desenvolvimento destas áreas ainda é muito restrito a algumas localidades. E, apesar de existirem casos/locais que remetem ao ecoturismo como Bonito-MS, Fernando de Noronha-PE, Lima Duarte-MG, o que se observa nestes e em outros casos é uma espécie de “ecoturismo de prateleira”. Assim, determinados espaços, com uma série de restrições de acesso, direcionados para um público com um bom poder aquisitivo, tem distanciado práticas condizentes com o ecoturismo, como apontado por diversos estudos nestes destinos (LUNAS, 2006; LOBO; MORETTI, 2008; OLIVEIRA, 2010; CAMARGO *et al.*, 2011; HURTADO; NETO; MOREIRA, 2018; SANCHO-PIVOTO; ALVES; DIAS, 2020).

De maneira a sistematizar e tratar de algumas das questões, oportunidades e desafios para o desenvolvimento do ecoturismo na Ilha Grande, elaboramos uma Matriz *SWOT* (Quadro 2) a partir de estudos e documentos acerca da atividade turística nesta região, obtidos em diferentes repositórios e fontes.

Quadro 2 – Matriz *SWOT* do Ecoturismo na Ilha Grande

Pontos Fortes	Pontos Fracos
1. Geração de emprego e renda por meio do turismo.	1. Falta de Atualização do Plano de Manejo de Áreas Protegidas (Ex. PEIG).
2. Existência de atividades recreativas (Ex.: trilhas, mergulho, ciclismo, parapente, rapel, etc.)	2. Falta de Plano de Manejo de Áreas Protegidas (Ex.: Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro).
3. Turismo como meio pelo qual alcançar a sustentabilidade econômica para a conservação.	3. Falta de acessibilidade.
4. Turismo como instrumento para o estabelecimento de diálogo entre os saberes tradicionais e modernos.	4. Fiscalização ambiental incipiente.
5. Reconhecimento do Patrimônio Cultural e Natural Mundial pela Unesco.	5. Caça e captura de animais silvestres.
6. Existência de fóruns participativos.	6. Existência de espécies invasoras (Ex.: Coral-Sol).
7. Autenticidade e tipicidade das práticas de turismo.	7. Desconhecimento do conceito de ecoturismo por parte da comunidade local.
8. Existência de Iniciativas de TBC.	8. Falta de informação sobre as normas e leis ambientais por parte da comunidade local.
9. Existência de Diferentes Arcabouços Legais (Ex.: Lei de Zoneamento da Ilha Grande; a Lei do Uso e Ocupação do Solo da Ilha Grande; Lei de Diretrizes Territoriais para a Ilha Grande).	9. Falta de projetos destinados ao desenvolvimento de sítios arqueológicos.
10. Existência de Diversos Atrativos Naturais e Culturais (Ex.: praias, cachoeiras, picos, mirantes/ruínas de igrejas, fábricas de sardinha, presídio entre outros atrativos).	10. Inexistência de um estudo de carga e de medidas que limitem o número de turistas.
11. Existência de Áreas de Proteção Ambiental (Ex.: Reserva Biológica da Praia do Sul (ReBio). Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), Aventureiro, que inclui o Parque Estadual Marinho do Aventureiro (PEMA). Área de Proteção Ambiental (APA) de Tamoios.	11. Caótico ordenamento do território (Ex.: Construção de Obras de Forma Irregular e Desordenada).
12. Existências de Diretrizes para a Conservação e Uso Público.	12. Falta de infraestrutura de serviços.
	13. Dificuldade de mobilização social.
	14. Existência de diferentes conflitos territoriais ligados às questões ambientais.
	15. Falta de Tratamento de Esgoto.
	16. Coleta de Lixo Precária.
	17. Necessidade de programas, projetos e ações de educação ambiental.
	18. Conflito de interesses entre diferentes partes

13. Ações de monitoramento da qualidade ambiental da região (Ex.: Iniciativa BIG 2050).	interessadas (Ex.: ONGs, governo e administração da Unidade de Conservação). 19. Degradação ambiental decorrente da prática do turismo. 20. Falta de desenvolvimento de uma mentalidade cooperativa e associativa. 21. Falta de Planejamento da Atividade Turística.
Oportunidades	Ameaças
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aumento da Procura por APs para visitação. 2. Potencial para o Desenvolvimento do Geoturismo. 3. Crescimento do turismo de natureza/ecoturismo, pós-pandemia de Covid-19. 4. Crescimento da procura por destinos domésticos, pós-pandemia de Covid-19. 5. Zoneamento Ecológico Econ�mico Costeiro (ZEEC). 6. Reconhecimento Governamental do Ecoturismo como meio para explorar a atividade turística na Ilha Grande. 7. Reconhecimento de áreas Protegidas como Zonas de Ecoturismo. 8. Aceita�o da Cobrança de Taxas por parte dos Visitantes. 9. Desenvolvimento da Gestão Participativa. 10. Desenvolvimento de novas atividades recreativas (Ex.: observa�o de aves, arborismo, esportes náuticos, etc.). 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Políticas Nacionais sem Diálogo com o Ecoturismo ou com o Turismo de base comunitária. 2. Queda de atividades tradicionais (Ex.: pesca artesanal). 3. O planejamento do turismo direcionado pelos interesses dos atores sociais mais poderosos. 4. Falta de políticas públicas direcionadas ao ecoturismo. 5. Crescimento desordenado, tanto da oferta quanto da demanda turística. 6. Extra�o petrolífera na Bacia de Santos e os riscos a ela associados, assim como o tráfego intenso de embarca�es. 7. Falta de Investimento do Recursos Gerados no seu Território. 8. Falta de diálogo entre entes públicos e comunidade local. 9. Surgimento de Parceria Pública Privada como ameaça ao Turismo de base comunitária. 10. Falta de integra�o entre as políticas públicas e competências administrativas. 11. Massifica�o do turismo. 12. Mudanças sociais (novos hábitos e costumes dos nativos) decorrentes do crescimento da atividade turística. 13. Desmantelando de leis ambientais.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

O crescimento do fluxo de turistas para a Ilha Grande é algo que alterou significativamente a dinâmica local, visto que muitas comunidades, antes dedicadas à atividade da agricultura e pesca, por exemplo, passaram a viver do turismo (COSTA, 2008). É importante apontar que muitas de suas APs foram criadas desconsiderando a ocupa o humana já existente nestas localidades (SOUZA, 2017), o que até hoje é fruto de diferentes conflitos (PRADO, 2005; FERREIRA, 2010). Além disso, a falta de recursos financeiros, humanos e materiais, dificultam a gestão das APs presentes em seu território.

Ao observar os aspectos internos à Ilha Grande apontados no Quadro 2, podemos notar que o turismo tem sido um importante agente da economia local, fruto da riqueza de atrativos locais e atividades recreativas praticadas neste. O território da Ilha Grande apresenta todos os elementos básicos para o desenvolvimento do ecoturismo, por outro lado, há uma série de problemas de ordem ambiental e social, que fragilizam a prática do turismo, especialmente se considerarmos os princípios do ecoturismo.

No entorno da Ilha Grande há diversas comunidades atuando em atividades que dialogam fortemente com o turismo de base comunitária (TBC), como na região do Aventureiro, onde há diversas iniciativas dedicadas ao artesanato, alimentação, hospedagem, etc. (MENDONÇA; MORAES, 2011). Mas, apesar de existirem iniciativas de TBC, na Ilha Grande o turismo é em grande parte conduzido pelo grande capital e empresários externos a localidade (COSTA, 2008). Como notado no estudo de Oliveira (2008), com moradores locais, o turismo que vem sendo praticado na região é incompatível com a preservação da natureza, além de existir uma grande confusão sobre o que de fato é o ecoturismo entre os habitantes locais.

Dentre os pontos fracos (Quadro 2), nota-se que parte deles são oriundos da ocupação desordenada da região e, inclusive fruto da intensificação da atividade turística na região, tais como a degradação ambiental, presença de lixo e falta de tratamento do esgoto, etc. Outra parte dos pontos fracos, giram em torno da escassez de investimentos e falta de planejamento, como pode ser notado na ausência de projetos destinados a desenvolver atrativos turísticos e ações de educação ambiental.

Entre os pontos fracos identificados, a falta de ações de educação ambiental é especialmente relevante, isso porque, sem este tipo de ação, não podemos sequer falar em ecoturismo. Como demonstrado por alguns estudos (PEDRINI *et al.*, 2010; REBOUÇAS, GRILO; ARAÚJO, 2015; COSTA *et al.*, 2019; SAFITRI *et al.*, 2019), a inserção da educação ambiental em atividades turísticas é uma oportunidade única de sensibilizar os visitantes de APs sobre os impactos do homem no meio ambiente e a necessidade de se conservar a natureza, assim como construir um pensamento crítico sobre questões socioambientais (SILVA; RUFFINO, 2016; COSTA *et al.*, 2019).

Uma grande preocupação em destinos que se propõem a desenvolver o ecoturismo, é a massificação deste processo, ou seja, torná-lo um turismo de massa, o que implica em grandes prejuízos para o meio ambiente e conseqüentemente, para a proposta do ecoturismo. E, esta é uma grande questão para a Ilha Grande, pois o turismo de massa privilegia o lucro imediato e a grande escala das suas atividades, contribuindo para a destruição da qualidade dos destinos turísticos (ZOUAL, 2008). O turismo praticado desta maneira gera grandes impactos em espaços que recebem um grande número de turistas, resultados em graves problemas ambientais, especialmente quando a presença do Estado é baixa (URRY, 2002). Desta forma, é preciso refletir no contexto do ecoturismo sobre o seu *status* em APs. Inclusive, na visão de Ribeiro *et al.* (2015), por causa da intensificação do fluxo de turistas para a Ilha Grande, o que antes era tido como um destino ecoturístico, já não pode mais ser considerado como tal.

Convém lembrar que, o turismo massificado em áreas litorâneas, por conta da busca de destinos de praia e sol, devido a sua sazonalidade, também provoca progressiva destruição dos ecossistemas naturais (LOPES JÚNIOR; HANAI; RIBAS, 2020).

Essa intensificação do turismo, converter os turistas em grandes poluidores do meio ambiente. E, o turismo tem diversas consequências ambientais deletérias, tais como aglomerações e tensionamento da infraestrutura, aspectos estes que impactam na geração de construções inadequadas, danos ao *habitat* natural, etc. (URRY, 2002), como visto através da sistematização dos estudos sobre a atividade turística na Ilha Grande.

Analisando-se os aspectos externos que atuam sobre o desenvolvimento do ecoturismo na Ilha Grande, observa-se pelo Quadro 2, que há uma série de oportunidades para o desenvolvimento da Ilha Grande como um destino de ecoturismo, tais como instrumentos que buscam conservar e proteger a região, respaldados por uma perspectiva de desenvolvimento sustentável, como a Iniciativa BIG 2050 (INEA 2019), que visa ações em prol da conservação da região da Baía de Ilha Grande, contemplando o ecoturismo. Porém, há elementos que dificultam o desenvolvimento do ecoturismo, sendo em grande parte, pela falta de projetos e políticas claras para a região, sem contar a falta de diálogo entre diferentes agentes públicos e locais, que se convertem em diferentes conflitos em torno destes agentes, como observado no Quadro 2.

Apesar da série de desafios apresentados no Quadro 2, a recente crise gerada no setor de turismo devido a pandemia de Covid-19, apresenta-se como uma oportunidade para o ecoturismo, inclusive na Ilha Grande, tendo em vista que, diversos autores (ROMAGOSA, 2020; NIEWIADOMSKI, 2020; HIGGINS-DESBIOLLES, 2020) têm defendido o turismo sustentável e responsável, o turismo comunitário e destinos baseados na natureza, como novos caminhos para o desenvolvimento do turismo global, que além de oferecerem boas experiências, ainda são formas de agregar valor aos destinos, desta forma, num período pós-pandemia, espera-se que a busca por destinos mais sustentáveis cresça. Além disso, o turismo na natureza pode ter sua procura elevada pós-pandemia, por conta da busca por espaços com menor aglomeração de turistas e que respeitem o meio ambiente.

Apesar de existirem diversas APs no Estado do Rio de Janeiro, para Rangel e Sinay (2018), além dos vários problemas de gestão existentes, estas não foram pensadas de forma sistemática, sendo de modo geral "ilhas de natureza". No caso do Rio de Janeiro, nota-se que as APs, encontram-se marginalizadas na agenda pública (VILANI, 2018). Além disso, como observado no estudo de Pires e Rugine (2018), o atendimento ao visitante em parques no Brasil ainda é incipiente, por diversas questões, como já comentado anteriormente, tais como

a falta de condições e estrutura básica para receber visitantes, ponto este ressaltado no Quadro 2. Também não podemos deixar de considerar a importância de fortalecer a gestão de APs, e sua capacidade de monitorar e limitar o uso público (FONTOURA; ADAMS; MEDEIROS, 2021).

Pensando sobre o planejamento do ecoturismo, é importante que gestores busquem meios para lhes auxiliar nesta atividade. Um bom e recente instrumento para o planejamento do uso público de APs desenvolvido pelo ICMBio é o ROVUC – Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação (ICMBio, 2018), que pode ser utilizado para auxiliar na diversificação de usos e no manejo mais adequado de ambientes naturais, de modo a proporcionar uma visitação desejada em APs como as existentes na Ilha Grande.

Por fim, para que o turismo sustentável floresça, é preciso alinhar as políticas de proteção ambiental e aquelas destinadas ao desenvolvimento regional, incluso nestas o ecoturismo.

4 Considerações Finais

Desde seu surgimento, o termo ecoturismo tem encontrado alguns obstáculos para sua aplicação, que são decorrentes em boa parte, da distância que há entre seus princípios e viabilização destes na prática da atividade turística.

Apesar de no Brasil existirem alguns documentos públicos que apresentam os princípios para o desenvolvimento do ecoturismo, tais como “Ecoturismo: Orientações Básicas” - 2ª Edição desenvolvido pelo Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) nos últimos anos houve um apagamento da temática. Esta falta de incentivo à nível nacional, também se reflete nas políticas adotadas pelos Estados e Municípios. Para Maranhão e Azevedo (2019), o ecoturismo não se apresenta como um vetor do desenvolvimento turístico nacional, o que se observa no cenário nacional é o domínio do viés mercadológico, algo que pode ser notado, inclusive, no Plano Nacional de Turismo, aprovado pelo Decreto n. 9.791 de 2019.

Para além das diversas definições e princípios existentes sobre o ecoturismo, o ecoturismo trata-se de um processo transformador dentro do turismo de natureza, mas é incompatível com a mercantilização da natureza e do patrimônio cultural, como temos observado em diversos casos de “ecoturismo de prateleira”, isto é, do ecoturismo que é difundido como tal, mas que não atenta para os seus objetivos e princípios e, acaba sendo exclusivo a pequenos grupos. Na verdade, o ecoturismo deve ser praticado e pensado como um fenômeno de ruptura e resistência, tendo como alicerce o respeito aos ciclos da natureza e dos povos e comunidades tradicionais (VILANI, 2018).

Neste estudo, tratamos de discutir o ecoturismo como forma de desenvolvimento do turismo em APs e destacamos o caso do território da Ilha Grande, localizado no litoral do Rio de Janeiro. Como abordado no estudo, apesar do seu potencial para o ecoturismo, a Ilha Grande ainda carece de meios para viabilizar tal tipo de turismo. O que os estudos e relatórios sobre a região revelam, é um cenário que demanda atenção para a prática turística que vem sendo feita nesta. Ao mesmo tempo em que a região apresenta diversos elementos que a tornam um potencial polo para a prática ecoturismo no Estado do Rio de Janeiro, observamos que, além de existirem diversos aspectos que fragilizam o desenvolvimento do ecoturismo na região, é preciso que se desenvolva uma coesão entre os diferentes atores, para que ela não continue perdendo suas características e torne-se mais um destino de turismo de massa.

Como visto, especialmente por meio da Matriz *SWOT* desenvolvida, apesar de a Ilha Grande ter elementos internos que potencializam o ecoturismo e diversas oportunidades para o desenvolvimento deste tipo de turismo, os pontos fracos e as ameaças são consideráveis. Nota-se que, as diferentes comunidades da Ilha Grande e seus diferentes espaços, sejam eles protegidos ou não, possuem características contextuais distintas, estando alguns mais próximos dos princípios do ecoturismo, como a região do Aventureiro, do que outros espaços, como o Abraão, que possui diversos aspectos que o distanciam do ecoturismo.

Os Parques Estaduais do Rio de Janeiro e, entre eles o PEIG, podem ser um importante meio para desenvolver o ecoturismo. No caso específico do PEIG, temos uma farta oferta do principal recurso do turismo do Rio de Janeiro, praia e sol, o que demonstra a singularidade deste espaço. O desenvolvimento de um plano para o ecoturismo, poderia ser um primeiro passo no desenvolvimento de diretrizes específicas para a região da Ilha Grande.

Não podemos deixar de ressaltar a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas e a retomada do ecoturismo como meio para o desenvolvimento local, aliás, desenvolvimento situado como proposto por Zaoual (2008), onde o processo de desenvolvimento econômico é norteado pelas trocas simbólicas, conhecimentos e práticas sociais.

O presente estudo possui algumas limitações. É importante destacar que o uso de dados secundários reduz a percepção dos atores locais sobre a questão do ecoturismo e os aspectos apontados na Matriz *SWOT*, apesar desta ter sido desenvolvida com base em estudos já realizados com atores locais. A carência de dados sistematizados sobre o turismo praticado na Ilha grande também é um fator limitante.

Outro ponto que não podemos deixar de tratar, refere à necessidade de mais estudos sobre a região da Ilha Grande, direcionados para as atividades antrópicas nesta, pois os

estudos utilizados neste estudo, são limitados em diferentes aspectos, tais como abrangência, localidade e participantes envolvidos. Além da necessidade de pesquisa, são necessárias ações para a difusão do turismo sustentável na região, assim como das questões legais e ambientais junto à comunidade local.

Também neste sentido, cabe apontar que, a pesquisa sobre o turismo na região da Ilha Grande, tem sido basicamente desenvolvido por estudos qualitativos, e estes tem explorado pouco as atividades recreativas praticadas na região e seus impactos. Os próprios dados que emergiram na Matriz *SWOT* elaborada, demonstram a necessidade de estudos em diferentes vertentes, especialmente estudos direcionados para o ecoturismo e sua difusão, além de estudos sobre questões que envolvam questões legais sobre o meio ambiente local.

É fundamental destacar que, a Matriz proposta teve a intenção de um diagnóstico preliminar e generalista. No nível micro, avaliando cada comunidade da Ilha Grande, certamente é possível identificar uma variedade de elementos que dariam subsídios para a formulação de outras Matrizes, abarcando as particularidades de cada comunidade, como feito por Braun e Amorin (2015) na comunidade do Bananal. Além disso, na Matriz elaborada, não é possível determinar quantitativamente as prioridades dos fatores apontados, sendo necessário para isso, o desenvolvimento de outros métodos, como o *QSPM (Quantitative Strategic Planning Matrix)* *AHP (Analytic Hierarchy Process)* e ainda, o envolvimento de diferentes partes interessadas. Esses aspectos contribuiriam para o desenvolvimento da Matriz *SWOT* direcionada para estratégias e ações em prol do turismo regional. Além disso, nota-se a necessidade de mais estudos voltados para o objeto do turismo na região. Apesar de existir um bom número de estudos sobre a região, como é possível notar em buscas em plataformas científicas como *Scopus e Web of Science*, estes em boa parte estão direcionados para a questão ambiental, a biodiversidade e a vida animal nesta região.

Finalizando, observamos que, o ecoturismo está para o Rio de Janeiro, como o Sol está para o Mar. Resta desenvolver ações e diretrizes claras para orientar as práticas atuais e futuras, de forma a transformar o Rio de Janeiro e territórios como a Ilha Grande em destinos de fato, ecoturísticos.

ARTIGO 4 – Percepções sobre Um Paraíso – Uma Análise a partir do Olhar do Visitante do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) e de seus Atrativos

Resumo

Destinos turísticos remetem a diversas representações e imagens em seus visitantes, sendo que, as diferentes experiências que cada visitante terá, serão determinantes para o estabelecimento das percepções sobre os atrativos visitados. A presente pesquisa de cunho descritivo com abordagem mista e fundamentada na teoria das representações sociais, objetivou identificar as percepções de visitantes sobre o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG), localizado no litoral do Estado do Rio de Janeiro, e seus principais atrativos. A pesquisa analisou 5421 resenhas *on-line* sobre as experiências de visitantes do PEIG disponibilizadas no site *TripAdvisor* entre os anos de 2015 e 2020, analisadas por meio da Classificação Hierárquica Descendente e da Análise de Similaridade com o auxílio do *software IRaMuTeQ*. Os resultados revelam que o olhar do visitante, de modo geral, é um olhar positivo, revelando a centralidade da oferta de serviços, formas de acesso e dos elementos que compõem o cenário natural de cada atrativo, destacando-se elementos únicos destes. Os resultados demonstram que, neste destino de natureza, as experiências dos turistas são centradas numa posição passiva de contemplação, demonstrando um baixo envolvimento cognitivo com o ambiente natural.

Palavras-chave: Área Protegida. Imaginário. Ilha Grande. Representações Sociais. Rio de Janeiro.

1 Introdução

Áreas protegidas (APs) são territórios criados no intuito de conservar determinados recursos da biodiversidade, mas não apenas (MEDEIROS; 2006; DUDLEY; STOLTON, 2008; MARENZI; LONGARETE, 2018). Apesar da sua finalidade primeira de conservação da natureza, as APs são destinadas a diversos fins, e o uso público é um deles. A promoção de atividade turísticas e recreativas, é um importante uso de APs, especialmente no caso de parques. Os parques são uma categoria de APs, que visam proteger processos ecológicos em grande escala, além de espécies e ecossistemas característicos do território. Estes espaços também fornecem base para pesquisas científicas, atividades educativas, recreativas e de visitação (BRASIL, 2000; DUDLEY, 2008).

Ao mesmo tempo em que oferecem a visitação e a conservação, os parques também precisam encontrar formas de estimular o vínculo entre indivíduos e o meio ambiente, assim, a integração com a dinâmica sociocultural e ambiental do local, e o conhecimento sobre as percepções dos atores envolvidos neste processo, tais como os visitantes é de suma importância (GARCIA; MOREIRA; BURNS, 2018). Mas, apesar de muitos estudos terem sido realizados para compreender as motivações e perfis de visitantes de APs (MORRISON-SAUNDERS *et al.*, 2019; GHAZVINI; TIMOTHY; SARMENTO, 2020), pouco ainda tem se

estudado sobre como os visitantes relatam suas experiências em tais ambientes, após a visitação.

Neste estudo, será adotada a perspectiva dos visitantes, para investigar as percepções destes sobre as suas experiências em diferentes atrativos de uma AP. A pesquisa irá centrar suas análises nos atrativos do Parque Estadual da Ilha Grande - PEIG, uma importante região de conservação da natureza e de exploração da atividade turística localizada no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Deste modo, busca-se responder a seguinte questão: Como as representações dos atrativos emergem nas experiências de visitantes do PEIG e quais aspectos caracterizam tais atrativos, no ponto de vista destes?

O PEIG possui diversos atrativos e em sua maioria formados de praias, revelando diferentes aspectos do turismo na natureza. Estes atrativos permitem comparar as experiências dos visitantes em relação ao contato com o ambiente de natureza. Para realizar tal comparação utiliza-se da análise textual mista, com base em experiências postadas *on-line* no site *TripAdvisor* por visitantes de atrativos do PEIG entre os anos de 2015 e 2020.

Ao estudar as experiências de visitantes, ainda há uma concentração de estudos utilizando métodos como entrevistas, questionários e escalas, que em sua maioria são predefinidas e nem sempre contemplam as percepções consideradas importantes (TORAL; MARTÍNEZ; GONZÁLEZ, 2018). Métodos estruturados podem não revelar sentimentos e emoções profundas vivenciadas pelos visitantes, assim, técnicas não estruturadas permitem que os respondentes descrevam livremente, com suas palavras, suas experiências e fornecendo um conteúdo mais rico (BIGNE; FUENTES-MEDINA; MORINI-MARRERO, 2020). Desta forma, por contemplar avaliações espontâneas de visitantes em destinos, o site *TripAdvisor* disponibiliza um conjunto de dados que são criados de forma aberta pelos seus usuários e com uma variedade de informações.

Além disso, outro aspecto que justifica a presente pesquisa, trata como afirmam Hall e Frost (2009 *apud* LAI; HSU; NEPAL, 2013) e Jamal e Stronza (2009), da necessidade de mais estudos sobre a representação da natureza e suas experiências, expressa pelas partes interessadas de APs associadas à prática do turismo, uma vez que, por meio da análise da percepção sobre um determinado território, pode-se compreender os distintos significados atribuídos pelos visitantes à natureza presente nestes locais.

2 Revisão da Literatura

2.1 Conteúdo On-line Gerado pelo Turista

O termo “Conteúdo Gerado pelo Usuário – CGU” (do inglês *User Generated Content* - *UGC*), refere-se a qualquer forma de conteúdo, como imagens, vídeos ou textos publicados

por usuários através de plataformas *on-line* (FATANTI; SUYADNYA, 2015). Exemplos típicos de CGU incluem mídias sociais e sites como *Instagram*, *Facebook*, *TripAdvisor* e *YouTube*, que disponibilizam uma série de mecanismos para que os próprios usuários divulguem seus conteúdos por meio destas plataformas.

O CGU segundo Shao (2009) envolve o consumo, participação e produção. O consumo, diz respeito ao uso para diferentes fins, mas sem participação. A participação envolve a interação do usuário com outro usuário, por exemplo, com a classificação de conteúdo ou a postagem de um comentário. E, por fim, a produção abrange a criação de conteúdo, seja por meio da publicação de textos, imagens, vídeos ou áudio (YOO; GRETZEL, 2011).

As mídias sociais são cada vez mais relevantes como parte das práticas de turismo e afetam destinos e negócios (MUNAR; JACOBSEN, 2014). Do ponto de vista dos operadores de um determinado destino, o CGU permite entender mais sobre como os turistas pensam e se sentem no pós-viagem (CHUA; BANERJEE, 2015). O CGU, no contexto do turismo, é fortemente identificado como um conteúdo confiável e como uma importante fonte de informações para turistas (HUERTA-ÁLVAREZ; CAMBRA-FIERRO; FUENTES-BLASCO, 2020), assim como uma fonte de informações confiáveis e válidas para gestores e pesquisadores (LU; STEPCHENKOVA, 2015), uma vez que, o CGU auxilia no entendimento das experiências e opiniões dos turistas sobre destinos e atrativos (MIRZAALIAN; HALPENNY, 2021).

Os turistas, por exemplo, consultam várias formas de CGU, incluindo mídias sociais, comunidades *on-line*, *blogs*, *microblogs* e *blogs* de imagens, entre outros, ao escolher um destino para visitar (NUSAIR; BUTT; NIKHASHEMI, 2019). Os turistas desempenham um papel essencial no processo de criação de valor por meio do uso de CGU e, não por acaso, O CGU tem implicações importantes para a indústria do turismo pois influencia o comportamento do turista, bem como a imagem e o desempenho do destino (GONZÁLEZ-RODRÍGUEZ *et al.*, 2021).

Para Huang, Zhu e Yao (2021), o CGU é uma estratégia de compartilhamento de conhecimento, sentimentos e experiências durante e após uma viagem, refletindo a cognição revisada dos usuários da imagem de um destino. Ao mesmo tempo, o CGU é um meio de se construir a imagem de um destino por meio de uma experiência vivenciada por determinados indivíduos.

O turismo é um tipo de atividade baseado na experiência (CHANG, 2018). Esta natureza experiencial do turismo, juntamente com a evolução tecnológica e a disposição dos

turistas em compartilhar informações, criaram as condições para os turistas aprenderem por meio da experiência de um grupo grande e diverso de pessoas (VOLO, 2010), especialmente pelo compartilhamento destas experiências por meio de sites especializados e mídias sociais.

2.2 Experiência do Turista em Destinos Baseados na Natureza

Os turistas viajam por muitos motivos diferentes e, o desejo de vivenciar o ambiente natural e a oportunidade de participar de diferentes atividades na natureza são os principais motivos apresentados por muitos turistas para viajar para um destino com tal apelo (KIM *et al.*, 2015). Os turistas esperam ter experiências diversas e únicas durante a viagem, que os enriqueçam e que os lembrem por um período prolongado. Inclusive, experiências memoráveis e duradouras são cruciais para suas futuras tomadas de decisão (KIM; RITCHIE; TUNG, 2010).

As experiências turísticas são um construto complexo, com muitas dimensões e nomenclaturas, e difíceis de se mensurar (PACKER; BALLANTYNE, 2016; ZHANG; WU; BUHALIS., 2018). Tais experiências são construídas em diferentes momentos, envolvendo o antes, o durante e o pós-viagem, mas a maioria das experiências memoráveis ocorrem após o término da viagem (PARK; SANTOS, 2017). Segundo Lu, Chi e Liu (2015), a autenticidade percebida e o envolvimento dos turistas em atividades no destino, são um dos meios de se formatar a imagem do destino, pois o envolvimento dos turistas está positivamente associado à satisfação dos turistas, sendo que a imagem é o elemento que medeia a relação entre a autenticidade percebida e a satisfação dos turistas.

Experiências baseadas na natureza geram um sentimento de volta à natureza do homem, desta maneira, há uma busca por autenticidade em experiências na natureza. Estas experiências podem envolver a busca por entretenimento, isto é, a busca por aventura e diversão na natureza, mas também pode ser uma fonte de sensações e buscar um novo estado de ser que é diferente da vida normal, além de estimular os sentidos dos viajantes, suas reações cognitivas, emocionais e comportamentais (VESPESTAD; LINDBERG, 2011; CURTIN; KRAGH, 2014).

APs como os parques, têm tido um crescimento na procura nos últimos anos, resultado em parte, do desejo de visitantes em desfrutar de experiências recreativas e prazerosas em locais onde há ricos atributos naturais (BIGNE; FUENTES-MEDINA; MORINI-MARRERO, 2020). De acordo com Packer e Ballantyne (2016) a interface entre a experiência dos visitantes e encontros com a natureza, são bem diversas e envolvem muitos aspectos, tais como: elementos sensoriais, restauradores, introspectivos (por exemplo, a contemplação e

reflexão), emocionais (como a surpresa ou alegria), espiritual (por exemplo, a comunhão com a natureza, cognitivo (aprendizagem, descoberta, por exemplo) entre outras.

Os turistas que participam de experiências baseadas na natureza ao entrarem em contato com o ambiente natural, inclusive, tornam-se mais propensos a atuar de forma ecologicamente correta (HAN; LEE; HWANG, 2016; NEKMAHMUD; FEKETE-FARKAS, 2020). Através da experiência direta, os turistas podem desenvolver um maior sentimento valorativo pela natureza e da vida selvagem que encontram em experiências na natureza (KULARATNE *et al.*, 2021). As experiências da vida selvagem que são percebidas como intensas criam um apego emocional significativo para o visitante (FOLMER *et al.*, 2013). Desta forma, o turismo em áreas naturais, é uma oportunidade muito além de contemplar a natureza, mas uma forma de promover a conservação desta, aproximando o homem/mulher do meio ambiente.

2.3 A Construção da Imagem de um Destino

As experiências em um determinado destino, são essenciais para a construção de uma imagem sobre este. A imagem de destino é tida como uma construção multidimensional, que inclui a cognição/percepção e aspectos afetivos (GARTNER, 1996). A cognição pode ser observada por meio das crenças ou informações que os turistas têm sobre os atributos do destino, incluindo o ambiente natural, cultural e experiências associadas ao destino (WANG; HSU, 2010; VALLE; MENDES; GUERREIRO, 2012).

O imaginário é algo que diz respeito tanto ao indivíduo, quanto ao coletivo. Os indivíduos por conta de um fluxo contínuo de afetos, desejos e representações produzem símbolos, formas e figuras. O afeto, por exemplo, diz respeito aos sentimentos de um indivíduo em relação a um objeto, tal afeto pode ser favorável, desfavorável ou neutro (FISHBEIN 1967 *apud* PIKE; RYAN, 2004). Coletivamente, tais criações são compartilhadas por um coletivo impessoal e anônimo (CASTORIADIS, 1982).

A imagem de um destino trata de um conjunto de crenças, impressões, benefícios e atributos de um destino tendo como base um conjunto de informações que o turista processou de várias fontes (ZHANG *et al.*, 2014). A imagem desempenha um papel importante nos processos de tomada de decisão dos turistas, desde o planejamento da viagem até o pós-visita (MIRZAALIAN; HALPENNY, 2021). Além disso, a imagem de um destino turístico é um valor intangível, que valoriza aspectos internos e externos de uma região (HUANG; ZHU; YAO, 2021). Tais imagens são relevantes no contexto do turismo, por ser uma forma de transpor a representação de uma determinada área na mente de potenciais visitantes, lhes dando uma ideia preliminar de um destino (FAKEYE; CROMPTON, 1991).

A imagem de um destino inclui componentes funcionais, como a disponibilidade de atrações naturais, transporte local, estabelecimento comerciais e aspectos psicológicos, como a hospitalidade e simpatia (ALCAÑIZ; GARCÍA; BLAS, 2009). Também não se pode deixar de considerar que, a imagem de um destino é algo que impacta diretamente sobre a intenção de divulgação boca a boca de um destino entre turistas (CHI; QU, 2008). Ou seja, a imagem de um destino, é uma construção feita por diferentes meios e que tem repercussões importantes sobre as percepções acerca de um destino turístico.

2.3 A Teoria das Representações Sociais (TRS) e Usos na Pesquisa sobre Turismo em Áreas Protegidas (APs)

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi desenvolvida por Serge Moscovici (1961) como uma estrutura para explicar a compreensão do pensamento social por diferentes grupos (SOUSA; SOUZA, 2021). Trata-se de uma teoria do conhecimento cotidiano, do senso comum; examina crenças compartilhadas socialmente, que permitem que as pessoas se comuniquem, interajam e se comportem de forma abrangente (MOSCOVICI, 2012). Refere-se ao processo de construção de um saber e de uma realidade comum, que ocorre por meio da interação entre os membros de uma sociedade em seu cotidiano (SÁ, 1998). De acordo com Abric (2001), pode-se definir representação social como:

[...] um conjunto organizado de opiniões, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação. É determinada ao mesmo tempo pelo próprio sujeito (sua história, sua vivência), pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social. (p. 156).

Apesar de ter ganhado notoriedade por meio dos estudos de Moscovici e seus seguidores, como Denise Jodelet e Jean Claude Abric, a TRS nasceu do conceito de representações coletivas de Durkheim (1898). A ideia de representação em Durkheim (1970; 1987), remete ao conhecimento de algo externo, que só é possível por meio de representações, sejam elas individuais ou coletivas, pois é através de representações que interagimos (TOMEI, 2013). Para Durkheim "o segmento mais abrangente do mundo empírico é a experiência coletiva" (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 153). A partir das proposições de Durkheim, Moscovici (2001) dá dinamicidade ao conceito de representações coletivas, com sua proposta de representações sociais.

A finalidade das representações sociais é "classificar os eventos da vida social segundo uma grade de interpretação grupal, permitindo ações relativas a esses acontecimentos" (WACHELKE; CAMARGO, 2007, p. 381). As representações sociais se prestam a dar forma e categorizar objetos, pessoas ou acontecimentos, que são envolvidos em

imagens, linguagem ou cultura que, são oriundos de representações de determinados grupos (BERTONI; GALINKIN, 2017). Para Mouret *et al.* (2013), a atividade de representação é algo universal, mas sujeita a variações de um indivíduo para outro dependendo da sua cultura.

Como argumenta Jodelet (2001), as representações sociais formam um sistema, com versões materializadas por imagens ou condensadas por palavras, que são carregadas de significações, que são uma forma de interpretar aspectos da realidade diária. As representações sociais criam uma espécie de sentimento de pertencimento por meio da experiência de pensamento compartilhado em função de determinado objeto.

As representações sociais também são modalidades de conhecimento, que auxiliam os indivíduos a tornar algo estranho, como algo familiar. Segundo Moscovici (2012, p. 46), as representações sociais “ocupam uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa”. As representações sociais podem ser entendidas como “linhas cognitivas” no sentido de que resumem as orientações para o que as pessoas fazem e o que eles observam e pensam do mundo em torno delas” (PEARCE; WU; CHEN, 2015, p. 26). Pode-se notar essa forma de conhecimento por meio de três dimensões, a saber: a atitude que expressa uma orientação em relação a determinado objeto; a informação, que remete ao conhecimento sobre o objeto da representação, que pode ser diversificado, preciso ou estereotipado e; finalmente o campo da representação, que corresponde ao conjunto de informações organizadas e estruturadas sobre o objeto (MOSCOVICI, 2012).

Outros dois conceitos propostos por Moscovici (2012) e que são fundamentais para o entendimento do que torna algo familiar ou não-familiar, são os conceitos de ancoragem e objetivação, que segundo o autor referem-se ao processo pelo qual procuramos classificar e dar nome a algumas coisas, tornando o estranho familiar (ancoragem) e na compreensão do objeto em si, isto é, a capacidade de tornar concreto e acessível algo que nos era estranho por meio de uma imagem (objetivação).

Não são muitos os estudos que utilizam a perspectiva das representações sociais no campo do turismo (FARSARI, 2018), sendo que seu uso tem sido observado em estudos relacionados a atitude, percepção e participação das partes interessadas (SHEN *et al.*, 2015). Para Farsari (2018, p. 3), no contexto do turismo, a TRS pode ser usada para “vincular a cognição individual à compreensão e construção social”. Na literatura internacional, é possível encontrar alguns casos do uso das TRS em estudos no campo do turismo, empregada para diferentes finalidades (ver: LAI; HSU; NEPAL, 2013; SHEN *et al.*, 2015; PEARCE; WU; CHEN, 2015; FARSARI, 2018; MORAIS *et al.*, 2018).

Um exemplo de estudo em APs, utilizando a TRS foi o de Morais *et al.* (2018). Numa investigação com visitantes no Parque Nacional de Iona (Angola), encontraram dois tipos diferentes de representações entre visitantes: (1) visitantes que consideram a visita uma oportunidade de aprendizado, mas que tendem a exibir baixa consciência ambiental e social; e (2) visitantes que consideraram a visita como uma oportunidade de aprendizado, mas também como um processo em que a sustentabilidade e normas devem ser mantidas.

Na literatura nacional, há poucos estudos sobre as representações sociais de APs, tais como os estudos de Pimentel e Magro (2011), no Parque Estadual da Serra da Tiririca e de Freitas (2014) no Parque Natural Municipal da Freguesia, ambos no Estado do Rio de Janeiro, além dos estudos de Krassota, Carelli e Schwarz (2017) e Souza (2014), no Parque Natural Municipal Caieira em Joinville-SC e Parque Estadual do Delta do Jacuí em Porto Alegre-RS, respectivamente.

3 Metodologia

A presente pesquisa trata de uma pesquisa com abordagem mista – qualitativa e quantitativa (CRESWELL, 2010). Para alcançar o objetivo desta, foi realizada uma investigação a partir do conteúdo gerado pelo usuário, por meio das resenhas feitas por visitantes do Parque Estadual da Ilha Grande - PEIG e de seus atrativos. O PEIG foi criado através do Decreto nº 15.273 de 28 de junho de 1971, demarcado pelo Decreto nº 16.067 de 4 de junho de 1973 e disposto pelo Decreto nº 2061 de 25 de agosto de 1978, ocupando 5594 hectares dos 19.300 hectares da área total da ilha (INEA, 2013).

3.1 Coleta de dados

Os dados (*corpus textuais*) para análise neste estudo foram diretamente coletados por meio de resenhas feitas por usuários do site *TripAdvisor* que visitaram o PEIG e seus principais atrativos⁸, conforme exposto no Quadro 1.

O site *TripAdvisor* foi escolhido por sua relevância, pela quantidade de usuários e pelo volume de comentários que mobiliza, além do fato das informações postadas pelos turistas serem públicas, o que facilita o processo de coleta. Como a maior comunidade virtual do mundo de turismo, o *TripAdvisor* oferece mais de 435 milhões de avaliações e opiniões, com 280 postadas a cada minuto (TRIPADVISOR, 2019). Os viajantes podem fazer pesquisas sobre diferentes tipos de destinos e atrativos, entre eles destinos de turismo de natureza, como parques e atrações naturais (MIRZAALIAN; HALPENNY, 2021). A variedade de recursos oferecidos pelo *TripAdvisor* não apenas melhorou a experiência dos viajantes como também,

⁸ Os atrativos foram definidos, com base naqueles destacados no site oficial do INEA - Instituto Estadual do Ambiente destinado aos parques do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: http://parqueseaduais.inea.rj.gov.br/inea/peig_atrativos.php. Acesso em: 14 jun. 2021.

tem sido um meio de empoderar este público ao permitir que os visitantes co-criem conteúdo e compartilhem avaliações detalhadas (BARREDA; BILGIHAN, 2013).

O uso de dados disponíveis em plataformas como o *TripAdvisor*, além da riqueza de conteúdo que possuem, trata-se de dados que podem ser coletados remotamente, de forma relativamente simples e com baixo custo, além de poderem ser empregados para diversos tipos de investigação (MOTA; PICKERING, 2020).

Quadro 1 – Resenhas sobre os Principais Atrativos do PEIG

Atrativo	Número de Avaliações Disponíveis em 16/10/2021	Número de Resenhas Coletadas entre 2015 e 2020 e percentual de amostragem (%)	Link de Acesso
Praia Preta	952	550/57,77	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g2305625-d4059322-Reviews-Preta_Beach-Vila_do_Abraao_Ilha_Grande_Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html
Praia de Lopes Mendes	5726	2116/36,95	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303497-d548420-Reviews-Lopes_Mendes_Beach-Ilha_Grande_Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html
Praia do Caxadaço	646	382/59,13	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303497-d4056690-Reviews-Caxadaco_Beach-Ilha_Grande_Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html
Praia de Dois Rios	1121	588/52,45	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303497-d548425-Reviews-Dois_Rios_Beach-Ilha_Grande_Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html
Praia de Parnaioca	356	202/56,74	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303497-d4056684-Reviews-Parnaioca_Beach-Ilha_Grande_Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html
Praia do Aventureiro	1145	627/54,76	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303497-d4056695-Reviews-Aventureiro_Beach-Ilha_Grande_Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html
Cachoeira da Feiticeira	345	192/55,65	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303489-d4035399-Reviews-Cachoeira_da_Feiticeira-Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html
Pico do Papagaio	790	228/28,86	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303497-d1752263-Reviews-Pico_do_Papagaio-Ilha_Grande_Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html
PEIG	945	536/56,72	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303489-d4474996-Reviews-Ilha_Grande_State_Park-Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html

Fonte: *TripAdvisor* (2021).

Para a obtenção dos dados, foram seguidos alguns passos. Inicialmente foi feita a delimitação do período de coleta de dados, onde foram coletados dados referentes ao período de 2015 a 2020, no intuito de captar percepções que sejam mais atuais. Posteriormente a identificação e delimitação do período de análise, procedeu-se a extração dos dados. Os dados foram extraídos no site *TripAdvisor* durante o segundo semestre de 2021 por meio do *web scraping WebHarvy* (<https://www.webharvy.com/>).

As avaliações postadas pelos usuários neste site compreendem, além do próprio comentário sobre o local visitado, outros elementos tais como nome do usuário, local de origem, entre outras informações. No entanto, para esta pesquisa foram coletados apenas: nome do usuário, comentário/experiência, título do comentário e ano de publicação. Os dados brutos coletados podem ser acessados em: <https://doi.org/10.7910/DVN/LBZW8Z>.

Ao todo foram obtidos 5421 comentários/experiências, que foram organizadas em planilhas no *software Microsoft Excel* 2013. Vale lembrar que, análises baseadas em texto em grande escala, são meios interessantes para demonstrar a importância de aspectos específicos, na forma como viajantes veem um determinado destino (MCKENZIE; ADAMS, 2018).

Visando zelar pela integridade ética da pesquisa, mesmo sendo um estudo que se utiliza de informações de caráter público (avaliações *on-line*), além de seguir as diretrizes da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016), a referida pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro com o número de protocolo CAAE 46770821.0.0000.5285. Além disso, o estudo seguiu as recomendações da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (BRASIL, 2018).

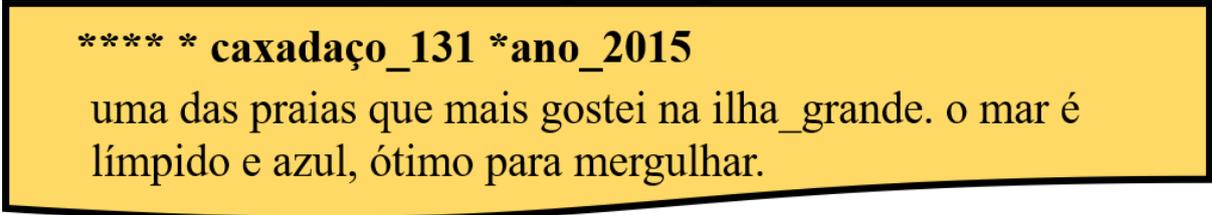
3.2 Análise dos dados

Após a coleta dos dados, procedeu-se as análises qualitativas e quantitativas. A análise das avaliações foi feita seguindo as orientações de Song *et al.* (2017) acerca do uso de dados do site *TripAdvisor*. Por exemplo, uma das resenhas foi retirada, por se tratar de um apelo de um visitante, que perdeu seu telefone durante um passeio.

A estrutura das representações sociais, na qual se buscou verificar as conectividades entre seus elementos, foi elaborada por meio das análises suportadas pelo *software IRaMuTeQ* (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), versão 0.7 alpha 2, um *software* gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud (LAHLOU, 2012; RATINAUD; MARCHAND, 2012).

Para o desenvolvimento das análises suportadas pelo *IRaMuTeQ*, foram seguidas as instruções contidas nos manuais do referido *software*⁹. Na preparação do *corpus* textual foi utilizado o *software Microsoft Word 2013*, onde os textos passaram por diferentes tratamentos, buscando ajustes e correções na escrita (a correção de erros de digitação e pontuação, a uniformização das siglas e a junção de palavras compostas, por exemplo, o termo “praia_preta”, pois sem este formato o *IRaMuTeQ* faz a leitura do texto como se fosse duas palavras diferentes), mas sempre se atentando para a manutenção do conteúdo de cada avaliação. Para realizar o tratamento no *IRaMuTeQ*, o documento foi separado em arquivos específicos para cada atrativo e salvos no formato UTF-8 (*Unicode Transformation Format 8 bit codeunits*) e salvo em modo de texto (.txt), que é o formato suportado pelo *software*, além de codificados segundo a representação feita na Figura 1.

Figura 1 – Exemplo de Corpus do Estudo

A Figura 1 mostra um exemplo de um corpus de texto dentro de um retângulo amarelo com uma borda preta. O texto dentro do retângulo é: "**** * caxadaço_131 *ano_2015" em uma linha, e "uma das praias que mais gostei na ilha_grande. o mar é límpido e azul, ótimo para mergulhar." em duas linhas subsequentes. O texto está em uma fonte serifada e em negrito.

****** * caxadaço_131 *ano_2015**
uma das praias que mais gostei na ilha_grande. o mar é límpido e azul, ótimo para mergulhar.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O *IRaMuTeQ* trabalha com o conceito de *corpus*, que é o conjunto texto que se pretende analisar. Um conjunto de textos constitui um *corpus* de análise (CAMARGO; JUSTO, 2013a). De acordo com Mutombo (2013) a análise tem por base a proximidade lexical de ideias e palavras utilizadas em contextos semelhantes, associando-as aos mesmos mundos lexicais, o que possibilita o tratamento quantitativo das informações textuais coletadas. Dessa análise lexical emergem contextos e classes que são caracterizadas por seus vocabulários e por segmentos de textos que compartilham o mesmo vocabulário. Para esta pesquisa foram utilizados dois tipos de tratamentos textuais oferecidos pelo *software IRaMuTeQ*: o Método da Classificação Hierárquica Descendente-CHD e Análise de similitude.

Ao utilizarmos cada uma das análises propostas, é importante considerar as teorias e conceitos que embasam tais análises. As classes geradas por meio da CHD representam o contexto de sentido das palavras e acabam por ajudar a demonstrar as representações ou os elementos de representações sobre determinado objeto social em foco (CAMARGO; JUSTO, 2013b). As classes foram nomeadas conforme as expressões que melhor as representaram.

⁹ No site do *software* há uma série de manuais. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation>. Acesso em: 14 jun. 2021.

Como pontuam Souza *et al.* (2018, p. 03), para proceder a CHD é preciso: a “preparação e a codificação do texto inicial, a classificação hierárquica descendente, realizada pelo processamento dos dados, e a interpretação das classes”. O *IRaMuTeQ* trabalha com a criação de um dicionário de palavras, e utiliza-se do método estatístico inferencial do qui-quadrado (χ^2), além do nível de significância, para revelar a força associativa entre as palavras e a sua respectiva classe. O menor valor do qui-quadrado representa uma menor relação entre as variáveis (LAHLOU, 2001; OLTRAMARI; CAMARGO, 2010).

A Análise de Similitude (FLAMENT, 1981), por sua vez, analisa as distâncias entre diferentes elementos representacionais. Esta análise permite as indicações da conexidade entre as palavras, que acaba por auxiliar na identificação da estrutura da representação do objeto para os sujeitos envolvidos (CAMARGO; JUSTO, 2013b). Neste caso, elementos próximos de muitos outros são considerados centrais, enquanto que, elementos próximos de poucos elementos tendem a ser identificados como periféricos (WOLTER; WACHELKE; NAIFF, 2016). Cabe ressaltar que, o *IRaMuTeQ* auxilia nas análises, sendo o pesquisador o responsável pela interpretação e conclusões com base nos achados da pesquisa (SOUZA *et al.*, 2018).

4 Resultados

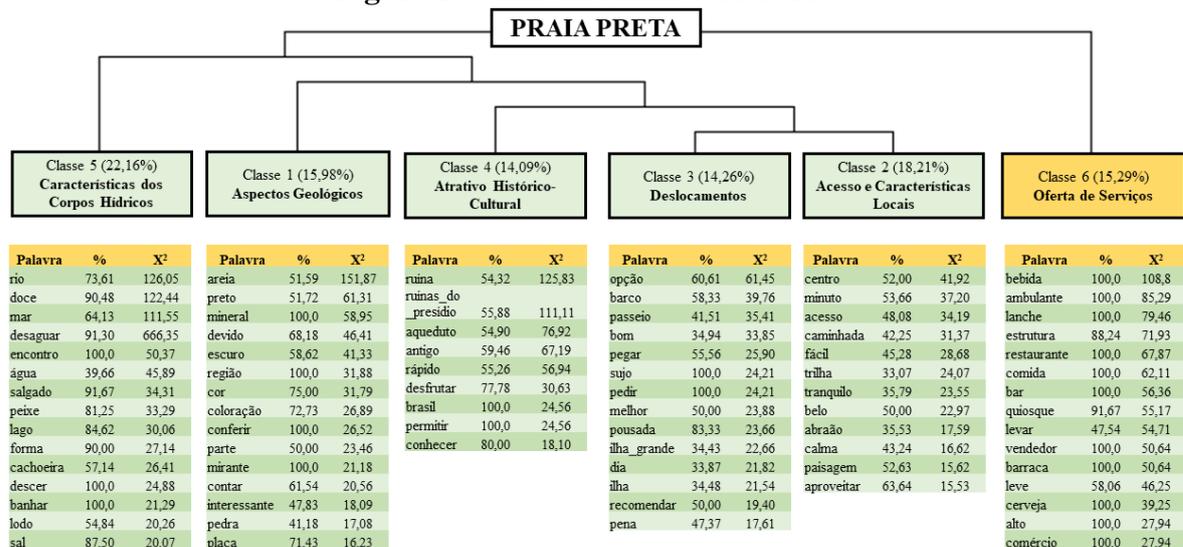
Nesta seção, são analisadas as diferentes formas como os visitantes relatam suas experiências em torno dos atrativos do PEIG. Inicia-se, utilizando o recurso da CHD, onde serão apresentados os resultados para cada atrativo investigado. Como forma de analisar apenas as representações sobre o PEIG, neste caso, utiliza-se o recurso da análise de similitude. Cabe ressaltar que, no caso da CHD, estas são apresentadas por meio de classes.

4.1 Praia Preta

Para o conjunto de experiências tratadas sobre a Praia Preta, foram analisados 699 segmentos de texto (ST), retendo 83,26% desse total, formando seis classes.

A Praia Preta está localizada no que se considera o Circuito do Abraão, que contempla outros atrativos, como as ruínas do Lazareto do Abraão (construído em 1884) que posteriormente se tornou a Colônia Penal Cândido Mendes (SANTOS, 2007) e o Aqueduto (construído em 1893). Estes atrativos históricos surgem de forma muito clara, nas percepções dos visitantes (Figura 2), até por serem atrativos muito próximos desta praia. Sobre este aspecto cabe chamar a atenção para o potencial do geoturismo e do turismo cultural na Ilha Grande, como apontado por Farias, Gama e Chirol (2017), por meio de um inventário dos patrimônios histórico-culturais e geológico-geomorfológicos da Vila de Abraão, estes autores notaram um bom potencial para o turismo, mas um certo estado de abandono.

Figura 2 – CHD do Atrativo Praia Preta



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Nota: Na figura, constam apenas termos que atingiram um valor p de $p < 0,0001$, tal valor identifica o nível de significância da associação do segmento de texto contendo a palavra com a classe.

Algo que era de se esperar, trata-se da característica geológica que dá nome ao atrativo: Praia Preta. A coloração da areia e a presença de rochas e pedras chama a atenção visual neste atrativo, e isso se reflete nos relatos dos visitantes, como pode ser notado pelos termos mais frequentes da Classe 1. A presença de minerais como quartzo biotita (escura), magnetita (preta e magnética), ilmenita (preta e metálica), entre outras (CEADS, 201-), dá um aspecto diferenciado na área desta localidade, com uma tonalidade escura. O comentário a seguir ilustra a experiência do visitante deste atrativo:

Compensa muito fazer essa pequena **trilha** que também leva as **ruínas** de Lazareto. A **coloração** da **areia** se deve aos **minerais** de **pedras** do local. Não é **sujeira**. E além de tudo as **águas** são **calmas** e tem um **rio** com **águas** límpidas que corta a **praia** (Experiência publicada em 2 de fevereiro de 2016).

Características dos recursos hídricos (Classe 5) deste ambiente também emergem nas falas dos turistas. Nesta região, há alguns atrativos como a Cachoeira Poção do Abraão, que forma uma espécie de lago que desemboca no mar. Vejamos o seguinte relato:

A praia **é linda**, com um **riacho** que forma um **poção** e depois **deságua** na praia. Um lugar cercado pela **bela** natureza da **ilha grande** e ainda conta com as **ruínas do lazareto** e um pouco mais acima o **aqueduto** (Experiência publicada em 12 de outubro de 2015).

Como pode ser observado na Figura 2, os visitantes destacam na Classe “Acesso e Características Locais” fatores que se sobressaem nesta localidade, como a tranquilidade e a calmaria proporcionadas por esse ambiente. Talvez, esta calmaria seja em parte proporcionada por ser um espaço onde o mar não é agitado, como ocorre em outras praias da Ilha Grande.

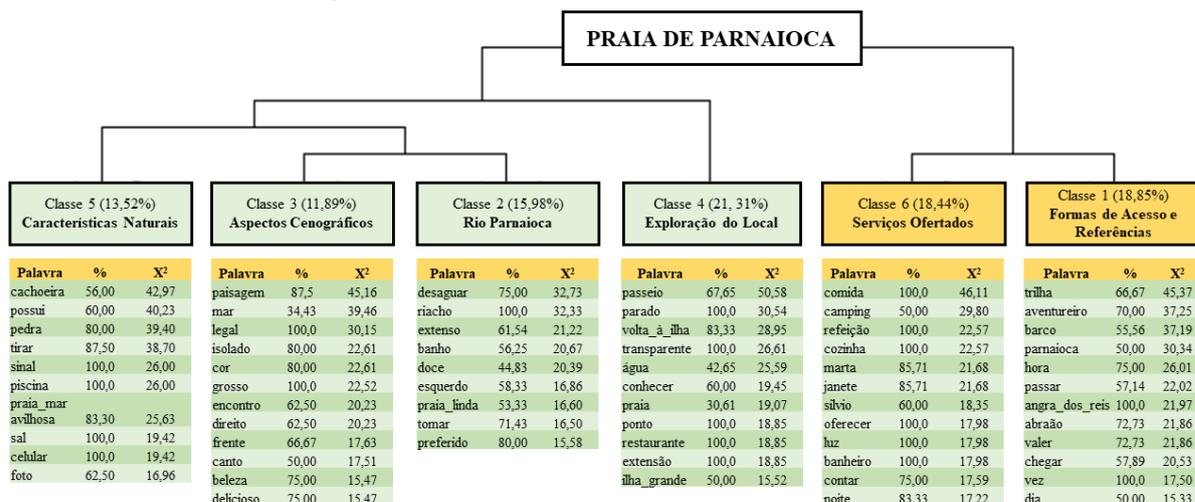
Outra Classe que emerge, trata dos “Deslocamentos” em torno deste ambiente, isto é, a questão da estadia e locomoção. Aspectos em torno da oferta de serviços oferecidos no local também são relatados, tais como a oferta de alimentação, onde destaca-se o comércio ambulante (Classe 6). Claramente, nota-se pela Figura 2, que as experiências dos visitantes, giram em torno de dois conjuntos de elementos: oferta de serviços e os elementos característicos do local.

4.2 Praia de Parnaioaca

Para este *corpus*, foram analisados 291 segmentos de texto (ST), retendo 83,85% desse total, formando seis classes.

Na Praia de Parnaioaca, por meio das falas dos visitantes, foi possível notar que emergiram classes sobre as características naturais do local, sobre elementos que são singulares neste atrativo, como o encontro do rio com o mar (Figura 3). Neste mesmo sentido, a beleza cênica do atrativo (Classe 3) é ressaltada nas falas, assim como as formas de acesso e oferta de serviços (Classes 1 e 6).

Figura 3 – CHD do Atrativo Praia de Parnaioaca



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Nota: Na figura, constam apenas termos que atingiram um valor p de $p < 0,0001$, tal valor identifica o nível de significância da associação do segmento de texto contendo a palavra com a classe.

A oferta de serviços, muitas delas vinculadas ao turismo de base comunitária (TBC), emergem fortemente nas falas dos turistas. Vale lembrar que a proposta do TBC, é o desenvolvimento em escala local e centrado nos recursos endógenos das comunidades (FABRINO; NASCIMENTO; COSTA, 2017). Assim, como no caso da Praia do Aventureiro que será retratado mais adiante, a Praia de Parnaioaca também é outro destino onde este tipo de turismo se apresenta na Ilha Grande. Cabe destacar o estrito diálogo que esta atividade tem

com a proposta do ecoturismo e práticas sustentáveis, especialmente em AP (ICMBio, 2018). A participação do TBC em Parnaioca, pode ser notada por meio do seguinte relato:

Passei o fim_de_semana, natureza deslumbrante e intocável, fiquei no **camping** da **Janete** que tem ótima infraestrutura, lugar para quem quer paz, o acesso é por **barco** ou **trilha** [...], no fim da **praia** tem e encontro do rio com o **mar**, se quer paz e sossego seu lugar é aqui. (Experiência publicada em 9 de março de 2020).

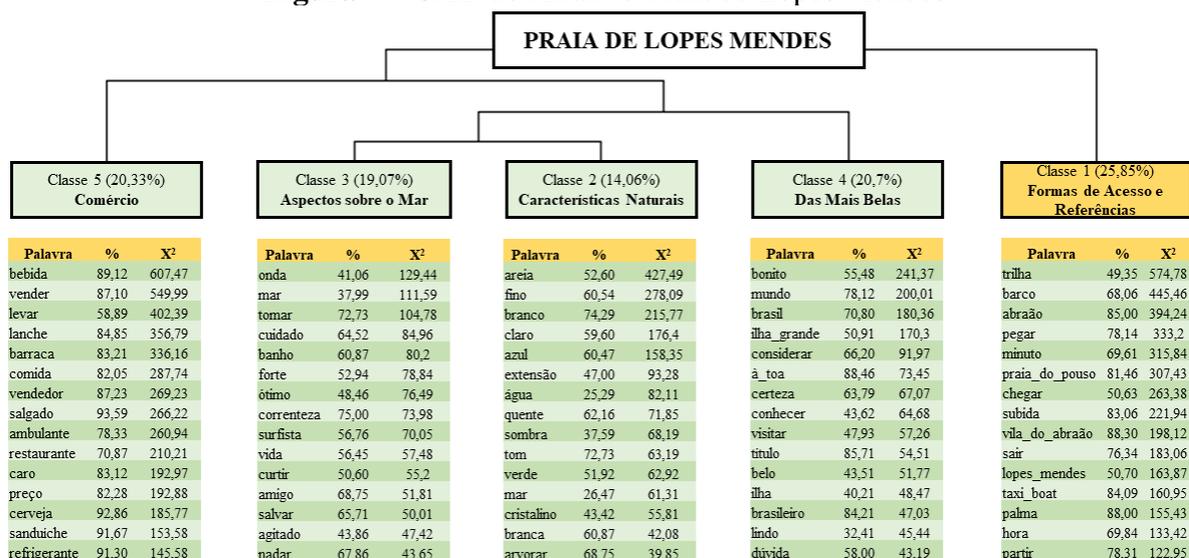
As referências ao acesso à Praia de Parnaioca também são destacadas nas falas (Classe 1). Outro elemento muito característico de Parnaioca que surge numa das classes é a ocorrência na extremidade oeste do Rio Parnaioca, que forma uma pequena lagoa na praia (Classe 2).

4.3 Praia de Lopes Mendes

Lopes Mendes é a praia mais famosa da Ilha Grande. Talvez, parte dessa fama venha do reconhecimento que esta praia tem como uma das mais belas do mundo, segundo alguns prêmios, como o *Travellers' Choice* promovido pela *TripAdvisor* (G1 Rio, 2017), aspecto este que emerge nas falas dos visitantes (Figura 4). As características do ambiente, como a coloração da água e da areia, também emergem fortemente nas falas dos visitantes (Classe 2), assim como as características do mar, que por ser agitado, requer cuidados dos banhistas, sendo ideal para a prática do *surf* (Classe 3).

Para este *corpus*, foram analisados 3254 segmentos de texto (ST), retendo 82,85% desse total, formando cinco classes.

Figura 4 – CHD do Atrativo Praia de Lopes Mendes



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Nota: Na figura, constam apenas termos que atingiram um valor p de $p < 0,0001$, tal valor identifica o nível de significância da associação do segmento de texto contendo a palavra com a classe.

Nas seguintes falas, pode-se notar o encantamento do turista com a praia e sua beleza cênica, assim como o reconhecimento dessa beleza (Classe 4):

Sem sombra de dúvida, o local merece toda a fama que tem. E com certeza o título de uma das mais **belas praias** do **mundo** é justificável. Com **areia branca** e **águas** límpidas, com certeza é um pedaço do paraíso. (Experiência publicada em 17 de abril de 2015).

Com certeza uma das **praias** mais **belas** que já conheci. Ampla faixa de **praia** de **areia branca** e **fina**, sombra das árvores, **água cristalina**, temperatura perfeita, ondas na medida certa, simplesmente perfeita. (Experiência publicada em 14 de janeiro de 2019).

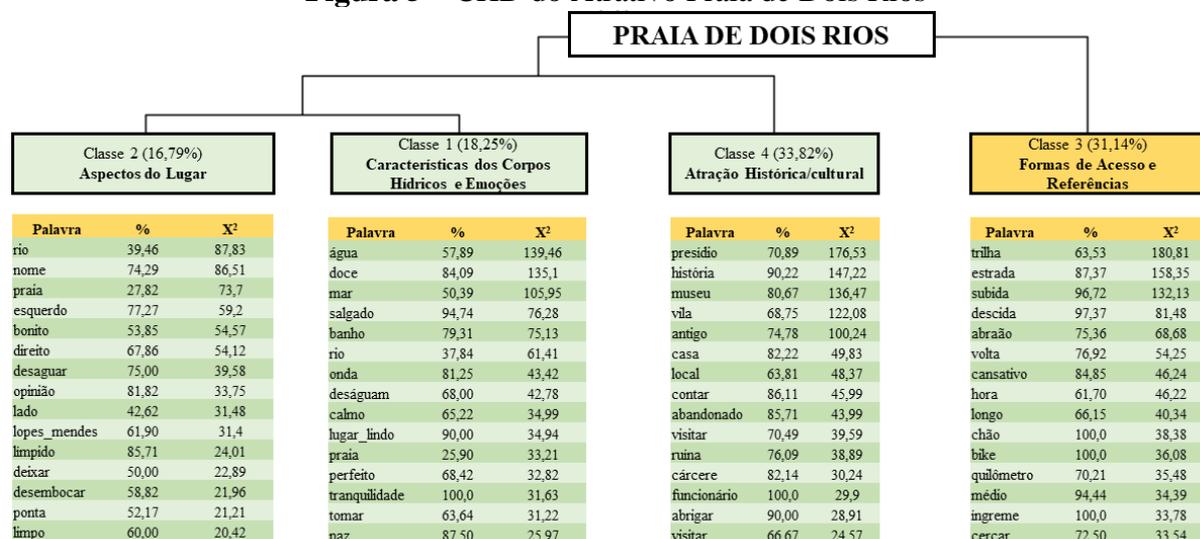
O comércio local, predominantemente ambulante, também é algo que aparece de forma notória na Classe 5, assim como surgiu na análise anteriormente apresentada da Praia Preta, demonstrando a participação deste tipo de comércio na região. Também observa-se falas sobre as formas de acesso e pontos de referência (Classe 1).

4.4 Praia de Dois Rios

Para este *corpus*, foram analisados 1211 segmentos de texto (ST), retendo 73,33% desse total, formando quatro classes. Considera-se o bom aproveitamento da unidade de contexto elementar que atinja um índice de 75% ou mais (CAMARGO; JUSTO, 2013a). Mas, autores como Kronberger e Wagner (2002), defendem que 70% das unidades de texto já é um nível aceitável para classificação.

Na análise sobre a Praia de Dois Rios (Figura 5), observam-se concepções que remetem ao nome da localidade: dois rios que desaguam no mar. O cenário de mar, rios, fora a beleza cênica, são aspectos que fazem emergir emoções e sentimentos como tranquilidade e paz na fala dos turistas (Classes 1 e 2).

Figura 5 – CHD do Atrativo Praia de Dois Rios



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Nota: Na figura, constam apenas termos que atingiram um valor p de $p < 0,0001$, tal valor identifica o nível de significância da associação do segmento de texto contendo a palavra com a classe.

Como na localidade ficava o antigo presídio Cândido Mendes, e onde suas ruínas permanecem, há o Museu do Cárcere, e tais elementos são marcantes na experiência dos turistas nesta localidade (Classe 4). O Instituto Penal Cândido Mendes, sediado na Ilha Grande de 1940 a 1994, teve importante papel no processo de turistificação da Ilha Grande e, a visita a este local causa diferentes sensações, que variam do asco à excitação, como notado no estudo de Araújo (2010) e também identificado nos relatos analisados na presente pesquisa:

Essa **praia** tem que ir com tempo não só para aproveitar a **praia**, mas para andar pela cidade onde tem o antigo **presídio**, **casas abandonadas** e os dois rios, um de cada lado da **praia**, esse encontro é maravilhoso. (Experiência publicada em 19 de outubro de 2020).

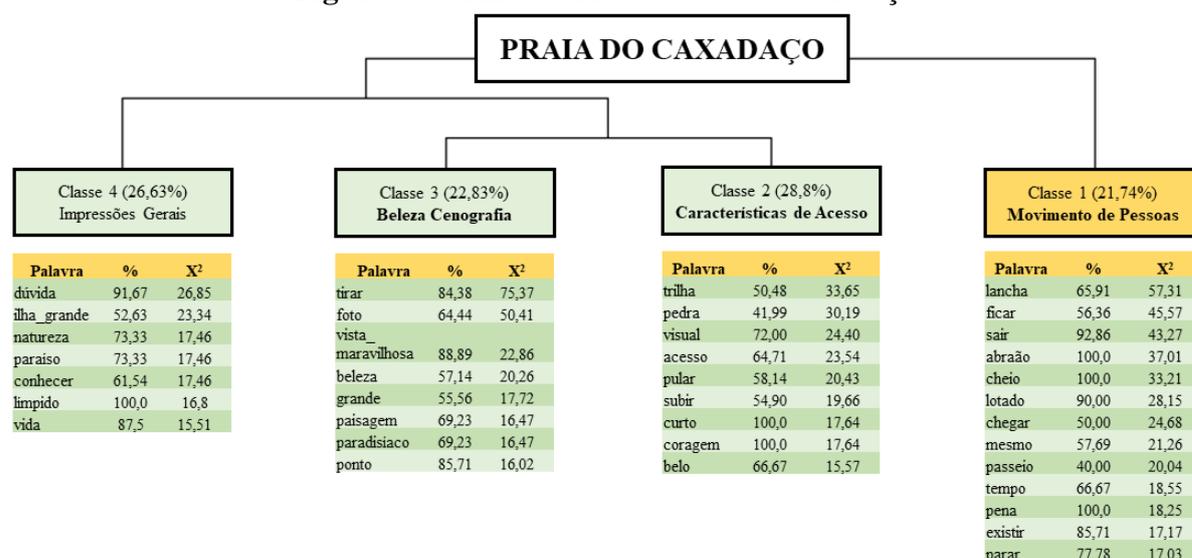
O caminho pelas **trilhas** é **longo**, mas vale_a_pena, situada numa **vila histórica** pelo **antigo presídio**, tem um clima diferenciado e uma paisagem encantadora. (Experiência publicada em 24 de agosto de 2015).

As formas de acesso, são como em outros atrativos, uma classe que surge com destaque para a trilha (Classe 3), que fundamental é fundamental para o acesso aos diversos atrativos da região.

4.5 Praia do Caxadaço

A beleza cenográfica, como em outros atrativos da Ilha Grande, é algo presente nas falas dos turistas que visitam o Caxadaço (Figura 6), “paradisiaca”, “vista_maravilhosa” e “beleza”, são adjetivações que surgem nos relatos de suas experiências (Classe 3). Neste *corpus*, foram analisados 490 segmentos de texto (ST), retendo 75,10% desse total, formando quatro classes).

Figura 6 – CHD do Atrativo Praia do Caxadaço



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Nota: Na figura, constam apenas termos que atingiram um valor p de $p < 0,0001$, tal valor identifica o nível de significância da associação do segmento de texto contendo a palavra com a classe.

O acesso a este atrativo por via terrestre se dá por meio de trilha, como ressaltado pelos turistas (Classe 2). Outra forma de acesso é por meio de passeios em embarcações, esta característica também surge, especialmente como notado no termo “lancha” (Classe 1). Outro ponto notado é o retrato da movimentação de pessoas neste ambiente, que revela ser um local muito frequentado, tendo em vista que caracterizações como “lotado” e cheio” estão presentes nas falas dos turistas na Classe 1, como pode-se observar no seguinte relato:

Como fizemos o **passeio** de **lancha** de volta_à_ilha, nos deparamos com uma praia minúscula e **lotada**. Acho que talvez indo de **trilha** seja uma realidade bem diferente, pois foge do horário que todos **chegam** ao mesmo tempo nos **passeios**. (Experiência publicada em 27 de fevereiro de 2020).

4.6 Praia do Aventureiro

Uma das regiões mais conhecidas da Ilha Grande, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro (RDS-Aventureiro), a Praia do Aventureiro é conhecida por ser um destino onde é praticado o TBC na Ilha Grande (MENDONÇA; MORAES, 2011), especialmente por esta atividade ser desenvolvida por moradores nativos e articulando a noção de população tradicional como meio para garantir o direito ao território, além de ser uma forma de articular com os objetivos da RDS-Aventureiro (FERREIRA, 2014). Parte desta característica se reflete na Classe 4 (Figura 7), onde os serviços oferecidos são ressaltados. Para este *corpus*, foram analisados 1092 segmentos de texto (ST), retendo 82,05% desse total, formando quatro classes.

Figura 7 – CHD do Atrativo Praia do Aventureiro



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Nota: Na figura, constam apenas termos que atingiram um valor p de $p < 0,0001$, tal valor identifica o nível de significância da associação do segmento de texto contendo a palavra com a classe.

Como demonstrado na Figura 7, este atrativo remete a um cenário paradisíaco, que reflete nas diferentes emoções e demonstrações de encantamento dos turistas, como notado por meio de termos como “maravilhoso”, “exuberante” e “espetáculo” aparentes na Classe 3. Tal atributo é proeminente nas avaliações, conforme observado por meio dos registros lexicais usados. O seguinte relato reflete estas características:

Eu acho umas das mais lindas_praias. Aventureiro é o verdadeiro **espetáculo** de ilha_grande. Que paisagem, que **mar**, que clima de **natureza**. Mata e **mar**, lado_a_lado. Imperdível. (Experiência publicada em 3 de março de 2017).

Algo que sobressai nas experiências dos turistas, trata-se do famoso cartão postal da Praia da Aventureiro: o coqueiro “torto” (Figura 8). O coqueiro é a principal atração do local, inclusive sendo a Classe 1, a mais significativa, refletindo diferentes características sobre este atrativo.

Figura 8 - Coqueiro na Praia do Aventureiro - Ilha Grande-RJ



Fonte: Alexandre Futata (*Creative Commons*).

Alguns relatos, que demonstram a importância do coqueiro, podem ser vistos a seguir:

O **coqueiro deitado** é uma **atração** à parte com **fila** para quem quiser tirar **foto**. vale_a_pena conhecer. É um **cartão_postal**. (Experiência publicada em 27 de fevereiro de 2020).

Com certeza fica nas primeiras posições entre as praias mais bonitas da ilha_grande. **Água**_azul cristalina, areia_branquinha e fina, um **mirante** e o **famoso coqueiro cartão_postal** da ilha. (Experiência publicada em 15 de setembro de 2018).

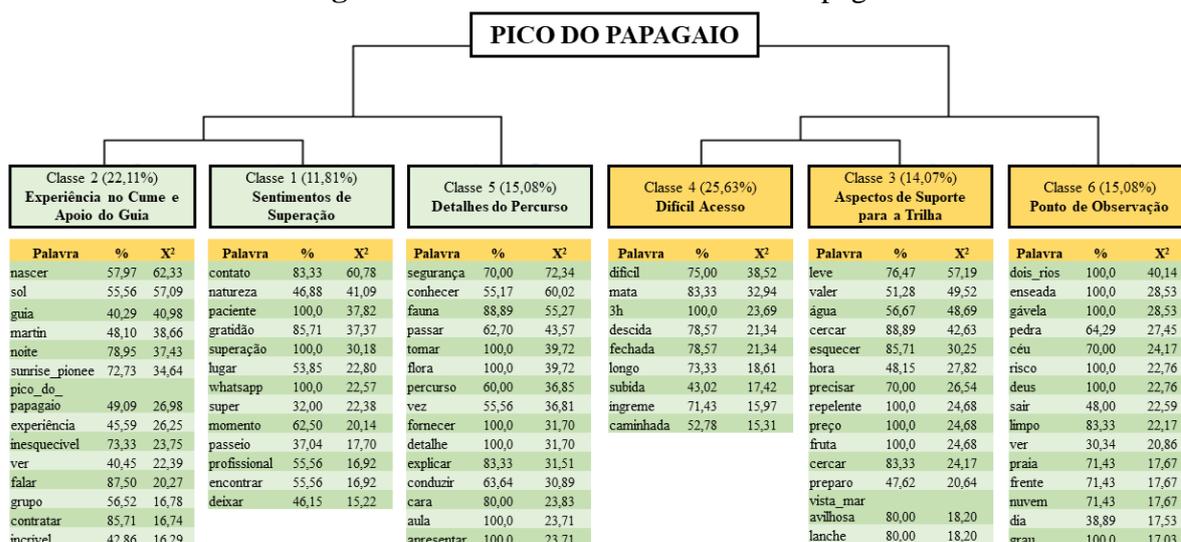
Sobre a importância do elemento para a paisagem do aventureiro, cabe uma questão: o que seria/será do Praia do Aventureiro, sem o seu tão famoso coqueiro?

4.7 Pico do Papagaio

Como visto até este momento das análises, a grande maioria dos atrativos, são praias. A partir de agora, discute-se sobre outros tipos de atrativo, iniciando pelo Pico do Papagaio. Este atrativo, diferentemente dos atrativos anteriores, permite que os visitantes do PEIG tenham um ponto de vista privilegiado da Ilha Grande. Para este *corpus*, foram analisados 427 segmentos de texto (ST), retendo 93,21% desse total, formando seis classes (Figura 9).

Algo que se destaca dentre todos os atrativos analisados, no caso do Pico do Papagaio, é a presença do guia turístico e a sua importância em torno da experiência no atrativo (Classes 1 e 2).

Figura 9 – CHD do Atrativo Pico do Papagaio



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Nota: Na figura, constam apenas termos que atingiram um valor p de $p < 0,0001$, tal valor identifica o nível de significância da associação do segmento de texto contendo a palavra com a classe.

Os relatos dos turistas evidenciam diferentes atributos dos guias, que foram fundamentais para a experiência, como pode ser notado nos seguintes depoimentos:

Importante fazer a trilha com uma pessoa especializada. A trilha tem um nível **difícil** e sem dúvidas a presença do **guia** foi importantíssima. Uma das **experiências** mais **incríveis** e desafiadora que já tive. (Experiência publicada em 30 de setembro de 2020).

Vale_muito_a_pena conhecer. **Vista_maravilhosa** da mata_atlântica e do mar. Fazendo a trilha até o topo ainda na madrugada, é possível chegar ao pico para ver o **sol** nascendo. Nisso o **guia** [...], faz um excelente trabalho, com muita informação e respeito à **natureza**. **Experiência** que exige bastante energia, mas que vale cada segundo, memórias impossíveis de esquecer de uma vista inigualável. (Experiência publicada em 7 de março de 2019).

Guias ou condutores precisam ter uma boa formação e bom conhecimento sobre o local onde atuam, de modo a transmitir esse conhecimento aos turistas em trilhas guiadas (REGALA, 2013). Sobre o papel do guia e seu impacto sobre a qualidade da experiência, Carvalho (2016) afirma que o guia possui a função de fornecer informações confiáveis, proporcionar e dar o melhor sentido à viagem, entre outras. Corroborando com Carvalho (2016), Pazini, Braga e Gândara (2017) afirmam que o guia é o profissional que auxilia o turista a usufruir de uma experiência diferenciada e de qualidade no destino e, tais aspectos ficam evidentes no caso do Pico do Papagaio.

As Classes 3 e 4, remetem à trilha de acesso ao Pico do Papagaio. As trilhas são um recurso de acesso às áreas naturais, com diferentes possibilidades. Estas podem tanto incentivar o contato das pessoas com a natureza, quanto ser um instrumento de educação ambiental e promoção da saúde (OMENA *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2021). Por ser um

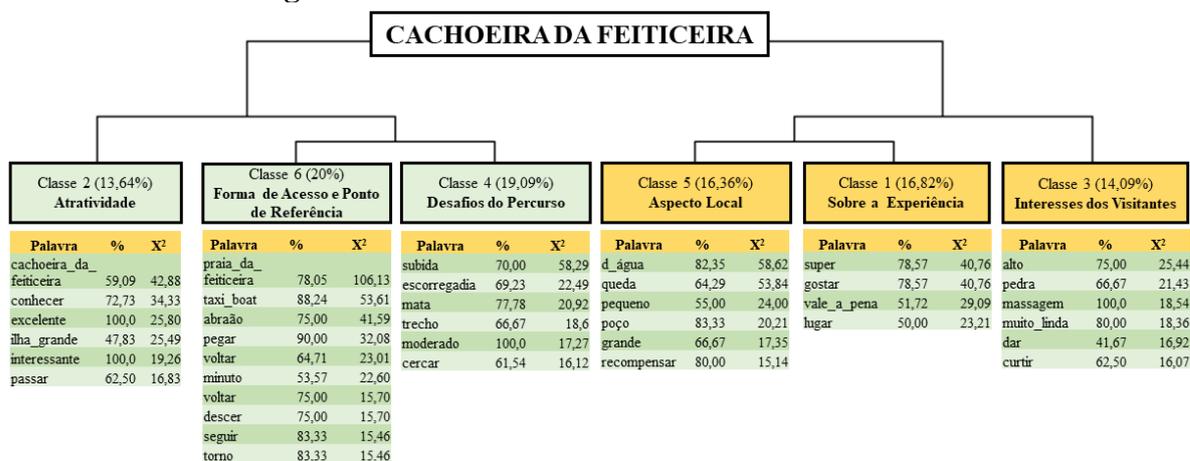
atrativo que requer um grande esforço físico, por conta da trilha de acesso ao cume, que está a 959 metros de altura (INEA, 2013), esta dificuldade é refletida nas falas, assim como aspectos práticos (dicas) necessários a superar a trilha de acesso (Classe 3). Mas por outro lado, o sentimento de superação e a recompensa com tal esforço (Classe 1), por exemplo, com a vista privilegiada que se consegue obter do cume, são também outros aspectos que emergem nas falas (Classe 6). Aliás, sobre este último aspecto, também é possível notar os diferentes pontos de vista obtidos no cume do Pico do Papagaio, onde é possível avistar atrativos como a Pedra da Gávea no Rio de Janeiro, o Dedo de Deus na Serra dos Órgãos, entre outros.

Algo frequente nas falas dos turistas e que se aproxima de forma mais direta com o turismo na natureza, refere-se ao contato com a fauna e a flora (Classe 5), que dentre os atrativos analisados, trata-se do único onde estes elementos aparecem de forma significativa.

4.8 Cachoeira da Feiticeira

A CHD da Cachoeira da Feiticeira foi obtida analisando-se 279 segmentos de texto (ST), retendo 78,85% desse total, formando seis classes. revelando dois conjuntos de classes: um referente aos aspectos locais e o interesse/experiência neste atrativo e, outra acerca do acesso e do desafio do percurso. As formas de acesso são tratadas nas falas dos visitantes, referindo-se tanto ao uso do taxi boat, como o ponto de partida saindo do Abraão (Classe 6). Características do local, além das sensações e elementos da experiência neste atrativo, são fatores que também emergem nas falas dos visitantes (Classes 1, 3 e 5).

Figura 10 – CHD do Atrativo Cachoeira da Feiticeira



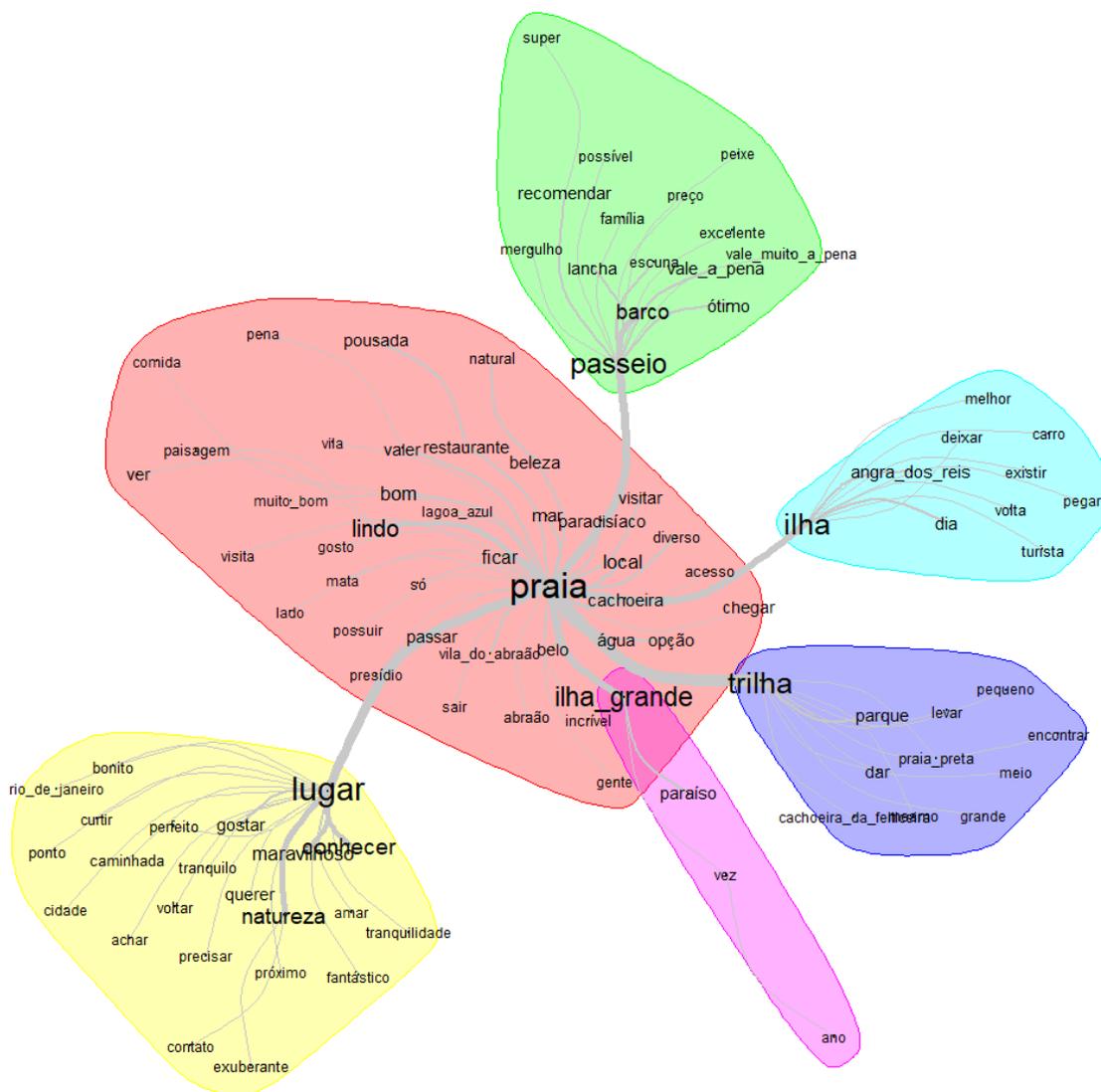
Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Nota: Na figura, constam apenas termos que atingiram um valor p de $p < 0,0001$, tal valor identifica o nível de significância da associação do segmento de texto contendo a palavra com a classe.

4.9 Parque Estadual da Ilha Grande – PEIG

Como forma de analisar as percepções sobre o PEIG como um todo, por meio de 536 resenhas obtidas no site *TripAdvisor*, foi gerada a Figura 11, que apresenta a análise de similitude obtida por meio do *IRaMuTeQ*.

Figura 11 – Análise de Similitude do PEIG



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Na Figura 11, as formas lexicais centrais e maiores devem ser consideradas como as mais representativas na figura; as correlações mais fortes são aquelas com linhas de conexão mais espessas (MARCHAND; RATINAUD, 2012). Desse modo, os relatos demonstram que o termo “praia”, é o principal termo quando se refere ao PEIG, o que era de se esperar, tendo em vista que as principais atrações do parque são as praias. E considerando as linhas mais grossas de conexão, o termo “ilha” foi principalmente correlacionado com elementos que remetem ao deslocamento, tais como “volta” e “carro”; o termo “lugar” aparece fortemente

associado a uma série de expressões que remetem aos sentimentos e emoções que emanam da visitação, tais como “amar”, “bonito”, “exuberante”, “maravilhoso” e “fantástico”. Outro termo com forte conexão é “**passeio**”, que aparece associado a termos que remetem às atividades e deslocamentos dentro do parque, tais como “escuna”, “barco” e “lança”. Por fim, “**trilha**” é outro termo muito significativo, que remete a alguns atrativos em especial, como “cachoeira_da_feiticeira” e “praia_preta”. Portanto, os termos emanados dos relatos dos turistas, permitem inferir que o PEIG está muito associado a uma imagem de local para passeios e contemplação da natureza.

5 Discussões

Com base em 5.421 resenhas *on-line* obtidas no site *TripAdvisor*, o presente estudo investigou as experiências relatadas por visitantes em diferentes atrativos localizados no PEIG. A representação social é um fenômeno coletivo co-construído por indivíduos em suas conversas e ações diárias. Trata-se de um conjunto de pensamentos e sentimentos, expressos em comportamento verbal e aberto de atores que constitui um objeto para um grupo social (WAGNER *et al.*, 1999). Tais elementos foram observados por meio dos relatos dos visitantes dos atrativos analisados, onde foi notória a expressão de diversos sentimentos positivos, oriundos do contato do visitante com a natureza em cada atrativo. Vale lembrar que, a representação social é entendida como a elaboração coletiva, utilizada por uma comunidade com o propósito de se comportar e se comunicar (MOSCOVICI, 2012). Neste sentido, nota-se a similaridade que há entre os diferentes relatos que em conjunto, constroem uma imagem coletiva sobre as experiências e características de cada atrativo do PEIG e que são compartilhadas por um grupo específico, no caso os visitantes.

De modo geral, nota-se pelas CHD feitas de cada atrativo analisado, que elas basicamente dividem-se em dois grandes grupos: formas de acesso e serviços oferecidos e; características ambientais, especialmente nos atrativos de praia. Analisando experiências na natureza, por meio de avaliações do *TripAdvisor* Stoleriu *et al.* (2019), identificaram quatro grupos de experiências: sensoriais, admiração/experiências emocionais, experiências cognitivas e experiências espaço-temporais. Semelhante ao estudo de Stoleriu *et al.* (2019), as experiências sensoriais observadas no presente estudo foram muito centradas na experiência visual, especialmente vinculadas à beleza do cenário local, mas também às experiências auditivas, como sintetizado em termos como “paz”.

Experiências emocionais e de espanto/admiração foram recorrentes em todos os atrativos, demonstrando um certo maravilhamento dos visitantes, como pode ser notado na

frequência de termos como “maravilhoso”, “fantástico”, “inesquecível” e “incrível”. De fato, como já relatado na literatura, o encontro com a natureza pode gerar reações como admiração, espanto e fascínio (HILL; CURTIN; GOUGH, 2014; PACKER; BALLANTYNE; BOND, 2018). Estes resultados são congruentes com o que afirmam Hill, Curtin e Gough (2014), sobre encontros com a natureza, onde estes promovem interações sensoriais, respostas afetivas e emocionais, tais como admiração, calma, empatia e antropomorfismo. Turistas contemporâneos buscam destinos de natureza, como forma de vivenciar a tranquilidade, contemplar a paisagem e estar fisicamente cercado por uma natureza calmante (KIM *et al.*, 2015). Numa análise do perfil dos turistas que frequentam a Ilha Grande durante o verão, Lopes Júnior, Hanai e Ribas (2020), confirmaram um perfil diverso, que tem como principal motivação o contato com a natureza. No entanto, a forma como se dá esse contato, como notado pelos resultados dos atrativos, é muito restrita à contemplação da natureza, apenas.

Quanto às experiências cognitivas/reflexivas, pode-se notar que elementos que poderiam remeter ao conceito de ecoturismo, tais como a educação ambiental e a interação com a natureza, são invisibilizados nas experiências dos visitantes. O único atrativo que se aproxima da experiência cognitiva, dentre os analisados, foi o Pico do Papagaio. No caso deste atrativo, deve-se ressaltar a presença do guia, muito frequente nos relatos dos visitantes, demonstrando o seu papel e sua importância. O contexto histórico da Ilha Grande também surge com frequência nos relatos, especialmente na figura do prédio desativado da antiga Colônia Penal Cândido Mendes, revelando a forte ligação de alguns dos atrativos com o passado da região.

Aspectos relacionados à elementos espaço-temporais são muito presentes, com destaque para os atrativos do tipo praia. Nota-se a importância de elementos como o transporte, hospedagem e alimentação, nas falas dos visitantes dos diferentes atrativos, que foram muito recorrentes nas classes geradas em cada atrativo. Estes aspectos demonstram o papel fundamental que tais elementos representam para a promoção de boas experiências durante as visitas.

Segundo Polli e Kuhnen (2011), a importância de se conhecer as representações sociais de aspectos ambientais reside no fato que este recurso traduz o modo como o sujeito se relaciona com seu entorno. Estas representações ajudam a entender diversas dimensões da realidade, seja ela física, social, cultural ou cognitiva (OLIVEIRA; WERBA, 2003). Tais dimensões apareceram de diferentes maneiras nas experiências em torno dos atrativos do PEIG.

Por fim, a imagem *on-line* de um destino, pode ser entendida como a impressão geral de um turista e a percepção de um destino, que é formada, especialmente, por informações obtidas em mídias, tanto positivas quanto negativas, sobre o destino (LIAN; YU, 2017). No caso analisado, verifica-se uma imagem positiva que pode ser sintetizada numa expressão: “paraíso”. Para Barbosa e Medaglia (2019), os viajantes contemporâneos são mais exigentes, conectados, informados e colaboram de forma intensa entre si, por conta destas características, plataformas digitais têm sido um terreno fértil para a construção colaborativa e compartilhamento de experiências, como visto no presente estudo.

6 Limitações do Estudo

O presente estudo apresenta algumas limitações, que vão desde a forma como os visitantes fazem suas resenhas no site *TripAdvisor*, muitas das vezes, misturando avaliações, com críticas, dicas, entre outros conteúdos, até as características sociodemográficas de cada visitante, que não foram exploradas na presente pesquisa. Nestas resenhas há diferentes formas de escrita utilizadas pelos turistas, que foram em boa parte ajustadas para o tratamento dos dados na presente pesquisa, no entanto, alguns dos reais significados e sentidos, podem não ter sido completamente captados nas análises.

As experiências também se limitaram àquelas relatadas entre os anos de 2015 a 2020, do mesmo modo, não foi feita qualquer diferenciação entre as experiências consideradas ruins ou boas. Além disso, por contemplar apenas dados do *TripAdvisor*, a amostra se limita às opiniões dos usuários do site e não de todos os visitantes do PEIG e seus atrativos. Apesar destes aspectos, considera-se que estes interferiram pouco sobre os resultados apresentados.

7 Considerações Finais

Os resultados obtidos no presente estudo, fornecem informações relevantes sobre como os visitantes caracterizam os principais atrativos do PEIG com base nas suas experiências. Os enfoques mais amplamente tratados nas experiências, referem-se aos componentes cênicos dos atrativos, às características das praias e do mar que banha tais praias, além de outros corpos hídricos, questões em torno do acesso e dos serviços oferecidos.

Os resultados demonstram que as experiências nos atrativos do PEIG são de modo geral positivos e centrados no contato com a natureza, com destaque para elementos como o fascínio, que foram proeminentes nas impressões e recomendações dos visitantes. De modo geral, as experiências retratam posições passivas e predominantemente visuais. Dimensões culturais, por exemplo, são sub representadas nos comentários dos visitantes e limitadas ao patrimônio histórico-cultural, centrado na figura do antigo presídio Cândido Mendes.

Por meio da análise textual de um grande volume de resenhas sobre os principais atrativos do PEIG, o estudo cumpriu seu objetivo de verificar as percepções dos visitantes sobre os atrativos do PEIG e revelar suas representações. Por meio da CHD e da análise de similitude, foi possível acessar algumas das representações dos visitantes. Como notado, cada atrativo contempla classes diversas, guardando similaridades como aquelas em torno das formas de acesso e serviços ofertados, especialmente por conta de serem atrativos com as mesmas características, em alguns casos, como as praias.

Apesar das limitações, os resultados permitiram compreender aspectos importantes relacionados ao conteúdo representacional de visitantes sobre os atrativos do PEIG. O estudo de caráter representacional apresenta uma função heurística, desta forma, lança luz sobre o comportamento social. Assim, conhecendo o conteúdo representacional de visitantes de atrativos do PEIG, pode-se compreender que aspectos e elementos se destacam nas experiências dos visitantes nestes atrativos.

Foi possível verificar que entre os atrativos, aspectos como o papel do guia, tem grande destaque na qualidade da experiência na natureza. Compreender as representações compartilhadas entre os visitantes dos atrativos investigados, podem auxiliar em políticas públicas, em campanhas para a conscientização sobre o cuidado com o meio ambiente e para a gestão destes atrativos, assim como nos meios para se proporcionar experiências com maior apelo cognitivo, revelando ao visitante a importância da conservação, de modo a expandir tal aspecto, para além do momento da visita.

Pesquisas futuras podem se debruçar sobre outros canais, onde os visitantes geram conteúdos sobre o PEIG, como o *Instagram*. Também é possível explorar as representações entre outros públicos, como estrangeiros e operadores do turismo e investigar outros recursos, como as fotografias tiradas pelos visitantes em cada atrativo. Inclusive, este tipo de pesquisa, poderia revelar entre outras coisas, pontos onde há sobrecarga de visita.

ARTIGO 5 – Fatores Geradores de Insatisfação nos Atrativos do Parque Estadual da Ilha Grande-RJ: Um Olhar na Perspectiva do Visitante

Resumo

Os atrativos são fundamentais para a configuração de um destino turístico, sendo um componente importante para a experiência do visitante em áreas naturais. Turistas atualmente utilizam de forma demasiada de conteúdos disponibilizados em mídias sociais e sites especializados para a tomada de decisão sobre a escolha de um destino. O compartilhamento das experiências vivenciadas em tais meios, tornou-se algo comum e uma importante fonte de informações para viajantes, gestores e pesquisadores. O presente estudo objetiva investigar as principais causas de insatisfação dos visitantes dos principais atrativos do Parque Estadual da Ilha Grande-RJ (PEIG), situado em Angra dos Reis no Estado do Rio de Janeiro. Para tal fim, o estudo examinou 553 resenhas postadas por visitantes de atrativos do PEIG e disponibilizadas no site *TripAdvisor*. Para auxiliar nas análises, foi utilizado o *software Maxqda 2020*. A partir da análise das resenhas, 203 foram rotuladas como negativas e enquadradas em seis categorias de insatisfação do visitante, sendo que a mais representativa foi referente ao excesso de visitantes, seguida pela poluição ambiental e a falta de estrutura. As avaliações negativas identificadas, demonstram que os problemas na prática do turismo no PEIG, giram em torno de fatores ligados aos operadores do turismo, à gestão do parque e, especialmente, ao comportamento do próprio visitante. Os resultados do presente estudo demonstram a necessidade de melhorar a gestão desta área protegida e de seus principais atrativos, no intuito de promover experiências positivas para os visitantes, além de propagar o turismo sustentável, através de ações voltadas a alteração da conduta dos visitantes, especialmente por meio da educação ambiental.

Palavras-chave: Área Protegida. Atrativos. Parque Estadual da Ilha Grande. Rio de Janeiro. TripAdvisor.

1 Introdução

O setor do turismo nos últimos anos vem apresentando papel importante para o crescimento do setor de serviços no Brasil (ALMEIDA; PELISSARI, 2019). A participação do turismo na economia brasileira tem apresentado crescimento e já representava algo próximo a 8% da economia nacional no ano de 2019 (WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL, 2021). Uma das principais características do turismo é possibilitar o desenvolvimento, não só de grandes cidades, bem como de pequenas cidades e territórios, que possuem importantes riquezas naturais, contribuindo assim, para o crescimento mais homogêneo do setor de serviços por diversas partes do país (PEROBELLI; CARDOSO; VALE; SOUZA, 2016).

O turismo de natureza e suas diversas vertentes, como o ecoturismo, são especialmente festejados em países com rica biodiversidade (SENEVIRATHNA; PERERA, 2013), como é o caso do Brasil. Nos últimos anos, a vertente do ecoturismo tem ganhado notoriedade no campo do turismo, por conta da demanda de atividades turísticas sustentáveis e por seu caráter não só econômico, como educativo, no sentido de propiciar lazer e educação ambiental em

sua proposta. No entanto, no Brasil, o ecoturismo ainda é pouco explorado, apesar de ser uma vertente com grande potencial, visto a rica biodiversidade e variedade de paisagens presentes no território nacional, mas que requer investimentos, principalmente por parte do poder público (RANGEL; SINAY, 2019).

As áreas protegidas (APs), são um dos principais territórios onde as atividades de turismo baseadas na natureza se manifestam no país, contudo, ainda sabe-se pouco sobre as experiências de visitantes nestas e no seu entorno, aliás, a própria sociedade ainda se mantém distante desses espaços, visto o baixo número de visitantes que há em APs, especialmente quando comparado a países como os Estados Unidos (GOMES; FIGUEIREDO, 2021). Também existe uma grande carência de estudos e de gestão desse instrumento de conservação da natureza, visto a falta de investimentos entre outros problemas (RANGEL; SINAY, 2019).

Entre as APs utilizadas para práticas de turismo, estão os parques. Sejam estes municipais, estaduais ou nacionais, desempenham uma importante função na preservação da natureza e no contato do público com a vida selvagem (LEUNG, 2019). Mas, para que o visitante tenha uma experiência adequada, esta deve ser planejada, com o intuito de não gerar a insatisfação do visitante (NEWSOME *et al.*, 2017) e também para que os impactos sobre a natureza sejam mínimos. Vale lembrar que, a falta de investimentos e planejamento do turismo em APs, além de subutilizá-las, pode acarretar em resultados contrários à sua criação, isto é, pode gerar a sua degradação, além de resultar em experiências ruins para os visitantes (NEWSOME *et al.*, 2017; LEUNG, 2019).

Turismo de natureza e particularmente turismo em parques, adquiriram importância significativa nas sociedades contemporâneas. Os parques são cada vez mais reconhecidos por desempenhar um papel importante no desenvolvimento de experiências em torno da natureza e, por meio da promoção da gestão eficaz dos recursos naturais e socioeconômicos (LÓPEZ; PARDO, 2018). Além disso, experiências em torno da natureza, como as promovidas em parques através do turismo, promovem a conscientização do público, despertando o interesse e a importância do cuidado com o meio ambiente (MMA, 2007).

No Estado do Rio de Janeiro, há diversos parques estaduais destinados à prática do turismo¹⁰. Estes parques possuem diferentes atrativos e potenciais para a exploração da prática do turismo. Além disso, são uma importante fonte de recursos para a economia local, mas ainda são explorados de formas desiguais. Enquanto parques como o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG), recebeu cerca de 402.046 visitantes no ano de 2016, parques como o Parque

¹⁰ Mais informações sobre os parques estaduais do Rio de Janeiro podem ser obtidas em: <http://www.inea.rj.gov.br/biodiversidade-territorio/parques-estaduais/>. Acesso em: 14. jun. 2021.

Estadual Cunhambebe, recebeu um número inferior a 19 mil visitantes no mesmo ano (INEA, 2016).

Apesar de existirem estudos tratando sobre dados demográficos, perfil, atitudes e percepções de visitantes sobre APs no Brasil (SANCHO-PIVOTO; ALVES; ROCHA, 2018) e, especialmente no Estado do Rio de Janeiro (ROCHA *et al.*, 2019; PACHECO; LORETTO; OLIFIERS, 2020), a experiência e satisfação dos visitantes com estes espaços e seus atrativos ainda é pouco estudada, inclusive, estudos sobre a perspectiva do turista/visitante, ou sob o “olhar do turista” como diria Urry (2002), são bem escassos na literatura nacional.

Um instrumento contemporâneo para se estudar as impressões de visitantes sobre APs é por meio das mídias sociais e sites especializados no compartilhamento de experiências, tais como o *TripAdvisor*. A percepção do turista é um importante atributo no turismo e o site *TripAdvisor* pode representar uma fonte valiosa e de fácil acesso de informações sobre a opinião e o comportamento do turista (CORBAU *et al.*, 2019). Além disso, um número crescente de consumidores utiliza os conteúdos *on-line* para a tomada de decisão (KOHLI; DEVARAJ; MAHMOOD, 2014). Assim, explorar as avaliações *on-line* de turistas, é uma ótima maneira de identificar aspectos de melhoria em relação à gestão de atrativos e destinos turísticos, saber mais sobre a opinião dos visitantes acerca da infraestrutura e suas necessidades, identificar problemas em relação ao uso dos recursos, etc. Gensler *et al.* (2016) argumentam que, embora o conteúdo gerado por usuários seja muito rico em informações, a maior parte dos estudos focam em aspectos quantitativos, deixando à margem das pesquisas os aspectos qualitativos, ocultos em textos.

Neste cenário e, tendo em vista a ampla oferta de dados sobre as experiências dos visitantes em mídias sociais e sites especializados, tem-se em mãos uma grande oportunidade de desenvolver meios para gerar informações, no intuito de compreender as experiências dos visitantes. A fim de compreender a experiência do visitante, com foco nos fatores causadores de insatisfação, o presente estudo se debruça sobre a experiência de visitantes em atrativos do PEIG e suas adjacências. Especificamente, o presente estudo objetiva investigar os fatores causadores de insatisfação da experiência do visitante e para isso, fará uso das avaliações *on-line* disponibilizadas no site *TripAdvisor*.

2 Referencial Teórico

2.1 Áreas Protegidas como Espaços para a Prática do Turismo

Área protegida (AP) é uma expressão surgida no final do século XIX devido à intensificação da destruição da natureza e do risco de extinção de espécies (SANTANA;

NASCIMENTO, MARQUES JUNIOR, 2020). De acordo com Dudley (2008), uma AP é definida como “um espaço geográfico claramente definido, reconhecido, dedicado e gerenciado, por meios legais ou outros meios eficazes, para alcançar a conservação da natureza a longo prazo com serviços ecossistêmicos associados e valores culturais” (p. 7), sendo considerada como uma estratégia chave para conservação da biodiversidade e provisão de serviços ecossistêmicos (SOUZA *et al.*, 2019a).

Embora diferentes categorias e níveis de conservação existam, de modo geral, todas as APs são criadas a fim de promover a persistência de espécies, comunidades ou ecossistemas que de outra forma diminuiriam ou se extinguiriam na natureza, sem este tipo de estratégia. Um segundo propósito na criação de APs reside na beleza excepcional de características naturais que oferecem oportunidades para recreação ao ar livre e experiências turísticas (SILVA *et al.*, 2018a). Neste cenário, os parques apresentam-se como espaço privilegiado para o uso direcionado ao turismo. Vallejo (2013) afirma que a difusão do uso público, principalmente através da visitação, pode trazer benefícios diretos e indiretos à sociedade, principalmente de ordem pessoal, econômica, social e ambiental. Estes espaços abrangem vários atrativos, incluindo flora e fauna, paisagens naturais, culturais locais em alguns casos e atividades ao ar livre (GHAZVINI; TIMOTHY; SARMENTO, 2020), sendo espaços ideais para o desenvolvimento do ecoturismo. Neste sentido, os parques colaboram para implementar um modelo de desenvolvimento de turismo sustentável baseado na conservação da natureza e seu papel de liderança para o bem-estar e desenvolvimento local do território (LÓPEZ; PARDO, 2018).

Durante o planejamento e a gestão da visitação em APs, deve-se considerar o princípio de que a visitação é um instrumento único para aproximar a sociedade da natureza e despertar a consciência para a importância da conservação dos ambientes e processos naturais, independentemente da atividade que se está praticando na área protegida (MMA, 2006). Como demonstraram os estudos de Alcock *et al.* (2020) e Martin *et al.* (2020), a visita aos locais baseados na natureza aumentam a conexão dos visitantes com esta.

O turismo em APs é amplamente reconhecido como uma ferramenta essencial para angariar apoio político e econômico para a conservação, bem como para aumentar a qualidade de vida para comunidades próximas (BUSHELL; BRICKER, 2017). Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do turismo mal administrado dentro e ao redor das APs podem ameaçar a integridade ambiental da área e deixar de produzir os objetivos sociais e econômicos para as comunidades locais (WOOD, 2017 *apud* JOYNER; LACKEY; BRICKER, 2019).

Para uma boa gestão de parques, onde ocorrem atividades de recreação e turismo, é importante existir um plano de conservação/manejo, que contemple o monitoramento do estado do meio ambiente, as tendências do tráfego turístico e o impacto dos turistas sobre o meio ambiente. Também é relevante para uma gestão eficaz do turismo em parques, o aumento das competências dos órgãos de administração e conhecimento das responsabilidades das partes envolvidas, do *trade* do turismo até os visitantes. A gestão da conservação e do meio ambiente baseia-se em boa parte no chamado ciclo PDCA de Deming, no qual as ações realizadas são agrupadas no planejamento, implementação dos planos, verificação (avaliação da eficácia das ações), correção das deficiências e adaptação dos planos às novas circunstâncias (OLEŚNIEWICZ, *et al.*, 2020).

A demanda em rápido crescimento para o desenvolvimento do turismo relacionado às APs, enfatiza a necessidade de fornecer orientações claras que contribuam para o turismo sustentável de acordo com os objetivos fundamentais de proteção de áreas valiosas. Três questões são particularmente importantes do ponto de vista da atividade, quanto tratamos de um parque. A primeira é a competência dos órgãos de gestão, pois são eles os que melhor conhecem os problemas que ocorrem nos parques e devem ser capazes de influenciá-los diretamente. A segunda questão é a obrigação dos parques de oferecer educação ambiental, tão importante no mundo moderno. Por fim, um bom sistema de gestão ambiental, é essencial para uma gestão sustentável (OLEŚNIEWICZ *et al.*, 2020).

Segundo Sinay *et al.* (2019), APs necessitam de um planejamento participativo para o desenvolvimento do turismo, sobre o risco de haver um aumento desproporcional do fluxo turístico, distribuição de renda desigual, crescimento de conflitos e mudança cultural significativa. As falhas tanto da comunidade, como do Estado no que se refere a suas responsabilidades, podem colocar a atividade turística em APs em risco (SINAY *et al.*, 2019).

2.2 Satisfação do Turista com Destinos Baseados na Natureza

Um destino é comumente conceituado como “um pacote de instalações e serviços turísticos que, como qualquer outro produto de consumo, é composto de uma série de atributos multidimensionais” (HU; RITCHIE, 1993, p. 26). Laws (1995 *apud* LEE, 2016) agrupou esses atributos de destino em duas categorias principais. A categoria primária é composta de características inatas, tais como: clima, ecologia, recursos naturais, cultura e arquitetura histórica; enquanto os atributos secundários são compostos de melhorias introduzidas particularmente para turistas, tais como: hotéis, alimentação, transporte,

atividades e entretenimento. Tais atributos são determinantes na satisfação do turista em um destino.

De modo geral, a satisfação refere-se a um estado psicológico de um visitante após uma experiência recreativa (PRAKASH *et al.*, 2019). A satisfação e seus antecedentes tem sido estudado no campo do turismo sob diferentes perspectivas. Como apontam Žabkar *et al.* (2010) a satisfação e intenção futura de visitar um determinado destino, estão relacionadas aos atributos do destino, percebidos pelos visitantes. Outro aspecto que afeta a satisfação do visitante, é a imagem que este projeta de determinado destino (LEE, 2009). Cabe apontar que, as informações disseminadas por turistas também acabam por influenciar escolhas de serviços e a imagem dos destinos turísticos (BAKA, 2016).

A satisfação do visitante é um importante atributo no contexto do turismo e diversos estudos têm se dedicado a compreender os fatores e aspectos que impactam na satisfação de visitante (PERERA; VLOSKY, 2013, KAOSIRI *et al.*, 2019). Para Baker e Crompton (2000), ao tratar da satisfação e da experiência do visitante, pode-se observar este sobre dois aspectos: os atributos que estão sob o controle de um fornecedor de um serviço (qualificação para a prestação de serviço, por exemplo) ou então, os atributos que estão sob o domínio do visitante (suas expectativas, seu nível de interação, por exemplo).

No caso de destinos e atrativos baseados na natureza, muitas vezes estão localizados em áreas remotas, onde serviços como o de transporte, não possuem uma ampla oferta. Em tais destinos, atributos como limpeza, nível de preservação, sinalização, ausência de poluição (atmosférica, sonora, entre outras), diversidade de flora e fauna, assim como a oferta de instalações físicas bem conservadas, são alguns dos principais atributos para a garantia da satisfação entre visitantes nestes ambientes (NAIDOO; RAMSEOOK-MUNHURRUN; SEEGOOLAM, 2011).

Visitantes de APs, como quaisquer outros consumidores, geralmente têm expectativas iniciais do tipo e qualidade de serviços a serem oferecidos em um determinado destino (MOORE; RODGER; TAPLIN, 2015). Assim, estes desenvolvem a avaliação de suas experiências em um destino comparando suas experiências reais com suas expectativas iniciais, deste modo, “...se suas experiências reais excedem suas expectativas, eles ficarão satisfeitos. Caso contrário, eles ficarão insatisfeitos ou infelizes” (SAAYMAN *et al.*, 2018, p. 388).

2.3 Conteúdo *On-line* Gerado pelo Turista

Os turistas precisam de informações para tomar decisões sobre a escolha e o planejamento do destino de viagem. Os meios de comunicação, mais especificamente a mídia no turismo, têm uma importância muito grande nesse processo, pois trabalham o imaginário do público-alvo para que, a partir disso ocorra o consumo (ROSSI; RAMOS, 2019). Com o advento do conteúdo gerado pelo usuário (CGU) os turistas têm sido mais empoderados, por poderem obter algum tipo de controle e acesso sobre informações, para compreender melhor o contexto no momento do planejamento de viagens (AYEH *et al.*, 2016).

Nos últimos anos, os turistas têm cada vez mais procurado, não só informações sobre destinos turísticos na Internet, como recorrido às informações sobre experiências vivenciadas por outros turistas em diferentes destinos por este canal. A disponibilização de conteúdos gerados por viajantes em sites e mídias sociais, tem ganhado reconhecimento como uma importante fonte de informações sobre viagens (O'CONNOR, 2010). Mídias sociais como o *Facebook* e sites para viajantes como o *TripAdvisor*, além de divulgarem destinos turísticos, colaboram na construção social sobre diferentes aspectos relacionados a um destino (BRANCH, 2020; ABAALZAMAT *et al.*, 2021). Tais recursos, tornaram-se uma grande fonte de informações para viajantes, especialmente por meio de conteúdos gerados pelos próprios visitantes através de resenhas, comentários, fotos, vídeos entre outros recursos que são publicados, beneficiando pares, por meio de informações consideradas imparciais e confiáveis (FOTIS; BUHALIS; ROSSIDES, 2012 *apud* PRAKASH *et al.*, 2019; FILIERI; ALGUEZAUI; MCLEAY, 2015). Segundo De Ascaniis e Cantoni (2017) conteúdos gerados por usuários são considerados tão confiáveis, quanto fontes oficiais de informação, por conta de serem genuínos e não focadas em negócios. De acordo com Souza e Machado (2017) e Chatterjee (2020) as avaliações disponíveis *on-line* são uma fonte de informação, tão confiável quanto as sugestões de entes próximos e queridos. Além disso, as informações disponíveis por estes meios, são uma forma para compreender, entre outras coisas, as percepções, motivações e comportamentos do consumidor turístico (ALBARQ, 2013; FILIERI; MCLEAY, 2013).

A avaliação dos visitantes por meio de comentários, reclamações ou sugestões também pode ser uma importante ferramenta para gestores e operadores de turismo, que procuram compreender e fortalecer suas operações (PRAKASH *et al.*, 2019). O *feedback* dado por visitantes, por meio de seus comentários, sejam eles positivos ou não, são uma importante

fonte de informação para gestores compreenderem melhor as expectativas e as experiências vividas por visitantes (CENNI; GOETHALS, 2017; PRAKASH *et al.*, 2019).

A importância do conteúdo *on-line* gerado pelo usuário nos serviços de turismo e hospitalidade é sublinhada pelas seguintes considerações: primeiro, o turismo é uma experiência hedônica; portanto, os consumidores desejam tomar as melhores decisões de viagem para aproveitar ao máximo a experiência, e procuram fazê-lo lendo avaliações e comentários de outros consumidores (RAGEH; MELEWAR; WOODSIDE, 2013). Em segundo lugar, o turismo não pode ser experimentado antes do consumo; assim, os consumidores contam com o conhecimento e as experiências de outras pessoas (ZHANG *et al.*, 2010).

2.4 O Contexto Local: A Ilha Grande e o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG)

A Ilha Grande-RJ¹¹ reúne diversos atrativos naturais e culturais, que conjuntamente, apresentam grande potencial turístico¹². Trata-se de um local com uma elevada cadeia de montanhas, recoberta de densa floresta atlântica, riachos de água cristalina; um dos maiores índices de biodiversidade do Estado do Rio de Janeiro; sítios arqueológicos e diversas praias, separadas entre si por costões rochosos, que atraem um número crescente de visitantes a cada ano e que a tornam um dos destinos turísticos mais importantes de todo o Rio de Janeiro (INEA, 2013).

A Ilha Grande é uma área de natureza preservada, que conta com uma grande variedade de vida marinha costeira com vegetação marítima. O isolamento da região diminuiu, principalmente durante a década de 1970, com a construção da rodovia Rio-Santos, com o fechamento da penitenciária que existia no local, no ano de 1994 e a criação da Reserva Biológica em 1981 (COSTA, 2009). O turismo na região começou a ser difundido através da divulgação boca a boca, como foi o caso da região do Aventureiro, que passou a receber cada vez mais turistas, geralmente jovens que acampavam no local (MENDONÇA; MORAES, 2011).

O Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG)¹³, é a principal unidade de conservação local e que abrange cerca de 62% do território da ilha. Trata-se de uma área geográfica insular, dotada de atributos naturais excepcionais, inserida no bioma mata atlântica e

¹¹ No seguinte link, é possível encontrar o mapa da região e explorar seus atrativos: http://parquesestaduais.inea.rj.gov.br/inea/peig_mapa.php. Acesso em: 14 nov. 2021.

¹² No seguinte link (folder), são apresentados alguns atrativos turísticos da região: <http://200.20.53.15/inea/downloads/Mapa%20PEIG.pdf>. Acesso em: 13 de out. 2020.

¹³ Mais informações sobre o Parque podem ser obtidas em: <http://200.20.53.15/inea/peig.php>. Acesso em: 16 out. 2020.

possuindo em seus limites, ecossistemas naturais diversificados e bastante significativos. Destinam-se a essas áreas fins científicos, culturais, educativos, espirituais, recreativos e, criados e administrados pelo governo estadual, constituem-se bens de uso comum do povo, auxiliando no desenvolvimento regional, cabendo ao Estado, motivadas pelas razões de sua criação, preservá-los e mantê-los protegidos. Seu objetivo principal é o da preservação dos ecossistemas naturais contra quaisquer alterações que os desvirtuem (INEA, 2013). Na Ilha Grande também há outras áreas protegidas como a Estação Ecológica de Tamoios (ESEC Tamoios) (BRASIL, 1990); Área de Proteção Ambiental Tamoios (APA Tamoios); Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro (RDS Aventureiro) e a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul (RBEPS) (INEA, 2008).

3 Metodologia

Este é um estudo qualitativo (FLICK, 2009), de caráter exploratório e descritivo (GIL, 2018). Os dados utilizados para esta pesquisa foram obtidos no site de viagens *TripAdvisor*. Basicamente os usuários deste site, divulgam suas avaliações sobre experiências de viagens por meio de comentários e por uma classificação da experiência, através uma escala *likert* (LIKERT; ROSLOW; MURPHY, 1934) de cinco pontos (5 - excelente a 1 - horrível). Há também outras informações disponibilizadas, de forma complementar, tais como época do ano em que a viagem foi realizada, se a viagem foi em grupo ou individual, dentre outras.

3.1 Coleta de Dados

Os atrativos do PEIG selecionados para a análise, foram aqueles apontados como os 10 principais¹⁴ atrativos deste desta região, segundo o site *TripAdvisor*. Esse ranqueamento feito pelo site, leva em consideração os atrativos com índices de avaliação mais próximos da nota máxima (5 – Excelente). No Quadro 1 são descritas as principais características de cada atrativo, assim como algumas das atividades realizadas nestes. Cabe observar que, nem todos esses atrativos estão dentro do PEIG, sendo que alguns são vizinhos ao território do parque, mas todos encontram-se no território da Ilha Grande.

Quadro 1 – Características Gerais dos Atrativos Analisados

Nome do Atrativo	Tipo de Atividade	Descrição
Cachoeira da Feiticeira	Banho de cachoeira, rapel	A Cachoeira da Feiticeira é uma das mais visitadas do parque. Seu acesso é por uma trilha de 1,8 km de extensão. Ao chegar, é possível avistar uma bela queda d'água de aproximadamente 15 m de altura.

¹⁴ O ranking das principais atrações da Ilha Grande pode ser acessado no seguinte link: https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303497-Activities-a_allAttractions.true-Ilha_Grande_Angra_Dos_Reis_State_of_Rio_de_Janeiro.html. Acesso em: 14 jul. 2021.

Pico do Papagaio	Contemplação, Escalada e Montanhismo	Segundo ponto mais alto do parque, com 959 metros de altitude. Do topo é possível ver quase toda a Ilha Grande, Angra dos Reis e até a Restinga da Marambaia.
Lagoa Azul	Banho de mar e mergulho	Devido ao visual cinematográfico, os moradores da região passaram a chamar este atrativo de Lagoa Azul, devido à semelhança com Port Antônio (Jamaica), lugar onde foi encenado o famoso filme A Lagoa Azul. É um local ideal para mergulho.
Lagoa Verde	Banho de mar e mergulho	A Lagoa Verde é um enorme aquário natural com várias espécies de peixes, moluscos e corais. É um local ideal para mergulho.
Praia do Aventureiro	Banho de mar, turismo de base comunitária, surfe, caminhada, turismo náutico, camping	Localizada na face sul da Ilha Grande, é uma das praias mais preservadas da ilha e faz parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro. Com grande beleza cênica, abriga o famoso coqueiro deitado e uma rica cultura local caiçara.
Praia do Abraãozinho	Banho de mar, remar caiaque e praticar snorkel nas costeiras.	Apresenta águas transparentes, mornas e calmas com sombra e a facilidade de um barzinho. Possui uma extensão chamada de Abraãozinho pequeno, inacessível por terra por tratar-se de uma propriedade particular.
Praia Dois Rios	Banho de mar, contemplação, esportes náuticos	Com cerca de 1 km, de cada lado da praia deságuam os rios da Barra Grande e da Barra Pequena, formando uma bela paisagem. O local também abrigou o presídio Cândido Mendes até os anos 90 e atualmente conta com o CEADS, centro de pesquisa da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Praia Lopes Mendes	Banho de mar, caminhada de longo curso, surfe e turismo náutico.	Localizada na face sul, foi eleita uma das praias mais bonitas do Brasil e do mundo por sites de turismo. São aproximadamente 3 km de faixa de areia branca delineadas pela floresta. O acesso se dá por caminhada de 20 minutos a partir da Praia do Pouso.
Praia da Parnaioca	Banho de mar, turismo de base comunitária, turismo náutico, camping	Uma das praias mais remotas da Ilha Grande, abrigada entre as mais altas montanhas da ilha e o mar aberto. Além da beleza cênica, a Praia da Parnaioca é formada por histórias e contos caiçaras. Atualmente pouco mais de 5 pessoas moram no local.
Praia Preta	Banho de mar, contemplação, esportes náuticos	Uma das praias mais visitadas do parque, a Praia Preta recebe este nome devido as areias escuras (monazíticas). É um local de grande importância geológica para o PEIG.

Fonte: INEA (2013; 2021) e Ilha Grande (201-).

O *TripAdvisor* conta com mais de 700 milhões de avaliações e opiniões de pessoas de todo o mundo sobre diversos destinos turísticos. Cabe ressaltar que, 100% das avaliações enviadas ao *TripAdvisor*, passam por mecanismos de moderação para a identificação de comentários com problemas ou falsos, isto é, qualquer avaliação escrita por alguém que está tentando manipular injustamente a classificação (TRIPADVISOR, 2019).

As avaliações foram extraídas do site *TripAdvisor* com o auxílio do *web scraping* *WebHarvy* (<https://www.webharvy.com/>). *Web scraping* é um método de "raspagem" de dados, geralmente textuais, que se utiliza de técnicas de programação para identificar e baixar dados de páginas *on-line*, tais como sites e mídias sociais (IGNATOW; MIHALCEA, 2017).

Os dados coletados foram restritos àqueles em idioma português. Apesar de ser um destino que atrai visitantes de outros países, tendo em vista tem um olhar do visitante

nacional, optou-se por restringir a análise sobre eles, evitando vieses nas análises. A coleta ocorreu entre os dias 14 e 18 de outubro de 2021. A partir do total de avaliações disponíveis para cada atrativo no site *TripAdvisor*, foi feita uma triagem das avaliações negativas, isto é, como notas 1 e 2. Tendo em vista que a nota 3, apresenta certa neutralidade sobre a experiência vivenciada, podendo apresentar um significativo conteúdo negativo sobre o destino/atrativo, estas também foram incluídas na coleta, por conta desta característica. Vale lembrar que, a valência da crítica de um turista é a síntese do tom avaliativo da mensagem e pode variar de extremamente positivo para extremamente negativo, passando pela valência neutra (LEE; KOO, 2012; MAURI; MINAZZI, 2013).

O estudo das experiências negativas, compartilhadas no *TripAdvisor* por turistas após visitar determinados destinos e seus atrativos e serviços, tem sido um tópico muito investigado (SU; TENG, 2018; AMATULLI; DE ANGELIIS; STOPPANI, 2019; NAM *et al.*, 2020). Tais tipos de avaliação são determinantes para a tomada de decisão dos consumidores, especialmente por serem consideradas mais persuasivas e úteis do que as positivas, pois as pessoas parecem encontrar nelas informações mais específicas e confiáveis (CHEVALIER; MAYZLIN, 2006; KUSUMASONDJAJA; SHANKA; MARCHEGIANI, 2012).

No intuito de analisar experiências mais recentes, foram consideradas para a análise, apenas avaliações publicadas entre os anos de 2015 a 2020. Ressalta-se que, a data de publicação, não diz respeito necessariamente à data da experiência do turista, podendo contemplar um lapso temporal. Ao todo foram coletadas 555 avaliações que foram organizadas em planilhas do *software Microsoft Excel 2013* e, podem ser acessados em: <https://doi.org/10.7910/DVN/VSZKU0>. Deste total, duas foram excluídas, por encontrarem-se repetidas, ficando a amostra final em 553 avaliações.

3.2 Análise dos dados

Os dados foram tratados com o auxílio do *software Maxqda®* versão 2020 (<https://www.maxqda.com/>). O *Maxqda®* possui diversos recursos que são de grande utilidade para a transcrição de documentos, construção de mapas, dicionários, etc. (OLIVEIRA *et al.*, 2016). De acordo com Souza *et al.* (2019b) o uso de *softwares* para análises qualitativas, é algo que potencializa a melhoria do tratamento dos dados, e conseqüentemente a qualidade da pesquisa.

A análise do conteúdo foi a forma de análise adotada para analisar os comentários. A análise de conteúdo para Bardin (2011), refere-se a um conjunto de técnicas de análise,

sistematizadas, que são empregadas para descrever o conteúdo de mensagens, por meio de indicadores tanto qualitativos, quanto quantitativos. Na análise de conteúdo temática, que foi a empregada neste estudo, a descrição dos dados utiliza-se de temas (OLIVEIRA *et al.*, 2016). A análise temática das avaliações consistiu num conjunto de códigos para todas as avaliações, a fim de examinar como os temas foram caracterizados pelos viajantes. A codificação, trata-se de uma forma de indexar o texto para a posterior estruturação por meio de temas (GIBBS, 2009). A codificação é um processo dinâmico e no qual novos códigos podem surgir durante esse processo (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Análise de dados teve início, primeiro, pela leitura de cada avaliação, entre aquelas indicadas como horrível, ruim ou razoável para cada atrativo selecionado. Paralelamente, foram feitas codificações e uma análise do conteúdo temática, criando-se categorias para enquadrar as experiências dos turistas e os principais problemas apontados. Para sistematizar os achados, foram gerados *MaxMaps*¹⁵, uma espécie de quadro branco gerado no *Maxqda*®, que representa as temáticas e associações e sobreposições de cada atrativo analisado.

Visando manter zelar pela integridade ética da pesquisa, mesmo sendo um estudo que se utiliza de informações de caráter público (avaliações *on-line*), além de seguir as diretrizes da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016), a referida pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro com o número de protocolo CAAE 46770821.0.0000.5285. Ressalta-se que, o estudo seguiu as recomendações da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (BRASIL, 2018).

4 Resultados

Inicialmente cabe apontar que, dentre as avaliações disponibilizadas no site *TripAdvisor* sobre os atrativos que fizeram parte da amostra, a ampla maioria é composta por avaliações positivas (5 – Excelente ou 4 – Muito bom). Dentre as avaliações tidas como negativas ou neutras, foram obtidas 553 avaliações, seu detalhamento por atrativo, ano, gênero do visitante e tipo de avaliação (horrível, ruim ou razoável) estão descritas na Tabela 1. A partir destas avaliações, um conjunto de códigos foi criado com base na análise das avaliações, incorporando as temáticas que emergiam destas. A análise das avaliações revelou-se em oito categorias (Quadro 23).

¹⁵ Os *MaxMaps* gerados para cada atrativo, podem ser acessados no seguinte link: <https://doi.org/10.7910/DVN/L6DLLP>. Nestes mapas, é possível observar as categorias associadas a cada atrativo, a frequência destas categorias e de seguimentos (avaliações) atribuídos por categorias.

Tabela 1 – Caracterização das Avaliações Coletadas dos Atrativos da Região da Ilha Grande-RJ (2015-2020)

Nome do Atrativo	Número de Avaliações			Total de Avaliações	Gênero*			Ano de Publicação						Data do Registro
	Horrível	Ruim	Razoável		Mas.	Fem.	Ind.	2015	2016	2017	2018	2019	2020	
Cachoeira da Feiticeira	00	01	06	07	01	06	00	00	00	02	03	01	01	14/10/2021
Lagoa Azul	08	08	67	83	29	41	13	17	27	14	14	06	05	18/10/2021
Lagoa Verde	02	05	30	37	13	21	03	15	06	14	01	00	01	14/10/2021
Pico do Papagaio	01	00	04	05	03	01	01	04	00	01	00	00	00	17/10/2021
Praia do Abraãozinho	04	06	70	80	32	37	11	19	32	19	07	01	02	
Praia Dois Rios	00	07	35	42	08	24	10	16	13	08	02	02	01	14/10/2021
Praia Lopes Mendes	05	15	128	148	45	87	15	39	55	26	17	06	05	18/10/2021
Praia da Parnaioaca	00	00	06	06	03	03	00	02	00	00	02	02	00	16/10/2021
Praia do Aventureiro	02	02	29	33	12	15	06	10	07	07	06	02	01	15/10/2021
Praia Preta	02	07	103	112	42	51	19	37	40	20	08	04	03	14/10/2021
TOTAIS	24	51	480	553	188	286	79	159	180	111	60	24	19	

Fonte: *TripAdvisor* (2021).

Nota: * Mas – masculino, Fem. – Feminino e Ind. – Indeterminado. Foram enquadrados como indeterminados, aqueles usuários, que por utilizarem códigos, apelidos ou nomes fantasia, não puderam ter seu gênero identificado com precisão, por exemplo “fjf1969” ou “Rodrigues”.

Quadro 2 - Definições das Categorias e Codificação que Emergiram das Resenhas Analisadas

Categoria	Descrição da Categoria	Codificação	Exemplo de Resenha
Expectativa atendida	Pode ou não envolver alguma crítica sutil, mas de modo geral, o atrativo fica dentro de um padrão médio.	Sem codificação.	“Lugar lindo, vale a pena alugar barco, muitos peixes, água limpa...”
Abaixo da expectativa	Os turistas fazem comparações e projeções das suas experiências com base em outros atrativos, ou com base em expectativas previamente determinadas.	Inconcludente com a imagem vendida, aspecto desagradável, em comparação às outras, sem atrativos.	“Faixa de areia muito extensa e não é muito propícia para banho. Embora seja bonita, não gostei...”
Elevada quantidade de turistas	Aglomerações, muita movimentação e elevada quantidade de turistas e/ou elevada quantidade de embarcações, especialmente em épocas festivas ou momentos de descanso como os finais de semana.	Excesso de embarcações, lotada.	“A praia é bem estreita e estava lotada...”
Poluição Ambiental	Diferentes tipos de elementos poluidores, tais como resto de alimentos, plásticos, resíduos de óleos, além de outros tipos de poluição, tais como a sonora e visual	Poluição visual, sonora, esgoto, fezes de animais, mal odor, presença de óleo na água, “latas, garrafas, plásticos ...” e falta de limpeza.	“Há muito lixo jogado pelos banhistas...”
Falta de fiscalização	Ausência de agentes públicos ou não fiscalizando a conduta de turistas e prestadores de serviços.	Risco de acidentes, descumprimento de regras.	“Por não ser um local controlado, há muita depredação da fauna marinha neste local pelos banhistas...”
Má prestação de serviços	Serviços diversos, como alimentação, transporte e guiamo, prestados com falhas.	Falta de cuidado de barqueiros, ausência de informações, baixa qualidade do serviço, preços elevados.	“Li críticas muito boas sobre a praia, mas quando chegamos lá, o cara da escuna deixou a gente em um cais, e não explicou nada...”
Degradação da Natureza	Situações, em que especialmente, os turistas, têm comportamentos inadequados em relação com a natureza, tais como o contato manual direto com a vida marinha.	Sem codificação	“O rapaz que se julga "mergulhador" foi bem longe buscar uma estrela do mar para bater foto dela com os turistas...”
Falta de estrutura	Falta de diferentes equipamentos, para propiciar uma melhor estadia aos turistas/visitantes.	Ausência de sinalização, ausência de conservação, ausência de equipamentos diversos.	“Casas abandonadas, tudo largado, placas sem sinalização, descascadas, aliás, isso é comum em toda ilha...”

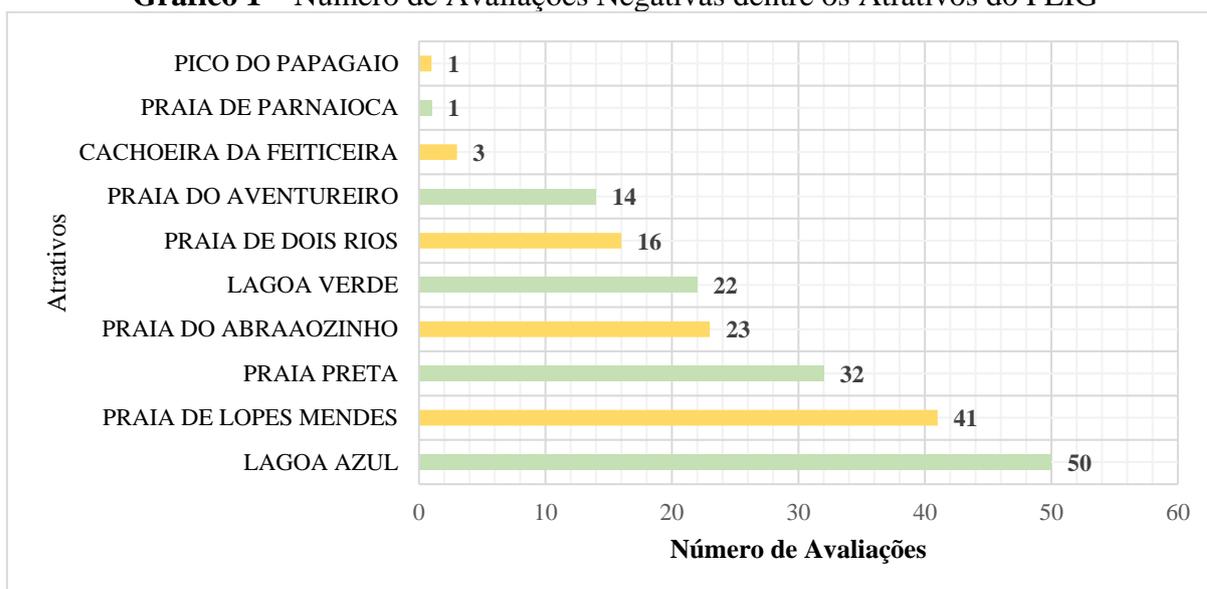
Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Considerando que o objetivo da pesquisa foi a identificação dos principais problemas, as categorias “Abaixo da Expectativa” e “Expectativa Atendida” (Quadro 2), foram desconsideradas para fins de aprofundamento, tendo em vista que, a primeira diz respeito a aspectos, que não necessariamente estão atrelados a algum problema, mas sim, às percepções dos visitantes, tais como uma imagem incongruente à imagem do destino, uma insatisfação não justificada, uma insatisfação em comparação a outros atrativos. Já a segunda categoria

“Expectativa Atendida”, demonstra que mesmo atribuindo uma nota baixa ou neutra, o visitante se demonstrou satisfeito com a experiência. Assim, ao todo, foram analisadas em profundidade 203 avaliações, que revelaram 264 categorias de insatisfação entre os visitantes. Ressalta-se que, algumas avaliações revelaram mais de uma categoria de insatisfação.

No Gráfico 1, é apresentado o número de avaliações negativas por atrativos, onde nota-se o número mais acentuado para a Lagoa Azul e as praias de Lopes Mendes e Preta.

Gráfico 1 – Número de Avaliações Negativas dentre os Atrativos do PEIG



Fonte: Dados da pesquisa, a partir dos dados do *TripAdvisor* (2021).

Na Tabela 2, é apresentada a análise descritiva das avaliações por época do ano. Não é de se surpreender que, a maior parte das avaliações tenha ocorrido na “alta temporada”, entre os meses de outubro e janeiro (62,56%), quando ocorre um natural aumento da procura por lugares como a Ilha Grande, para fins recreativos.

Tabela 2 – Época do Ano dentre as Experiências Analisadas

Atrativo	Jan-Mar	Abril-Jun	Jul-Set	Out-Dez
Praia Preta	12	5	7	8
Praia do Aventureiro	6	4	3	1
Praia de Parnaioaca	0	0	1	0
Praia de Lopes Mendes	14	6	7	14
Praia de Dois Rios	2	9	3	2
Praia do Abraãozinho	13	6	1	3
Pico do Papagaio	0	0	0	1
Lagoa Verde	7	4	4	7
Lagoa Azul	21	9	7	13
Cachoeira da Feiticeira	1	0	0	2
Quantidade (n) e %	76/37,44	43/21,18	33/16,26	51/25,12

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na Tabela 3, são apresentadas as frequências de avaliações negativas, por categoria e por atrativo. Os resultados apresentados revelam como os diferentes problemas identificados, são mais frequentes em um ou outro atrativo. Por exemplo, a categoria “Degradação da Natureza” foi registrada apenas nos atrativos marinhos da Lagoa Verde e Lagoa Azul. Mas se sobressai na análise, a problemática em torno da “Elevada quantidade de turistas”, que representa mais de 30% das causas de insatisfação e, que se revela de duas formas: uma pelo excesso de turistas em determinados atrativos e noutro, pelo excesso de embarcações no mar, ambas interligadas.

Tabela 3 – Causas da Insatisfação do Visitante dos Atrativos do PEIG

Atrativo	PP	PA	PN	PL	PD	PB	Pico	LV	LA	CF	Total	%
Falta de estrutura	14	1	0	23	14	5	0	0	1	0	58	21,97
Má prestação de serviços	0	2	1	14	5	4	1	0	10	1	38	14,39
Falta de fiscalização	1	1	0	2	0	0	0	3	9	0	16	6,06
Poluição Ambiental	10	9	0	4	0	9	0	8	16	1	57	21,59
Elevada quantidade de turistas	12	5	0	4	0	12	0	12	33	2	80	30,30
Degradação da Natureza	0	0	0	0	0	0	0	7	8	0	15	5,68

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nota: *PP – Praia Preta; PA – Praia do Aventureiro; PN – Praia de Parnaioca; PL – Praia de Lopes Mendes; PD – Praia de Dois Rios; PB – Praia do Abraãozinho; Pico – Pico do Papagaio; LV – Lagoa Verde, LA – Lagoa Azul e CF – Cachoeira da Feiticeira.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de avaliações negativas por categoria:

Falta de estrutura

A partir de uma pequena caminhada de 20 min, encontra-se a Praia Preta que tem também um local histórico, onde já foi um local de quarentena. Infelizmente o Lazareto não está bem conservado, mas tem bastante potencial turístico. (Avaliação sobre a Praia Preta, publicada em 12 de fevereiro de 2018).

Má prestação de serviços

Estava com muita vontade de conhecer a tão falada Lagoa Azul, o que não te contam é sobre a profundidade. Na escuna em que estávamos, nos deram um “macarrão”, e por azar meu, ao descer as escadas eu escorreguei e afundei. Se não fosse meu marido, um exímio nadador, eu não estaria aqui para contar essa estória. Então, acho que deveria ser falado da profundidade. (Avaliação sobre a Lagoa Azul, publicada em 24 de outubro de 2020).

Falta de fiscalização

Tínhamos grande expectativa. Afinal a natureza em Ilha grande é exuberante. Porém, ao chegar na Lagoa Verde, vimos uma exibição de lanchas, com som a mil, mais de 10 jet-ski desfilando (no meio da lagoa), num total desrespeito natureza que tinha nos levado até ali e que, provavelmente, se continuar assim, irão destruir. (Avaliação sobre a Lagoa Verde, publicada em 26 de dezembro de 2017).

Poluição ambiental

Bom, por ser uma das primeiras praias da ilha, achei um pouco suja, onde os Navios de cruzeiros param por lá! Encontrei até mesmo um absorvente na água... desagradável! (Avaliação sobre o Praia Preta, publicada em 18 de abril de 2016).

Elevada quantidade de turistas

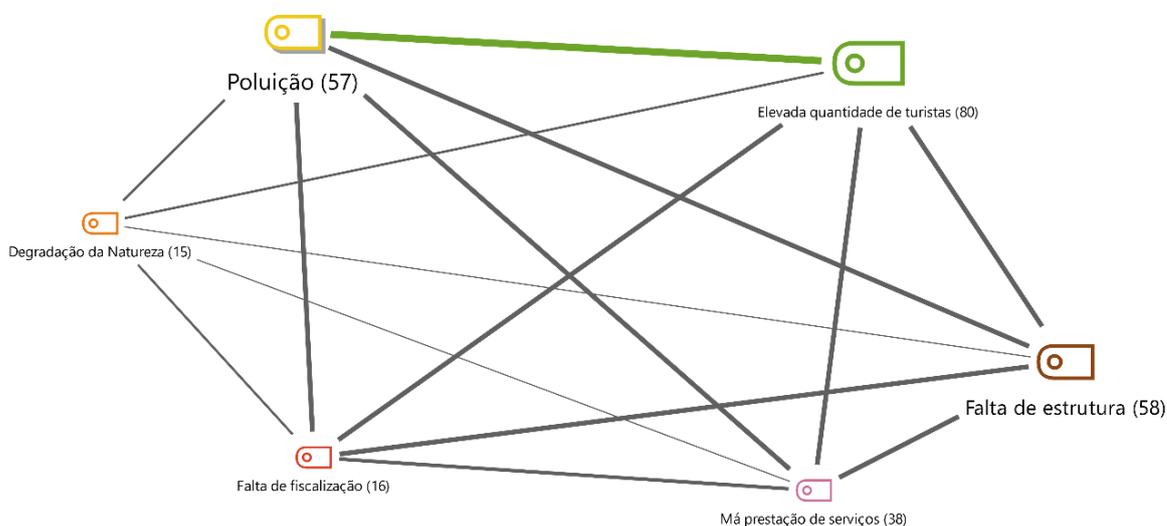
Infelizmente o excesso de turistas pode atrapalhar e muito o fator paradisíaco. Muitas escunas poluentes e barulhentas ao redor (com música alta!) afasta os peixes. Não consegui ver nenhum. (Avaliação sobre a Lagoa Azul, publicada em 3 de outubro de 2018).

Degradação da natureza

O turismo tem sido predatório, e os próprios guias não cuidam e ajudam a destruir o lugar. Estive na Lagoa Verde antes e o lugar era um santuário de estrelas do mar. Hoje os corais estão mortos, não existem estrelas do mar e a variedade de espécies hoje não passa de 10% do que já foi. (Avaliação sobre a Lagoa Verde, publicada em 27 de dezembro de 2016).

Buscando compreender de que maneira as categorias se relacionam, com o auxílio do *Maxqda*® 2020, foi elaborado um modelo de co-ocorrência de categorias, apresentado na Figura 1, onde pode-se notar, entre outras coisas, que as categorias “Poluição” e “Elevada Quantidade de Turista” se mencionam juntas com especial frequência (como ressaltado na linha verde mais espessa). Tal relação era de se imaginar, tendo em vista que, a maior presença de turistas, contribui para maiores probabilidades de se elevar a quantidade de poluição.

Figura 1 – Análise de Co-ocorrência Entre as Categorias



Fonte: Elaborado no *Maxqda*®, 2020 com os dados da pesquisa (2021).

5 Discussões

As experiências compartilhadas em sites como o *TripAdvisor*, são incrivelmente persuasivas, confiáveis, acessíveis e com um número cada vez maior de adeptos (LU; STEPCHENKOVA, 2012; SPARKS; PERKINS; BUCKLEY, 2013), fato este que, denota a importância desta plataforma de conteúdo para o turismo. Como demonstra o estudo de Souza e Machado (2017), os turistas usam mídias sociais, especialmente para buscar informações sobre atrações, atividades de lazer e para compartilhar experiências. No caso das experiências ruins, ao mesmo tempo que alertam os visitantes para alguns cuidados e situações que ocorrem nos atrativos, também podem acabar repelindo o interesse do visitante.

Quando um destino excede as expectativas dos visitantes, eles estão mais propensos e motivados a retornar ao destino e compartilhar suas experiências positivas com outras pessoas (REITSAMER; BRUNNER-SPERDIN, 2017), contudo quando desapontados, também compartilham suas experiências e emoções negativas. Estes dois argumentos, por si só, justificam a necessidade de gestores considerarem a reputação *on-line* (ANTONIO; CORREIA; RIBEIRO, 2020). Como visto nos resultados, há uma variedade de problemas nos atrativos do PEIG e adjacências, alguns mais frequentes em determinados atrativos, enquanto outros não apresentam determinadas problemáticas. Isso demonstra a necessidade de atuação diferenciada em cada um deles.

A transformação de uma região em destino turístico, causa mudanças nas relações socioespaciais, levando em muitas situações à desfiguração de paisagens naturais e degradação ambiental (SILVA *et al.*, 2018b). O aumento do número de turistas em destino de natureza pode gerar, maior perturbação da biodiversidade, por exemplo, elevando o pisoteamento de plantas, geração de lixo e esgoto, interrompendo a alimentação e reprodução da fauna e flora entre outras situações que geram danos à natureza (RANAWEERAGE; RANJEEWA; SUGIMOTO, 2015; CRISTIANO *et al.*, 2020), situações estas que desafiam a sustentabilidade do turismo (BUCKLEY, 2011). Como visto pelos resultados do presente estudo, esse excesso de visitantes e seus impactos, emergiram como o principal problema em diversos dos atrativos avaliados. A superlotação, deterioração de locais de interesse, aumento de lixo e aumento da poluição ambiental, é algo comum em APs com prática do turismo (ADEWUMI; USUI; FUNCK, 2019).

Como visto, a aglomeração, tanto de pessoas como de embarcações, nos casos dos atrativos da Lagoa Azul e Lagoa Verde, são os principais fatores causadores de problemas nestes atrativos, inclusive com o risco de acidentes, como observar-se no seguinte relato: “E

várias vezes, as escunas param muito próximas umas das outras. Quando fui, a escuna que eu estava a bordo quase passou por cima de pessoas nadando na lagoa.” (Avaliação sobre a Lagoa Azul, publicada em janeiro de 2016). Vale lembrar que, no ano de 2018 um acidente ocasionado pelo atropelamento de turistas na Lagoa Azul, deixou dois mortos neste atrativo (SODRÉ, 2018).

Muitos dos atrativos analisados são do tipo praia. O turismo costeiro está se expandindo em todo o mundo, principalmente devido à atração por relevantes serviços ecossistêmicos, como a beleza cênica e atividades recreativas, além da atração do mar, sol e areia (MENDOZA-GONZÁLEZ *et al.*, 2018; LITHGOW *et al.*, 2019). Em particular, as costas são o ambiente mais apreciado nas áreas tropicais e, conseqüentemente, o turismo tem se tornado um fenômeno de massa onde, a cada ano, milhões de pessoas buscam, relaxamento e recreação, preferencialmente na praia (JEDRZEJCZAK, 2004).

Um dos problemas mais comuns na gestão de ilha e suas praias é o adequado equilíbrio entre o número de visitantes e a capacidade de carga da praia (ZHENG *et al.*, 2020). O descontrole do turismo pode ter um impacto negativo sobre meio ambiente (HARDY; BEETON, 2001). Os efeitos causados pelo turismo de massa não se limitam a zona costeira onde se originam, mas também afetam as áreas circundantes devido à dinâmica hidrológica e outros mecanismos de transporte ambiental (TORRES-BEJARANO *et al.*, 2018). De fato, o problema em torno do excesso de turistas e embarcações, foi muito comum dentre os atrativos analisados. Limpeza da água e da praia propriamente dita, além da distância do local de alojamento, relação qualidade e preço da oferta, são alguns dos pontos fortes valorizados pelos turistas em destinos de praia (ZADEL; GRAČAN; MILOJICA, 2018; PERLES-RIBES *et al.*, 2021) e foram alguns dos principais problemas identificados através dos relatos sobre as praias do PEIG, com destaque para a falta de limpeza.

Num estudo feito nas praias do Abraão e do Aventureiro, Chueiri e Fortunato (2021) observaram que, o desenvolvimento desordenado do turismo e a saturação da capacidade de carga de turistas, tem gerado a poluição no ambiente marinho na Praia de Abraão e, no caso da Praia do Aventureiro, mesmo esta encontrando-se dentro de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, nota-se a presença de poluição, algo que também foi notado nos dados do presente estudo. Inclusive, nos atrativos do tipo praia, foram encontrados diversos tipos de poluição, que vão desde a presença de esgoto até a presença de latas, garrafas e até absorventes, como nota-se no seguinte relato: “O local já foi mais bonito, está com muitas construções na orla da praia e a sujeira está chegando no mar. Água suja vindo

de pias escorrem pela areia.” (Avaliação sobre a Praia do Aventureiro, publicada em fevereiro de 2020).

A presença de lixo de praia é uma realidade em diversos ambientes de praia ao redor do mundo (RANGEL-BUITRAGO; WILLIAMS; ANFUSO, 2018; SILVA *et al.*, 2018b). Como observado no estudo de Mestanza *et al.* (2019) em 59 praias no Equador, observou que 43% destas apresentava problemas com a presença de lixo. Os autores notaram que, as praias localizadas na região das Ilha Galápagos, foram as que apresentaram as melhores condições, quanto a limpeza. Segundo estes, deve-se isto ao fato da região receber turistas internacionais e, por conta das ações de educação realizadas pelas autoridades locais (MESTANZA *et al.*, 2019). Noutro estudo, realizado em praias em Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro, Silva *et al.* (2018b) avaliaram a quantidade de resíduos sólidos encontrados nestas praias em estações diferentes (inverno e verão). Os resíduos mais abundantes encontrados foram, plásticos e bitucas de cigarro. Cristiano *et al.* (2020) também encontraram lixo em praias localizadas no Arquipélago de Fernando de Noronha-Brasil. Áreas protegidas costeiras como Arquipélago de Fernando de Noronha, apresentam diversos problemas crônicos, sendo a maioria deles ligados à falta de saneamento básico, falta de separação de resíduos e tratamento de esgoto adequado (CRISTIANO *et al.*, 2020), problemas que se repetem em algumas praias investigadas na presente pesquisa.

Independentemente da origem do lixo deixado pelos visitantes, sua presença é fator de extrema importância também para a saúde e segurança dos usuários da praia (WILLIAMS *et al.*, 2013 *apud* ZIELINSKI; BOTERO; YANES, 2019). Do ponto de vista da conservação ambiental, os gestores costeiros devem melhorar a limpeza da praia e reduzir fontes de lixo potencialmente geral e bruto, especialmente em praias com turistas nacionais e locais (MESTANZA *et al.*, 2019).

A identificação dos principais detritos marinhos encontrados na areia das praias, indica a necessidade de algumas ações direcionadas para cada tipo de material encontrado. Além disso, a identificação das principais fontes de resíduos e a relação da população com eles permite um direcionamento adequado de campanhas educativas com moradores, trabalhadores da região e turistas e conseqüentemente a melhoria na qualidade ambiental das praias e o ambiente marinho de cidades costeiras turísticas, tornando possível manter o meio ambiente livre de poluição e evitando a inibição das atividades costeiras (SILVA *et al.*, 2018b). Inclusive, nota-se pelos resultados obtidos no presente estudo, que a maioria dos problemas foram relatados em período de maior sazonalidade, o que ratificam a importância de ações especialmente nestes períodos.

A falta de estrutura e sinalização, são problemas ainda comuns em AP (MICALOSKI *et al.*, 2021) e também notados nos resultados desta pesquisa. No entanto, cabe observar que, há uma certa distorção da percepção do visitante sobre a estrutura. Por exemplo, nota-se pelos relatos, que os visitantes gostariam de uma estrutura mais sofisticada, talvez com hotéis e restaurantes, mas como estamos tratando de uma AP, isso não condiz com o perfil de desenvolvimento e com a proposta deste tipo de território. Isso em boa parte, deve-se à falta de entendimento do público sobre o que é uma AP e o que se pode ou não fazer nesta. Outro ponto que chama a atenção é a identificação do território como parque. Isto é, o visitante, ao adentrar no parque, talvez não tenha a real dimensão sobre o que se pode ou não fazer neste território, tendo em vista que há determinadas características, regras, normas, etc.

É importante considerar que há uma grande gama de atores sociais, envolvidos em diferentes atividades em torno de parques, tais como comunidades tradicionais, agentes públicos, gestores de parques, pesquisadores, turistas, entre outros. Dentre os atores, os operadores turísticos, a comunidade local e os gestores, são os mais interessados pela atividade de turismo em parques (ZEPPEL, 2009 *apud* LAI; HSU; NEPAL, 2013). De um lado, a comunidade atua operacionalizando o turismo, do outro, os gestores determinam as regras e a fiscalização destas atividades. Ambos, lidam com um público diverso de turistas, com suas diferentes necessidades e interesses em torno dos atrativos de um determinado destino. Para Prakash *et al.* (2019), a falta de uma atenção crítica ao desenvolvimento do turismo e, paralelamente, à maneira como os operadores turísticos estão conduzindo suas atividades em APs, são dois aspectos centrais na geração de insatisfação entre visitantes, e também notados pelos resultados obtidos no presente estudo.

Por conta da falta de políticas, leis e regulamentos e o não cumprimento deles quando existentes, muitas áreas costeiras são afetadas pela degradação ambiental e têm enfrentado um declínio na qualidade ambiental causada em boa parte pelos impactos do turismo (MESTANZA *et al.*, 2019). Como observado por Matheus e Raimundo (2017), impactos negativos em parques, por conta da atividade turística, também são gerados pela falta de fiscalização. No caso dos atrativos analisados, a falta de fiscalização foi uma categoria presente em alguns atrativos e, vinculadas a dois aspectos: o descumprimento de regras e o risco de acidentes.

Os resultados da presente investigação demonstram que, a maior parte dos problemas em torno dos atrativos do PEIG, giram em torno da falta de gestão, da falta de conscientização dos visitantes e dos cuidados que uma visita a um ambiente natural deve contemplar. É importante observar que, o comportamento pró-ambiental é tido como uma estratégia para

melhor proteger o ambiente dos destinos turísticos para alcançar a sustentabilidade do destino (HE *et al.*, 2018; PAN *et al.*, 2018; WANG; KANG, 2019). A orientação pró-ambiental dos visitantes é de suma importância, ainda mais em destinos de natureza. Como identificado em outros estudos (BAGRI; GUPTA; GEORGE, 2009; REN *et al.*, 2021), há diferenças significativas da orientação ambiental e consciência entre os diferentes públicos que visitam um determinado destino, especialmente para aquele grupo de visitantes que buscam apenas por lazer. Como revelado na investigação conduzida por Ren *et al.* (2021) com turistas da Reserva Natural Nacional de Taibai Mountain na China, o conhecimento ambiental tem um impacto positivo nas atitudes ambientais de turistas, reverberando nas atitudes ambientais e no comportamento amigável. Na visão de Sharma e Gupta (2020), criar uma sensibilização nos visitantes de parques, seja por meio de um treinamento breve antes do ingresso nestes espaços ou vídeos sobre o espaço e sua natureza, pode ser um modo de gerar um comportamento pró-ambiental, argumento este também defendido por Cheung e Fok (2013) e Dharmesti *et al.* (2020).

Com a crescente importância da APs para atividades recreativas ao ar livre, mais atenção precisa ser dada à satisfação do visitante com base em suas avaliações da qualidade dos atributos que influenciam suas experiências. Para satisfazer os visitantes, os gestores precisam compreender melhor suas expectativas e suas experiências, como base para lhes proporcionar uma experiência satisfatória (AGYEMAN; ABOAGYE; ASHIE, 2019). No estudo de Digun-Aweto, Fawole e Van Der Merwe (2019), com turistas que visitaram o Parque Nacional de Okomu (ONP) no Estado de Edo, Nigéria, notaram que, para promover a satisfação dos turistas, os gestores dos parques necessitam de atenção ao manejo adequado da flora e da fauna, incluindo a interpretação de características naturais. É essencial que os gestores compreendam as perspectivas dos turistas sobre as atividades adequadas em parques para permitir o uso de recursos sem uso indevido e degradação ecológica (MORRISON-SAUNDERS *et al.*, 2019). O desafio dos gestores dessas áreas é garantir que os turistas estão cientes dos valores do lugar e contribuam para preservar, enquanto desfrutam (CRISTIANO *et al.*, 2020).

6 Conclusões

Parques como o PEIG, são importantes ativos turísticos baseados na natureza, mas isso só é possível se explorados de uma forma adequada. Como demonstrado pelos resultados desta pesquisa, deficiências na gestão e na atuação dos operadores turísticos podem gerar problemas para o ambiente e para a experiência do visitante. Mas ao que parece, a maior parte

dos problemas gira em torno da consciência ambiental de seus visitantes. Entre os principais problemas identificados, estão: a elevada quantidade de pessoas, a poluição e a falta de estrutura.

Além de refletir uma falta de sustentabilidade, os fatores identificados por meio das avaliações dos visitantes, também podem levar a uma redução do interesse pela região, no que se refere à prática do turismo. Os resultados demonstram a necessidade de não apenas a gestão do parque, mas de todas as partes interessadas no turismo nesta região, de implementar estratégias e ações corretivas, no intuito de promover experiências positivas e sustentáveis perante o público visitante nos atrativos do parque. Tais medidas são importantes para "frear" a deterioração do meio ambiente e, ao mesmo tempo, alavancar o potencial da região para o desenvolvimento de uma prática turística mais sustentável e próxima dos princípios do ecoturismo.

É importante observar que a presente pesquisa possui limitações, tais como a subjetividade envolvida na avaliação de um visitante, em função do tipo de experiência que este teve em cada atrativo. Apesar de alguns dados sociodemográficos serem fornecidos no *TripAdvisor*, a pesquisa não explorou tais dados, que podem ser explorados em pesquisas futuras no intuito de relacionar os resultados da pesquisa ao perfil do público. Outro ponto a ser considerado é o tamanho da amostra de avaliações (553 ao todo), que pode ser considerado um bom número, no entanto, alguns atrativos tiveram amostras muito reduzidas. Este aspecto está atrelado a outra limitação da pesquisa: o fato de ter sido considerado apenas as avaliações tidas como horrível, ruim ou razoável. Por mais que turistas avaliem um atrativo como bom ou muito bom, nestas avaliações podem haver também o apontamento de aspectos negativos, que deveriam ser considerados em futuros estudos.

Estudos futuros, podem se debruçar na investigação das causas geradoras dos problemas apontados nos atrativos analisados neste estudo. Uma investigação que poderia trazer muitas contribuições, refere-se ao entendimento dos visitantes, sobre as regras e cuidados em torno da visita em AP.

Apesar das limitações, o estudo demonstra a necessidade e os ganhos de se avaliar atrativos turísticos sobre o olhar do turista (URRY, 2002), além disso, revela a riqueza de dados disponíveis em sites como o *TripAdvisor* e que podem ser objeto de análise para diferentes fins, servindo inclusive de apoio à gestão de AP. A presente pesquisa foi apenas uma amostra do potencial de sites como o *TripAdvisor* na obtenção de informações relevantes para gestores e operadores de turismo.

A partir do presente estudo, aponta-se algumas implicações às partes interessadas na atividade turística no PEIG:

- Primeiramente, é preciso estudar mais a fundo as percepções, opiniões e representações dos visitantes sobre cada atrativo, no intuito de aprimorar a experiência de visita em AP.
- Entre os principais motivos de insatisfação do visitante estão aspectos relativos ao comportamento dos visitantes do PEIG, desta forma, é preciso que se desenvolvam estratégias que possam alterar estes comportamentos entre os visitantes, neste sentido, ações de educação ambiental, podem ser um caminho.
- A criação de projetos que insiram os turistas em experiências no meio natural, em conjunto com informações sobre os recursos e valores ecológicos dos destinos, podem potencializar a ligação entre indivíduos e o meio ambiente, favorecendo um comportamento ambientalmente correto.
- A superlotação de atrativos, especialmente em períodos de alta temporada, requerem adequada fiscalização e introdução de limites para reduzir, não só a insatisfação do visitante, como o impacto sobre a natureza.
- São necessárias ações que visem a melhoria do serviço prestado por operadores turísticos. Sobre este aspecto, cabe o desenvolvimento de ações, que contemplem os diferentes operadores do turismo, como agente ativos na promoção da fiscalização e orientação dos visitantes.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo considerando a importância do turismo de massa para a economia do Estado do Rio de Janeiro, o ecoturismo possui plenas condições de ser um instrumento para o desenvolvimento do turismo sustentável no Estado. Conciliar o desenvolvimento e a conservação, do ponto de vista da sustentabilidade, se constitui numa estratégia que garante a conservação da biodiversidade e um crescimento econômico com qualidade.

Primeiramente, pensando no desenvolvimento do ecoturismo na Ilha Grande, é preciso reconhecer os reais benefícios desta atividade para a comunidade local. Segundo, esta comunidade necessita de meios para desenvolver tal vertente do turismo, o que envolve treinamentos consistentes com o estilo de vida local. Terceiro, é preciso desenvolver meios

para que a receita vinda do turismo circule no território da Ilha Grande, sem desvios de receitas para agentes externos.

Nesta pesquisa, inicialmente nos propomos a investigar os estudos sobre a Ilha Grande, onde nota-se uma escassez de estudos sobre os impactos do turismo nesta região, na plataforma *Web of Science*. Apesar de existir uma relevante produção científica sobre esta região, observa-se que esta é limitada às ciências ambientais, sendo que outras áreas do conhecimento não apresentam produção relevante. Por outro lado, há uma gama de estudos, relatórios entre outros documentos nacionais sobre a atividade turística na Ilha Grande, que em boa parte tem demonstrado que, apesar do enorme potencial desta região para o ecoturismo, o turismo que vem sendo praticado não condiz com práticas sustentáveis e, são os mais variados motivos que tem impedido isso, que permeia diferentes problemáticas, desde a ocupação desordenada à falta de fiscalização, o que demonstra a necessidade de uma atuação interdisciplinar na região. Este aspecto também foi identificado por meio do estudo apresentado no Artigo 5, onde identificou-se seis tipos de problemas vinculados aos principais atrativos do PEIG e suas adjacências. Este estudo revelou algumas das problemáticas em torno da prática do turismo na Ilha Grande, como a elevada concentração de turistas, a poluição ambiental gerada em parte por este público e a degradação da natureza, além da falta de estrutura. Tais problemas, demonstram a necessidade de ações em prol da mudança de comportamento entre os visitantes, mas também de melhorias na gestão do turismo.

De forma complementar, o estudo apresentar no Artigo 4, revelou que, apesar de o visitante ter avaliações positivas sobre os atrativos do PEIG, aparentemente há pouco envolvimento destes com a natureza e a promoção de experiência transformadora com esta. Na verdade, a Ilha Grande acaba sendo um espaço para entretenimento e contemplação de belas paisagens. Como visto neste estudo, há elementos muito característicos e únicos dentro os atrativos estudados, o que pode ser útil para melhorar a experiência do visitante.

Muitos dos problemas da prática do turismo na Ilha Grande, giram em torno da falta de ações em prol de práticas mais sustentáveis e de controle da capacidade de carga, isto é, do equilíbrio entre a capacidade da natureza e a demanda de visitação. Como alerta a União Internacional para a Conservação da Natureza - IUCN (LEUNG *et al.*, 2018) os impactos ambientais negativos do turismo em APs, podem gerar o aumento da poluição e fragmentação de habitat, como notado em alguns dos estudos desenvolvidos nesta dissertação. A mesma instituição recomenda a adoção de estratégias de gestão para produzir boas experiências de visitação com o menor grau de interferência possível, de modo a para não degenerar o ambiente visitado, é algo fundamental para a conservação de APs, onde o turismo é praticado.

A capacidade de carga extrapolada foi vista como um grande problema nos estudos desenvolvidos e, este aspecto tem prejudicado a qualidade da experiência do visitante nos atrativos do PEIG.

Algo que poderia ser de grande utilidade, seria a adoção de sistemas de certificação, onde as autoridades reguladoras poderiam controlar os operadores de turismo, que não seguem os princípios do ecoturismo. Este seria, a nosso ver, um bom mecanismo para reconhecer as iniciativas de ecoturismo na região. Mas, isso é apenas um pequeno exemplo, dentre todas as ações necessárias para se promover melhores experiências em torno do turismo na natureza, no contexto da Ilha Grande, como apontado de diferentes formas nos diversos estudos desenvolvidos nesta dissertação. E, mais do que isso, é preciso a integração entre os diferentes atores desta região, ou seja: o trade turístico, os governantes, a população local e o visitante.

Por fim, espera-se que, com a sistematização das discussões, métodos e resultados apresentados nesta dissertação, esta possa servir de subsídio para a formulação de ações, projetos, programas e, porque não, de políticas públicas para subsidiar o desenvolvimento de um turismo mais sustentável na Ilha Grande, pois ela e seus visitantes merecem.

REFERÊNCIAS DA INTRODUÇÃO E DO REFERENCIAL TEÓRICO

ALCAMO, Joseph *et al.* **Ecosystems and human well-being: a framework for assessment.** 2003. Disponível em: https://pdf.wri.org/ecosystems_human_wellbeing.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

ALEXANDRAKIS, George; MANASAKIS, Constantine; KAMPANIS, Nikolaos A. Valuating the effects of beach erosion to tourism revenue. A management perspective. **Ocean & Coastal Management**, v. 111, p. 1-11, 2015.

ALMEIDA, Geciane Silva de; PELISSARI, Anderson Soncini. Satisfação do Consumidor com Base nos Atributos do Serviço de Hospedagem. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, n. 2, p. 32-53, 2019.

ALVAREZ, Melissa María Hurtado *et al.* O perfil do visitante do Parque Nacional de São Joaquim (SC): breves considerações. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, v. 6, n. 3, p. 82-94, 2019.

APPS, Kirin; DIMMOCK, Kay; HUVENEERS, Charlie. Turning wildlife experiences into conservation action: Can white shark cage-dive tourism influence conservation behaviour?. **Marine Policy**, v. 88, p. 108-115, 2018.

ARAÚJO, W. A. de *et al.* Desenvolvimento local, turismo e populações tradicionais: elementos conceituais e apontamentos para reflexão. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, n. 4, p. 5-18, 2017.

ARAVENA, Juan-Carlos *et al.* Parque nacional bernardo o'higgins/territorio kawésqar waes: Conservación y gestión en un territorio ancestral. **Magallania (Punta Arenas)**, v. 46, n. 1, p. 49-63, 2018.

ARDOIN, Nicole M. *et al.* Nature-based tourism's impact on environmental knowledge, attitudes, and behavior: a review and analysis of the literature and potential future research. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 23, n. 6, p. 838-858, 2015.

ARRUDA, Paulo Henrique Castro G. de; LOBO, Saulo Maurício Silva. Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável. **Revista do TCU**, n. 136, p. 38-47, 2016.

AZEREDO, Thaís Varandas de; ZAÚ, André Scarambone. Ecotourism and Environmental Education: connecting different concepts. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 10, n. 3, 2017.

BAKA, Vasiliki. The becoming of user-generated reviews: Looking at the past to understand the future of managing reputation in the travel sector. **Tourism Management**, v. 53, p. 148-162, 2016.

BANERJEE, Snehasish; CHUA, Alton YK. In search of patterns among travellers' hotel ratings in TripAdvisor. **Tourism Management**, v. 53, p. 125-131, 2016.

BELLINASSI, Suelen; PAVÃO, Ana Carolina; CARDOSO-LEITE, Eliana. Gestão e Uso Público de Unidades de Conservação: um olhar sobre os desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 4, n. 2, 2011.

BEYENE, Belachew. Review on ecotourism opportunities and the challenges for natural resource management in Ethiopia. **Journal of Tourism, Hospitality and Sports**, v. 21, p. 28-35, 2016.

BIRBEN, Üstüner. The Effectiveness of Protected Areas in Biodiversity Conservation: The Case of Turkey. **Cerne**, v. 25, n. 4, p. 424-438, 2019.

BRASIL. **Cresce a participação do Turismo no PIB nacional**. Ministério do Turismo. 2019. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12461-cresce-a-participa%C3%A7%C3%A3o-do-turismo-no-pib-nacional.html>. Acesso em: 23 out. 2019.

_____. **Decreto Nº 9.791, de 14 de maio de 2019**. Aprova o Plano Nacional de Turismo 2018-2022. 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9791.htm. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. **Ecoturismo: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2008. 60 p. Disponível em: http://p.download.uol.com.br/guiamaua/dt/Livro_Ecoturismo.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. Empresa Brasileira de Turismo. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**. Brasília, 1994. Disponível em: http://www.ecobrasil.provisorio.ws/images/BOCAINA/documentos/ecobrasil_diretrizespoliticanacionalecoturismo1994.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. **Lei 9985, de 18 de julho de 2000**. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União. 2000.

_____. **Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acesso em: 12 nov. 2020.

_____. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2010a. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Ecoturismo_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

_____. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil**. Turismo e Sustentabilidade. Brasília: MTur, 2009.

_____. **Perfil do Turista de Aventura no Brasil Ecoturista**. Ministério de Estado de Turismo. Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA), 2010. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:VugeT7ixuZsJ:abeta.tur.br/download/perfil-do-turista-de-aventura/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. **Plano Nacional de Turismo 2018-2022**. Ministério do Turismo. 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/pnt-2018-2022-pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. **Turismo e sustentabilidade**. Ministério do Turismo (Mtur). Coordenação Geral de Regionalização. Roteiros do Brasil – programa de regionalização do turismo. Brasília: MTUR, 2007. 126p.

BROCKINGTON, Daniel; WILKIE, David. Protected areas and poverty. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 370, n. 1681, p. 20140271, 2015.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 180 p.

CABRAL, Andressa *et al.* Flora do Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil: Aquifoliaceae. **Rodriguésia**, v. 70, 2019.

CALDERWOOD, Lauren Uppink; SOSHKIN, Maksim. Thea. The travel & tourism competitiveness report 2013. In: **The World Economic Forum**. 2019. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_TTCR_2019.pdf. Acesso em: 26 out. 2019.

CAMPOS, Renata Ferreira; FILETTO, Ferdinando. Análise do perfil, da percepção ambiental e da qualidade da experiência dos visitantes da Serra do Cipó (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 4, n. 1, 2011.

CAMPOS, Renata Ferreira; VASCONCELOS, Fernanda Carla Wasner; FÉLIX, Lilian Araújo Grossi. A importância da caracterização dos visitantes nas ações de ecoturismo e Educação Ambiental do Parque Nacional da Serra do Cipó/MG. **Revista Turismo em Análise**, v. 22, n. 2, p. 397-427, 2011.

CANDIOTTO, L. Z. P.; CORRÊA, W.K. Desenvolvimento rural sustentável: algumas considerações sobre o discurso oficial do governo federal. **Geografia, Associação de Geografia Teórica (AGETEO)**, Rio Claro, v.29, n.2, p.265-280, mai/ago. 2004.

CARVACHE-FRANCO, M. *et al.* From Satisfaction in Eco-tourism to Loyalty in a National Park. **GeoJournal of Tourism and Geosites**, v. 28, n. 1, 191–202. 2020.

CARVACHE-FRANCO, Mauricio; SEGARRA-OÑA, Marival; CARRASCOSA-LÓPEZ, Conrado. Segmentation by motivation in ecotourism: Application to protected areas in guayas, ecuador. **Sustainability**, v. 11, n. 1, p. 240, 2019.

CASTRO-PARDO, Mónica de *et al.* Looking for consensual protection categories to reduce conservation conflicts in protected áreas. **Ciência Rural**, v. 49, n. 12, 2019.

CEBALLOS-LASCURAIN, Hector. The future of ecotourism. **Mexico journal**, 1987.

CELIK, D. Determination of the most suitable ecotourism activities with the analytic hierarchy process: A case study of Balamba Natural Park, Turkey. **Applied Ecology and Environmental Research**, v. 16, n. 4, p. 4329-4355, 2018.

CHARNLEY, Susan. From nature tourism to ecotourism? The case of the Ngorongoro Conservation Area, Tanzania. **Human Organization**, v. 64, n. 1, p. 75-88, 2005.

CHEN, Chung-Ling; BAU, Yi-Ping. Establishing a multi-criteria evaluation structure for tourist beaches in Taiwan: A foundation for sustainable beach tourism. **Ocean & Coastal Management**, v. 121, p. 88-96, 2016.

CHUEIRI, Débora Mury Alves; FORTUNATO, Rafael Angelo. Turismo e esgoto domésticos na Ilha Grande (RJ): uma análise exploratória nas praias de Abraão e Aventureiro. **Revista Brasileira De Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 14, n. 1, 2021.

COLLI-SILVA, Matheus; IVANAUSKAS, Natália Macedo; SOUZA, Flaviana Maluf. Diagnóstico do conhecimento da biodiversidade de plantas vasculares nas unidades de conservação do estado de São Paulo. **Rodriguésia**, v. 70, 2019.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TURISMO – CNTUR; SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO À MICRO E PEQUENA EMPRESA – SEBRAE. **Perfil do Turista e dos Segmentos de Oferta**. 2012. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/pesquisa-o-perfil-do-turista-e-dos-segmentos-de-oferta,ce6836627a963410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 23 nov. 2020.

CORBAU, Corinne *et al.* Tourism analysis at Asinara Island (Italy): Carrying capacity and web evaluations in two pocket beaches. **Ocean & Coastal Management**, v. 169, p. 27-36, 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. **Relatório GT Produção Técnica**. Ministério da Educação. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

COSTA, Cristiano Cunha; GOMES, Laura Jane. Parque Nacional Sierra de Itabaiana-Brasil: Una herramienta para el ecoturismo. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 23, n. 1, p. 190-206, 2014.

COSTA, Cristiano Cunha; OLIVEIRA, Ivana Silva Sobral; GOMES, Laura Jane. Percepción ambiental como estrategia para el ecoturismo en unidades de conservación. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 19, n. 6, p. 1121-1135, 2010.

COSTA, Gustavo Villela Lima. Turismo y cambio social: El caso de Aventureiro-Ilha Grande (RJ)-Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 18, n. 3, p. 243-261, 2009.

COSTA, Priscila Gonçalves *et al.* Trilhas Interpretativas para o Uso Público em Parques: desafios para a Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 12, n. 5, 2019.

CUNHA, S. K.; CUNHA, J. C. Competitividade e sustentabilidade de um cluster de turismo: uma proposta de modelo sistêmico de medida do impacto do turismo no desenvolvimento local. **Revista de Administração Contemporânea**, v.9, n. 2, p.63-79, 2005.

DE GROOT, Rudolf S. *et al.* Integrating the ecological and economic dimensions in biodiversity and ecosystem service valuation. In: **The Economics of Ecosystems and Biodiversity (TEEB): Ecological and Economic Foundations**. Earthscan, Routledge, 2010. p. 9-40. Disponível em: <http://www.teebweb.org/wp-content/uploads/2013/04/D0-Chapter-1-Integrating-the-ecological-and-economic-dimensions-in-biodiversity-and-ecosystem-service-valuation.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

DOLOGLOU, N.; KATSONI, V. Ecotourism in protected areas, a literature review. **ECOCLUB. com Ecotourism Paper Series**, v. 38, p. 1-20, 2016.

DUARTE, Miqueias *et al.* Pressões ambientais em Unidades de Conservação: estudo de caso no sul do Estado do Amazonas. **GOT, Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 18, p. 108-125, 2019.

DUDLEY, Nigel *et al.* Evidence for biodiversity conservation in protected landscapes. **Land**, v. 5, n. 4, p. 38, 2016.

DURAND, Leticia. ¿ Todos ganan? Neoliberalismo, naturaleza y conservación en México. **Sociológica (México)**, v. 29, n. 82, p. 183-223, 2014.

FENNELL, D. A. **Ecotourism**. London: Routledge. 2007.

_____. A content analysis of ecotourism definitions. **Current issues in tourism**, v. 4, n. 5, p. 403-421, 2001.

FERREIRA, Luana Dayse de Oliveira; NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça. Reflexões teóricas e conceituais sobre política pública e governança aplicada ao contexto das Áreas Naturais Protegidas. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 11, n. 2, 2018.

FISCHER, Markus *et al.* **The regional assessment report on biodiversity and ecosystem services for Europe and Central Asia: summary for policymakers**. Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services (IPBES), 2018. Disponível em: <https://ipbes.net/assessment-reports/eca>. Acesso em: 12 nov. 2020.

FONSECA FILHO, R. E.; RIBEIRO, G. S. Perfil do geoturista do Parque Estadual da Serra do Rola-Moça (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 9, n. 3, 31 ago. 2016.

GANEM, R. S. (Org.). **Conservação da biodiversidade: legislação e políticas públicas** (Série memória e análise de leis, n. 2). Brasília: Câmara dos Deputados. 2010. Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/5444/conservacao_biodiversidade.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 12 nov. 2020.

GELDMANN, Jonas *et al.* A global-level assessment of the effectiveness of protected areas at resisting anthropogenic pressures. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 116, n. 46, p. 23209-23215, 2019.

GRAY, Claudia L. *et al.* Local biodiversity is higher inside than outside terrestrial protected areas worldwide. **Nature Communications**, v. 7, n. 1, p. 1-7, 2016.

HALL, C. Michael. Constructing sustainable tourism development: The 2030 agenda and the managerial ecology of sustainable tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 27, n. 7, p. 1044-1060, 2019.

HANAI, F. Y. Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade do turismo: conceitos, reflexões e perspectivas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 8, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/589>>. Acesso em: 20 out. 2019.

_____. **Sistema de indicadores de sustentabilidade**: uma aplicação ao contexto de desenvolvimento do turismo na Região de Bueno Brandão, Estado de Minas Gerais, Brasil. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, Escola de Engenharia de São Carlos, 2009. (Tese de doutorado). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18139/tde-17092009-082223/pt-br.php>. Acesso em: 03 out. 2019.

HO, Chaang-Iuan *et al.* Pre-trip tourism information search by smartphones and use of alternative information channels: A conceptual model. **Cogent Social Sciences**, v. 2, n. 1, p. 1136100, 2016.

HOFFMANN, Samuel *et al.* Uniqueness of protected areas for conservation strategies in the European Union. **Scientific reports**, v. 8, n. 1, p. 1-14, 2018.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - ICMBIO. **ICMBio divulga dados de visitação em UCs**. 2017. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/noticias/2017/dados_de_visitacao_2012_2016.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

_____. **Roteiro Metodológico para Manejo de Impactos da Visitação com Enfoque na Experiência do Visitante e na Proteção dos Recursos Naturais e Culturais**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2011. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/Roteiro_Impactos_de_Visitacao_WEB.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. **Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação Federais**. Princípios e Diretrizes 2018, 2018. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/turismo_de_base_comunitaria_em_uc_2017.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE - INEA. **Parque Estadual da Ilha Grande**: plano de manejo (fase 2)/resumo executivo./Instituto Estadual do Ambiente.--Rio de Janeiro: INEA, 2013. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/PEIG-RM.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE - IUCN. **What is a protected area?** 2008. Disponível em: <https://www.iucn.org/theme/protected-areas/about#:~:text=A%20protected%20area%20is%20a,IUCN%20Definition%202008>. Acesso em: 12 nov. 2020.

_____. **Naturebased Solutions to address global societal challenges**. Cohen- Shacham E, Walters G, Jqanzen C, Maginnis S (eds). IUCN, Gland, Switzerland. 2016. Disponível em: <https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/2016-036.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. **Red List Categories**. 1994. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org/technicaldocuments/categories-and-criteria/1994-categoriescriteria#introduction>. Acesso em: 23 out. 2020.

JÚNIOR, Wilson Martins Lopes; HANAI, Frederico Yuri; RIBAS, Luiz Claudio Passamai Serra. O Perfil dos turistas com destino à Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ) em período do verão de 2018.

KADOTA, D.; HADDAD, E.; RABAHY, W.A. **Aspectos do Ecoturismo: Perfil do Turismo Praticado em Parques Nacionais e Áreas Naturais Conservadas**. Turismo em Números, São Paulo, n. 35, v. 35, p. 1-8. 2004.

KC, Anup; RIJAL, Kedar; SAPKOTA, Ramesh Prasad. Role of ecotourism in environmental conservation and socioeconomic development in Annapurna conservation area, Nepal. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 22, n. 3, p. 251-258, 2015.

KETTUNEN, Marianne; TEN BRINK, Patrick (Ed.). **Social and economic benefits of protected areas: an assessment guide**. Routledge, 2013.

KRÜGER, Oliver. The role of ecotourism in conservation: panacea or Pandora's box?. **Biodiversity & Conservation**, v. 14, n. 3, p. 579-600, 2005.

LADEIRA, Alecia Silva *et al.* O perfil dos visitantes do parque estadual do Ibitipoca (PEIb), Lima Duarte, MG. **Revista Árvore**, v. 31, n. 6, p. 1091-1098, 2007.

LAURANCE, William F. Does research help to safeguard protected areas?. **Trends in ecology & evolution**, v. 28, n. 5, p. 261-266, 2013.

LEITE, Priscila Souza Chisté. Produtos Educacionais em Mestrados Profissionais na Área de Ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. **Anais... CIAIQ2018**, v. 1, 2018.

LEWINSOHN, Thomas Michael; PRADO, Paulo Inácio. Síntese do conhecimento atual da biodiversidade brasileira. **Avaliação do estado do conhecimento da biodiversidade brasileira**, v. 1, p. 21-109, 2006.

LIBURD, Janne J.; BECKEN, Susanne. Values in nature conservation, tourism and UNESCO World Heritage Site stewardship. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 25, n. 12, p. 1719-1735, 2017.

- LIMBERGER, Pablo Flôres et al. A satisfação na hotelaria pelo TripAdvisor: uma análise da correlação entre os critérios de avaliação e satisfação geral. **Tourism & Management Studies**, v. 10, n. 1, p. 59-65, 2014.
- LIMBERGER, Pablo Flores; BOARIA, Francieli; ANJOS, Sara Joana Gadotti dos. A relação entre a satisfação geral e as variáveis da satisfação na hotelaria em hotéis de excelência. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 3, p. 435-455, 2014.
- LINDBERG, K. **Policies for maximising nature tourism's ecological and economic benefits**. Washington, DC: World Resources Institute, 1991.
- LOBO, Heros Augusto Santos; MORETTI, Edvaldo Cesar. Ecoturismo: As práticas na natureza e a natureza das práticas em Bonito, MS. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 2, n. 1, p. 43-71, 2008.
- LOBO, Heros Augusto Santos; YASUNAKA, Gláucia Sayuri. Perfil da demanda no ecoturismo: estudo de caso da Estância Mimosa (Bonito, MS). **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 2, p. 38-48, 2010.
- LOPOUKHINE, N. *et al.* Protected areas: providing natural solutions to 21st Century challenges. **SAPI EN. S. Surveys and Perspectives Integrating Environment and Society**, n. 5.2, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sapiens/1254>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- MANDIĆ, Ante. Nature-based solutions for sustainable tourism development in protected natural areas: a review. **Environment Systems and Decisions**, p. 1-20, 2019.
- MARETTI, C. C. et al. **Áreas protegidas**: Definições, tipos e conjuntos: Reflexões conceituais e diretrizes para gestão. *Gestão de Unidades de Conservação: Compartilhando uma experiência de capacitação*, p. 331-367, 2012.
- MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.
- MARTINS, Patrícia Cristina; SILVA, Charlei Aparecido da. Turismo de Natureza ou na Natureza ou Ecoturismo? Reflexões e contribuições sobre um tema em constante debate. **Revista Turismo em Análise**, v. 29, n. 3, p. 487-505, 2018.
- MATHEUS, Fabrício Scarpeta; RAIMUNDO, Sidnei. Os resultados das políticas públicas de ecoturismo em Unidades de Conservação no Brasil e no Canadá. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 11, n. 3, p. 454-479, 2017.
- MEDEIROS, Rodrigo; PEREIRA, Gustavo Simas. Evolução e implementação dos planos de manejo em parques nacionais no estado do Rio de Janeiro. **Revista Árvore**, v. 35, n. 2, p. 279-288, 2011.
- MENG, Fang; TEPANON, Yodmanee; UYSAL, Muzaffer. Measuring tourist satisfaction by attribute and motivation: The case of a nature-based resort. **Journal of vacation marketing**, v. 14, n. 1, p. 41-56, 2008.

MESTANZA, Carlos *et al.* Beach litter in Ecuador and the Galapagos islands: A baseline to enhance environmental conservation and sustainable beach tourism. **Marine pollution bulletin**, v. 140, p. 573-578, 2019.

MGONJA, John T.; SIRIMA, Agnes; MKUMBO, Peter J. A review of ecotourism in Tanzania: Magnitude, challenges, and prospects for sustainability. **Journal of Ecotourism**, v. 14, n. 2-3, p. 264-277, 2015.

MIHALIC, Tanja. Sustainable-responsible tourism discourse–Towards ‘responsustable’ tourism. **Journal of Cleaner Production**, v. 111, p. 461-470, 2016.

MILLER, Marc L. The rise of coastal and marine tourism. **Ocean & Coastal Management**, v. 20, n. 3, p. 181-199, 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de Abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. **Diário Oficial da União**, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6714>. Acesso em: 28 out. 2019.

MORAES, Luís Carlos Araújo. Políticas Públicas: ecoturismo x preservação dos recursos naturais. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 8, n. 4, 2015.

MOREIRA, Jasmine Cardozo *et al.* Perfil, Percepção dos Visitantes e a Observação de Animais Silvestres: Estudo de Caso do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha-PE. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, v. 9, n. 1, 2 e 3, 2019.

MUNAR, Ana María; JACOBSEN, Jens Kr Steen. Motivations for sharing tourism experiences through social media. **Tourism management**, v. 43, p. 46-54, 2014.

NAIDOO, R. *et al.* Evaluating the impacts of protected areas on human well-being across the developing world. **Science Advances**, v. 5, n. 4, p. eaav3006, 2019.

NASCIMENTO, Sthefani Rosa; COSTA, Vivian Castilho da. Avaliação da Educação Ambiental em trilhas interpretativas inclusivas no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 10, n. 1, 2017.

NIEFER, I.A. Análise do Perfil dos Visitantes da APA (Área de Proteção Ambiental) Guaraqueçaba - PR - Base Para o Planejamento Ecoturístico. **Turismo Visão e Ação**, Itajaí, v. 6, n. 1, p. 45-67. 2004.

OKAN, Taner *et al.* Assessing ecotourism potential of traditional wooden architecture in rural areas: The case of Papart Valley. **Sustainability**, v. 8, n. 10, p. 974, 2016.

OLIVEIRA, Larissa Fernandes de. **Ecoturismo no Parque Estadual da Ilha Grande**: refletindo o contexto atual a partir do olhar dos “badjecos”. Dissertação (Mestrado em

Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=141880. Acesso em: 23 nov. 2020.

OLIVEIRA, Marcos Paulo *et al.* Perfil, percepção e opinião dos visitantes do Parque Nacional do Itatiaia (RJ) em períodos de maior demanda. **Anais do Uso Público em Unidades de Conservação**, v. 3, n. 6, p. 86-96, 2015.

OLMOS-MARTÍNEZ, Elizabeth; IBARRA-MICHEL, Juan Pedro; VELARDE-VALDEZ, Mónica. La percepción del desempeño de la actividad turística rumbo a la sostenibilidad en Loreto, Baja California Sur, México. **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 18, n. 5, p. 721-736, 2020.

OMT. **Contribuciones de la organización mundial del turismo a la cumbre mundial sobre el desarrollo sostenible. Johannesburgo, 2002.**

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.** Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 2015. Disponível em: http://www.pnud.org.br/Docs/Agenda2030completo_PtBR.pdf. Acesso em: 24 nov. 2020.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO Y ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS. **El turismo y los Objetivos de Desarrollo Sostenible** – Buenas prácticas en las Américas, OMT, Madrid. 2018. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419937>. Acesso em: 14 out. 2019.

PEDRINI, A. de G. *et al.* Educação ambiental pelo ecoturismo numa trilha marinha no Parque Estadual da Ilha Anchieta, Ubatuba (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 3, n. 3, p. 428-459, 2010.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão *et al.* Environmental education and ecotourism concepts in Marine Protected Area of Armação de Búzios, Rio de Janeiro, Brazil: reflections for the adoption of coastal ecotourism. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 8, n. 1, 2015.

PENA, R. C. **Monitoramento e avaliação de planos de manejo: um estudo de caso do Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca.** 2018. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.unirio.br/ccbs/ecoturismo/arquivos/dissertacoes/turma-2016/MonitoramentoeAvaliaodePM_RobertaPena.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

PEROBELLI, Fernando Salgueiro *et al.* Localização do setor de serviços e sua relação com questões espaciais no Brasil: Uma análise a partir do censo demográfico de 2010. **Revista Brasileira de Economia de Empresas**, v. 16, n. 1, 2016.

PIRES, Paulo dos Santos; RUGINE, Vitoria Muñoz Trujillano. Reconhecimento do Uso Público nos Parques Estaduais no Brasil com ênfase na visitação turística. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 11, n. 1, 2018.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 11 out. 2019.

RANGEL, L. A.; SINAY, L. Análise dos processos de recategorização de Unidades de conservação brasileiras. In: VIII Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e inclusão Social / III Encontro Latino-Americano sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social. **Anais...** 2017, Niterói. p. 1-15.

_____. Ecoturismo como ferramenta para criação de Unidades de Conservação no estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 12, n. 4, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6711/7012>. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. Processos de recategorização de áreas protegidas no Brasil: adequações ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação Brasileiro (SNUC) e às realidades socioterritoriais no estado do Rio de Janeiro. In: II Encontro Luso-afro-americano de Geografia Física e Ambiente, **Anais...** Guimarães, 2018.

RHEE, Hosung Timothy; YANG, Sung-Byung. How does hotel attribute importance vary among different travelers? An exploratory case study based on a conjoint analysis. **Electronic markets**, v. 25, n. 3, p. 211-226, 2015.

RIZZATTI, I. *et al.* Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO: Doc Ciência**. 2020; 5 (2): 1-17.

ROCHA, Marcelo Borges *et al.* Análise do Perfil dos Visitantes em uma Unidade de Conservação: o caso do Parque Nacional da Tijuca. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 2, p. e4982775-e4982775, 2019.

RODRIGUES, Ana SL *et al.* Global gap analysis: priority regions for expanding the global protected-area network. **BioScience**, v. 54, n. 12, p. 1092-1100, 2004.

ROSAZMAN, Hussin *et al.* Community-based ecotourism (CBET) activities in Abai Village, Lower Kinabatangan area of Sabah, east Malaysia. In: **Proceedings of the International Conference on Natural Resources, Tourism and Services Management 2015, Sabah, Malaysia, 15-17 April 2015**. Universiti Putra Malaysia, 2015. p. 169-175.

ROSS, Sheryl; WALL, Geoffrey. Ecotourism: towards congruence between theory and practice. **Tourism management**, v. 20, n. 1, p. 123-132, 1999.

SAFITRI, Desy *et al.* Effect of Environmental Education on Ecotourism: Evidence from Jakarta. **International Journal of Control and Automation**. v. 12, n. 4, 2019.

SAIDMAMATOV, Olimjon *et al.* Employing ecotourism opportunities for sustainability in the Aral sea region: Prospects and challenges. **Sustainability**, v. 12, n. 21, p. 9249, 2020.

SANCHO, Altair. Ordenamento territorial e áreas protegidas: um olhar sobre o processo de criação do Parque Nacional da Serra do Cipó, MG. **GOT, Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 12, p. 309-333, 2017.

SANCHO-PIVOTO, Altair; ALVES, Alexandre Fonseca; DIAS, Vitor Nogueira. Efeitos e transformações gerados pelo turismo no contexto territorial do parque estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 14, n. 2, p. 46-63, 2020.

SANTOS, Flavio Andrew do Nascimento; MACHADO, Juliane Dos Santos; MAYER, Verônica Feder. O efeito framing e a percepção de valor e de preço: uma análise sobre a decisão de compra do turista em um quarto de hotel no Rio de Janeiro. **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, v. 12, n. 1, p. 7-30, 2018.

SANTOS, Josivânia Emanuely Azevedo *et al.* Quem são e o que pensam os condutores de embarcações turísticas para observação de botos-cinza?. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 11, n. 4, 2018.

SCHIAVETTI, Alexandre; MAGRO, Teresa Cristina; SANTOS, Michele Silva. Implementação das unidades de conservação do corredor central da Mata Atlântica no estado da Bahia: desafios e limites. **Revista Árvore**, v. 36, n. 4, p. 611-623, 2012.

SCHUSTER, Marcelo da Silva; DIAS, Valéria da Veiga. A mensuração de personalidade turística e sua aplicação na prática dos agentes de marketing turístico institucional e social no Brasil. **Turismo: Visão e Ação**, v. 21, p. 352-372, 2020.

SEIXAS, Cristiana Simão *et al.* Governança ambiental no Brasil: rumo aos objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS)?. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 25, n. 81, 2020.

SEMEIA INSTITUTE. **Protected Areas in Brazil**: Contribution of their public use to socioeconomic development. São Paulo: Semeia, 2014. 53p. Disponível em: http://www.semeia.org.br/en/protected-areas-in-brazil_ingles.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2017.

SHASHA, Ziphosakhe Theophilus *et al.* Past, current, and future perspectives on ecotourism: a bibliometric review between 2001 and 2018. **Environmental Science and Pollution Research**, v. 27, n. 19, p. 23514-23528, 2020.

SILVA, Ana Tereza Reis da. Áreas protegidas, populações tradicionais da amazônia e novos arranjos conservacionistas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 34, n. 99, 2019.

SILVA, Emanuela Mota; FREITAS, George Alberto de; REBOUÇAS, Sílvia Maria Dias Pedro. Qualidade dos meios de hospedagem cearenses: Um estudo baseado nas avaliações do consumidor evidenciadas no site TripAdvisor. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, 2021.

SILVA, Héctor Gomez de; REYES, Ernesto Alvarado. Breve historia de la observación de aves en México en el siglo XX y principios del siglo XXI. **Huitzil**, v. 11, n. 1, p. 9-20, 2010.

SILVA, Maurílio Barbosa de Oliveira da et al. Como os turistas percebem os atributos de atrativos turísticos em Bonito (MS)? Uma análise com base em comentários publicados no TripAdvisor. **Turismo: Visão e Ação**, v. 21, p. 150-172, 2020.

SINAY, LAURA *et al.* Povos Tradicionais, Áreas Protegidas e Turismo: Um Estudo de Caso Brasileiro de 15 Anos de Mudança Cultural. **Ambiente & Sociedade**, v. 22, 2019.

SOUZA, T. V. S. B.; SIMÕES, H. B. **Contribuições do turismo em unidades de conservação federais para a economia brasileira-efeitos dos gastos dos visitantes em 2017**; sumário executivo. Brasília, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), 2018. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/publicacoes-diversas/contribuicoes_economicas_turismo_2018.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

SOUZA, Thiago do Val Simardi Beraldo *et al.* Economic impacts of tourism in protected areas of Brazil. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 27, n. 6, p. 735-749, 2019.

STAB, Sabine *et al.* Research, management, and monitoring in protected areas. **Biodiversity Conservation and Habitat Management**, v. 1, p. 127, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259266417_Protected_Areas_and_Biodiversity_Conservation_II_Management_and_Effectiveness. Acesso em: 12 nov. 2020.

STEVEN, Rochelle; CASTLEY, J. Guy; BUCKLEY, Ralf. Tourism revenue as a conservation tool for threatened birds in protected areas. **PloS one**, v. 8, n. 5, p. e62598, 2013.

STOLTON, Sue *et al.* Values and benefits of protected areas. **Protected area governance and management**, p. 145-168, 2015.

STRINGAM, Betsy Bender; GERDES JR, John; VANLEEUEWEN, Dawn M. Assessing the importance and relationships of ratings on user-generated traveler reviews. **Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism**, v. 11, n. 2, p. 73-92, 2010.

TAKAHASHI, L.Y. **Uso público em unidades de conservação**. Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção da Natureza, 2004.

TAO, Chang-Hung Teresa; EAGLES, Paul FJ; SMITH, Stephen LJ. Implications of alternative definitions of ecotourists. **Tourism analysis**, v. 9, n. 1-2, p. 1-13, 2004.

THE INTERNATIONAL ECOTOURISM SOCIETY (TIES). 2017. Disponível em: <http://www.ecotourism.org/what-is-ecotourism>. Acesso em: 23 nov. 2020.

UK NATIONAL ECOSYSTEM ASSESSMENT. The UK national ecosystem assessment: synthesis of the key findings. 2011. Disponível em: <https://www.unep-wcmc.org/resources-and-data/the-uk-national-ecosystem-assessment--synthesis-of-the-key-findings-and-technical-reports>. Acesso em: 12 nov. 2020.

UNEP-WCMC. **Contribuição das unidades de conservação brasileiras para a economia nacional**: Sumário Executivo. Brasília: UNEP-WCMC, 2011. 44 p. Disponível em:

<https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/estudocontribuicao.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

URRY, John. **Consuming places**. Routledge, 2002.

VALDIVIESO, Juan Carlos; EAGLES, Paul FJ; GIL, Joan Carles. Efficient management capacity evaluation of tourism in protected areas. **Journal of Environmental Planning and Management**, v. 58, n. 9, p. 1544-1561, 2015.

VALLEJO, L. R. Conflitos Territoriais em Parques Estaduais no Rio de Janeiro: Uma Avaliação à Luz das Políticas de Governo. **Revista Geo-Paisagem**, v. 4, n.7, p. 1-28, 2005. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/Parque.htm>. Acesso em: 11 out. 2019.

VILANI, R. M. Ecoturismo: a conservação da natureza como alternativa aos Grandes Projetos de Investimento (GPIs) no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 11, n. 4, p. 609-633, 2018.

VITORINO, Maria Rachel *et al.* Assessment of research groups on natural protected areas and their public use in Brazil. **Cerne**, v. 22, n. 3, p. 271-276, 2016.

VOGEL, Douglas Ricardo *et al.* A satisfação dos hóspedes quanto aos serviços de alimentação em resorts no Caribe e no Brasil. **Turismo: Visão e Ação**, v. 23, p. 67-85, 2021.

WATSON, James E. M *et al.* The performance and potential of protected areas. **Nature**, v. 515, n. 7525, p. 67-73, 2014.

WEAVER, David; OPPERMANN, Martin **Tourism management**. John Wiley and Sons, 2000.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. **Economic Impact Reports**. Brazil. 2021. Disponível em: <https://wttc.org/Research/Economic-Impact>. Acesso em: 21 dez. 2021.

YOLAL, Medet *et al.* A pilot study on spectators' motivations and their socio-economic perceptions of a film festival. **Journal of Convention & Event Tourism**. Routledge, p. 253-271, 2015.

ZADEL, Zrinka; GRAČAN, Daniela; MILOJICA, Vedran. Beaches as a Factor in Achieving Competitiveness of a Tourist Product-Case Study: Istrian County. **Pomorstvo**, v. 32, n. 1, p. 102-114, 2018.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?. **Caderno virtual de turismo**, v. 8, n. 2, 2008.

ZIELINSKI, Seweryn; BOTERO, Camilo M.; YANES, Andrea. To clean or not to clean? A critical review of beach cleaning methods and impacts. **Marine pollution bulletin**, v. 139, p. 390-401, 2019.

Referências do Artigo 1

ALENCAR, M. S. M. *et al.* Análise da produção científica brasileira sobre nanotecnologia e saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 11, n. 1, p. 01-16, 2017.

ALHO, Cleber José Rodrigues; SCHNEIDER, Mariana; VASCONCELLOS, Luisa A. Degree of threat to the biological diversity in the Ilha Grande State Park (RJ) and guidelines for conservation. **Brazilian Journal of Biology**, v. 62, n. 3, p. 375-385, 2002.

ARAÚJO, Carlos A. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**, v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006.

ARAÚJO, Carolina Dutra de. A invenção da Ilha Grande: a influência do Instituto Penal Cândido Mendes na turistificação local. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 2, p. 1-12, 2010.

ARIA, Massimo *et al.* The scholar's best friend: research trends in dog cognitive and behavioral studies. **Animal Cognition**, p. 1-13, 2020.

ARIA, Massimo; CUCCURULLO, Corrado. bibliometrix: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. **Journal of informetrics**, v. 11, n. 4, p. 959-975, 2017.

BALDAM, Roquemar. **Science Mapping (Bibliometria) with R Studio**, Bibliometrix and International Indexes. UFES: Vitória, 2020. Disponível em: https://sites.google.com/view/eventtraining/home/science_mapping_bibliometria. Acesso em: 22 jan. 2021.

BALL, Rafael. **An introduction to bibliometrics: New development and trends**. Chandos Publishing, 2017.

BARROS-BARRETO, Maria Beatriz Barbosa de *et al.* *Kappaphycus alvarezii* (Gigartinales, Rhodophyta) cultivated in Brazil: is it only one species?. **Journal of applied phycology**, v. 25, n. 4, p. 1143-1149, 2013.

BASTOS, M.; CALLADO, C. H. **O ambiente da Ilha Grande**. Laboratório de Ideias. 2009.

BAUMGRATZ, J.F.A. *et al.* **Catálogo das Espécies de Plantas Vasculares e Briófitas do Estado do Rio de Janeiro**. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <http://florariojaneiro.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BEGOSSI, Alpina *et al.* Compensation for environmental services from artisanal fisheries in SE Brazil: Policy and technical strategies. **Ecological Economics**, v. 71, p. 25-32, 2011.

BENSUSAN, Nurit. **Conservação da biodiversidade em áreas protegidas**. FGV Editora, 2006.

BERNINI, C. I. Políticas de conservação ambiental no Brasil e mercadificação da natureza. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 23, n. 3, p. 662-681, dez. 2019.

BISI, Tatiana Lemos *et al.* Trophic relationships and mercury biomagnification in Brazilian tropical coastal food webs. **Ecological Indicators**, v. 18, p. 291-302, 2012.

BORGES, Rebecca *et al.* Systematic review of spatial planning and marine protected areas: a Brazilian perspective. **Frontiers in Marine Science**, v. 7, p. 499, 2020.

BRADFORD, S. C. Sources of information on specific subjects. **Engineering**, [s.l.], v.137, p. 85-86, 1934.

BRASIL. **Decreto Nº 98.864**, de 23 de Janeiro de 1990. 1990. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1990/decreto-98864-23-janeiro-1990-328475-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 nov. 2020.

_____. **Lei Federal nº 9.985**, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.

BRAUN, Ricardo; AMORIM, Aiala. Rapid ‘SWOT’ diagnosis method for conservation areas. **Scottish Geographical Journal**, v. 131, n. 1, p. 17-35, 2015.

BRITO, Ernesto Fuentes *et al.* Stable isotope analysis indicates microalgae as the predominant food source of fauna in a coastal forest stream, south-east Brazil. **Austral Ecology**, v. 31, n. 5, p. 623-633, 2006.

CALLADO, C.H., BARROS, A.A.M., RIBAS, L.A., ALBARELLO, N., GAGLIARDI, R. & JASCONE, C. 2009. **Flora e cobertura vegetal**. In: BASTOS, M. & CALLADO, C.H. (Orgs) O ambiente da Ilha Grande. UERJ/CEADS, Rio de Janeiro, p. 91-162.

COBO, Manuel J. *et al.* An approach for detecting, quantifying, and visualizing the evolution of a research field: A practical application to the fuzzy sets theory field. **Journal of informetrics**, v. 5, n. 1, p. 146-166, 2011.

COELHO, Marcus A. Nadruz *et al.* Flora do estado do Rio de Janeiro: avanços no conhecimento da diversidade. **Rodriguésia**, v. 68, n. 1, p. 1-11, 2017.

CRAWLEY, Jacqueline N. **What's wrong with my mouse?: behavioral phenotyping of transgenic and knockout mice**. John Wiley & Sons, 2007.

CREED, J. C.; OLIVEIRA, A. E. S. **Uma metodologia e análise de impactos ambientais**. In J. C. Creed, D. O. Pires & M. A. O. Figueiredo (Eds.), Biodiversidade Marinha da Baía da Ilha Grande (p. 349–378). Brasília, Brazil: MMA/SBF. 2007.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2010.

CROSS, D.; THOMSON, S.; SIBCLAIR, A. **Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics**. Clarivate Analytics, 2018. 73 p. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018-CAPES-InCitesReport-Final.pdf>. Acesso em: 03 out. 2020.

DE GROOT, Rudolf S. *et al.* Integrating the ecological and economic dimensions in biodiversity and ecosystem service valuation. In: **The Economics of Ecosystems and Biodiversity (TEEB): Ecological and Economic Foundations**. Earthscan, Routledge, 2010.

p. 9-40. Disponível em: <http://www.teebweb.org/wp-content/uploads/2013/04/D0-Chapter-1-Integrating-the-ecological-and-economic-dimensions-in-biodiversity-and-ecosystem-service-valuation.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

DELLA CORTE, Valentina *et al.* Sustainable tourism in the open innovation realm: A bibliometric analysis. **Sustainability**, v. 11, n. 21, p. 6114, 2019.

DI STEFANO, Giada; PETERAF, Margaret; VERONA, Gianmario. Dynamic capabilities deconstructed: a bibliographic investigation into the origins, development, and future directions of the research domain. **Industrial and corporate change**, v. 19, n. 4, p. 1187-1204, 2010.

DIAS, Cristina de Oliveira; BONECKER, Sérgio Luiz Costa. Long-term study of zooplankton in the estuarine system of Ribeira Bay, near a power plant (Rio de Janeiro, Brazil). **Hydrobiologia**, v. 614, n. 1, p. 65-81, 2008.

DRUMMOND, José Augusto; FRANCO, José Luiz de Andrade; OLIVEIRA, Daniela de. Uma análise sobre a história e a situação das unidades de conservação no Brasil. **Conservação da Biodiversidade: Legislação e Políticas Públicas. Brasília: Editora Câmara**, 2010.

FALCÃO, C. *et al.* Benthic marine flora of the northeastern and southeastern coast of Ilha Grande, Rio de Janeiro, Brazil: phytogeographic considerations. **Botanica Marina**, v. 35, n. 5, p. 357-364, 1992.

FARIA, Cecília Cronemberger; CASTRO, Ernesto Bastos Viveiros de. Envolvendo a comunidade científica na gestão do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. **Biodiversidade Brasileira-BioBrasil**, n. 1, p. 4-20, 2015.

FERREIRA, Aldo Pacheco. Polychlorinated biphenyl (PCB) congener concentrations in aquatic birds. Case study: Ilha Grande Bay, Rio de Janeiro, Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 85, n. 4, p. 1379-1388, 2013.

FIGUEIREDO, P. **Estação ecológica que Bolsonaro quer transformar em 'Cancún brasileira' é refúgio de espécies ameaçadas**. G1 Natureza. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/05/23/estacao-ecologica-que-bolsonaro-quer-transformar-em-cancun-brasileira-e-refugio-de-especies-ameacadas.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2020.

FIGUEIREDO, João Batista Araujo *et al.* Climatologia no Entorno da Central Nuclear de Angra dos Reis, RJ. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v. 31, n. 3, p. 298-310, 2016.

FULLER, Richard A.; LEE, Jasmine R.; WATSON, James EM. Achieving open access to conservation science. **Conservation Biology**, v. 28, n. 6, p. 1550-1557, 2014.

HALL, C. Michael. Publish and perish? Bibliometric analysis, journal ranking and the assessment of research quality in tourism. **Tourism Management**, v. 32, n. 1, p. 16-27, 2011.

INSTITUTO CHICO MENDES – ICMBio. **Plano de Manejo do Parque Nacional do Itatiaia**. 2013. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/pm_parna_itatiaia_enc1.pdf. Acesso em: 13 nov. 2020.

_____. **Unidades de Conservação**. 2020. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros>. Acesso em: 14 nov. 2020.

INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE - INEA. **Mapa de Uso do Solo** – Parque Estadual da Ilha Grande (Ilha Grande State Park) (Rio de Janeiro: Instituto do Ambiente (INEA). 2008.

_____. **Parque Estadual da Ilha Grande** (Decreto no. 15.273, de 28/06/71; Decreto no. 2.061, de 25/08/78; Decreto no 2.648, de 13/08/79) Instituto do Ambiente (INEA), Rio de Janeiro. 2010b. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/unidades/pqilhagrande.asp>. Acesso em: 24 nov. 2020.

_____. Instituto Estadual do Ambiente. **Parque Estadual da Ilha Grande: plano de manejo (fase 2)/resumo executivo/ Instituto Estadual do Ambiente**. Rio de Janeiro, INEA. 98p. il. Mapas. 2013. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/PEIG-RM.pdf>. Acesso em 14 nov. 2020.

_____. **Unidades de Conservação da Natureza (UC's)**. Governo do estado do Rio de Janeiro. 2020a. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br>. Acesso em: 12 nov. 2020.

_____. **Fauna da Mata Atlântica**. 2020b. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/biodiversidade-territorio/fauna-da-mata-atlantica/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

LAILSON-BRITO, J. *et al.* High organochlorine accumulation in blubber of Guiana dolphin, *Sotalia guianensis*, from Brazilian coast and its use to establish geographical differences among populations. **Environmental Pollution**, v. 158, n. 5, p. 1800-1808, 2010.

LEUNG, Yu-Fai *et al.* **Turismo e gestão da visitação em áreas protegidas**. Diretrizes para sustentabilidade. Série Diretrizes para melhores Práticas para Áreas Protegidas No. 27, Gland, Suíça: UICN. xii + 120 pp, 2019.

LORENZON, Maria Cristina Affonso; CONDE, Marilena de Menezes Silva; BARBOSA, Celso Guimarães. Eusocial Apidae in tropical insular region. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, v. 49, n. 5, p. 733-738, 2006.

LOTKA, Alfred. J. The frequency of distribution of scientific productivity. **Journal of the Washington Academy of Sciences**, v. 16, n.12, p. 317-323, 1926.

MANGELLI, Tércio Santos; CREED, Joel Christopher. Análise comparativa da abundância do coral invasor *Tubastraea* spp:(Cnidaria, Anthozoa) em substratos naturais e artificiais na Ilha Grande, Rio de Janeiro, Brasil. **Iheringia, Série Zoologia**, v. 102, n. 2, p. 122-130, 2012.

MITTERMEIER, Russell A. *et al.* Global biodiversity conservation: the critical role of hotspots. In: **Biodiversity hotspots**. Springer, Berlin, Heidelberg, 2011. p. 3-22.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. Painel Unidades de Conservação Brasileiras. 2021. Disponível em:
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNDJiMTk4MGUtYmU0Ny00YzEwLWJmMzctNTZkM2JlMTBmOThlIiwidCI6IjM5NTdhMzY3LTZkMzgtNGMxZi1hNGJhLTMzZThmM2M1NTBINyJ9&pageName=ReportSection0a112a2a9e0cf52a827http://qv.icmbio.gov.br/QvAJA XZfc/opendoc2.htm?>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2022.

MOTKE, Francies Diego; RAVANELLO, Felipe da Silva; RODRIGUES, Glauco Oliveira. Teoria Institucional: Um Estudo Bibliométrico da Última Década na Web of Science. **Contextus–Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 14, n. 2, p. 63-86, 2016.

MUMU, Jinnatul Raihan; TAHMID, Tahani; AZAD, Md Abul Kalam. Job satisfaction and intention to quit: A bibliometric review of work-family conflict and research agenda. **Applied Nursing Research**, v. 59, p. 151334, 2021.

NUNKOO, Robin *et al.* Gender and choice of methodology in tourism social science research. **Annals of Tourism Research**, v. 63, p. 207-210, 2017.

OLIVEIRA, Elizabeth *et al.* Communication and the Convention on Biological Diversity: a reading on the Ilha Grande State Park (Rio de Janeiro, Brazil) and the Maremma Natural Park (Tuscany, Italy). **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 46, p. 61-83, 2018.

OLIVEIRA, Jaqueline L. de *et al.* Non-marine invasive gastropods on Ilha Grande (Angra dos Reis, Rio de Janeiro, Brazil): distribution and implications for conservation. **Biota Neotropica**, v. 20, n. 3, 2020.

OSHODI, Olalekan Shamsideen *et al.* A bibliometric analysis of recycled concrete research (1978–2019). **Built Environment Project and Asset Management**, 2020.

PRADO, Rosane M. Tensão no paraíso: aspectos da intensificação do turismo na Ilha Grande. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 3, n. 1, 2006.

PRICE, Derek J. **Little science, big science... and beyond**. New York: Columbia University Press, 1986. Disponível em:
http://www.andreasaltelli.eu/file/repository/Little_science_big_science_and_beyond.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

PRITCHARD, Alan *et al.* Statistical bibliography or bibliometrics. **Journal of documentation**, v. 25, n. 4, p. 348-349, 1969.

RAFIDIMANANTSOA, Herimanitra Patrick *et al.* Mind the gap: the use of research in protected area management in Madagascar. **Madagascar Conservation & Development**, v. 13, n. 1, p. 15-24, 2018.

RIO DE JANEIRO. **Decreto Estadual N. 15.273 de 26 de junho de 1971**. 1971. Disponível em:
http://www.ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/decretoestadual_15.273_26.06.1971_criapeig.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

ROCHA, Carlos Frederico Duarte et al. The Herpetofauna from Ilha Grande (Angra dos Reis, Rio de Janeiro, Brazil): updating species composition, richness, distribution and endemisms. **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 58, 2018. 2020.

RODRIGUES, Ana SL *et al.* Global gap analysis: priority regions for expanding the global protected-area network. **BioScience**, v. 54, n. 12, p. 1092-1100, 2004.

SANTOS, Sonia Barbosa dos; MIYAHIRA, Igor Christo; LACERDA, Luiz Eduardo Macedo de. First record of *Melanoides tuberculatus* (Müller, 1774) and *Biomphalaria tenagophila* (d'Orbigny, 1835) on Ilha Grande, Rio de Janeiro, Brazil. **Biota Neotropica**, v. 7, n. 3, p. 361-364, 2007.

SEMEIA INSTITUTE. **Protected Areas in Brazil**: Contribution of their public use to socioeconomic development. São Paulo: Semeia, 2014. 53p.

SHAHRIARY, Eahsan; GILL, Thomas E.; LANGFORD, Richard P. Bibliometric analysis of piosphere research: implications for conservation and scientific collaboration. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, p. 1-10, 2020.

SILVA, Leandro Muniz Barbosa da; SILVA, Julio Pergentino da; BORGES, Maria Alice de Lira. Do global ao contexto nacional: evolução da política ambiental brasileira. **Revista Brasileira de Gestao Ambiental e Sustentabilidade**, v. 6, n. 14, p. 593-608, 2019.

SILVA-FILHO, Emmanoel V. *et al.* Mercury deposition through litterfall in an Atlantic Forest at Ilha Grande, southeast Brazil. **Chemosphere**, v. 65, n. 11, p. 2477-2484, 2006.

STAB, Sabine *et al.* Research, management, and monitoring in protected areas. **Biodiversity Conservation and Habitat Management**, v. 1, p. 127, 2009.

TAN, Jiang; FU, Hui-Zhen; HO, Yuh-Shan. A bibliometric analysis of research on proteomics in Science Citation Index Expanded. **Scientometrics**, v. 98, n. 2, p. 1473-1490, 2014.

VAN RAAN, A. F. Advances in bibliometric analysis: research performance assessment and science mapping. **Bibliometrics Use and Abuse in the Review of Research Performance**, p. 17-28, 2014.

VÉLEZ, José Manuel Mojica; GARCÍA, Sara Barrasa; TENORIO, Alejandro Espinoza. Policies in coastal wetlands: Key challenges. **Environmental science & policy**, v. 88, p. 72-82, 2018.

VERBEEK, Arnold *et al.* Measuring progress and evolution in science and technology–I: The multiple uses of bibliometric indicators. **International Journal of management reviews**, v. 4, n. 2, p. 179-211, 2002.

VISSER, Martijn; VAN ECK, Nees Jan; WALTMAN, Ludo. Large-scale comparison of bibliographic data sources: Scopus, Web of Science, Dimensions, Crossref, and Microsoft Academic. **arXiv preprint arXiv:2005.10732**, 2020.

XAVIER, Thaís Ferreira. **Do território do cárcere ao território de proteção da natureza: conflitos no Parque Estadual da Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ)**. 2009. f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 12.

XIE, Hualin *et al.* A bibliometric analysis on land degradation: Current status, development, and future directions. **Land**, v. 9, n. 1, p. 28, 2020.

ZYUOD, Shafer H.; FUCHS-HANUSCH, Daniela. A bibliometric-based survey on AHP and TOPSIS techniques. **Expert systems with applications**, v. 78, p. 158-181, 2017.

Referências do Artigo 2

AÇIKSÖZ, Sebahat *et al.* Linkages among ecotourism, landscape and natural resource management, and livelihood diversification in the region of Suğla Lake, Turkey. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 23, n. 1, p. 15-27, 2016.

AKBULAK, Cengiz; CENGİZ, Tülay. Determining ecotourism strategies using A'WOT hybrid method: case study of Troia Historical National Park, Çanakkale, Turkey. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 21, n. 4, p. 380-388, 2014.

AKGÜN, Aliye Ahu; VAN LEEUWEN, Eveline; NIJKAMP, Peter. A multi-actor multi-criteria scenario analysis of regional sustainable resource policy. **Ecological Economics**, v. 78, p. 19-28, 2012.

AKHTER, S. H. Strategic planning, hypercompetition, and knowledge management. **Business Horizons**, v. 46, n. 1, p. 19–24, jan./fev. 2003.

ALMEIDA, Aylana Cristina Lima de; CARDOSO, Alexandre Jorge Gaia. Diagnóstico rápido participativo e Matriz SWOT: estratégias de planejamento estratégico com base na atual posição do curso de Secretariado executivo UEPA. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 5, n. 2, p. 117-137, 2014.

ANGGORO, Sutrisno *et al.* Strategies for sustainable ecotourism development in the marine waters of Bontang City, Indonesia. **Aquaculture, Aquarium, Conservation & Legislation**, v. 12, n. 5, p. 1779-1787, 2019.

ANUP, K. C. Ecotourism and its role in sustainable development of Nepal. **INTECH Open Science**, p. 31-59, 2016.

ARÉVALO, P. *et al.* La ruta turística enológica en Querétaro y Baja California, México: Un enfoque estratégico. **Revista interamericana de ambiente y turismo**, v. 14, n. 2, p. 122-134, 2018.

ARINTOKO, A. *et al.* Community-based tourism village development strategies: a case of Borobudur tourism village area, Indonesia. **GeoJournal of Tourism and Geosites**, v. 29, n. 2, p. 398-413, 2020.

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. **International journal of social research methodology**, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.

ARSIĆ, Sanela *et al.* A new approach within ANP-SWOT framework for prioritization of ecosystem management and case study of National Park Djerdap, Serbia. **Ecological Economics**, v. 146, p. 85-95, 2018.

ASADPOURIAN, Zeinab; RAHIMIAN, Mehdi; GHOLAMREZAI, Saeed. SWOT-AHP-TOWS Analysis for Sustainable Ecotourism Development in the Best Area in Lorestan Province, Iran. **Social Indicators Research**, v. 152, n. 1, p. 289-315, 2020.

AVILA, Marco Aurélio *et al.* El Método Dep Como Herramienta Para El Análisis De Destinos Turísticos. Su aplicación en Ilhéus/BA–Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 24, n. 2, p. 414-429, 2015.

AZEVEDO, Marilena Coelho de; COSTA, Helder Gomes. Métodos para avaliação da postura estratégica. **REGE Revista de Gestão**, v. 8, n. 2, 2010.

BARNEY, J. B.; HESTERLY, W. S. **Administração estratégica e vantagem competitiva: conceitos e casos** (3a ed.). São Paulo: Pearson, 2011.

BRASIL. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Turismo e Sustentabilidade**. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização – Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

CELIK, D. Determination of the most suitable ecotourism activities with the analytic hierarchy process: A case study of Balamba Natural Park, Turkey. **Applied Ecology and Environmental Research**, v. 16, n. 4, p. 4329-4355, 2018.

CHARNOV, H. B.; MONTANA, J. P. **Administração**. São Paulo: Saraiva, 1998.

CHERMACK, Thomas J.; KASSHANNA, Bernadette K. The use and misuse of SWOT analysis and implications for HRD professionals. **Human Resource Development International**, v. 10, n. 4, p. 383-399, 2007.

CHING, Suet-Ling *et al.* Sustainable ecotourism development strategies through strengths, weaknesses, opportunities and threats analysis: The case of Cameron Highlands, Malaysia. **Business Strategy & Development**. p. 1-7, 2020.

COHEN, Marcos; SILVA, Jorge Ferreira da. Evaluation of collaborative strategies for ecotourism and recreational activities in natural parks of Rio de Janeiro. **Revista de Administração Pública**, v. 44, n. 5, p. 1097-1123, 2010.

COLLINS-KREINER, Noga; WALL, Geoffrey. Evaluating tourism potential: A SWOT analysis of the Western Negev, Israel. **Turizam: međunarodni znanstveno-stručni časopis**, v. 55, n. 1, p. 51-63, 2007.

CORREIA, Antónia; KOZAK, Metin; FERRADEIRA, João. Impact of culture on tourist decision-making styles. **International Journal of Tourism Research**, v. 13, n. 5, p. 433-446, 2011.

COSTA, Cristiano Cunha; GOMES, Laura Jane. Parque Nacional Sierra de Itabaiana-Brasil: Una herramienta para el ecoturismo. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 23, n. 1, p. 190-206, 2014.

CREST. **Market analysis of bird-based tourism**. Washington, DC: Center for Responsible Tourism, 2015.

DATTA, K. **Geo-environmental analysis and management of Pagla river basin, part of Jharkhand and West Bengal with special reference to water logging: a study in applied geomorphology**, Ph. D. Thesis, Visva-Bharati. 2018.

DATTA, Krishanu. Application of SWOT-TOWS Matrix and Analytical Hierarchy Process (AHP) in the Formulation of Geoconservation and Geotourism Development Strategies for Mama Bhagne Pahar: an Important Geomorphosite in West Bengal, India. **Geoheritage**, v. 12, n.45, 2020.

DAUDT, Helena ML; VAN MOSSEL, Catherine; SCOTT, Samantha J. Enhancing the scoping study methodology: a large, inter-professional team's experience with Arksey and O'Malley's framework. **BMC Medical Research Methodology**, v. 13, n. 1, p. 48, 2013.

DAVID, F. **Strategic Management**, 6th ed. New Jersey, Prentice Hall, 1997.

DAVID, Fred R. The strategic planning matrix—a quantitative approach. **Long Range Planning**, v. 19, n. 5, p. 102-107, 1986.

DEMIR, S.; ATANUR, G. The prioritization of natural-historical based ecotourism strategies with multiple-criteria decision analysis in ancient UNESCO city: Iznik-Bursa case. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 26, n. 4, p. 329-343, 2019.

DEMIR, Sara; ESBAH, Hayriye; AKGÜN, Aliye Ahu. Quantitative SWOT analysis for prioritizing ecotourism-planning decisions in protected areas: Igneada case. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 23, n. 5, p. 456-468, 2016.

FERREIRA, Evelise Pereira *et al.* Gestão estratégica em frigoríficos: aplicação da análise SWOT na etapa de armazenagem e expedição. **Gestão & Produção**, v. 26, n. 2, 2019.

GARCÍA REINOSO, Nelson; CHILAN, Doumet; YAMIL, Neme. El producto turístico comunitario como estrategia para diversificar las economías locales del cantón Bolívar, provincia de Manabí, Ecuador. **Revista interamericana de ambiente y turismo**, v. 13, n. 1, p. 105-116, 2017.

GARCÍA, Nelson; QUINTERO, Yomara. Producto de sol y playa para el desarrollo turístico del Municipio Trinidad de Cuba. **Revista interamericana de ambiente y turismo**, v. 14, n. 1, p. 52-64, 2018.

GHORBANI, Amir *et al.* Ecotourism sustainable development strategies using SWOT and QSPM model: A case study of Kaji Namakzar Wetland, South Khorasan Province, Iran. **Tourism Management Perspectives**, v. 16, p. 290-297, 2015.

GORANCZEWSKI, Bolesław; PUCIATO, Daniel. SWOT analysis in the formulation of tourism development strategies for destinations. **Turyzm**, v. 20, n. 2, p. 45-53, 2010.

HALL, Andrea; DAY, Mick. Ecotourism In The State Forest Karst Of Puerto Rico. **Journal of Cave & Karst Studies**, v. 76, n. 1, 2014.

HARIANTO, Sugeng Prayitno *et al.* Development strategy for ecotourism management based on feasibility analysis of tourist attraction objects and perception of visitors and local communities. **Biodiversitas Journal of Biological Diversity**, v. 21, n. 2, p. 689-698, 2020.

HELMS, Marilyn M.; NIXON, Judy. Exploring SWOT analysis—where are we now? **Journal of Strategy and Management**, 2010.

IBRET, B. Unal; AYDINOZU, Duran; BASTEMUR, Canan. A geographic study on the effects of coastal tourism on sustainable development: coastal tourism in Cide. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 20, n. 2, p. 134-141, 2013.

INTERNATIONAL YEAR OF ECOTOURISM. (IYE). WTO-UNEP international year of ecotourism. Concept Paper. 2018. Disponível em:
<http://www.worldtourism.org/sustainable/wto-unep-conceptpaper.htm>. Acesso em: 14 jan. 2021.

KAJANUS, Miika; KANGAS, Jyrki; KURTTILA, Mikko. The use of value focused thinking and the A'WOT hybrid method in tourism management. **Tourism Management**, v. 25, n. 4, p. 499-506, 2004.

KANGAS, Jyrki Juhani *et al.* Incorporating MCDS and voting into SWOT—basic idea and experiences. **Serbian Journal of Management**, v. 11, n. 1, p. 1-13, 2016.

KHEIRKHAH, A.; BABAEIANPOUR, M.; BASSIRI, P. Development of a hybrid method based on fuzzy PROMETHEE and ANP in the framework of SWOT analysis for strategic decisions. **International Research Journal of Applied and Basic Sciences**, v. 8, n. 4, p. 504-515, 2014.

KIŞI, Nermin. A strategic approach to sustainable tourism development using the A'WOT hybrid method: A case study of Zonguldak, Turkey. **Sustainability**, v. 11, n. 4, p. 964, 2019.

KOCH, Adam J. SWOT does not need to be recalled: It needs to be enhanced. **Swinburne University of Technology**, 2000.

KRONENBERG, Jakub. Birdwatchers' wonderland? Prospects for the development of birdwatching tourism in Poland. **Journal of Ecotourism**, v. 15, n. 1, p. 78-94, 2016.

KURTTILA, Mikko *et al.* Utilizing the analytic hierarchy process (AHP) in SWOT analysis—a hybrid method and its application to a forest-certification case. **Forest Policy and Economics**, v. 1, n. 1, p. 41-52, 2000.

LESKINEN, Leena A. *et al.* Adapting modern strategic decision support tools in the participatory strategy process—a case study of a forest research station. **Forest Policy and Economics**, v. 8, n. 3, p. 267-278, 2006.

LESTARI, Ni Putu Nina Eka *et al.* The role of subak as culture capital to develop community based tourism village (case study in Pinge Village, Bali Province, Indonesia). **Scientific Papers Series-Management, Economic Engineering in Agriculture and Rural Development**, v. 19, n. 3, p. 357-367, 2019.

LEVAC, Danielle; COLQUHOUN, Heather; O'BRIEN, Kelly K. Scoping studies: advancing the methodology. **Implementation Science**, v. 5, n. 1, p. 69, 2010.

LÓPEZ SANTILLÁN, Ángeles A; GUARDADO, Gustavo Marín. “**Ecoturismo, desarrollo y sustentabilidad**: un recorrido por senderos interpretativos de poder, mercado y simulacro”, Alicia Castellanos Guerrero y Jesús Antonio Machuca (coords.), Turismo y antropología: miradas del Sur y el Norte, Universidad Autónoma Metropolitana-Juan Pablos Editor, México D. F, pp. 201-232, 2012.

LY, Tuan Phong; XIAO, Honggen. The choice of a park management model: A case study of Phong Nha-Ke Bang National Park in Vietnam. **Tourism Management Perspectives**, v. 17, p. 1-15, 2016.

MALLICK, Suraj Kumar; RUDRA, Somnath; SAMANTA, Riya. Sustainable ecotourism development using SWOT and QSPM approach: A study on Rameswaram, Tamil Nadu. **International Journal of Geoheritage and Parks**, 2020.

MARANHÃO, C. H. S.; AZEVEDO, F. F. A Representatividade do Ecoturismo para a gestão pública do turismo no Brasil: uma análise do Plano Nacional de Turismo 2018-2022. **Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo**, v. 12, n. 1, p. 09-35, 2019.

MASOZERA, Michel K. *et al.* Assessing the suitability of community-based management for the Nyungwe Forest Reserve, Rwanda. **Forest Policy and Economics**, v. 8, n. 2, p. 206-216, 2006.

MESTANZA-RAMÓN, Carlos *et al.* Tourism in Continental Ecuador and the Galapagos Islands: An Integrated Coastal Zone Management (ICZM) Perspective. **Water**, v. 12, n. 6, p. 1647, 2020.

MEZA-ARCE, Mercedes I. *et al.* Unraveling the white shark observation tourism at Guadalupe Island, Mexico: Actors, needs and sustainability. **Marine Policy**, v. 119, p. 104056, 2020.

MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. **Safári da estratégia**. Bookman Editora, 2009.

MONDAL, Md; HAQUE, Sanaul. SWOT analysis and strategies to develop sustainable tourism in Bangladesh. **UTMS Journal of Economics**, v. 8, n. 2, p. 159-167, 2017.

MORALES-FERNÁNDEZ, Emilio J.; LANQUAR, Robert. El futuro turístico de una ciudad Patrimonio de la Humanidad: Córdoba 2031. **Tourism & Management Studies**, v. 10, n. 2, p. 07-16, 2014.

MOSTAFAVI, Seyede Samar; JOZI, Seyed Ali. An Environmental Management Plan for Iran's Accession to the World Trade Organization. **Polish Journal of Environmental Studies**, v. 24, n. 2, 2015.

MUGO, Mary *et al.* Using Tows Matrix as a Strategic Decision-Making Tool in Managing KWS Product Portfolio. **African Multidisciplinary Journal of Research**, v. 2, n. 1, 2017.

MUSTIKA, Amalia; ADITYA, Michael Khrisna. SWOT analysis of rural tourism development: case study of Kampung Tajur, Purwakarta. In: **2nd International Conference on Tourism, Gastronomy, and Tourist Destination (ICTGTD 2018)**. Atlantis Press, 2018.

NAVARRO-MARTÍNEZ, Zenaida M. *et al.* Using SWOT analysis to support biodiversity and sustainable tourism in Caguanes National Park, Cuba. **Ocean & Coastal Management**, v. 193, p. 105188, 2020.

NEGA, Dagnachew. Management Issues and the Values of Safeguarding the Intangible Cultural Heritage for Cultural Tourism Development: The Case of Ashendye Festival, Lalibela, Ethiopia. **Management**, v. 38, 2018.

NOURI, J.; ARJMANDI, R.; MOSHIRI, S. P. Strategic management for sustainable ecotourism in darabad region in Tehran, Iran. **Asian Journal of Chemistry**, v. 24, n. 5, p. 2265, 2012.

NUNES, Emanuely Rodrigues; MARTINS, Maria de Fátima. Indicadores de sustentabilidade para o turismo sustentável: um estudo no município de Bananeiras (PB). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 12, n. 2, 2019.

OKAN, Taner *et al.* Assessing ecotourism potential of traditional wooden architecture in rural areas: The case of Papart Valley. **Sustainability**, v. 8, n. 10, p. 974, 2016.

ÖZTÜRK, Sevgi. Determining management strategies for the Sarikum nature protection area. **Environmental Monitoring and Assessment**, v. 187, n. 3, p. 113, 2015.

ÖZTÜRK, Sevgi *et al.* Stakeholder participation as a means for river basin management plan. **Journal of Environmental Protection and Ecology**, v. 14, n. 3, p. 1097-1106, 2013.

PETERS, Micah DJ *et al.* Guidance for conducting systematic scoping reviews. **International Journal of Evidence-Based Healthcare**, v. 13, n. 3, p. 141-146, 2015.

PFEIFF, Greicy Kelly *et al.* Turismo y Desarrollo Local Sustentable: Factores limitantes y potencialidades de la playa de Ajuruteua en el Estado de Pará, Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 27, n. 3, p. 716-736, 2018.

PIRSELIMOĞLU, Zeynep; DEMIREL, Öner. A study of an ecologically based recreation and tourism planning approach: a case study on Trabzon Çalköy high plateau in

Turkey. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 19, n. 4, p. 349-360, 2012.

PORTER, Michael E. Towards a dynamic theory of strategy. **Strategic Management Journal**, v. 12, n. S2, p. 95-117, 1991.

RANDLE, Erica Jane; HOYE, Russell. Stakeholder perception of regulating commercial tourism in Victorian National Parks, Australia. **Tourism Management**, v. 54, p. 138-149, 2016.

RANGEL, Luana de Almeida; SINAY, Laura. Ecoturismo como ferramenta para criação de Unidades de Conservação no estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 12, n. 4, 2019.

RAUCH, Peter. SWOT analyses and SWOT strategy formulation for forest owner cooperations in Austria. **European Journal of Forest Research**, v. 126, n. 3, p. 413-420, 2007.

REIHANIAN, Anita *et al.* Sustainable tourism development strategy by SWOT analysis: Boujagh National Park, Iran. **Tourism Management Perspectives**, v. 4, p. 223-228, 2012.

RISTIĆ, Dušan; VUKOIČIĆ, Danijela; MILINČIĆ, Miroljub. Tourism and sustainable development of rural settlements in protected areas-Example NP Kopaonik (Serbia). **Land Use Policy**, v. 89, p. 104231, 2019.

SAATY, Roseanna W. The analytic hierarchy process—what it is and how it is used. **Mathematical modelling**, v. 9, n. 3-5, p. 161-176, 1987.

SAATY, Thomas Lorie.; ÖZDEMİR, Mujgan Sağır. How many judges should there be in a group? **Annals of Data Science**, v. 1, n. 3-4, p. 359-368, 2015.

SAATY, Thomas Lorie. **The analytical hierarchy process**. McGraw-Hill, New York. 1980.

SANTOS, Beatriz Rosa Pinheiro dos; DAMIAN, Ieda Pelógia Martins. O mapeamento do conhecimento por meio da análise SWOT: estudo em uma organização pública de saúde. **Em Questão**, v. 24, n. 3, p. 253-274, 2018.

SCOLOZZI, Rocco *et al.* Ecosystem services-based SWOT analysis of protected areas for conservation strategies. **Journal of Environmental Management**, v. 146, p. 543-551, 2014.

SHRESTHA, Ram K.; ALAVALAPATI, Janaki RR; KALMBACHER, Robert S. Exploring the potential for silvopasture adoption in south-central Florida: an application of SWOT–AHP method. **Agricultural Systems**, v. 81, n. 3, p. 185-199, 2004.

SILVA, Todman Reis da; MEDEIROS, Marcus Vinicius Batella; MEDEIROS, Glauca Rodrigues Nascimento. Gestão de Riscos no Framework Scrum Utilizando Análise Swot. **Revista de Tecnologia da Informação e Comunicação da Faculdade Estácio do Pará**, v. 1, n. 1, p. 48-57, 2018.

SPAOLONSE, Eduardo; MARTINS, Suzana da Silva de Oliveira. Ecoturismo: uma ponte para o turismo sustentável. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 9, n. 6, 2016.

SUGITO, Toto *et al.* Community empowerment model of coastal border based on ecotourism. **Masyarakat, Kebudayaan dan Politik**, v. 32, n. 4, p. 363-377, 2019.

SULISTYADI, Yohanes; EDDYONO, Fauziah; HASIBUAN, Bernard. Model of sustainable tourism development strategy of the Thousand Islands Tourism Area–Jakarta. **Journal of Economics, Management and Trade**, p. 1-17, 2017.

TEHRANCHI, Maryam; SHAFIEI, Ali Dashti; SHAGHAGHI, Shahryar. Studying solutions of development of tourism in Urmia Lake based on SWOT model. **Advances in Environmental Biology**, p. 4505-4512, 2013.

TRICCO, Andrea C. *et al.* PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. **Annals of internal medicine**, v. 169, n. 7, p. 467-473, 2018.

URRY, John. **O olhar do turista**. Studio Nobel, 1996.

VAGIONA, Dimitra *et al.* The development of sustainable tourism indicators for the islands of the Northern Sporades region in Greece. **FEB-FRESENIUS ENVIRONMENTAL BULLETIN**, p. 1301, 2017.

VARGAS DEL RÍO, David; BRENNER, Ludger. Ecoturismo comunitario y conservación ambiental: la experiencia de La Ventanilla, Oaxaca, México. **Estudios sociales**, v. 21, n. 41, p. 31-63, 2013.

VLADI, Eriketa. Tourism Development Strategies, SWOT analysis and improvement of Albania's image. **European Journal of Sustainable Development**, v. 3, n. 1, p. 167-178, 2014.

WEIHRICH, Heinz. The TOWS matrix—A tool for situational analysis. **Long range planning**, v. 15, n. 2, p. 54-66, 1982.

YILMAZ, Ali; ZORLU, Kuttusi. SWOT-AHS Analizi Kullanılarak Sinop'ta Sürdürülebilir Turizm Stratejilerinin Önceliklendirilmesi. **Journal of International Social Research**, v. 11, n. 61, 2018.

YÜKSEL, İhsan; DAGDEVIREN, Metin. Using the analytic network process (ANP) in a SWOT analysis—A case study for a textile firm. **Information Sciences**, v. 177, n. 16, p. 3364-3382, 2007.

ZORLU, Kuttusi; YILMAZ, Ali. Determination of Strategies of Ecotourism in Protected Areas with SWOT-AHP Method: The Case of Aksaray–İhlara Special Environmental Protection Zone (SEPZ). **Coğrafya Dergisi**, n. 40, p. 247-257.2020.

Referências do Artigo 3

ARAÚJO, Carolina Dutra. **Perfil do visitante e capacidade de Carga Turística em Unidade de Conservação: o caso do parque Estadual da Ilha Grande, RJ**. Dissertação

(Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais) – Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.

ARSIĆ, Sanela *et al.* A new approach within ANP-SWOT framework for prioritization of ecosystem management and case study of National Park Djerdap, Serbia. **Ecological Economics**, v. 146, p. 85-95, 2018.

AZEREDO, Thaís Varandas de; ZAUÍ, André Scarambone. Ecotourism and Environmental Education: connecting different concepts. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 10, n. 3, 2017.

BERNINI, Carina Inserra. Políticas de conservação ambiental no Brasil e a mercadificação da natureza. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 3, p. 662-681, 2019.

BEYENE, Belachew. Review on ecotourism opportunities and the challenges for natural resource management in Ethiopia. **Journal of Tourism, Hospitality and Sports**, v. 21, p. 28-35, 2016.

BOELL. **Olimpíada Rio 2016, os jogos da exclusão: Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro**. 2015. Disponível em: https://br.boell.org/sites/default/files/dossiecomiterio2015_-_portugues.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

BRASIL. **Ecoturismo: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 90p. 2010. Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Ecoturismo_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. **ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE TURISMO – 2014**. Ministério do Turismo. Volume 41. 2014. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

_____. **ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE TURISMO – 2020**. Ministério do Turismo. Volume 47. 2020. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BRAUN, Ricardo; AMORIM, Aiala. Rapid ‘SWOT’ diagnosis method for conservation areas. **Scottish Geographical Journal**, v. 131, n. 1, p. 17-35, 2015.

BUTARBUTAR, Regina; SOEMARNO, Soemarno. Environmental effects of ecotourism in Indonesia. **Journal of Indonesian Tourism and Development Studies**, v. 1, n. 3, p. 97-107, 2013.

CADEI, M. S. **A promoção da saúde ambiental e as práticas sociais em Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ**: a contribuição da educação ambiental na criação de ambientes favoráveis à saúde. Tese (Doutorado em Medicina Social) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004. 232 f.

CALDERWOOD, Lauren Uppink; SOSHKIN, Maksim. Thea. The travel & tourism competitiveness report 2013. In: **The World Economic Forum**. 2019. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_TTCR_2019.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

CAMARGO, Luan José Jorge *et al.* Análise da sustentabilidade do turismo ecológico no município de Bonito, Mato Grosso do Sul na promoção do desenvolvimento regional. **Sociedade & Natureza**, v. 23, n. 1, p. 65-75, 2011.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. **O Aventureiro, Ilha Grande-RJ: uma análise de mudança social**. Tese (doutorado) – UFRJ/ Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2008.

COSTA, Priscila Gonçalves *et al.* Trilhas Interpretativas para o Uso Público em Parques: desafios para a Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 12, n. 5, 2019.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre (RS): Artmed, 2010.

DAS, Madhumita; CHATTERJEE, Bani. Ecotourism: A panacea or a predicament?. **Tourism management perspectives**, v. 14, p. 3-16, 2015.

DOLOGLOU, N.; KATSONI, V. Ecotourism in protected areas, a literature review. **ECOCLUB. com Ecotourism Paper Series**, v. 38, p. 1-20, 2016.

DRUMM, Andy; MOORE, Alan. Ecotourism Development. A Manual for Conservation Planners and Managers. Volume I: An Introduction to Ecotourism Planning. **The Nature Conservancy, Arlington, Virginia, USA**, 2002.

FARIAS, Ana Beatriz Costa; GAMA, Sônia Vidal Gomes da; CHIROL, Achilles d'Avila. Geoturismo e geonímia na Ilha Grande–Angra dos Reis (RJ): subsídio à visitação pública de Abraão e Saco do Céu. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 17, n. 1, p. 88-104, 2017.

FERREIRA, H.C.H. 2010. A dinâmica da participação na construção de territórios sociais e do patrimônio ambiental da Ilha Grande-RJ. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 270p.

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2ª ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Métodos de pesquisa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

FONSECA, Mônica; LAMAS, Ivana; KASECKER, Thais. O papel das unidades de conservação. **Scientific American Brasil**, v. 39, p. 18-23, 2010.

FONTOURA, L. M.; ADAMS, L.; MEDEIROS, R. Ecotourism and biodiversity conservation in national parks of Brazil and the United States. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, [S. l.], v. 14, n. 3, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HIGGINS-DESBIOLLES, Freya. Socialising tourism for social and ecological justice after COVID-19. **Tourism Geographies**, v. 22, n. 3, p. 610-623, 2020.

HULTMAN, Magnus; KAZEMINIA, Azadeh; GHASEMI, Vahid. Intention to visit and willingness to pay premium for ecotourism: The impact of attitude, materialism, and motivation. **Journal of Business Research**, v. 68, n. 9, p. 1854-1861, 2015.

HURTADO, Alvarez Ricardo Javier; NETO, Lourival Dutra; MOREIRA, Jasmine Cardozo. A Percepção dos Visitantes de Fernando de Noronha (PE): Estudo de Caso do Projeto TAMAR. **Applied Tourism**, v. 3, n. 1, p. 127-146, 2018.

INTERNATIONAL UNION FOR NATURE CONSERVATION - IUCN. **Naturebased Solutions to address global societal challenges**. Cohen- Shacham E, Walters G, Jqanzen C, Maginnis S (eds). IUCN, Gland, Switzerland. 2016. Disponível em: <https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/2016-036.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

ILHA GRANDE. **Atrativos**. 2020. Disponível em: <https://www.ilhagrande.com.br/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE – ICMBio. **Parque Estadual da Ilha Grande: plano de manejo (fase 2)/resumo executivo**. Rio de Janeiro: INEA, 2013. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/PEIG-RM.pdf> . Acesso em: 14 jan. 2021.

_____. **Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação – ROVUC**. Organizadores: Allan Crema e Paulo Eduardo Pereira Faria. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, 2018. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/edital/rovuc_rol_de_oportunidades_de_visitacao_em_unidades_de_conservacao.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE - INEA. **Diagnóstico de Uso Público dos Parques Estaduais do Rio de Janeiro – 2016**, 2016.

_____. **Iniciativa BIG 2050**, 2019. Disponível em: http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/Livro_Big_2050-1.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

JÚNIOR, Wilson Martins Lopes; HANAI, Frederico Yuri; RIBAS, Luiz Claudio Passamai Serra. O Perfil dos turistas com destino à Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ) em período do verão de 2018. **Revista Brasileira De Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 13, n. 3, 2020.

LIU, Shaoai; LI, Wan-Yi. Ecotourism research progress: a bibliometric analysis during 1990–2016. **SAGE Open**, v. 10, n. 2, p. 2158244020924052, 2020.

LOBO, Heros Augusto Santos; YASUNAKA, Gláucia Sayuri. Perfil da demanda no ecoturismo: estudo de caso da Estância Mimosa (Bonito, MS). **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 2, p. 38-48, 2010.

LUNAS, José Roberto da Silva. **Ecoturismo sociedade anônima**: sustentabilidade, dilemas e perspectivas do turismo na Serra da Bodoquena-MS. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília 2006. 309 p.

MARANHÃO, C. H. S.; AZEVEDO, F. F. A Representatividade do Ecoturismo para a gestão pública do turismo no Brasil: uma análise do Plano Nacional de Turismo 2018-2022. **Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo**, v. 12, n. 1, p. 09-35, 2019.

MARTINS, Patrícia Cristina; SILVA, Charlei Aparecido da. Turismo de Natureza ou na Natureza ou Ecoturismo? Reflexões e contribuições sobre um tema em constante debate. **Revista Turismo em Análise**, v. 29, n. 3, p. 487-505, 2018.

MENDONÇA; Teresa Cristina de Miranda; MORAES, Edilaine Albertino de. (Org). **O povo do aventureiro e o turismo de base comunitária**: experiências vivenciadas na Vila do Aventureiro – Ilha Grande, RJ / organizadores Teresa Cristina de Miranda Mendonça, Edilaine Albertino de Moraes. – Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2011. Disponível em: http://r1.ufrj.br/im/gemte/pdf/O_povo_do_Aventureiro.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

MEZA-ARCE, Mercedes I. *et al.* Unraveling the white shark observation tourism at Guadalupe Island, Mexico: Actors, needs and sustainability. **Marine Policy**, v. 119, p. 104056, 2020.

MGONJA, John T.; SIRIMA, Agnes; MKUMBO, Peter J. A review of ecotourism in Tanzania: Magnitude, challenges, and prospects for sustainability. **Journal of Ecotourism**, v. 14, n. 2-3, p. 264-277, 2015.

MICHAEL, Muganda; MGONJA, John T.; BACKMAN, Kenneth FF. Desires of community participation in tourism development decision making process: A case study of Barabarani, Mto Wa Mbu, Tanzania. **American Journal of Tourism Research**, v. 2, n. 1, p. 84-94, 2013.

NASCIMENTO, Vânia Lúcia Quadros; SIMONIAN, Ligia Terezinha Lopes. A política de ecoturismo no Polo Belém/Costa Atlântica (PA). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 7, n. 3, 2014.

NIEWIADOMSKI, Piotr. COVID-19: from temporary de-globalisation to a re-discovery of tourism?. **Tourism Geographies**, v. 22, n. 3, p. 651-656, 2020.

OLIVEIRA, Larissa Fernandes de. **Ecoturismo no Parque Estadual da Ilha Grande**: refletindo o contexto atual a partir do olhar dos “badjecos”. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, Marcelo Teixeira Cesar de. **Bonito para quem?** Um estudo sobre um destino turístico no Mato Grosso do Sul: situação atual e perspectivas - Bonito, MS, Brasil. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, FFLCH - Departamento de Geografia, Mestrado em Geografia Física, São Paulo, SP, 2010. 192 f.

OUTROS CAMINHOS. **O dashico de Ilha Grande, uma rara especiaria**. 2018. Disponível em: <https://outroscaminhos.eco.br/ilha-grande-dashico-a-rare-spice/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

PEDRINI, A. de G. *et al.* Educação ambiental pelo ecoturismo numa trilha marinha no Parque Estadual da Ilha Anchieta, Ubatuba (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 3, n. 3, p. 428-459, 2010.

PIERCY, Nigel; GILES, William. Making SWOT analysis work. **Marketing Intelligence & Planning**, 1989.

PIRES, Paulo dos Santos; RUGINE, Vitoria Muñoz Trujillano. Reconhecimento do Uso Público nos Parques Estaduais no Brasil com ênfase na visitação turística. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 11, n. 1, 2018.

PRADO, R. M. **Uma foto que eles não pediram**: Turismo e ecologia na Ilha Grande. In BARTHOLO, R.; DELAMARO M.; BADIN, L. (orgs) Turismo e Sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

QUEIROZ, Helder L. A reserva de desenvolvimento sustentável Mamirauá. **Estudos avançados**, v. 19, n. 54, p. 183-203, 2005.

RANGEL, Luana de Almeida; SINAY, Laura. Ecoturismo como ferramenta para criação de Unidades de Conservação no estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 12, n. 4, 2019.

RANGEL, L. A.; SINAY, L. Processos de recategorização de áreas protegidas no Brasil: adequações ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação Brasileiro (SNUC) e às realidades socioterritoriais no estado do Rio de Janeiro. In: II Encontro Luso-afro-americano de Geografia Física e Ambiente, **Anais...** Guimarães, 2018.

REBOUÇAS, Maria Agripina; GRILO, José Américo; ARAÚJO, Carla Lenes. Percepção ambiental da comunidade visitante do parque municipal Dom Nivaldo monte em Natal/RN. **HOLOS**, v. 3, p. 109-120, 2015.

RIBEIRO, M.; RICHTER, M.; OLIVEIRA, M. P.; FERREIRA, E. Turismo Sustentável na Ilha Grande: uma análise frente ao turismo de massa. In: **Turismo em Zonas Costeira**, 2015, Aveiro. VIII Planejamento e Gestão de Zonas Costeira em Países de Expressão Portuguesa, 2015. v. 1. p. 10-25.

RIO DE JANEIRO. **Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro**. v. 1, 2001a. Disponível em: <http://www.prodetur.rj.gov.br/arquivos/Volume1.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

_____. **Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro**. v. 2, 2001b. Disponível em: <http://www.prodetur.rj.gov.br/arquivos/Volume2.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

RISTIĆ, Dušan; VUKOIČIĆ, Danijela; MILINČIĆ, Miroljub. Tourism and sustainable development of rural settlements in protected areas-Example NP Kopaonik (Serbia). **Land Use Policy**, v. 89, p. 104231, 2019.

ROBERTO, Bartholo; SANSOLO, Davis Gruber; IVAN, Bursztyn. Turismo de Base Comunitária, diversidades de olhares e experiências brasileiras. **Editora Letra e Imagem. Rio de Janeiro**, 2010. Disponível em:

<https://docente.ifrn.edu.br/marcosaraujo/disciplinas/geografia-aplicada-ao-turismo/material-complementar/turismo-de-base-comunitaria-diversidades-de-olhares-e-experiencias-brasileiras>. Acesso em: 23 nov. 2020.

ROESE, Mayla Willik Valenti. **Educação ambiental dialógico-crítica e a conservação da biodiversidade no entorno de áreas protegidas**. 2014. 147 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

ROMAGOSA, Francesc. The COVID-19 crisis: Opportunities for sustainable and proximity tourism. **Tourism Geographies**, v. 22, n. 3, p. 690-694, 2020.

SAFITRI, Desy *et al.* Effect of Environmental Education on Ecotourism: Evidence from Jakarta. **International Journal of Control and Automation**. v. 12, n. 4, 2019.

SANCHO-PIVOTO, Altair; ALVES, Alexandre Fonseca; DIAS, Vitor Nogueira. Efeitos e transformações gerados pelo turismo no contexto territorial do parque estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 14, n. 2, p. 46-63, 2020.

SANTOS, Erick da Silva *et al.* Desenvolvimento sustentável e o ecoturismo em Unidades de Conservação: discussões sobre o Parque Estadual do Jalapão (TO). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 8, n. 5, 2015.

SANTOS, Grazielle Noronha. **Contribuições para a observação de aves no Brasil: estudo de caso no Refúgio de Vida Silvestre Estadual da Lagoa da Turfeira**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 134p. 2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, 2009.

SCHEYVENS, Regina. Exploring the tourism-poverty nexus. **Current issues in tourism**, v. 10, n. 2-3, p. 231-254, 2007.

SCOLOZZI, Rocco *et al.* Ecosystem services-based SWOT analysis of protected areas for conservation strategies. **Journal of environmental management**, v. 146, p. 543-551, 2014.

SHASHA, Ziphosakhe Theophilus *et al.* Past, current, and future perspectives on ecotourism: a bibliometric review between 2001 and 2018. **Environmental Science and Pollution Research**, v. 27, n. 19, p. 23514-23528, 2020.

SILVA, Nathália Formenton da; RUFFINO, Paulo Henrique Peira. Educação ambiental crítica para a conservação da biodiversidade da fauna silvestre: uma ação participativa junto ao Projeto Flor da Idade, Flor da Cidade (Itirapina-São Paulo). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 247, p. 637-656, 2016.

SINAY, Laura *et al.* Megaeventos, legado e sustentabilidade: o caso da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 10, n. 3, 2017.

SISWANTO, Adil *et al.* Eco-Tourism Development Strategy Balurannational Park in the Regency of Situbondo, East Java, Indonesia. **International Journal of Evaluation and Research in Education**, v. 4, n. 4, p. 185-195, 2015.

SOUZA, Mariana Almeida de. **A Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro**: percurso e percalços de uma comunidade da Ilha Grande (RJ) na condição de unidade de conservação. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia. 2017. 91f.

SOUZA, T. V. S. B.; SIMÕES, H. B. **Contribuições do turismo em unidades de conservação federais para a economia brasileira-efeitos dos gastos dos visitantes em 2017**; sumário executivo. Brasília, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), 2018. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/publicacoes-diversas/contribuicoes_economicas_turismo_2018.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

UNEP-WCMC. **Contribuição das unidades de conservação brasileiras para a economia nacional**: Sumário Executivo. Brasília: UNEP-WCMC, 2011. 44 p. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/estudocontribuicao.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

URRY, John. **Consuming places**. Routledge, 2002.

VILANI, Rodrigo Machado. Ecoturismo: a conservação da natureza como alternativa aos Grandes Projetos de Investimento (GPIs) no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 11, n. 4, 2018.

VILANI, Rodrigo Machado; RODRIGUES, Luisa. Impactos e conflitos ambientais associados ao licenciamento de empreendimentos turísticos no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n. 27, p. 573-583, 2017.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?. **Caderno virtual de turismo**, v. 8, n. 2, 2008.

Referências do Artigo 4

ABRIC, J. A Abordagem estrutural das representações sociais. In A. Moreira, e D. Oliveira (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Ed. 2001 (pp. 27-38). Goiânia: AB.

ALCAÑIZ, Enrique Bigné; GARCÍA, Isabel Sánchez; BLAS, Silvia Sanz. The functional-psychological continuum in the cognitive image of a destination: A confirmatory analysis. **Tourism management**, v. 30, n. 5, p. 715-723, 2009.

ARAÚJO, Carolina Dutra de. A invenção da Ilha Grande: a influência do Instituto Penal Cândido Mendes na turistificação local. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 2, p. 1-12, 2010.

BARBOSA, Daniella Pereira; MEDAGLIA, Juliana. Tecnologia digital, turismo e os hábitos de consumo dos viajantes contemporâneos. **Marketing & Tourism Review**, v. 4, n. 2, 2019.

BARREDA, Albert; BILGIHAN, Anil. An analysis of user-generated content for hotel experiences. **Journal of Hospitality and Tourism Technology**, v. 4, n. 3, p. 263-280, 2013.

BERTONI, L. M., GALINKIN, A. L. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P., COUTO, M. E. S., and ASSIS, R. A. M., orgs. **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias** [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, p. 101-122. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yjxdq>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BIGNE, Enrique; FUENTES-MEDINA, María Lilibeth; MORINI-MARRERO, Sandra. Memorable tourist experiences versus ordinary tourist experiences analysed through user-generated content. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 45, p. 309-318, 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000**. Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC. Brasília: MMA. 2000. 56 p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

_____. **Lei n° 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. **Universidade Federal de Santa Catarina [Internet]**, 2013a. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>. Acesso em: 26 out. 2020.

CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013b.

CARVALHO, Ártemis Barreto de Carvalho. **Teorias, técnicas e tecnologias para formação e atuação profissional do guia de turismo** [recurso eletrônico]. Aracaju: IFS, 2016. 202 p.

CASTORIADIS, Cornelius; REYNAUD, Guy; FORTES, Luiz Roberto. A instituição imaginária da sociedade. In: **A instituição imaginária da sociedade**. 1982. p. 418-418.

CENTRO DE ESTUDOS AMBIENTAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – CEADS. Uma breve história geológica da Ilha Grande. Disponível em: <http://ceads.sr2.uerj.br/ceads-spring-portal/ambientegeologico>. Acesso em: 14 jun. 2021.

CHANG, Seohee. Experience economy in hospitality and tourism: Gain and loss values for service and experience. **Tourism Management**, v. 64, p. 55-63, 2018.

CHI, Christina Geng-Qing; QU, Hailin. Examining the structural relationships of destination image, tourist satisfaction and destination loyalty: An integrated approach. **Tourism management**, v. 29, n. 4, p. 624-636, 2008.

CHUA, Alton YK; BANERJEE, Snehasish. How businesses draw attention on Facebook through incentives, vividness and interactivity. **IAENG International Journal of Computer Science**, v. 42, n. 3, p. 275-281, 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Artmed, 2010.

CROMPTON, John L. An assessment of the image of Mexico as a vacation destination and the influence of geographical location upon that image. **Journal of travel research**, v. 17, n. 4, p. 18-23, 1979.

CURTIN, Susanna; KRAGH, Gitte. Wildlife tourism: Reconnecting people with nature. **Human dimensions of wildlife**, v. 19, n. 6, p. 545-554, 2014.

DUDLEY, Nigel (Ed.). **Guidelines for applying protected area management categories**. Iucn, 2008.

DUDLEY, Nigel; STOLTON, Sue. **Defining protected areas: an international conference in Almeria, Spain**. IUCN, Gland, 2008.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 13 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

_____. Représentations individuelles et représentations collectives. **Revue de Métaphysique et de Morale**, v. 6, n. 3, 273–302, 1898. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/Socio_et_philo/ch_1_representations/representations.html. Acesso em: 14 nov. 2020.

_____. **Sociologia e filosofia**, Rio de Janeiro, Forense, 1970.

FABRINO, Nathália Hallack; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro; COSTA, Helena Araújo. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 3, 2017.

FAKEYE, P. C.; CROMPTON, J. L. Image differences between prospective, first-time, and repeat visitors to the Lower Rio Grande Valley. **Journal of travel research**, v. 30, n. 2, p. 10-16, 1991.

FARSARI, Ioanna. A structural approach to social representations of destination collaboration in Idre, Sweden. **Annals of Tourism Research**, v. 71, p. 1-12, 2018.

FARIAS, Ana Beatriz Costa; GAMA, Sônia Vidal Gomes da; CHIROL, Achilles d'Avila. Geoturismo e geonímia na Ilha Grande–Angra dos Reis (RJ): subsídio à visitação pública de Abraão e Saco do Céu. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 17, n. 1, 2017.

FATANTI, Megasari Noer; SUYADNYA, I. Wayan. Beyond user gaze: How Instagram creates tourism destination brand?. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 211, p. 1089-1095, 2015.

FERREIRA, Helena Catão Henriques. Turismo comunitário, tradicionalidade e reserva de desenvolvimento sustentável na defesa do território nativo: aventureiro-Ilha Grande/RJ. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 2, p. 361-379, 2014.

FISHBEIN, Martin Ed. **Readings in attitude theory and measurement**. 1967.

FLAMENT, Claude. L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les représentations sociales. **Cahiers de Psychologie Cognitive/Current Psychology of Cognition**, 1981.

FOLMER, Akke; HAARTSEN, Tialda; HUIGEN, Paulus PP. The role of wildlife in emotional attachment to a nature-based tourism destination. **Journal of Ecotourism**, v. 12, n. 3, p. 131-145, 2013.

FREITAS, Eduardo Silva de. Representações Sociais de um Espaço Florestal: O Parque Natural Municipal da Freguesia (Rio de Janeiro/RJ) como Área de Lazer. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 9, n. 2, p. 23-36, 2014.

G1 Rio. **RJ tem 10 praias no ranking das 25 mais belas do Brasil do prêmio Travellers' Choice**. 2017. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/rj-tem-10-praias-no-ranking-das-25-mais-belas-do-brasil-do-premio-travellers-choice.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2021.

GARCIA, Lilian Miranda; MOREIRA, Jasmine Cardozo; BURNS, Robert. Conceitos geográficos na gestão das unidades de conservação brasileiras. **GEOgraphia**, v. 20, n. 42, p. 53-62, 2018.

GARTNER, William C. **Tourism development: Principles, processes, and policies**. Wiley, 1996.

GHAZVINI, Seyed Ahmad Moumen; TIMOTHY, Dallen J.; SARMENTO, João. Environmental concerns and attitudes of tourists towards national park uses and services. **Journal of Outdoor Recreation and Tourism**, v. 31, p. 100296, 2020.

GONZÁLEZ-RODRÍGUEZ, M. Rosario *et al.* UGC involvement, motivation and personality: Comparison between China and Spain. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 19, p. 100543, 2021.

HALL, C. Michael; FROST, Warwick. 21 The future of the national park concept. **Tourism and National Parks: International Perspectives on Development, Histories, and Change**, v. 14, p. 301, 2009.

HAN, Ju Hyoung; LEE, Min Jae; HWANG, Yun-Seop. Tourists' environmentally responsible behavior in response to climate change and tourist experiences in nature-based tourism. **Sustainability**, v. 8, n. 7, p. 644, 2016.

HILL, Jennifer; CURTIN, Susanna; GOUGH, Georgie. Understanding tourist encounters with nature: A thematic framework. **Tourism Geographies**, v. 16, n. 1, p. 68-87, 2014.

HUANG, Weidong; ZHU, Shuting; YAO, Xinkai. Destination image recognition and emotion analysis: evidence from user-generated content of online travel communities. **The Computer Journal**, v. 64, n. 3, p. 296-304, 2021.

HUERTA-ÁLVAREZ, Rocío; CAMBRA-FIERRO, Jesús J.; FUENTES-BLASCO, Maria. The interplay between social media communication, brand equity and brand engagement in tourist destinations: An analysis in an emerging economy. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 16, p. 100413, 2020.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE – ICMBio. **Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação Federais: Princípios e Diretrizes**. 2018. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/turismo_de_base_comunitaria_em_uc_2017.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE - INEA. **Parque Estadual da Ilha Grande: plano de manejo (fase 2)/resumo executivo**. Rio de Janeiro: INEA, 2013. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/PEIG-RM.pdf> . Acesso em: 14 jan. 2021.

JAMAL, Tazim; STRONZA, Amanda. Collaboration theory and tourism practice in protected areas: Stakeholders, structuring and sustainability. **Journal of Sustainable tourism**, v. 17, n. 2, p. 169-189, 2009.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações sociais**, p. 17-44, 2001.

KIM, Hyelin *et al.* Nature-based tourism: Motivation and subjective well-being. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 32, n. sup1, p. S76-S96, 2015.

KIM, Jong-Hyeong; RITCHIE, J. R.; TUNG, Vincent Wing Sun. The effect of memorable experience on behavioral intentions in tourism: A structural equation modeling approach. **Tourism Analysis**, v. 15, n. 6, p. 637-648, 2010.

KRASSOTA, Anna Kelly; CARELLI, Mariluci Neis; SCHWARZ, Maria Luiza. Representações sociais sobre os valores populares relacionados a uma unidade de conservação em área urbana no Sul do Brasil. **Acta Biológica Catarinense**, v. 4, n. 2, p. 77-90, 2017.

KRONBERGER, Nicole; WAGNER, Wolfgang. Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**, p. 416-441, 2002.

KULARATNE, Thamarasi et al. Tourists' before and after experience valuations: A unique choice experiment with policy implications for the nature-based tourism industry. **Economic Analysis and Policy**, v. 69, p. 529-543, 2021.

LAHLOU, S. Text mining methods: an answer to Chartier and Meunier. **Papers on Social Representations**, v. 20, n. 38, p. 1-7, 2001.

LAI, Po-Hsin; HSU, Yi-Chung; NEPAL, Sanjay K. Representing the landscape of Yushan national park. **Annals of Tourism Research**, v. 43, p. 37-57, 2013.

LIAN, Tonghui; YU, Caihua. Representation of online image of tourist destination: a content analysis of Huangshan. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v. 22, n. 10, p. 1063-1082, 2017.

LOPES JÚNIOR, Wilson Martins; HANAI, Frederico Yuri; RIBAS, Luiz Claudio Passamai Serra. o Perfil dos turistas com destino à Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ) em período do verão de 2018. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 13, n. 3, 2020.

LU, Lu; CHI, Christina G.; LIU, Yi. Authenticity, involvement, and image: Evaluating tourist experiences at historic districts. **Tourism management**, v. 50, p. 85-96, 2015.

LU, Weilin; STEPCHENKOVA, Svetlana. User-generated content as a research mode in tourism and hospitality applications: Topics, methods, and software. **Journal of Hospitality Marketing & Management**, v. 24, n. 2, p. 119-154, 2015.

MARCHAND, P.; RATINAUD, P.. L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). **Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles. JADT**, v. 2012, p. 687-699, 2012.

MARENZI, Rosemeri Carvalho; LONGARETE, Camila. As áreas protegidas no Brasil e os serviços ecossistêmicos ante as inundações: finalidade ou casualidade?. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 27, n. 2, p. 313-322, 2018.

MCKENZIE, Grant; ADAMS, Benjamin. A data-driven approach to exploring similarities of tourist attractions through online reviews. **Journal of Location Based Services**, v. 12, n. 2, p. 94-118, 2018.

MENDONÇA, T. C. DE M.; MORAES, E. DE A. DE. **O povo de aventureiro e o Turismo de Base Comunitária**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRRJ, 2011. p. 218.

MEDEIROS, Rodrigo. Evolução das tipologias e categorias de áreas protegidas no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v. 9, p. 41-64, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de Abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. **Diário Oficial da União**, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 14 nov. 2020.

MIRZAALIAN, Farshid; HALPENNY, Elizabeth. Exploring destination loyalty: Application of social media analytics in a nature-based tourism setting. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 20, p. 100598, 2021.

MORAIS, Jorge *et al.* Characteristics of Iona National Park's visitors: Planning for ecotourism and sustainable development in Angola. **Cogent Social Sciences**, v. 4, n. 1, p. 1490235, 2018.

MORRISON-SAUNDERS, Angus *et al.* Understanding visitor expectations for responsible tourism in an iconic national park: Differences between local and international visitors. **Journal of Ecotourism**, v. 18, n. 3, p. 284-294, 2019.

MOSCOVICI Serge, *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France. 1961, (2^{ème} édition, 1976).

_____. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. **As representações sociais**, p. 45-66, 2001.

_____. **Representações sociais**: investigação em psicologia social. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2012.

MOTA, Vanessa Teles; PICKERING, Catherine. Using social media to assess nature-based tourism: Current research and future trends. **Journal of Outdoor Recreation and Tourism**, v. 30, p. 100295, 2020.

MOURET, Marion *et al.* Social representations of wine and culture: A comparison between France and New Zealand. **Food Quality and Preference**, v. 30, n. 2, p. 102-107, 2013.

MUNAR, Ana María; JACOBSEN, Jens Kr Steen. Motivations for sharing tourism experiences through social media. **Tourism management**, v. 43, p. 46-54, 2014.

MUTOMBO, E. A bird's-eye view on the EC environmental policy framing. 10 years of Impact assessment at the commission: The Case of DG ENV: *ICPP 2013*. **Anais...1st International Conference on Public Policy**. Grenoble, 26-28 de junho de 2013. 2013.

NEKMAHMUD, Md; FEKETE-FARKAS, Maria. Why not green marketing? Determinates of consumers' intention to green purchase decision in a new developing nation. **Sustainability**, v. 12, n. 19, p. 7880, 2020.

NUSAIR, Khaldoon; BUTT, Irfan; NIKHASHEMI, S. R. A bibliometric analysis of social media in hospitality and tourism research. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 31, n. 7, p. 2691-2719, 2019.

OLIVEIRA, F.O; WERBA, G.C. Representações Sociais. In: **Psicologia Social Contemporânea**. Livro-texto. 8^aed.Petrópolis/RJ: Vozes. 2003.p.104-117.

OLTRAMARI, Leandro Castro; CAMARGO, Brigido Vizeu. Aids, relações conjugais e confiança: um estudo sobre representações sociais. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 2, p. 275-283, 2010.

OMENA, Michel Tadeu *et al.* A Importância das Trilhas Regionais para Viabilização da Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso. **Ambiente & Sociedade**, v. 23, 2020.

- PACKER, Jan; BALLANTYNE, Roy. Conceptualizing the visitor experience: A review of literature and development of a multifaceted model. **Visitor Studies**, v. 19, n. 2, p. 128-143, 2016.
- PACKER, Jan; BALLANTYNE, Roy; BOND, Nigel. Developing an instrument to capture multifaceted visitor experiences: The DoVE adjective checklist. **Visitor Studies**, v. 21, n. 2, p. 211-231, 2018.
- PARK, Sanghun; SANTOS, Carla Almeida. Exploring the tourist experience: A sequential approach. **Journal of Travel Research**, v. 56, n. 1, p. 16-27, 2017.
- PAZINI, Raquel; BRAGA, Débora Cordeiro; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. A importância do guia de turismo na experiência turística: da teoria à prática das agências de receptivo de Curitiba-PR. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 17, n. 2, 2017.
- PEARCE, Philip L.; WU, Mao-Ying; CHEN, Tingzhen. The spectacular and the mundane: Chinese tourists' online representations of an iconic landscape journey. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 4, n. 1, p. 24-35, 2015.
- PIKE, Steven; RYAN, Chris. Destination positioning analysis through a comparison of cognitive, affective, and conative perceptions. **Journal of Travel Research**, v. 42, n. 4, p. 333-342, 2004.
- PIMENTEL, Douglas de Souza; MAGRO, Teresa Cristina. The symbolic sphere and social representations of Serra da Tiririca State Park, Rio de Janeiro, Brazil. **Sociedade & Natureza**, v. 23, n. 2, p. 275-283, 2011.
- PINHEIRO FILHO, Fernando. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova: revista de cultura e política**, p. 139-155, 2004.
- POLLI, Gislei Mocelin; KUHNEN, Ariane. Possibilidades de uso da teoria das representações sociais para os estudos pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 16, p. 57-64, 2011.
- RATINAUD, P.; MARCHAND, P. **Application de la méthode ALCESTE à de “gros” corpus et stabilité des “mondes lexicaux”**: analyse du “CableGate” avec IraMuTeQ. Em: Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles (835–844). Presented at the 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles. JADT 2012, Liège. 2012.
- REGALA, P. S. **Contribuições para o Planejamento Ecoturístico na Trilha da Fumaça por cima, no Vale do Capão – Parque Nacional da Chapada Diamantina/BA**. 2013. Dissertação(mestrado). Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- REINERT, M. Alceste une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia De Gerard De Nerval. **Bulletin of Sociological Methodology/Bulletin de Méthodologie Sociologique**, v. 26, n. 1, p. 24-54, 1990.

RIO DE JANEIRO. **Decreto N°40.602**, de 12 de fevereiro de 2007, dispõe sobre ampliação, ratificação e consolidação do Parque Estadual da Ilha Grande. Disponível em: <http://www.pesquisaatosdoexecutivo.rj.gov.br/Home/Detalhe/18785>. Acesso em: 14 nov. 2020.

RIO DE JANEIRO. **Decreto N° 15.273**, de 26 de junho de 1971, cria o Parque Estadual da Ilha Grande. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Decretos/1978/dec_2061_1978_d_isposobreparqueestadual_ilhagrande_rj_revlg_dec_16067_1973_altr_dec_15273_1971_altrd_dec_2648_1979.pdf. Acesso em: 14 nov. 2020.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 110p, 1998.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Lazareto da Ilha Grande: isolamento, aprisionamento e vigilância nas áreas de saúde e política (1884-1942). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 14, p. 1173-1196, 2007.

SHAO, Guosong. Understanding the appeal of user-generated media: a uses and gratification perspective. **Internet research**, 2009.

SHEN, Suyan *et al.* Understanding tourism development of historic districts from a representational perspective. **Journal of Tourism and Cultural Change**, v. 14, n. 4, p. 291-306, 2015.

SILVA, Tatiane Evaristo da *et al.* Ecoturismo e Educação Ambiental nas trilhas guiadas no Vale do Capão (BA). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 14, n. 3, 2021.

SONG, Wonho *et al.* Information Quality of Online Reviews in the Presence of Potentially Fake Reviews. **Korean Economic Review**, v. 33, n. 1, p. 5-34, 2017.

SOUZA, Amanda Cristina Bahi de. **Morar e viver nas ilhas do Delta do Jacuí**: arquipélado de representações sociais em Porto Alegre-RS. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre-RS, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/111846>. Acesso em: 14 nov. 2020.

SOUSA, Karine Nogueira de; SOUZA, Priscila Cristiane de. Representação social: Uma revisão teórica da abordagem. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, e38610615881, 2021.

SOUZA, Marli Aparecida Rocha de *et al.* O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, 2018.

STOLERIU, Oana Mihaela *et al.* Analyses of visitors' experiences in a natural world heritage site based on TripAdvisor reviews. **Visitor Studies**, v. 22, n. 2, p. 192-212, 2019.

TOMEI, F. A. O conceito de representações coletivas em Durkheim. **São Paulo: Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-FFLCH**, 2013.

TORAL, S. L.; MARTÍNEZ-TORRES, M. R.; GONZALEZ-RODRIGUEZ, M. R. Identification of the unique attributes of tourist destinations from online reviews. **Journal of Travel Research**, v. 57, n. 7, p. 908-919, 2018.

TRIPADVISOR. **TripAdvisor network effect and the benefits of total engagement**. 2019. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com/TripAdvisorInsights/w828>. Acesso em: 24 jun. 2021.

VALLE, Patrícia Oom do; MENDES, Júlio; GUERREIRO, Manuela. Residents' participation in events, events image, and destination image: a correspondence analysis. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 29, n. 7, p. 647-664, 2012.

VESPESTAD, May Kristin; LINDBERG, Frank. Understanding nature-based tourist experiences: An ontological analysis. **Current Issues in Tourism**, v. 14, n. 6, p. 563-580, 2011.

VOLO, Serena. Bloggers' reported tourist experiences: Their utility as a tourism data source and their effect on prospective tourists. **Journal of Vacation Marketing**, v. 16, n. 4, p. 297-311, 2010.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**, v. 41, n. 3, p. 379-390, 2007.

WAGNER, Wolfgang *et al.* Theory and method of social representations. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 2, n. 1, p. 95-125, 1999.

WANG, Chun-yang; HSU, Maxwell K. The relationships of destination image, satisfaction, and behavioral intentions: An integrated model. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 27, n. 8, p. 829-843, 2010.

WOLTER, Rafael Peçly; WACHELKE, João; NAIFF, Denis. A abordagem estrutural das representações sociais e o modelo dos esquemas cognitivos de base: perspectivas teóricas e utilização empírica. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 1139-1152, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v24n3/v24n3a18.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.

YOO, Kyung-Hyan; GRETZEL, Ulrike. Influence of personality on travel-related consumer-generated media creation. **Computers in Human Behavior**, v. 27, n. 2, p. 609-621, 2011.

ZHANG, Hongmei *et al.* Destination image and tourist loyalty: A meta-analysis. **Tourism Management**, v. 40, p. 213-223, 2014.

ZHANG, Hongmei; WU, Yan; BUHALIS, Dimitrios. A model of perceived image, memorable tourism experiences and revisit intention. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 8, p. 326-336, 2018.

Referências do Artigo 5

ABAALZAMAT, Khalid Hamad *et al.* The Role of Katara Cultural Village in Enhancing and Marketing the Image of Qatar: Evidence From TripAdvisor. **SAGE Open**, v. 11, n. 2, p. 21582440211022737, 2021.

ADEWUMI, Ifeoluwa Bolanle; USUI, Rie; FUNCK, Carolin. Perceptions of multiple stakeholders about environmental issues at a nature-based tourism destination: The case of Yakushima Island, Japan. **Environments**, v. 6, n. 8, p. 93, 2019.

AGYEMAN, Yaw Boakye; ABOAGYE, Osei Kwame; ASHIE, Enoch. Visitor satisfaction at Kakum National Park in Ghana. **Tourism Recreation Research**, v. 44, n. 2, p. 178-189, 2019.

ALBARQ, Abbas N. Measuring the impacts of online word-of-mouth on tourists' attitude and intentions to visit Jordan: An empirical study. **International Business Research**, v. 7, n. 1, p. 14, 2014.

ALCOCK, Ian *et al.* Associations between pro-environmental behaviour and neighbourhood nature, nature visit frequency and nature appreciation: Evidence from a nationally representative survey in England. **Environment international**, v. 136, p. 105441, 2020.

ALMEIDA, Geciane Silva de; PELISSARI, Anderson Soncini. Satisfação do Consumidor com Base nos Atributos do Serviço de Hospedagem. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, n. 2, p. 32-53, 2019.

AMATULLI, Cesare; DE ANGELIS, Matteo; STOPPANI, Anna. Analyzing online reviews in hospitality: data-driven opportunities for predicting the sharing of negative emotional content. **Current issues in tourism**, v. 22, n. 15, p. 1904-1917, 2019.

ANTONIO, Nuno; CORREIA, Marisol B.; RIBEIRO, Filipa Perdigão. Exploring user-generated content for improving destination knowledge: The case of two world heritage cities. **Sustainability**, v. 12, n. 22, p. 9654, 2020.

AYEH, Julian K.; AU, Norman; LAW, Rob. Investigating cross-national heterogeneity in the adoption of online hotel reviews. **International Journal of Hospitality Management**, v. 55, p. 142-153, 2016.

BAGRI, Satish; GUPTA, Bharti; GEORGE, Babu. Environmental orientation and ecotourism awareness among pilgrims, adventure tourists, and leisure tourists. **Tourism: An International Interdisciplinary Journal**, v. 57, n. 1, p. 55-68, 2009.

BAKA, Vasiliki. The becoming of user-generated reviews: Looking at the past to understand the future of managing reputation in the travel sector. **Tourism Management**, v. 53, p. 148-162, 2016.

BAKER, Dwayne A.; CROMPTON, John L. Quality, satisfaction and behavioral intentions. **Annals of Tourism Research**, v. 27, n. 3, p. 785-804, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Paris: PUF, 2011.

BRANCH, Jordan. The influence of traveler reviews on mobile applications on travel decision-making to Dubai. **Journal of Theoretical and Applied Information Technology**, v. 98, n. 15, 2020.

BRANCH, Jordan. The influence of traveler reviews on mobile applications on travel decision-making to Dubai. **Journal of Theoretical and Applied Information Technology**, v. 98, n. 15, 2020.

BRASIL. **Decreto Nº 98.864**, de 23 de Janeiro de 1990. 1990. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1990/decreto-98864-23-janeiro-1990-328475-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 nov. 2020.

_____. **Lei nº 13.709**, de 14 de agosto de 2018, dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 (Marco Civil da Internet). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm. Acesso em: 12 nov. 2020.

BUCKLEY, Ralf. Tourism and environment. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 36, p. 397-416, 2011.

BUSHELL, Robyn; BRICKER, Kelly. Tourism in protected areas: Developing meaningful standards. **Tourism and Hospitality Research**, v. 17, n. 1, p. 106-120, 2017.

CENNI, Irene; GOETHALS, Patrick. Negative hotel reviews on TripAdvisor: A cross-linguistic analysis. **Discourse, Context & Media**, v. 16, p. 22-30, 2017.

CHATTERJEE, Swagato. Drivers of helpfulness of online hotel reviews: A sentiment and emotion mining approach. **International Journal of Hospitality Management**, v. 85, p. 102356, 2020.

CHEUNG, Lewis TO; FOK, Lincoln. Assessing the role of ecotourism training in changing participants' pro-environmental knowledge, attitude and behaviour. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v. 19, n. 6, p. 645-661, 2013.

CHEVALIER, Judith A.; MAYZLIN, Dina. The effect of word of mouth on sales: Online book reviews. **Journal of marketing research**, v. 43, n. 3, p. 345-354, 2006.

CHUEIRI, Débora Mury Alves; FORTUNATO, Rafael Angelo. Turismo e esgoto domésticos na Ilha Grande (RJ): uma análise exploratória nas praias de Abraão e Aventureiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 14, n. 1, 2021.

CORBAU, Corinne *et al.* Tourism analysis at Asinara Island (Italy): Carrying capacity and web evaluations in two pocket beaches. **Ocean & Coastal Management**, v. 169, p. 27-36, 2019.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. Turismo y cambio social: El caso de Aventureiro-Ilha Grande (RJ)-Brasil. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 18, n. 3, p. 243-261, 2009.

CRISTIANO, Samanta da Costa *et al.* Beach landscape management as a sustainable tourism resource in Fernando de Noronha Island (Brazil). **Marine pollution bulletin**, v. 150, p. 110621, 2020.

DAVENPORT, John; DAVENPORT, Julia L. The impact of tourism and personal leisure transport on coastal environments: a review. **Estuarine, Coastal and Shelf Science**, v. 67, n. 1-2, p. 280-292, 2006.

DE ASCANIIS, Silvia; CANTONI, Lorenzo. Online visit opinions about attractions of the religious heritage: an argumentative approach. **Church, Communication and Culture**, v. 2, n. 2, p. 179-202, 2017.

DHARMESTI, Maria; MERRILEES, Bill; WINATA, Lanita. "I'm mindfully green": examining the determinants of guest pro-environmental behaviors (PEB) in hotels. **Journal of Hospitality Marketing & Management**, p. 1-18, 2020.

DIGUN-AWETO, Oghenetjri; FAWOLE, Ogbanero Pipy; VAN DER MERWE, Peet. Nature Tourism Satisfaction in Okomu National Park, Edo State, Nigeria. **Polish Journal of Sport and Tourism**, v. 26, n. 4, p. 32-37, 2019.
Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-7091-1142-0_2. Acesso em: 12 nov. 2020.

DUDLEY, Nigel (Ed.). **Guidelines for applying protected area management categories**. IUCN, 2008. Disponível em: https://www.iucn.org/sites/dev/files/import/downloads/iucn_assignment_1.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

FILIERI, Raffaele; ALGUEZAUI, Salma; MCLEAY, Fraser. Why do travelers trust TripAdvisor? Antecedents of trust towards consumer-generated media and its influence on recommendation adoption and word of mouth. **Tourism Management**, v. 51, p. 174-185, 2015.

FILIERI, Raffaele; MCLEAY, Fraser. E-WOM and accommodation: An analysis of the factors that influence travelers' adoption of information from online reviews. **Journal of Travel Research**, v. 53, n. 1, p. 44-57, 2014.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FOTIS, John N.; BUHALIS, Dimitrios; ROSSIDES, Nicos. **Social media use and impact during the holiday travel planning process**. Springer-Verlag, 2012.

GENSLER, Sonja *et al.* Listen to your customers: Insights into brand image using online consumer-generated product reviews. **International Journal of Electronic Commerce**, v. 20, n. 1, p. 112-141, 2015.

GHAZVINI, Seyed Ahmad Mouden; TIMOTHY, Dallen J.; SARMENTO, João. Environmental concerns and attitudes of tourists towards national park uses and services. **Journal of Outdoor Recreation and Tourism**, v. 31, p. 100296, 2020.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 6ª ed. 2018.

GOMES, Carolina Ribeiro; FIGUEIREDO, Múcio do Amaral; SALVIO, Geraldo Majela Moraes. Oportunidades de visitação oferecidas em Áreas Naturais Protegidas: análise dos Parques Nacionais mais visitados no Brasil e nos Estados Unidos da América em 2017. **Sociedade & Natureza**, v. 33, 2021.

HARDY, A. L.; BEETON, Robert JS. Sustainable tourism or maintainable tourism: Managing resources for more than average outcomes. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 9, n. 3, p. 168-192, 2001.

HE, Xuehuan *et al.* Destination perceptions, relationship quality, and tourist environmentally responsible behavior. **Tourism Management Perspectives**, v. 28, p. 93-104, 2018.

HU, Yangzhou; RITCHIE, JR Brent. Measuring destination attractiveness: A contextual approach. **Journal of travel research**, v. 32, n. 2, p. 25-34, 1993.

IGNATOW, Gabe; MIHALCEA, Rada. **An introduction to text mining: Research design, data collection, and analysis**. Sage Publications, 2017.

ILHA GRANDE. **Praias**. Disponível em: <https://www.ilhagrande.com.br/>. Acesso em: 12 set. 2021.

INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE - INEA. **Diagnóstico de Uso Público dos Parques Estaduais do Rio de Janeiro – 2016**, 2016.

_____. **Mapa de Uso do Solo – Parque Estadual da Ilha Grande (Ilha Grande State Park)** (Rio de Janeiro: Instituto do Ambiente (INEA). 2008.

_____. **Mapa Interativo Ilha Grande**. 2021. Disponível em: http://parquesestaduais.inea.rj.gov.br/inea/peig_mapa.php. Acesso em: 14 jun. 2021.

_____. **Parque Estadual da Ilha Grande: plano de manejo (fase 2)/resumo executivo**./Instituto Estadual do Ambiente.--Rio de Janeiro: INEA, 2013. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/PEIG-RM.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

JEDRZEJCZAK, M. F. The modern tourist's perception of the beach: Is the sandy beach a place of conflict between tourism and biodiversity. **Coastline Reports**, v. 2, p. 109-119, 2004.

JOYNER, Leah; LACKEY, N. Qwynne; BRICKER, Kelly S. Community Engagement: An Appreciative Inquiry Case Study with Theodore Roosevelt National Park Gateway Communities. **Sustainability**, v. 11, n. 24, p. 7147, 2019.

KAOSIRI, Y. N. *et al.* User-generated content sources in social media: a new approach to explore tourist satisfaction. **Journal of Travel Research**, v. 58, n. 2, p. 253-265, 2019.

KOHLI, Rajiv; DEVARAJ, Sarv; MAHMOOD, M. Adam. Understanding determinants of online consumer satisfaction: A decision process perspective. **Journal of Management Information Systems**, v. 21, n. 1, p. 115-136, 2004.

KUSUMASONDJAJA, Sony; SHANKA, Tekle; MARCHEGIANI, Christopher. Credibility of online reviews and initial trust: The roles of reviewer's identity and review valence. **Journal of Vacation Marketing**, v. 18, n. 3, p. 185-195, 2012.

LAI, Po-Hsin; HSU, Yi-Chung; NEPAL, Sanjay K. Representing the landscape of Yushan national park. **Annals of Tourism Research**, v. 43, p. 37-57, 2013.

LAWS, Eric *et al.* **Tourist destination management: issues, analysis and policies.** Routledge, 1995.

LEE, Cheng-Fei. An investigation of factors determining destination satisfaction and travel frequency of senior travelers. **Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism**, v. 17, n. 4, p. 471-495, 2016.

LEE, Kyung-Tag; KOO, Dong-Mo. Effects of attribute and valence of e-WOM on message adoption: Moderating roles of subjective knowledge and regulatory focus. **Computers in Human Behavior**, v. 28, n. 5, p. 1974-1984, 2012.

LEE, Tsung Hung. A structural model to examine how destination image, attitude, and motivation affect the future behavior of tourists. **Leisure sciences**, v. 31, n. 3, p. 215-236, 2009.

LEUNG, Yu-Fai. **Turismo e gestão da visitação em áreas protegidas.** Union internationale pour la conservation de la nature, 2019.

LIKERT, Rensis; ROSLOW, Sydney; MURPHY, Gardner. A simple and reliable method of scoring the Thurstone attitude scales. **The Journal of Social Psychology**, v. 5, n. 2, p. 228-238, 1934.

LITHGOW, Debora *et al.* Exploring the co-occurrence between coastal squeeze and coastal tourism in a changing climate and its consequences. **Tourism Management**, v. 74, p. 43-54, 2019.

LÓPEZ, Iván; PARDO, Mercedes. Tourism versus nature conservation: reconciliation of common interests and objectives—an analysis through Picos de Europa National Park. **Journal of Mountain Science**, v. 15, n. 11, p. 2505-2516, 2018.

LU, Weilin; STEPCHENKOVA, Svetlana. Ecotourism experiences reported online: Classification of satisfaction attributes. **Tourism Management**, v. 33, n. 3, p. 702-712, 2012.

MARTIN, Leanne *et al.* Nature contact, nature connectedness and associations with health, wellbeing and pro-environmental behaviours. **Journal of Environmental Psychology**, v. 68, p. 101389, 2020.

MATHEUS, Fabrício Scarpeta; RAIMUNDO, Sidnei. Os resultados das políticas públicas de ecoturismo em Unidades de Conservação no Brasil e no Canadá. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 11, n. 3, p. 454-479, 2017.

MAURI, Aurelio G.; MINAZZI, Roberta. Web reviews influence on expectations and purchasing intentions of hotel potential customers. **International Journal of Hospitality Management**, v. 34, p. 99-107, 2013.

MENDONÇA; Teresa Cristina de Miranda; MORAES, Edilaine Albertino de. (Org). **O povo do aventureiro e o turismo de base comunitária: experiências vivenciadas na Vila do Aventureiro – Ilha Grande, RJ / organizadores Teresa Cristina de Miranda Mendonça, Edilaine Albertino de Moraes. – Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2011. Disponível em: http://r1.ufrrj.br/im/gemte/pdf/O_povo_do_Aventureiro.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.**

MENDOZA-GONZÁLEZ, Gabriela *et al.* Towards a sustainable sun, sea, and sand tourism: The value of ocean view and proximity to the coast. **Sustainability**, v. 10, n. 4, p. 1012, 2018.

MESTANZA, Carlos *et al.* Beach litter in Ecuador and the Galapagos islands: A baseline to enhance environmental conservation and sustainable beach tourism. **Marine pollution bulletin**, v. 140, p. 573-578, 2019.

MICALOSKI, Mariana Meira *et al.* Análise do Uso Público do Parque Estadual do Monge, Lapa/PR. **Biodiversidade Brasileira-BioBrasil**, n. 1, 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE - MS. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de Abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. **Diário Oficial da União**, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 14 nov. 2020.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. **Diretrizes para visitação em Unidades de Conservação**. Brasília. 2006.

_____. **Unidades de conservação do Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2007.

MOORE, Susan A.; RODGER, Kate; TAPLIN, Ross. Moving beyond visitor satisfaction to loyalty in nature-based tourism: A review and research agenda. **Current Issues in Tourism**, v. 18, n. 7, p. 667-683, 2015.

MORRISON-SAUNDERS, Angus *et al.* Understanding visitor expectations for responsible tourism in an iconic national park: Differences between local and international visitors. **Journal of Ecotourism**, v. 18, n. 3, p. 284-294, 2019.

NAIDOO, Perunjodi; RAMSEOOK-MUNHURRUN, Prabha; SEEGOOLAM, Premita. An assessment of visitor satisfaction with nature-based tourism attractions. **International journal of management and marketing research**, v. 4, n. 1, p. 87-98, 2011.

NAM, Kichan *et al.* Determinants of writing positive and negative electronic word-of-mouth: Empirical evidence for two types of expectation confirmation. **Decision Support Systems**, v. 129, p. 113168, 2020.

NEWSOME, D. *et al.* Visitor satisfaction with a key wildlife tourism destination within the context of a damaged landscape. **Current Issues in Tourism**, v. 22, n. 6, p. 729-746, 2017.

O'CONNOR, Peter. Managing a hotel's image on TripAdvisor. **Journal of hospitality marketing & management**, v. 19, n. 7, p. 754-772, 2010.

OLEŚNIEWICZ, Piotr *et al.* A Model of the Sustainable Management of the Natural Environment in National Parks—A Case Study of National Parks in Poland. **Sustainability**, v. 12, n. 7, p. 2704, 2020.

OLIVEIRA, Mirian *et al.* Análise de conteúdo temática: Há uma diferença na utilização e nas vantagens oferecidas pelos softwares MAXQDA® e NVivo®?. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 9, n. 1, p. 72-82, 2016.

PACHECO, Benedito Célio; LORETTO, Diogo; OLIFIERS, Natalie. Perfil dos visitantes e seus impactos no Parque Estadual da Serra da Tiririca, RJ, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e1189108076-e1189108076, 2020.

PAN, Su-Lan *et al.* Will the future be greener? The environmental behavioral intentions of university tourism students. **Sustainability**, v. 10, n. 3, p. 634, 2018.

PERERA, Priyan; VLOSKY, Richard. How Previous Visits Shape Trip Quality, Perceived Value, Satisfaction, and Future Behavioral Intentions: The Case of Forest-Based Ecotourism in Sri Lanka. **International Journal of Sport Management, Recreation & Tourism**, v. 11, 2013.

PÉREZ-NEBRA, Amalia Raquel; TORRES, Cláudio V. Medindo a imagem do destino turístico: uma pesquisa baseada na teoria de resposta ao item. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 1, p. 80-99, 2010.

PERLES-RIBES, José Francisco *et al.* The relationship between satisfaction and tourism expenditure in 'sun and beach' destinations: a structural equation modelling approach. **Current Issues in Tourism**, v. 24, n. 18, p. 2643-2657, 2021.

PEROBELLI, Fernando Salgueiro *et al.* Localização do setor de serviços e sua relação com questões espaciais no Brasil: Uma análise a partir do censo demográfico de 2010. **Revista Brasileira de Economia de Empresas**, v. 16, n. 1, 2016.

PRAKASH, Supun Lahiru *et al.* Reasons for visitor dissatisfaction with wildlife tourism experiences at highly visited national parks in Sri Lanka. **Journal of Outdoor Recreation and Tourism**, v. 25, p. 102-112, 2019.

RAGEH, Ahmed; MELEWAR, T. C.; WOODSIDE, Arch. Using netnography research method to reveal the underlying dimensions of the customer/tourist experience. **Qualitative Market Research: An International Journal**, 2013.

- RANAWEERAGE, Eranga; RANJEEWA, Ashoka DG; SUGIMOTO, Koun. Tourism-induced disturbance of wildlife in protected areas: A case study of free ranging elephants in Sri Lanka. **Global Ecology and Conservation**, v. 4, p. 625-631, 2015.
- RANGEL, Luana de Almeida; SINAY, Laura. Ecoturismo como ferramenta para criação de Unidades de Conservação no estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 12, n. 4, 2019.
- RANGEL-BUITRAGO, Nelson; WILLIAMS, Allan; ANFUSO, Giorgio. Killing the goose with the golden eggs: litter effects on scenic quality of the Caribbean coast of Colombia. **Marine Pollution Bulletin**, v. 127, p. 22-38, 2018.
- REITSAMER, Bernd Frederik; BRUNNER-SPERDIN, Alexandra. Tourist destination perception and well-being: What makes a destination attractive?. **Journal of Vacation Marketing**, v. 23, n. 1, p. 55-72, 2017.
- REN, Jie *et al.* Formation of Environmentally Friendly Tourist Behaviors in Ecotourism Destinations in China. **Forests**, v. 12, n. 4, p. 424, 2021.
- ROCHA, Marcelo Borges *et al.* Análise do Perfil dos Visitantes em uma Unidade de Conservação: o caso do Parque Nacional da Tijuca. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 2, p. e4982775-e4982775, 2019.
- ROSSI, Juliana; RAMOS, Célia M.Q. The Relevance of Using Smartphones During the Tourism Experience. **Turismo: Visão e Ação**, v. 21, n. 3, p. 265-290, 2019.
- SAAYMAN, Melville *et al.* Tourist satisfaction and subjective well-being: An index approach. **International Journal of Tourism Research**, v. 20, n. 3, p. 388-399, 2018.
- SANCHO-PIVOTO, Altair; ALVES, Alexandre Fonseca; ROCHA, Maria Clara Rezende. Ecoturismo em áreas protegidas: um olhar sobre o perfil de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. **Revista GEOgrafias**, v. 26, n. 2, p. 54-79, 2018.
- SANTANA, Carla Stefânia Cabral de Medeiros; NASCIMENTO, Marcos Antônio Leite do; MARQUES JUNIOR, Sérgio. Fatores que afetam o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo em áreas naturais protegidas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 14, n. 2, p. 156-172, 2020.
- SEBRAE. Turismo de Natureza. Sebrae Setorial. 2020. Disponível em: <https://sebraeinteligenciasetorial.com.br/produtos/relatorios-de-inteligencia/turismo-de-natureza/5f8604c0f7de161800763e6e#download>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- SENEVIRATHNA, H. M. M. C; PERERA, P. K. P. Wildlife viewing preferences of visitors to Sri Lanka's national parks: Implications for visitor management and sustainable tourism planning. **Journal of Tropical Forestry and Environment**, v. 3, n. 2, p. 1-10, 2013.
- SHARMA, Rakesh; GUPTA, Anil. Pro-environmental behaviour among tourists visiting national parks: application of value-belief-norm theory in an emerging economy context. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v. 25, n. 8, p. 829-840, 2020.

SILVA, Marina Xavier da *et al.* Effectiveness of Protected Areas for biodiversity conservation: Mammal occupancy patterns in the Iguaçu National Park, Brazil. **Journal for nature conservation**, v. 41, p. 51-62, 2018a.

SILVA, Melanie Lopes *et al.* Marine debris on beaches of Arraial do Cabo, RJ, Brazil: An important coastal tourist destination. **Marine pollution bulletin**, v. 130, p. 153-158, 2018b.

SINAY, LAURA *et al.* Povos Tradicionais, Áreas Protegidas e Turismo: Um Estudo de Caso Brasileiro de 15 Anos de Mudança Cultural. **Ambiente & Sociedade**, v. 22, 2019.

SODRÉ, Isabela. **Acidente com lancha mata duas pessoas e deixa feridos na Ilha Grande, em Angra, RJ** G1. 2018.. Disponível em:<http://www.ilhagrande.org/pagina/lagoa-azul-ilha-grande#:~:text=A%20Lagoa%20Azul%20chamava%2Dse,filme%20%E2%80%9CA%20Lagoa%20Azul%E2%80%9D>. Acesso em: 14 jun. 2021.

SOUZA, Thiago do Val Simardi Beraldo *et al.* Economic impacts of tourism in protected areas of Brazil. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 27, n. 6, p. 735-749, 2019a.

SOUZA, Rômulo Andrade de *et al.* Efeitos dos softwares de análise de dados qualitativos na qualidade de pesquisas. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, p. 373-394, 2019b.

SOUZA, Sheila Cristina de; MACHADO, Danielle Fernandes Costa. Uso e Influência das Mídias Sociais no Planejamento de Viagens: um estudo quantitativo. **Revista Turismo em Análise**, v. 28, n. 2, p. 254-270, 2017.

SPARKS, Beverley A.; PERKINS, Helen E.; BUCKLEY, Ralf. Online travel reviews as persuasive communication: The effects of content type, source, and certification logos on consumer behavior. **Tourism Management**, v. 39, p. 1-9, 2013.

SU, Yaohua; TENG, Weichen. Contemplating museums' service failure: Extracting the service quality dimensions of museums from negative on-line reviews. **Tourism Management**, v. 69, p. 214-222, 2018.

TORRES-BEJARANO, Franklin *et al.* Effects of beach tourists on bathing water and sand quality at Puerto Velero, Colombia. **Environment, Development and Sustainability**, v. 20, n. 1, p. 255-269, 2018.

TRIPADVISOR. **Trip Advisor Review Transparency Report**. 2019.

URRY, John. **The tourist gaze**. Sage, 2002. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0195498>. Acesso em: 23 nov. 2020.

VALLEJO, Luiz Renato. Uso público em áreas protegidas: atores, impactos, diretrizes de planejamento e gestão. **Revista Eletrônica Anais Uso Público em Unidades de Conservação**, v. 1, n. 1, p. 13-26, 2013.

WANG, Erda; KANG, Nannan. Does life satisfaction matter for pro-environmental behavior? Empirical evidence from China General Social Survey. **Quality & Quantity**, v. 53, n. 1, 2019.

WILLIAMS, A. T. *et al.* The hazards of beach litter. In: **Coastal hazards**. Springer, Dordrecht, 2013. p. 753-780.

WOOD, Megan Epler. **Sustainable tourism on a finite planet: Environmental, business and policy solutions**. Taylor & Francis, 2017. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/sustainable-tourism-finite-planet-megan-epler-wood/10.4324/9781315439808>. Acesso em: 12 nov. 2020.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. **Economic Impact Reports**. Brazil. 2021. Disponível em: <https://wttc.org/Research/Economic-Impact>. Acesso em: 21 dez. 2021.

ŽABKAR, Vesna; BRENČIČ, Maja Makovec; DMITROVIĆ, Tanja. Modelling perceived quality, visitor satisfaction and behavioural intentions at the destination level. **Tourism MANAGEMENT**, v. 31, n. 4, p. 537-546, 2010.

ZADEL, Zrinka; GRAČAN, Daniela; MILOJICA, Vedran. Beaches as a Factor in Achieving Competitiveness of a Tourist Product-Case Study: Istrian County. **Pomorstvo**, v. 32, n. 1, p. 102-114, 2018.

ZEPPEL, Heather. National parks as cultural landscapes. **Tourism and national parks: International perspectives on development, histories, and change**, v. 14, p. 259, 2009.

ZHANG, Ziqiong *et al.* The impact of e-word-of-mouth on the online popularity of restaurants: A comparison of consumer reviews and editor reviews. **International Journal of Hospitality Management**, v. 29, n. 4, p. 694-700, 2010.

ZHENG, Weiheng *et al.* Beach management strategy for small islands: Case studies of China. **Ocean & Coastal Management**, v. 184, p. 104908, 2020.

ZIELINSKI, Seweryn; BOTERO, Camilo M.; YANES, Andrea. To clean or not to clean? A critical review of beach cleaning methods and impacts. **Marine pollution bulletin**, v. 139, p. 390-401, 2019.

ANEXOS

Anexo 1 - Formulário de Avaliação de Manual acerca do uso da Matriz SWOT para a Gestão e Planejamento em Conservação e Ecoturismo

Prezado gestor (a)

O presente formulário destina-se a coletar informações sobre as suas percepções acerca do manual sobre o uso da Matriz SWOT disponível no seguinte link:

[https://drive.google.com/file/d/17cC8MXCW9XuGkcrSy8Zp5M66vY-](https://drive.google.com/file/d/17cC8MXCW9XuGkcrSy8Zp5M66vY-NfIMX/view?usp=sharing)

[NfIMX/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/17cC8MXCW9XuGkcrSy8Zp5M66vY-NfIMX/view?usp=sharing). Sua colaboração é de extrema importância, para que possamos desenvolver um produto útil e com bom conteúdo. Sua participação no preenchimento deste formulário não levará, mais que cinco minutos.

O referido manual e este questionário, fazem parte de uma pesquisa conduzida junto ao programa de pós-graduação em Ecoturismo e Conservação, vinculado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Seus dados pessoais como nome, e-mail e telefone não serão coletados, assim como sua identidade não será revelada para ninguém.

Não existe resposta certa ou errada, queremos saber sua percepção baseada na sua experiência como profissional gestor de áreas protegidas.

Para dúvidas ou informações, favor entrar em contato através do seguinte e-mail:

italopc12@gmail.com (Ítalo de Paula Casemiro)

Questões

1) Na área protegida onde você atua, há práticas de turismo ou uso público para atividades recreativas?

() SIM () NÃO

2) Quais ferramentas de gestão você utiliza no seu dia a dia de trabalho? Poderia citar, pelo menos duas?

3) Antes de ler o manual, você já tinha conhecimento sobre a Matriz SWOT?

()SIM ()NÃO

4) Você já ouvi falar de alguém que utilizou ou você mesmo já utilizou a Matriz SWOT para alguma finalidade?

()SIM ()NÃO

5) Após a leitura do manual, você acredita que seu entendimento sobre a Matriz SWOT foi ampliado?

()SIM ()NÃO ()INDIFERENTE

6) Você acredita que este manual e, seus recursos, tais como as planilhas apresentadas, poderiam lhe ajudar em algum momento de seu trabalho como gestor ou no trabalho de colegas/parceiros?

()SIM ()NÃO

7) Após a leitura, você indicaria este manual para colegas ou parceiros?

()SIM ()NÃO

8) Que tipo de melhorias ou recursos você sugeriria para esse manual e seus recursos?

Você teria interesse em participar de um curso on-line, acerca do uso do referido manual?

()SIM ()NÃO

9) Sobre os itens a seguir, indique seu grau de concordância:

SENTENÇA	Discordo Totalmente	Discordo em Parte	Não concordo, nem discordo	Concordo em Parte	Concordo Totalmente
O manual apresenta um visual atrativo					
O manual possui informações claras e objetivas					
O manual e seus recursos podem ser úteis para suas atividades de gestão e planejamento					
O manual possui uma linguagem adequada para gestores					
O manual pode auxiliar em processos de gestão e planejamento					

APÊNDICE

Folha de Aprovação da Pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UNIRIO - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Percepções sobre uma Unidade de Conservação e seus Atrativos: uma análise das representações e problemas dos principais atrativos turísticos da Região da Ilha Grande - RJ

Pesquisador: ITALO DE PAULA CASEMIRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 46770821.0.0000.5285

Instituição Proponente: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.723.311

Apresentação do Projeto:

O presente estudo está vinculado ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Nos últimos anos a vertente do Ecoturismo tem ganhado notoriedade no campo do turismo, por conta da demanda por atividades econômicas sustentáveis e, por seu caráter não só econômico como educativo, no sentido de propiciar lazer e educação ambiental em sua proposta. As unidades de conservação (UC) são um dos principais territórios onde as atividades do ecoturismo se manifestam no país, contudo, ainda sabemos pouco sobre as representações destas para a sociedade, aliás, a própria sociedade ainda se mantém distante desses espaços, visto o baixo número de visitantes destas. Nos últimos anos, os turistas têm cada vez mais procurado, não só informações sobre destinos turísticos na Internet, como oferecido informações sobre experiências vivenciadas em diferentes destinos por este canal. Sites como TripAdvisor, além de divulgarem destinos turísticos, colaboram na construção sociais sobre diferentes aspectos relacionados a um destino. Tendo em vista a emergência de práticas econômicas sustentáveis, onde o turismo enquadra-se e, por onde o ecoturismo se materializa, na perspectiva da sustentabilidade e, tendo em vista a falta de estudos sobre as percepções de visitantes sobre áreas de conservação no Brasil, assim como, análise dos principais problemas de atrativos turísticos, este estudo se propõe, por meio da análise de atrativos existentes na Região da Ilha Grande e no Parque Estadual da Ilha

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep@unirio.br

Continuação do Parecer: 4.723.311

Grande (PEIG), localizado no Estado do Rio de Janeiro, identificar as percepções os atrativos turísticos e; analisar os principais aspectos relacionados a estes.

Com o objetivo de identificar percepções e problemas existentes nos principais atrativos da Região da Ilha Grande, no Rio de Janeiro, a partir do olhar do visitante, esta pesquisa buscará por meio das avaliações disponibilizadas por visitantes no site TripAdvisor, analisar as diversas questões apontadas por visitantes dos atrativos da Região da Ilha Grande.

Os dados serão coletados, a partir das resenhas feitas por visitantes, sobre os atrativos selecionados para análise.

Para a coleta dos dados, será utilizado software de mineração de dados e, também serão feitas coletas manuais.

Como a proposta é identificar as percepções e os problemas presentes nos atrativos, a partir da experiência do visitante, a pesquisa utilizará uma abordagem mista, envolvendo métodos quantitativos e qualitativos, por meio do tratamento dos dados sobre a experiência dos visitante. Para auxiliar nas análises, serão utilizados os software Iramuteq e Maxqda, além da técnica de análise de conteúdo.

Para garantir o sigilo dos participantes da pesquisa, primeiramente, cabe destacar que a pesquisa não utilizará, qualquer tipo de dado pessoal dos participantes, sendo utilizado apenas os dados referentes à experiência como visitante de um determinado atrativo turístico. Vale lembrar que, de acordo com o Art. 1º, parágrafo único da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016), não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP as pesquisas como: I - pesquisa de opinião pública com participantes não identificados; II - pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011 e; III - pesquisa que utilize informações de domínio público, que são elementos que caracterizam a presente pesquisa.

Também cabe ressaltar, que a presente pesquisa atende aos requisitos da Lei nº 13.709 de 14 de agosto de 2018 ou Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), uma vez que, não fará a manipulação de dados pessoais ou sensíveis, como estabelecido nesta lei, no seu artigo 5º, vejamos:

I - dado pessoal: informação relacionada a pessoa natural identificada ou identificável;

II - dado pessoal sensível: dado pessoal sobre origem racial ou étnica, convicção religiosa, opinião política, filiação a sindicato ou a organização de caráter religioso, filosófico ou político, dado referente à saúde ou à vida sexual, dado genético ou biométrico, quando vinculado a uma pessoa natural.

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição

Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240

UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep@unirio.br

Continuação do Parecer: 4.723.311

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário

Examinar as percepções e os principais problemas apontados por visitantes dos principais atrativos turísticos da Região da Ilha Grande-RJ.

Objetivo Secundário

Conhecer a percepção sobre o Parque Estadual da Ilha Grande e seus atrativos por meio do ponto de vista do visitante;

Compreender os problemas apontados por usuários dos atrativos turísticos do da Ilha Grande e do Parque Estadual da Ilha Grande;

Diagnosticar desafios e oportunidades para o planejamento público dos atrativos do Parque, tendo em vista uma perspectiva do desenvolvimento sustentável do turismo;

Sugerir estratégias para alavancar os pontos fortes e oportunidades, assim como superar as fraquezas e ameaças;

Determinar indicadores para ações e políticas públicas em prol da melhoria da gestão dos atrativos do Parque Estadual da Ilha Grande.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O principal risco associado a esta pesquisa é uma eventual quebra de sigilo e confidencialidade da autoria das avaliações utilizadas. Os dados a serem utilizados, são de origem pública, disponibilizados por livre e espontânea vontade por viajantes que fazem avaliações de destinos visitados.

Os dados disponibilizados, e que serão fonte de análise no presente estudo são as avaliações e resenhas feitas por viajantes, sendo que nenhum dado pessoal destes será utilizado. Além disso, os viajantes não serão identificados, sendo que, suas avaliações serão utilizadas apenas para gerar dados qualitativos e quantitativos, sem a possibilidade de identificação de autoria. Os resultados finais serão apresentados em publicações científicas sem identificação de participantes.

Também declaro que não tenho nenhum conflito de interesse que possa influenciar o resultado da pesquisa, uma vez que, não tenho vínculos, nem com entidades da Região da Ilha Grande, muito menos com o site TripAdvisor.

Benefícios:

Não haverá benefícios diretos para os participantes. Os benefícios da pesquisa, giram em torno das possibilidades de utilização dos resultados da pesquisa, por gestores e planejadores do turismo em áreas naturais.

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição

Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240

UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep@unirio.br

Continuação do Parecer: 4.723.311

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem importância acadêmica e social. O proposta de pesquisa apresentada é consistente e responde integralmente à resolução CNS 510, podendo ser classificada como uma pesquisas de cunho opinativo . É suficientemente esclarecido que à pesquisa não importam quaisquer dados pessoais, mas as opiniões de participantes descritas em site de acesso ao público, a saber, o TripAdvisor.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentada folha de rosto assinada pelo Coordenador do Programa e do Curso de Mestrado em Ecoturismo e Conservação da UNIRIO.

A dispensa de TCLE é justificada e correta.

O cronograma é tempestivo.

Recomendações:

não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezade Pesquisader,

Por favor, não esqueça de inserir os relatórios parcial e final da pesquisa na Plataforma Brasil na parte de notificação (ícone à direita da tela, na linha do título do projeto).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1751763.pdf	10/05/2021 20:09:41		Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostoassinada.pdf	10/05/2021 20:04:36	ITALO DE PAULA CASEMIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	PedidoDispensa.pdf	10/05/2021 19:18:41	ITALO DE PAULA CASEMIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	10/05/2021 19:17:47	ITALO DE PAULA CASEMIRO	Aceito

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br

UNIRIO - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 4.723.311

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 20 de Maio de 2021

Assinado por:
Michel Carlos Mocellin
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br

Página 05 de 05